





ANA REGINA NOGUEIRA





Copyright © 2019 by Ana Regina Nogueira da Costa

2ª edição - 2020

Irdin é uma editora sem fins lucrativos

Fotografias

Da autora e de voluntários anônimos

Projeto gráfico

Ana Regina Nogueira, apoiada por Pedro Crown

Capa

Camarinha Comunicação

Foto da capa

Feliciano Henrique Machado Coelho

Revisão

Equipe de voluntários da Associação Irdin Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Nogueira, Ana Regina

Fraternidade – missões humanitárias internacionais /

Ana Regina Nogueira. - 2.ed. - Carmo da Cachoeira: Irdin, 2020.

484p.: il.

ISBN 978-85-5441-044-5

- 1. Assistência Humanitária. 2. Missionários. 3. Refugiados.
- 4. Catástrofes naturais. 5. Vida Espiritual. I. Título

CDD: 361.7

Direitos reservados à

ASSOCIAÇÃO IRDIN EDITORA

Cx. Postal 2, Carmo da Cachoeira - MG, Brasil, CEP 372225-000

Tel: (55 35) 3225-2252 | (55 35) 3225-2616

www.irdin.org.br

Agradeço a meu instrutor espiritual, o filósofo e escritor José Trigueirinho Netto, que me ensinou tesouros, indicou-me escrever este livro e o leu linha a linha, ofertando-me preciosas sugestões.

Agradeço aos voluntários abaixo, que trabalham de forma gratuita pelo Bem e pela Paz universais.

Aos missionários matrizes, protagonistas que colaboraram com horas de entrevistas: Ana Maria Moreira Bruzzi (Shen) – também revisora de conteúdo, Gaston Capdeville (Imer), Ricardo Rinaldi Baumgartner, Vânia Fátima dos Santos (Clara).

Aos que compartilharam vivências e reflexões: Anastasia Ioannidis, Anderson Pereira Santiago, André Luís Esteves Pinto (Frei Thomas), Angelica Del Lujan Baglivo, Arthur Francisco dos Santos Gonçalves, Augusto dos Reis Vieira e Silva (Frei Zeferias de Tarso), Camila Ribeiro Quaresma (Irmã María de la Alegría), Celina Estela Santos, Claudia Sanches Machado, Cristiane de Oliveira Ferreira Soares, David Marinho e Silva (Iesus), Débora Caldeira Murta, Denise Mendes Gomes, Eliana Coelho Ramos, Elizane Gonçalves Pires (Madre Maria Glória), Fernando Esteves Pinto, Flora Agni Teresa Lima, Florencia Biancalana, Gabriel da Cunha Nunes de Araujo Reis, Helentiana de Paiva Gonçalves, Juan Jose Correa Franco (Elamed), Juliana Oliveira Maurício da Silva Mangaba (Irmã Maria Auxiliadora), Juliana Pacifico Cabral (Esther), Lilia Ramona Cabral Sánches (Faustina), Luiz Fernando Perez de Moraes, Mabel Teresa Jozami, Luzia Serdano (Mariandja), Maria Alexandrina Fonseca Magalhães, Maria Alice de Miranda Carvalho, Maria Cairamir Arruda Braga,

Mauricio Gonçalves de Oliveira Guidetti, Mauro Cristiano Cavalcanti, Mene Abdo Meni, Pedro Bambini Vasconcellos (Vitório), Míriam Blos, Olga Elena Di Lorenzo Cedeño, Patricia Sánchez, Rosimar Cordeiro da Silva (Madre Teresa), Rosineide Lima Pereira de Freitas (Rosi), Samanta Mary Martins Singh, Silvio José de Campos, Stella Giok Hoa Sih, Tenente J. Lima, Valéria Nogueira Alves Meni (Hayla), Vera Lúcia Dadamos, Viviana Walsh, Wanderley Américo de Freitas.

À revisora do idioma Teresinha Pires, que apoiou a autora em cada passo da escrita. Ainda a Beatriz Beleza, Maria de Lourdes Tavares Costa (Ave Isis) e Mauro Rotenberg. Ao revisor de conteúdo Josué Nogueira dos Santos (Frei Sebastian). Às transcritoras de áudio Dilma Villela Silveira Arruda, Evânia da Silva Oliveira, Iara Gomes de Bulhões (Irmã María de la Compasión), Marilda Cunha Cerri e Regina Célia Frederico. Aos tradutores e revisores para o idioma espanhol e inglês.

Aos missionários anônimos que registraram a maior parte do acervo fotográfico das missões, e aos fotógrafos Feliciano Henrique Machado Coelho (Salvato) e Murilo Gomide Machado Coelho. A meu filho Pedro Crown, que desenhou os mapas e ajudou-me a criar e diagramar o projeto gráfico.

A Anália Calmon da Matta Machado (Acácia), Clelia Maria Pinto Sarrapio, Maria Elisa Mazzone Vivas (Lázara), Mirian Leila Russo Galvão e Noemí Ribeiro Ramalho (Celeste), sempre prontas a colaborar.

À equipe de voluntários da Irdin Editora, em especial ao diretor José Luis López Cortés e à diagramadora Alice Keiko Taira.

Aos membros do Conselho de Guiança Permanente da Fraternidade – Federação Humanitária Internacional: Carmem Cecília Corrêa Guedim (Madre María del Salvador), Elisabeth César Blanco (Madre María Shimani), Francesco Gullo (Frei Luciano) e Samuel Berkman Mendonça Santos (Frei Supremo).

A milhares de personagens de diversas nações presentes no livro. Aos seres humanos e não humanos que se entregam aos cuidados missionários, razão de ser do encontro fraterno.

Por fim, a Eryannis Maria Flores Torres, a menina venezuelana da capa, fotografada no abrigo de Boa Vista para deslocados indígenas, cuja história está na última página do livro.

A todos, profunda gratidão.

Dedicado a Trigueirinho, nosso paciente instrutor.

Índice

Mapas		
Missões	Humanitárias da Fraternidade	12
Lista de sigla	s e abreviações	15
Apresentação)	16
PRÓLOGO		
O que é ser m	nissionário	21
Missões hum	anitárias	25
Ir além do ho	rizonte material	31
Conversas co	m missionários	33
Jovens aprend	lizes	36
PARTE I AS F	PRIMEIRAS MISSÕES	
Missão Nepa	1	
A primei	ra travessia	44
Depoime	ento de uma jovem missionária	52
Missão Nicar	água	
Música p	para aliviar a dor	55
Missões Áfri	са	
Servir ac	amor no coração da África	59
Etiópia	Com alegria, levar a paz	62
Quênia	Vocês poderiam ser uma de nós	72
Ruanda	África externa e África interna	78
·	Servir e amar	
Repúblic	ca Democrática do Congo Les Catorze	87
Missão Turqu	ıia	
Só o amo	or pode curar a dor	94
Refugiad	los aguardam	.08
PARTE II MISS	SÕES NA AMÉRICA DO SUL	
Missão Sertão	o, Alagoas, Brasil	
	ronteiras até corações	118

Missão Chaco, Argentina	
Resgate de povos originários	126
Missão Paraguai	
Tudo corre, a consciência indígena observa	136
PARTE III CATÁSTROFES AMBIENTAIS NA AMÉRICA DO SUL	
Missão Mariana, Brasil A terra: animais na lama tóxica	148
Missão Dolores, Uruguai O ar: quatro minutos de tornado	160
Missão Emergência Chile Florestas em fogo	167
Missão Zona da Mata, Brasil Missão Confraternizar, Argentina Lares e corações inundados	175
PARTE IV MISSÕES PERMANENTES BRASIL E GRÉCIA	
Rede Missionária Planetária	186
Missão Permanente Carmo da Cachoeira, Brasil	
Servir e ascender	190
Galpão de Serviço São José	
Casa do Acolhimento	
Vivências Missionárias: eu vou!	
Missão Permanente Grécia	
Acender consciências	214
PARTE V MISSÃO PERMANENTE RORAIMA, BRASIL	
Boa Vista	
Vocês não foram esquecidos	226
Que fazer por eles	231
Rede solidária de Boa Vista	233
Abertura do primeiro Centro de Referência ao Imigrante	235
	237
Abertura do segundo Centro de Referência ao Imigrante	240

Amor fraterno por venezuelanos	242
Primeira semana no Centro de Referência ao Imigrante	243
Abrigo Pintolândia	245
O primeiro olhar	247
A Fraternidade	249
Hora das refeições	
Brasílio, nascido no Brasil	254
Normas e regras de convivência	257
Educar o corpo, as emoções, a mente, a consciência	
Visitas ao Abrigo	
Histórias de imigrantes	
Tocante amor pela pátria	
Escritório da Fraternidade	
Abrigo Tancredo Neves	
Abrigo Nova Canaã	
O serviço aproxima	
Pacaraima	
- 11 11 11 11 11 11 11 11 11 11 11 11 11	200
Mediadores e pacificadores	
Janokoida, Casa Grande	308
PARTE VI MISSÕES REGIONAIS RECORRENTES	
Alagoas, Brasil Amparo a sertanejos	320
Chaco, Argentina Visitas ao povo qom	
Alto Paraná, Paraguai Aguyje peeme cheirukuera:	
obrigado, companheiros	331
PARTE VII NOS BASTIDORES	
Coordenar missões da Fraternidade	341
Conversas sobre Etiópia, RD Congo, Ruanda e Uganda	344
Conversas sobre Grécia e Turquia	351
Conversas sobre crianças refugiadas na Turquia,	
abandonadas na África	
Conversa com Frei Luciano	
Um chamado para jovens	
Reuniões dominicais	
Aprimorar o olhar para os waraos	
Estar no caos sem ser parte dele Meus olhos ficaram mais velhos	
wieus omos ficaram mais veinos	390

PARTE VIII CRÔNICAS PULSANTES

O terapeuta e o monge	204
Socorrer a fome, o grande desafio	
O idioma universal dos sinais	
Anastasia	
A família é grande	404
Uma visita inusitada	407
O mundo dá voltas	409
Asilo – acolher o outro	411
Respaldo para a alma	413
Um parto warao	415
Artesãs e missionárias	417
Dança sem fim	420
Nomes sagrados e nomes humanos	422
PARTE IX VIDAS INSPIRADORAS	
PARTE IX VIDAS INSPIRADORAS Ser outros	427
Ser outros	428
Ser outros	428 434
Ser outros	428 434 441
Ser outros	428 434 441
Ser outros	428 434 441
Ser outros	428 434 441 450
Ser outros	428 434 441 450
Ser outros	428 434 441 450 456 463
Ser outros	428 434 441 450 456 463 468



ARGENTINA I Capilla del Monte, 2 Córdoba, 3 Buenos Aires, 4 arredores de Resistência, 5 Tartagal

BRASIL 6 Belo Horizonte, 7 Boa Vista, 8 Carmo da Cachoeira e arredores, 9 Pacaraima, 10 Palmeira dos Índios e cercania, 11 São Carlos, 12 São Paulo, 13 Vista Alegre

CHILE 14 Doñihue, 15 San Javier de Loncomilla, 16 Santa Olga

COLÔMBIA 17 Cúcuta

NICARÁGUA 18 Manágua

PARAGUAI 19 Cidade do Leste e Presidente Franco

URUGUAI 20 Ciudad de la Costa e arredores, 21 Dolores, 22 Paysandu

Missões Humanitárias da Fraternidade



I Angola 2 Argentina 3 Brasil 4 Chile 5 Colômbia
 6 Egito 7 Etiópia 8 Grécia 9 Líbano
 10 Nepal 11 Nicarágua 12 Paraguai 13 Portugal
 14 Quênia 15 República Democrática do Congo
 16 Ruanda 17 Turquia 18 Uganda 19 Uruguai

Lista de siglas e abreviações

ACNUR Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados

ANVISA Agência Nacional de Vigilância Sanitária

APAC Associação de Proteção e Assistência aos Condenados

APAE Associação de Pais e Amigos de Excepcionais

ASAM Associação de Solidariedade de Solicitantes de Refúgio e Migrantes, Turquia

AURORA Comunidade-Luz Fraternidade, Paysandu, Uruguai

CÉU AZUL Núcleo-Luz Sagrado Céu, Belo Horizonte, Brasil

CLC Associação de Serviço Casa Luz da Colina, Minas Gerais, Brasil

CRER-SENDO Comunidade-Luz Nova Terra, Rio de Janeiro, Brasil

EG Encontro Geral nas Comunidades-Luz Figueira e Aurora

ERKS Comunidade-Luz Irmandade, Córdoba, Argentina

FAB Força Aérea Brasileira

FFHI Fraternidade - Federação Humanitária Internacional

FIGUEIRA Comunidade-Luz Figueira, Minas Gerais, Brasil

FUNAI Fundação Nacional do Índio

GRANJA VIANA Núcleo-Luz de Figueira, São Paulo, Brasil

OIDH Organização Internacional de Direitos Humanos

OGM Ordem Graça Misericórdia

ONG Organização Não Governamental

ONU Organização das Nações Unidas

OPAS Organização Pan-Americana da Saúde

PADF Pan American Development Foundation

SESAI Secretaria Especial de Saúde Indígena

SETRABES Secretaria de Trabalho e Bem-Estar Social de Roraima

UFRR Universidade Federal de Roraima

UNESCO United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

UNFPA Fundo das Nações Unidas para Populações

UNICEF Fundo das Nações Unidas para a Infância

USAID Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional

Apresentação

Para que uma árvore chegue a dar flores fecundas e frutos, seguramente suas raízes são profundas e venceram muitos obstáculos, o que lhe permite compartilhar o melhor que pode expressar.

As Missões Humanitárias emergem, nesse contexto, como resultado do trabalho de mais de trinta anos de um grupo de voluntários. Trabalho este que, durante os ciclos de amadurecimento, atravessou tempestades, enfrentou a aridez dos desertos, sobreviveu às duras provas da vida altruísta. Apesar da imperfeita condição humana, os missionários dispõem-se a dar frutos, dos quais não conhecerão o sabor, pois o papel de uma árvore frondosa é dar frutos aos caminhantes, sombra aos que precisam de uma pausa, aromas aos que necessitam de harmonia e as cores de suas flores aos que se acostumaram à monotonia da monocromática vida da atual sociedade humana.

Através das Missões Humanitárias, a Fraternidade – Federação Humanitária Internacional busca expressar seus melhores valores: a igualdade, a fraternidade, a cooperação, o espírito do bem comum e a neutralidade, desenvolvidos em prol da evolução. Isso se reflete nos demais Reinos da Natureza, cuja convivência positiva junto ao homem os leva a crescer.

As Missões Humanitárias relatadas neste livro foram empreendidas dentro de um espírito e intenção: o de refletir valores através de atividades que favoreçam a elevação do estado de pessoas, ambientes e outros seres da Natureza.

Missionários que participam de ações em prol do equilíbrio de regiões, de comunidades e de países podem despertar para o sentido profundo da existência. Podem descobrir que, no esquecimento das próprias necessidades e no ato de priorizar a necessidade em torno, encontra-se uma chave fundamental do resgate de um dos arquétipos da consciência humana: o bem comum.

Este livro de Ana Regina Nogueira fascina pela linguagem, cativa pela autenticidade e abre horizontes no interior de todo ser humano sensível e aspirante a encontrar "algo mais" que dê sentido a sua vida e à dos demais seres.

Que essa leitura nos leve além dos relatos, bem além... e nos coloque numa posição de aceitar que, sempre que decidirmos servir ao planeta e à humanidade, encontraremos esse "algo" aí, bem dentro de nosso interior.

Uma boa leitura e, quem sabe, bom reencontro com o próprio espírito missionário.

Frei Luciano

Gestor Geral e membro do Conselho de Guiança Permanente da Fraternidade – Federação Humanitária Internacional

PRÓLOGO

O missionário não difunde nenhum credo religioso, mas é seu dever ativar o potencial interno das almas que atende.

Trigueirinho

O que é ser missionário

O principal é olhar para o outro e dizer: "Eu estou aqui por você". Reflexão de um missionário

Uma pergunta instiga: Afinal, o que é ser missionário?

Sem fórmulas encontradas em livros, aos poucos o grupo capta o arquétipo. A vida do missionário é defender, erguer, suportar, ser. Antes de sair para a primeira viagem em direção a Roraima, receberam a instrução: *Um missionário deve ser. Não doutrinar ninguém, mas ser a paz.*

Há palavras que, além de corpo e história, possuem mente, alma e um espírito imaterial a ser desvendado. Assim é o termo **missionário**.

Dicionários explicam parte dele. O Houaiss esclarece o **corpo** da palavra: aquele que recebeu ou assumiu a incumbência de realizar determinada tarefa ou promover sua concretização. Na **mente** da palavra está embutido o verbo missionar: propagar, disseminar uma ideia. A **alma** da palavra missionário designa: uma expressão viva do Amor Universal. E o **espírito** do termo? Nomeia: um dos caminhos de consagração ao Plano Evolutivo.

Missionários da Fraternidade serviram em dezenove países da África, América, Ásia, Europa e do Oriente Médio, no período entre 2011 e 2018. Sem recorrer a proselitismo, compartilham o cotidiano, conversam, brincam, dão atenção e estreitam vínculos com os servidos. Permanecem na tarefa profunda, que lhes cabe: erguer a consciência. E transformações vão acontecendo naturalmente.

Como bandos de aves, treinam bater asas sem descanso para conquistar alturas e a meta. À frente, em voo mais alto, segue o líder, que dá o tom e se encarrega de contatos e da organização geral de cada missão. Apoia-se nos mais comprometidos, que voam à sua direita e esquerda.

Os servidores tanto representam a polaridade masculina quanto a feminina. Em concordância e respeito mútuo, decidem, relacionam-se com organismos oficiais, fazem declarações à imprensa. Com olhos de águia, indicam ações, curvas e atalhos a quem os segue. Buscam protegê-los e guardar a harmonia geral.

O núcleo da atividade missionária é formado por missionários matrizes, aqueles inteiramente consagrados a atender as pautas determinadas por comandos superiores. Doam a vida para que o Propósito de Amor se cumpra. Podem estar no norte do Brasil hoje, na Europa na semana seguinte, dar continuidade por meses a certa missão permanente ou coordenar alguma, pontual e temporária, nacional ou internacional. São convocados para as mais difíceis, mais distantes, em locais mais conflituosos e que exijam maior grau de preparo e amadurecimento.

Servem de exemplo para missionários auxiliares, que se dedicam parcialmente à tarefa. Ao participar de missões permanentes, adquirem experiência e aprofundam o aprendizado. Nesse grupo estão aqueles com compromissos com a vida comum, empregos, famílias. Constituem a maioria de escalados para missões secundárias, não distantes da sede e consideradas medianas em grau de dificuldade e periculosidade. São fundamentais no apoio às mais complexas, lideradas por missionários matrizes.

Com a ampliação da atividade missionária, novos servidores se autoconvocam para tecer a **Rede Missionária Planetária**. Mesmo se participam de apenas uma missão, alguns afirmam quanto marcou suas vidas. Ao retornar a suas cidades retransmitem a paz e a fortaleza alcançadas na experiência.

O mais importante não é o tamanho da obra realizada, mas o grau de amor colocado no fazer.

Afinal, o que é uma missão?

Esculpida pela vontade, conhecimento técnico, maturidade e atitude fraterna e participativa de cada membro, reúne a energia de trinta, catorze, dez, sete ou até quatro missionários para cumprir o alvo proposto. Os grupos partem conscientes de que situações internas vão sendo dissolvidas durante auxílios externos Wcompassivos, e almas podem vir a ser resgatadas do caos social.

A simplicidade é a proposta de vida de missionários matrizes e auxiliares. Adestram-se para não terem privilégios individuais: Se ganhamos um pedaço de chocolate, devemos dividi-lo em partes iguais para o grupo; quem toma café no aeroporto paga para todos.

A Instrução recebida em anos de palestras os orienta: *Pratiquem estar vazios, sem desejos, sem se queixar, sem se opor ao que a vida traz. Pratiquem dar o que podem dar e, sem apego, ir embora. Pratiquem a oração aliada ao serviço.*

Diz um missionário matriz: Na África aderimos às liturgias propostas pelas Missionárias da Caridade de Madre Teresa de Calcutá. Foi uma escola. Oração mais serviço é uma fórmula perfeita para transitarmos entre o caos com mais leveza, para mantermos o equilíbrio diante do que presenciamos. Amenizam desalentos e dúvidas que vão surgindo no contato com tantas carências. Amparam-nos para suportar horrores e conflitos sem nos deixar abater pelo peso das circunstâncias.

Os missionários sabem. O serviço ao outro é das mais potentes formas de transformar a si mesmos e ao que os cerca. Desperta potenciais ocultos. Cada situação pede um tipo de socorro. Adaptam-se a cada uma e aprendem à medida que comungam com a dor de atingidos por catástrofes ou suprem necessidades de desprovidos.

Vencer a nós mesmos é o desafio mais difícil, reflete uma missionária matriz: Sou minha maior adversária e minha maior irmã. Não é fácil, eu me carrego por onde vou, transportando minhas coisas boas e as não tão boas. Mas amo bastante uns aspectos meus. Se não os amasse, como eu poderia amar o próximo como Cristo nos ensinou: "Ame o próximo como a si mesmo"? Tive de aprender a amar a mim mesma sem sentir amor egoico, de idolatria.

No primeiro momento, o missionário está pleno de impulsos. O passar do tempo é o maior problema a ser superado. Entregar-se totalmente traz certo sofrimento, uma inquietação, angústia. Todavia, a alegria emerge ao perceber retornos positivos de suas ações.

Encanta-o observar valores, virtudes e dons desabrocharem em si mesmo e nos outros, ao perceber quanto é servido enquanto serve. Além disso, conta com vínculos fortes que aos poucos se fortalecem entre os membros da equipe: Se começamos a nos sentir mal, apoiamo-nos uns nos outros para elevar o nível vibratório, transcender aquilo e levar a missão a cabo.



Missionária da Fraternidade. Pacaraima, Roraima, Brasil, 2018

A alegria é uma das marcas de cada componente do grupo: dissolve desalentos, desobstrui tristezas por onde passa, alivia descrenças, adestra corações. Para espairecer, os soldados da paz riem juntos. Nos momentos de descontração para renovar energias entre as batalhas, adotaram a divertida teoria que classifica missionários em três tipos: Nutella – marca de um creme de avelãs –, Raiz e Legendário.

Quem só toma chazinho é Nutella. O Raiz enfrenta chá preto strong e encara café hard, sem açúcar. Bem, missionário que pede chá de hibisco não continua na missão... Os Nutella gostam de mordomia. Os Raiz topam tudo, sempre estão bem, tanto faz dormir no chão ou na cama. Outra classe apresentou-se inesperadamente. Alguém pôs sal no café e o bebeu sem fazer careta: nascia a classe dos Legendários, a dos que se deleitam com chá de boldo socado na hora. Dizem: Legendário é uma raridade, Raiz é o rústico, Nutella é o que gosta de comodidades, banho quentinho todo dia. As brincadeiras prosseguem quando vão pegar um missionário no aeroporto: os Nutella chegam com mala de rodinha, os Raiz com mochilão pesado de equipamentos. Mas como ninguém é de ferro, vira e mexe os Raiz e os Legendários adotam facilidades nutellistas...

O que os mantém dispostos? Amparados por vibrações sutis, algo mágico acontece. Cansados após um dia árduo, despertam renovados. Ainda assim, de tempos em tempos saem do *front* por um período. Retornam a Figueira, a casa-mãe de todos, onde se restauram. Precisam de fases de reflexão, de retiro, de contatos internos mais profundos.

Ser missionário é um caminho de consagração ao Amor que modela o caráter e forja almas servidoras.

Missões humanitárias

Triunfo ou derrota estão nas mãos de Deus. Assim sendo, celebremos a batalha! Do filme: O Óleo de Lorenzo, de George Miller

Era 2011. Nova vida se iniciava entre vales e serras a perder de vista. No cume de uma colina iluminada, as primeiras estrelas avistaram centenas de pessoas orando pela paz. À distância, uma mata começava a arder em chamas. Ondas de fumaça se avolumavam, o incêndio alastrando-se, mais rubro e visível ao cair da noite. Quase no fim do encontro orante, a Equipe de Ação Imediata – EAI, que há trinta anos apaga incêndios em matas e socorre acidentes em trechos da BR 381, próximos ao município de Carmo da Cachoeira, foi convocada para enfrentá-lo. Os membros partiram imediatamente, prontos para horas de batalha madrugada adentro até vencerem as labaredas do fogo criminoso.

A rápida obediência ao pedido de socorro de árvores em sofrimento, o preparo técnico e a unidade grupal eram observados. A partir do incidente, o grupo foi considerado maduro para dar um passo mais amplo. Passados poucos dias, quem estava presente na Comunidade-Luz Figueira ouviu uma proposta surpreendente: o anúncio de uma missão no Nepal.

Naquele setembro nasceram os Missionários da Fraternidade, uma vertente da organização neutra e independente Fraternidade – Federação Humanitária Internacional, FFHI, que adota amplas tarefas para propagar a paz universal. Dispostos a abraçar a dor do estrangeiro, os missionários serviram os nepaleses por quinze dias. Desde essa missão, a primeira de inúmeras mundo afora, reacendem o fogo do entusiasmo em consciências tépidas.

Seis anos depois, o porvir revelou novo ciclo de ação. Graças à notável eficácia no amparo a indígenas e não indígenas venezuelanos refugiados

em Roraima, estado brasileiro ao norte do Brasil, a Fraternidade recebeu o convite para ser parceira da Organização das Nações Unidas – ONU. Assim, em setembro de 2017, a FFHI oficializou a cooperação mútua com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados – ACNUR, a fim de apoiar entidades governamentais na gestão de cada vez mais abrigos. De início dois para indígenas venezuelanos; depois, ainda outros para não indígenas, chamados *criollos*.

Os servidores descobrem a alegria de doar-se sem nada pedir em troca. Esse é um dos propósitos das Missões Humanitárias, que são um modelo de abordagem missionária surgido em resposta ao trauma causado na humanidade pela Segunda Guerra Mundial. Elas nada impõem a povos e comunidades, porém ajudam-nos a relembrar valores universais que urgem ser restabelecidos na humanidade. Não levam mensagens religiosas e tampouco culturais; apenas irradiam a cura interior para a reconciliação entre os homens expandir-se pela Terra.

As Missões Humanitárias trouxeram novas cores e nuances ao velho modelo proselitista ocorrido ao longo de milênios. Até 1945, Missões Proselitistas atuavam pelos quatro cantos do planeta. Seu firme propósito era converter, catequizar e ganhar seguidores ou partidários para determinadas causas, doutrinas, religiões, ideologias, filosofias.

Missionários da Fraternidade não doutrinam; ao contrário, estimulam a manifestação cultural do povo, a fé, o talento de cada indivíduo. Acolhem o próximo de qualquer credo, nação ou tribo. Apreciam a multiplicidade de expressões, sem se ater a velhas fronteiras e discórdias estabelecidas pelos homens. Ouvem os mais diversos dialetos e idiomas, que desconhecem.

Preenchidos de empatia, não sentem dificuldade em se comunicar com o estrangeiro, compreendem-no com o coração, sem limites impostos por idiomas. Explica um missionário matriz: Usamos outros recursos para dialogar. Vamos chegando, olhando de perto quem tem uma súplica até reconhecer o que lhe falta. Se nos pede medicamento, não precisa apenas do remédio em si, mas fazer conexão e receber um toque de afeto. Eu posso suprir a simples demanda? Claro, posso. Dou-lhe o medicamento e mais que isso, minha presença atenta. Quando aceitamos o outro, isso o acalma, tranquiliza, isso provoca um brilho em olhos doídos.

Dispostos a ir até os confins do universo, os peregrinos humanitários somam ação abnegada, senso de responsabilidade e uma profunda união com o semelhante e com os Reinos da Natureza, o mineral, o vegetal, o animal. Refletem: O modelo missionário está centrado em buscar o outro, em ir ao encontro de alguém, de um animal, de uma árvore, das águas.

Ventos os transportam. No Uruguai passa um furação, eles se movem para o Sul. Cruzam oceanos para confortar agonizantes moradores de rua da Etiópia. Sorriem para crianças exiladas na Turquia, tocam flauta com sertanejos brasileiros, salvam um gato, plantam árvores. Ficam diante da dor inexplicável do menininho órfão da Síria ou do Congo, diante do refugiado afegão ou indígena, diante do artista chileno cuja casa desapareceu nas labaredas de um incêndio florestal, diante do jumento envolto na lama tóxica de Mariana, diante de espaços e depósitos a ordenar.

Ora desobstruem um córrego assoreado por folhas secas e galhos, ora colhem abacates, carregam um caminhão com as frutas, separam as verdes das maduras, das podres, e as distribuem por fazendas das Comunidades-Luz por onde transitam. Ao mesmo tempo, outros ninam bebês no Egito ou levam uma vovó indígena para ser atendida em um hospital.

Trabalham por amor, não para receber pagamentos. Vivem do alimento, da roupa e sob o teto que lhes chegam sem que peçam. Preferem desafios e sacrifícios a conforto e consumo.

Fazem voto de pobreza ao se consagrarem. O que é um voto de pobreza? De fato, não temos posses, nem sequer um quarto seguro. Quando voltamos para Figueira, uma das comunidades onde vivemos, nosso quarto anterior está ocupado, nossa cama é outra, e a gente se encaixa. Desde o momento em que assumimos o uniforme, temos três ou quatro mudas; essa é nossa roupa, e duas mochilas, uma de viagem. As coisas pessoais, como material de estudo, se reduzem a um par de caixas e mais outra mochila. Ficam guardadas na comunidade quando viajamos. Essa é nossa posse. Graças a Deus, isso nos basta. Claro, não é sempre fácil, porque os corpos têm suas necessidades; contudo, caso sejam reais, por lei acabam sendo supridas.

O esforço físico é enorme, mas o empenho para se transformar, ainda maior. Para enxergar melhor, intuir mais, contam com misteriosos fogos internos, que constroem sua fortaleza. Doam-se ao visível, mas pertencem à vida imaterial e a longínquas galáxias radiantes.

Certos atributos pessoais são pilares de sustentação. Naturalmente superdinâmicos, devem inspirar confiança, ser atuantes e prestativos, ser práticos e organizados, ser calmos e seguros no falar e no agir, ser ágeis na locomoção e alertas para responder em frações de segundo.

Um missionário obedece: Esta é uma realidade constante em nossa vida: estamos com tudo arrumado e, bem na hora de sair, recebemos a notícia: "Você já não vai para lá, vai para tal lugar." Isso nos ensina a dinâmica de estruturar e desestruturar. De malas feitas para embarcar rumo ao ensolarado sertão brasileiro, o eterno viajante inesperadamente recebe um rápido comando sobre a mudança de trajeto e segue, ele e mais outro, para o inverno europeu.

Com passos ligeiros, mas sem pressa, gradualmente evoluem, amadurecem, galgam a montanha sem cume. Ricardo, coordenador dos missionários, explica: Agimos em grupo e nos deslocamos em fila indiana pelas metrópoles ou em matas. Se andássemos lado a lado, ocuparíamos toda a extensão da calçada ou da estrada. Assim não nos dispersamos, cuidamos melhor uns dos outros, e ninguém fica perdido ou para trás.

Em busca de caídos e de esquecidos, ingressam nos mais diversos ambientes, certos da proteção e da guia superior. Entregam os problemas ao Altíssimo Amor Universal e, unidos ao Eterno, debruçam-se sobre olhos angustiados. Um missionário não hesita; aproxima-se suavemente e diz em silêncio para o sofredor: Eu também caí, fiquei ferido, tive dúvidas e medos, levantei-me e estou aqui para te dar a mão. A partir da delicada sintonia alcançada em contato respeitoso com o infortúnio alheio, semeia harmonia.

Além do aparente, o que oferta? Tudo o que é, a própria vida que, somada às dos participantes de cada missão, cria um um impulso de resgate.

Ele se fortalece em orações grupais matutinas e vespertinas. O amor que sente pelo que é criado constrói vias por onde o Alto jorra correntes energéticas que liberam registros de dor da consciência. O Único respeita a

Missionários da Fraternidade se deslocam em fila indiana no Nepal, na Etiópia e na Turquia.







Lei do Livre-Arbítrio e precisa de um verdadeiro *sim* humano para colaborar plenamente conosco. Os missionários Lhe oferecem a permissão. A presença abnegada ajuda a dissolver brumas internas e a abrir caminhos para a cura fluir em níveis profundos. Esse é o trabalho maior, que perdura mesmo após eles partirem.

Eles dizem: Suprir apenas assuntos materiais não é a nossa primeira função. Mesmo assim, por vezes tentamos resolver questões referentes à moradia, alimento, saúde, higiene, emprego, que são responsabilidade de organizações maiores, governamentais, internacionais, religiosas.

Após conhecerem integrantes de órgãos nacionais e internacionais, uma missionária reflete: No planeta existe um grupo multinacional que se dedica ao bem geral. Na verdade, funcionários da ONU e representantes de várias religiões também são missionários. Fazemos contato de alma tanto com eles, como com assistidos a favor dos quais lutamos.

Ela aclara o que é um contato de alma: Independe daquilo em que alguém acredita, que escolheu como religião, como partido político, como visão social do mundo. Independe da graduação, do grau de estudo. É algo totalmente diferente. Há servidores da humanidade espalhados por entidades de qualquer nação. Contatam a alma de um outro ao dar-lhe amor desinteressado. É mágico encontrar um deles! Mas, às vezes, só percebemos a comunhão na hora da despedida. Temos de ir embora! E agora? Ele passa a fazer parte de nós, queríamos que a união durasse para sempre.

Os Missionários da Fraternidade mantêm uma relação estreita e constante com seus superiores e instrutores, que os orientam e supervisionam passo a passo. A entrega de si mesmos é potencializada pelo interesse de quem trabalha em outros ramos da Fraternidade e por seus membros de diversos países. Acompanham suas notícias através do site trilíngue fraterinternacional.

A miséria não paralisa um servidor ofertado à Verdade. Ele leva em conta a tríplice natureza física, emocional e mental do homem. Sabe que o pior mal está além dela, em consciências que se apagam. Ações minúsculas, mas transcendentes, abrem portas para o futuro e ficam registradas em esferas que nos assistem de alguns pontos do Universo.

Ir além do horizonte material

Neste mundo aspirantes podem encontrar iluminação por dois caminhos diferentes. Para aquele que é contemplativo, é o caminho do conhecimento; para o ativo, é o caminho da ação desprendida. Bhagavad Gita

O futuro está mergulhado em mistérios. Em verdade, o futuro é um grande estrategista. Aos poucos, o amanhã apresenta aquilo que, se tivesse sido conhecido por inteiro, assustaria.

Nos anos 80, José Trigueirinho Netto fundou duas expressões de vida em comunidade. Em 1984 foi aberto o Céu Azul, em Belo Horizonte, seguido da implantação da Comunidade Figueira, em 1987. Os vertiginosos e inusitados desdobramentos advindos da recém-manifestada corrente global do bem nunca poderiam ser imaginados. Uma obra internacional veio a florescer e dar frutos.

Para abarcar as vertentes de serviços voluntários, em 2010 foi anunciado o nascimento da Fraternidade – Federação Humanitária Internacional. De imediato, chegaram membros de diversos estados brasileiros a fim de plasmar o órgão como pessoa jurídica. Fortemente motivados, uns vieram sós, outros em família. Aplicaram generoso esforço até a FFHI ganhar vida legal em sua primeira sede mundial em Carmo da Cachoeira, Minas Gerais, Brasil.

Como dito em seu estatuto: *A FFHI busca viver e propagar a cooperação que conduz à paz e ao amor universal, nos seus mais variados aspectos.* Desde aquela época, não cessa de ampliar-se.

A entidade, sem fins lucrativos, sobrevive de recursos recebidos por meio de doações. É formada por colaboradores de distintos países, idades, origens e experiências, que buscam ajudar o outro e se percebem como irmãos da grande família humana e dos Reinos da Natureza. Sob a campânula protetora da FFHI ramificam-se as filiadas: cinco Comunidades-

-Luz, duas no Brasil e outras três na Argentina, em Portugal e no Uruguai. Há três Núcleos-Luz e mais Associações de Serviço, Associações Religiosas e Centros Marianos.

Os setores atuam em sete frentes: Ajuda Humanitária – caridade em ação; Atendimento aos Animais – amor em ação; Preservação do Meio Ambiente – compaixão em ação; Educação – luz em ação; Cultura e Arte – harmonia em ação; Vida Grupal – irmandade em ação; Atividades Filosóficas e Ecumênicas – consciência em ação.

A obra organiza, protege e intermedeia o surgimento de novos ramos de serviço, como seus dois pilares: os Missionários da Fraternidade e a Rede-Luz Planetária.

Para compor uma missão, além dos próprios missionários, podem ser convocados integrantes da Rede-Luz Planetária e monges da Ordem Graça Misericórdia, OGM. Essa associação religiosa ecumênica aspira a reconectar a vida ao sagrado e unir um ser com o outro, uma cultura com a outra, uma nação com a outra. À distância, somam-se os que têm o papel fundamental de oferecer aporte financeiro, de colaborar com o setor de difusão e de apoiar as missões orando a partir das próprias casas.

Presente em vinte e três países, a Rede-Luz Planetária é um patrimônio espiritual da humanidade, segundo Trigueirinho. Seus cerca de trezentos grupos têm mais de dois mil integrantes que, entre outras atividades, ajudam a sustentar três Missões Permanentes desenvolvidas nos estados brasileiros de Minas Gerais e Roraima e uma terceira na Colômbia.

A Rede-Luz provê as Missões Regionais. Uma em Alagoas, Brasil. A da Província do Chaco Argentino apoia comunidades indígenas qom. A do Paraguai assiste indígenas que retiram sustento da coleta de recicláveis em lixões da Cidade do Leste.

Cada servidor almeja um dia cruzar a ponte que o conduzirá bem além do horizonte material.

Conversas com missionários

Cada homem carrega um segredo dentro de si mesmo. Raramente a cortina do passado se abre um pouco – só quando a energia sutil abunda durante a vida terrestre de alguém. A memória repentinamente se ilumina, e o passado se destaca com toda a justiça. Aum, de Helena Roerich

Com o propósito de construir o livro, tive uma conversa inicial via Skype com Ricardo, o coordenador geral dos missionários, então servindo na Grécia. Ele repassou-me o panorama geral da evolução da tarefa e seus princípios fundamentais: o amor ao próximo e o exercício da caridade.

Consagrei horas em diálogos vibrantes, ao vivo, com cada missionário matriz, com alguns missionários auxiliares e com membros da Rede-Luz que acompanharam missões. Sorrisos e risos soltos vinham à tona.

De temperamento bem-humorado e visão espiritual da vida, expressam-se com liberdade. Puxavam linhas do tesouro da memória para contar impressões de viagem com faces radiantes ou lágrimas ocasionais. Ora expunham fatos e sentimentos entremeados de reflexões, ora lampejos de histórias sobre personagens que povoam suas lembranças.

As vozes desenrolavam as meadas de vivências luminosas ou miseráveis. Com olhos fixos neles, eu os segui por areias do deserto humano. Peregrinei por paisagens do mundo, vi a dor transformar-se em alívio, a fome em banquete. Tomei café muçulmano, ouvi sinos de mesquitas. Estive em caminhos agrestes do pranto, senti o significado da misericórdia, entrei em casas e templos, no visível e no invisível.

Conforme o colóquio criava laços entre nós, a energia de cada um me contagiava e invariavelmente potencializava minha voltagem interior. Por vezes, dissolvi-me em estados de união com eles. Aqueles a quem servem devem gozar a plenitude e a gratidão que senti.

Escritos vivos passaram a preencher as páginas do livro, cuja espinha dorsal é sustentada pelos quatro mais antigos missionários matrizes.

التحر ادبعم السلام من مل ترن الداري هم له اصدوار) درادلال ما مودم مي العراق الموكورة مي كسروفقود فيسا ور ves اعتاد ازس ودرا وهدورك سفح رندكي لستو Iwish by singuen on SILENCE وازدالارمثاها صعيموسكال love for ever for world. مشرك شاعلوازاي ل وا مع عش والرال العاى اعال دارندهن inputions MIHAM المه آما شاروس دوست دارهگایی رخبر مسرعاي كالد والنافي فأوثنال علنم المادم عليكم ورحدحاللة وبرعات له صبوای نامیده DIXL المعالية والمعالمة والمساللام لكال العالم Mohamadreza ير واشعد Monamadhosin digita gricoristo ويعم المتبر والمعية عل somaye sucl'ob Ozgorlak color Eiloche 1810 \$ كله المالم سارة و دسمونسد وليوست انعرات ب الله العلى الرعم بسوالله اؤخاه الرهس الأنيذكرالاب. كالمنكإلقالي Otoskra do erketin نستكر عضورتم وتعاولكم Oropo Seni ngu الملؤم بالخليمي بعنا ونشركم على ترفيه som linear المده ون جويات يمتنى نزمج المبلدنا الأطفال آغرمتونا له ، الوقد المنزي هام 10.02.16 copit. Signal وفعية حوال عهال بزيارتكم dif he be Alles العراق العراق DE=20 020 U1 --- 10 DIOS BE-ساخر خاداتر التعوااق NE LEUX الملع ، دوستاء ي I want ATILAR IL ولالقدائمان-عشد د تشد Lberte Peace ATEGANISTA pour rout اللر لعراق And (C) " (3) 1/000 00 Love Chienne Das

Suas biografias estão mais adiante. O *design* gráfico foi inspirado por uma saleta na sede da FFHI. Nela estão expostos artesanatos, objetos e material impresso ganhos durante viagens, além de desenhos feitos em oficinas realizadas durante as missões. Na parede há um quadro protegido por vidro, uma montagem de bilhetes coloridos com mensagens escritas por refugiados do Oriente Médio em árabe, turco, inglês, francês. Em português ou espanhol pelos missionários.

Em um papelzinho azul claro veem-se três cruzes: a muçulmana, a judaica e a cristã. Em outros há frases como: I wish peace for everyone. No more conflicts among people. In the end, all is one. Who cares whether you are a Jew, a Muslim, a Christian, a black, a white, an Asian? I hope I will learn how to play the Dance of Eternity.

Ou seja: Eu desejo Paz para todos. Não mais conflitos entre os povos. No final, tudo é um. O que importa se você é um judeu, um muçulmano, um cristão, um negro, um branco, um asiático? Eu espero aprender a tocar a dança da Eternidade.

Não apenas imigrantes árabes anseiam por paz, mas os quilombolas, as vítimas de tragédias ambientais, os sofridos laicos ou religiosos. Apesar de os obstáculos e tormentos parecerem invencíveis, todos almejam que os povos se unam para tocar a dança da Eternidade.

No profundo de suas essências sabem que, apesar de cacos monstruosos da consciência planetária ainda estarem em vigor, um dia serão restaurados. Sabem que, no futuro, o maravilhoso irá reger a vida do pequeno planeta azul, uma joia na periferia da Via Láctea.

Quadro com mensagens de paz escritas em árabe, espanhol, francês, inglês, português e turco, durante trabalho com refugiados árabes na Turquia. Carmo da Cachoeira, Minas Gerais, Brasil, 2016

Jovens aprendizes



Nos últimos sete anos, desde a missão no Nepal, jovens foram bem-vindos ao serviço missionário. Plenos de esperança, almejam expandir a paz e o amor pelo mundo. Entre os que despertam para ações fraternas, Anderson galga degraus contínuos. Hoje coordena o projeto *O Bem Comum*, desenvolvido em parceria com a UNICEF, cuja meta é educar e proteger cerca de mil e setecentas crianças nos dez abrigos para venezuelanos, no estado de Roraima.

Tudo se realiza no devido tempo cíclico. Vinte anos após o missionário matriz Imer ter realizado, quando rapaz, o primeiro trabalho voluntário, pressentiu ser hora de lançar um chamado a jovens candidatos à vida

Jovem serve crianças indígenas. Missão Permanente Roraima, Brasil, agosto de 2018



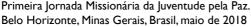
missionária. No que sua proposta foi aprovada pelos quatro membros do Conselho de Regência da obra FFHI, floresceu o novo ciclo: a Juventude Missionária pela Paz, coordenadas por ele.

A força juvenil respondeu com prontidão, o coração vibrante. Desde maio de 2018 se reúne em cidades do Brasil, do Uruguai e da Argentina um fim de semana por mês para intensos encontros de dois a três dias.

As Jornadas acontecem paralelamente a outro movimento da Fraternidade, a Campanha da Juventude pela Paz, que aspira a elevar a consciência humana. Realiza festivais a cada três meses. Neles, a prece, a arte, a música e o serviço se expressam para impulsionar a paz.

O primeiro evento Juventude Missionária pela Paz esbarrou em um desafio: a greve de caminhoneiros no Brasil. Faltava combustível. Imer e mais três jovens teriam de viajar 300 km de automóvel até Belo Horizonte, cidade escolhida para ser a sede da Campanha da Juventude pela Paz. Surgiu a dúvida: *Vamos, não vamos...* Foram. Ninguém desanimou. Ao contrário, trinta jovens sentiram-se mais vivos ao encontrar a que aderir. Com entusiasmo e mochilas nas costas, deslocaram-se até os locais agendados a pé, de bicicleta e mesmo de ônibus, quando funcionavam.

A base do encontro foi a Casa da Criança, espaço que, além de sediar um coral para a infância carente da região e de promover atendimentos odontológicos e psicológicos gratuitos, tornou-se sede do grupo jovem.





Dali partiram para pintar um mural, reformar uma casa bem pobre na favela, ajudar na estruturação de um sítio de animais.

Ante a dificuldade e a dúvida, deram um sim completo, diz Imer. O enfrentamento da prova revelou o ímpeto jovem e sinalizou o valor encerrado na ação missionária incipiente.

Além do serviço, experimentam a convivência fraterna e o pertencimento a um grupo. O jovem tem tendência a se agregar. Busca companhias, precisa trocar, aprender com o outro. A fim de descobrir uma posição dentro da sociedade, participar da vida grupal é essencial para sua formação e avanço na passagem da infância para a vida adulta.

Ao se preencherem da alegria de ser útil com simplicidade – a um lar, um hospital, uma instituição, um assentamento pobre, santuários de animais – princípios do bem comum se ativam em seus corações. Durante o exercício abnegado, encontram a espiritualidade sob a forma da bondade. Alguns entendem que, ao se doarem, não oferecem apenas algo material, mas certo aspecto imaterial que promove curas.

Prosseguiram as Jornadas nos Núcleos de Figueira nas cidades de São Paulo e de São Carlos, SP. Jovens as solicitam para Brasília, Florianópolis, Rio de Janeiro, Recife, Salvador. Imer explica: Dou o impulso inicial, passo minha experiência, converso por telefone, e eles próprios decidem aonde ir – cada dia para um lugar, viajando até duas a três horas entre ida e volta. Organizam as atividades, as ferramentas, o transporte, a alimentação.

Todo programa inclui palestras sobre a vida missionária, o auxílio ou mesmo o socorro a seres humanos, a animais, a vegetais. Na Natureza, a sensibilidade jovem encontra o amor e Deus. Por vezes chegamos a ambientes superdesordenados, onde servidores anônimos entregam sua vida pelos animais estão em imensas dificuldades, relata Imer. Acontece de chorarem emocionados ao receber trinta pessoas com camisetas azuis da Rede Missionária Planetária. Repetidamente afirmam terem pedido amparo a Deus e até visualizado, em sonho ou visão, a vinda de auxílio, e que os missionários são a resposta.

Encontros prosseguiram em Buenos Aires e Córdoba, na Argentina. Do mesmo modo, no Uruguai – Ciudad de la Costa, Canelones, Maldonado,

Jovens missionários em ação. São Paulo, Belo Horizonte e Roraima, Brasil, 2018









Solimar, Refúgio de Vida Marina, onde há animais de água salgada resgatados do oceano. Planeja-se que integrantes da Jornada Missionária da Juventude pela Paz participem de Missões Regionais no Sertão do Brasil, no Paraguai e no Chaco argentino. São estimulados a registrar as vivências por escrito, com fotos ou filmagens, para depois as apresentarem em mesas redondas durante os Festivais. Além disso, são convidados a estar nas Missões Humanitárias pela Paz em Roraima e Colômbia.

A ideia central é consolidar um grupo jovem generoso. Qualquer um com espírito de fraternidade pode somar-se e convidar amigos, colegas, familiares. De início pensou-se em se chamar apenas pessoas de dezoito a trinta e cinco anos. Porém, a faixa etária se estendeu, pois pais pedem para suas crianças virem ou jovens chegam com parentes mais velhos.

Imer espera: Que o serviço prossiga onde os jovens habitam, de modo a ampliar a Rede Missionária Planetária. Que façam jus à camiseta azul que os identifica e lhes serve de proteção. E que mais gente se incorpore.

A ação desinteressada trabalha a consciência dos servidos, que se admiram: Este grupo gasta tempo, dinheiro, sem pedir nada em troca. Faz coisas que ninguém quer fazer... Eles enfrentam tarefas pesadas, como organizar depósitos abafados enormes, dos quais é difícil abrir as portas por acúmulo de coisas antigas paradas, como um com trezentos paletes desordenadamente empilhados. Para construir uma cerca para animais, fincam estacas e esticam arames no meio da lama escorregadia onde mal se consegue ficar em pé. Esquecem o frio e o calor e param apenas enquanto se alimentam Transcendem a si mesmos ao estender as mãos.

Na abertura e no encerramento das Jornadas, cada participante se apresenta e compartilha seu momento de vida. Muitos chegam em crise provocadas por ilusões e asperezas cotidianas. Já não se contentam exclusivamente com a malha protetora da família e buscam laços fora de casa, outras referências. Precisam descobrir-se como indivíduo e aprender a se colocar. Uma jovem argentina de mudança para o Uruguai expôs um momento traumático que a perturbava. Ao visitar um lar para descapacitados com o grupo, ouviu jovens com problemas mentais e físicos relatarem quanto se sentem discriminados por suas limitações. Ainda assim, mantêm o impulso de vida aceso para prosseguir. A jovem recebia









lições de fortaleza. Em dado momento, servidores e servidos começaram a cantar com ardor. Ao se deparar com tamanha irmandade e alegria, a argentina passou por uma cura anímica.

Durante a roda de conversa do último dia, ela e outros expressaram quanto suas aflições haviam-se dissolvido no curso das vivências. Um jovem imigrante da Venezuela se emocionou demais, grato pela oportunidade. Contou penúrias passadas na rota entre seu país e o Uruguai e que, naquele dia, pela primeira vez, no lugar de ser servido estava servindo. Atingira o patamar do altruísmo, e a esperança o preenchia!

Ao final, nos domingos à noite, estão exaustos, mas exultantes. Fortalecidos pelo amor dado e recebido, percebem quanto foram beneficiados. Potenciais adormecidos de cada um começam a vir à tona. Para dar continuidade à oferta de si, planejam o próximo encontro.

No fim da outra semana, retornaram à casa de barro do sítio chamado *Juntos por um Sonho*, onde moram vinte jovens descapacitados. Com eles, iniciaram ao ensaio de um coral a ser apresentado no Festival da Juventude do Uruguai. Paralelamente à música, pintaram e a ordenaram o ambiente.

Imer finaliza: Nesta caminhada, descobrimos servidores lindos unidos pelo propósito da cooperação. São os seres de boa vontade sobre os quais fala a Instrução repassada há um século para a humanidade por Alice Bailey. Ela previu homens e mulheres puros de intenção, de todas as idades, espalhados por instituições científicas, culturais, financeiras, religiosas. Disse que, a certa altura, o novo grupo de servidores do mundo começaria a se conhecer. Formado por seres que trabalham pelo mesmo objetivo – a elevação do gênero humano e da Natureza –, esses irmãos seriam atraídos por afinidade e transcenderiam fronteiras, aparências, idade, cor da pele. Sinto que silenciosamente estamos atingindo esse ponto.

A energia das missões é a oportunidade de o jovem pôr em prática a aspiração interna pela justiça, pelo amor, pela unidade. Muitas vezes esse é o primeiro canal que encontra para expressar o Bem e a Beleza. Não consegue ainda traduzir em palavras ou em modo de vida sua ânsia por experiências concretas; porém, amadurece conforme treina doar-se. Ao avançar pelo caminho do serviço, torna-se portador da paz.

PARTE I As primeiras missões

Aprendizagem e união com Missionárias da Caridade de Madre Teresa de Calcutá e com órgãos laicos internacionais que buscam a paz, a justiça e a equidade entre os povos.



MISSÃO NEPAL

A primeira travessia

Vai aonde a alegria sutiliza o ânimo, vai aonde o sofrimento oprime corações. Em lugar algum deixes de semear o Bem, em lugar algum deixes de proclamar a Lei. A Trajetória do Fogo, de Trigueirinho

Houve um terremoto em área rural do Nepal, nos Himalaias. A devastação não foi enorme: poucas casas danificadas, cinco mortes. No entanto, um grupo missionário deveria ser rapidamente formado e atravessar o quanto antes para aquele lado do planeta. No país onde nasceu Sidarta Gautama, o Buda, aprenderia mais sobre a compaixão.

Quem iria? Uma seleção daqueles que, tocados pelo chamado, se autoconvocassem. Entre eles estava Ricardo Baumgartner, a partir daí coordenador dos Missionários da Fraternidade. A secretaria da organização humanitária internacional, recém-implantada, tinha menos de um mês para fazer entrevistas, selecionar e preparar a equipe pioneira. Além disso, planejar a logística da viagem e conseguir doações dos coligados à FFHI para comprar passagens, roupas, equipamentos.

Ninguém sabia o que os aguardava. Claro, imaginavam atuar como socorristas, removendo escombros na *zona quente* da longínqua região. Dispostos a qualquer coisa, os voluntários iniciaram o treinamento de primeiros socorros. Porém, não é a mente que constrói caminhos da vida; planos sutis os desenham.

Durante os preparativos, o instrutor da comunidade indicou-lhes contatarem as Missionárias da Caridade, ordem católica fundada por Madre Teresa de Calcutá. Telefonaram para sua casa de Kathmandu, capital do Nepal. Elas lhes repassaram o endereço, mesmo sem entender bem quem vinha de um país que mal sabiam onde ficava.

Enfim, dezoito pessoas, algumas pouco se conhecendo, embarcaram. Levavam equipamentos de resgate e, inclusive, o próprio professor de primeiros socorros. Palpitantes da vontade de viver o altruísmo e desvendar o desconhecido, cruzaram o Atlântico. Fizeram escala em Qatar, na África e, por cinquenta horas entre voos e esperas em saguões de aeroportos, acercaram-se uns dos outros, cresceram em paciência, afinaram os corpos e ensaiaram cânticos inspiradores.

No dia seguinte à chegada a Kathmandu, antes de viajar para a região da catástrofe, foram conhecer as Missionárias da Caridade. Seguiram em fila indiana por bairros do país fervente de sáris exuberantes.

Ao se apresentarem, as Irmãs lhes informaram: É obrigatória a autorização do governo para entrar na área afetada. É difícil conseguir. Mas temos bastante trabalho por aqui. Entreolharam-se. Para o momento, não havia outra opção, e o coordenador balbuciou: Está bem, ficamos por aqui um pouquinho até viajar para a zona restrita...

Nunca viajaram. Até embarcar de volta para o Brasil, permaneceram na capital da exótica República Democrática Federal do Nepal que foi, em outros tempos, um reino hindu. Tornou-se laica em 2007, após um ano da abolição da monarquia e de uma década de guerra civil entre exércitos do governo e guerrilheiros.

Gota a gota, decisões diárias constroem um grupo de guerreiros. Percorreram 16 000 km para encontrar mestras do amor pertencentes à ordem religiosa que tem setecentas e dez casas em cento e trinta e três países.

Em Kathmandu, apenas oito Irmãs assistem dois prédios. Santibaba, um sanatório com quarenta deficientes mentais, e Pashupathi, um asilo dentro de um antigo monastério budista, onde confortam cerca de duzentos e cinquenta pessoas recolhidas da rua, entre elas trinta e três com deficiências de locomoção.

As Missionárias da Caridade acolheram o grupo incondicionalmente, sem perguntas. Além de lhe abrirem o campo de serviço, protegeram-no tão maternalmente como fazem com cada um que se aproxima delas. Já os missionários colocaram-se à disposição para fazer o necessário. Nada disseram da qualificação do grupo, que elas dividiram em dois. Um para amparar o sanatório, o outro, o asilo.

Realmente ali havia trabalho árduo a ser feito. Qual a primeira tarefa? Lavar roupas sujas de fezes, de urina. Acostumados a água corrente em



Kathmandu, Nepal, 2011

abundância e a usar luvas plásticas, debruçaram-se sobre três baldes sem água para trocar. Impressionados com a precariedade, no início usavam as luvas laranja trazidas. Logo se romperam. Olharam para o lado. Viram as Irmãs de sandalhinha lavando sem nada nas mãos e as imitaram.

Eles observavam as Missionárias da Caridade, e essas os analisavam durante a rotina: lavar quartos, banheiros, trocar roupas de cama e pessoais, dar banhos e comida na boca dos atrofiados.

À proporção que venciam uma prova, surgiam outras. Dois pintores cobriam de tinta as paredes do sanatório. Na folga de final de semana, as Irmãs, lá chamadas *Sisters*, pediram para os missionários prosseguirem a tarefa. Os pintores não retornaram na segunda-feira, tampouco na terça. Na quarta, concluiu-se que os profissionais haviam sido dispensados, e os missionários foram encarregados de pintar todo o prédio, colorindo janelas, paredes, portões, grades, capelinha.

Os pequeninos pacientes do asilo e do sanatório, de olhos oblíquos, envoltos em tecidos coloridos e falando nepali, iam sendo contagiados pela vibração latina. O contato com as *Sisters* realmente abriu-se quando uma senhorinha foi mordida por um dos muitos macacos de meio metro, que transitam entre templos, praças e casas da cidade e dormem sobre

muros. De imediato, o terapeuta da missão se prontificou a fazer o curativo. *Sabem aplicar injeção*? as Irmãs perguntaram-lhe. À resposta afirmativa, montaram uma maca em frente à Sala de Oração para ele e um auxiliar injetarem vacina antitetânica na extensa fila.

Aquilo desencadeou outros processos. O terapeuta e o auxiliar passaram a avaliar internos, fazer curativos em escaras, apresentar terapias alternativas às Irmãs. Só ouviam delas: *Do it! Do it!* Acupuntura, cromoterapia, auriculoterapia, massagens, *Práxis Vertebralis* – aceitavam todas as práticas, tanto aplicadas nos pacientes como nelas mesmas.

Objetivas, precisas, mas cautelosas, as *Sisters* observavam o movimento ordenado do grupo fraterno e, aos poucos, retribuíam sua dedicação, ofertando-lhes o que têm de melhor. Primeiro os chamou para a missa diária das 6h, a que os dezoito assistiram pontualmente, com devoção.

Terminadas as missas, elas lhes indicavam a sala com uma mesa posta com pães, manteiga, queijo, café com leite, frutas. Ouvindo-os cantar antes de tomar o desjejum, elas os convidaram a entoar cânticos no início da missa; depois, durante e, mais adiante, no final.

Os dias passavam. Notando o trabalho dinâmico, mas concentrado e silencioso dos servidores, as Irmãs os convidaram para orar com elas à tarde. Na época, acrescentaram cestas de ovos cozidos no cardápio do desjejum. Passados uns dias, incluíram a contemplação do Santíssimo Sacramento no ritual diário deles. Em paralelo à tarefa invisível, ganharam macarrão sobre a mesa matutina, cada vez mais farta.

Um colaborador ligado às Irmãs convidou a força de trabalho a estar com crianças internadas em um Hospital de Câncer Infantil. Prontamente os viajantes foram espantar a solidão dos pequerruchos, comprando-lhes brinquedos, papel e lápis de cor para atividades lúdicas. Além disso, limparam uma ala do hospital com fezes infantis pelos corredores imundos e banheiros entupidos, trazendo baldes d'água de outro andar.

O colaborador solicitou ajuda para quarenta crianças e vinte idosos de um orfanato-asilo com desordem e odor lastimáveis. Localizado em um prédio de três andares, era encardido e carcomido. A única área externa disponível para as crianças brincarem tinha um escorregador enferrujado e virara um depósito de lixo. Decidiram limpá-la. Por três dias, separaram o reaproveitável daquele monte de objetos e queimaram o resto.

Cada missionário clamava aos céus a seu modo enquanto o fogo desinfetava não apenas germes da matéria, mas sentimentos e pensamentos negativos. Concluído o mutirão, cimentaram com alegria parte do quintal. Das sacadas e das janelas do prédio, meninos e velhinhos ficavam observando o vaivém.

Nos intervalos da limpeza vigorosa, voluntários inspirados pela bondade subiam até a cobertura do prédio. Ainda com máscaras de proteção para fumaça dependuradas nos pescoços, enchiam balões brancos, tocavam flauta e cantavam com meninos e idosos dançando com os olhinhos fechados. Todos aplaudiam e sorriam, revitalizados.

Quatro a seis vezes ao dia, transitavam a pé entre o hotel e o asilo. Abriam caminhos por ruas abarrotadas de motos, gente, poeira, sujeira. Andavam em linha altruísta, o da frente indicando os passos aos seguintes, como sucede com pássaros migratórios nos céus e filas de camelos por dunas do deserto.

Saiam às cinco da manhã para o percurso de quarenta minutos. No país de tantas crenças, campanários badalavam, devotos tocavam sininhos, acendiam velas, ingressavam em templos. Então, decidiram invocar, no trajeto, para raios universais se derramarem sobre a Ásia.

Durante uma caminhada ao amanhecer, um dos dezoito foi presenteado por uma visão que, na verdade, era uma oferta para todos. Viu um cintilante rastro de luz celeste fluir por onde passavam. Parecia um extenso sudário transparente flutuando ao vento.

O grupo se considera cósmico-ecumênico. Por quê? Assim como busca a unidade, o serviço e o diálogo com indivíduos religiosos ou laicos, eleva a consciência para mistérios da Vida Universal Estelar. Jamais se esquecem de que são seres do cosmos que, no momento, estão de passagem pela Terra para aprofundar o aprendizado sobre o amor e o perdão.

Antes de se despedirem do palpitante mundo nepalês composto por doze etnias, ganharam dois esplendores das Sisters e do capelão do asilo: assistir à missa de domingo na única igreja católica da capital e visitar o milenar Templo Budista dos Macacos. Padres e lamas os receberam com ternura e gratidão.

Sobre uma colina vista de toda a cidade, o centro de peregrinação tem inúmeras pinturas dos olhos de Buda, aquele que tudo vê. No templo ouviram uma palestra sobre a compaixão, principal ensinamento trazido do Universo pelo Instrutor espiritual e que, daquela região geográfica, se derramou para o mundo. Foram em seguida convidados a participar de uma longa cerimônia de purificação.

Ninguém sai o mesmo do Nepal, dizem. Chegaram voando acima do Everest, retornaram em voos ainda mais altos, além da escuridão que infesta pontos do país lendário, exaltado por extraordinárias belezas naturais. Exercitaram a capacidade de servir abnegadamente, e alguns passaram no primeiro curso da Escola Missionária, o de amor incondicional.

No Brasil tinham-se imaginado em ações heroicas de resgate de seres vivos soterrados por escombros. Era outro o tipo de terremoto a enfrentar, invisível, oculto nas dobras do próprio ego. Perante o encontrado, alguns se defrontaram com fortes abalos internos: *Um turbilhão me veio à tona, e pude enxergar o pior de mim*, confessa uma missionária.

Todavia, os dezoito sobreviveram, ampliados. Devagar compreenderam melhor as lições vividas, não apenas com nepaleses, mas uns com os outros. Mal se conheciam no início da viagem, e a prova de convívio intensíssimo mostrou a heterogeneidade do grupo. Apenas um se consagrou e prosseguiu na tarefa missionária. Os outros optaram por rumos diversos; contudo, invariavelmente, todos saíram marcados.

De regresso à comunidade, o grupo teve uma belíssima recepção. Centenas de pessoas, construtoras da base orante que os sustentou no percurso, reuniram-se para ouvi-los contar experiências. Juntos comungaram a abertura do serviço humanitário: Missionários da Fraternidade.

Foram, doaram-se e saíram de cena deixando pegadas alegres por ruas, corações, memórias. Mas os resultados não pertencem a quem serve.









Depoimento de uma jovem missionária

As criaturas louvam a doação altruísta como suprema, pois nada é mais difícil de executar do que se doar altruisticamente. Portanto, diz-se que a doação é o meio supremo. Upanishad

Aos 26 anos, estive por duas semanas em Kathmandu, Nepal, como voluntária de uma missão de ajuda humanitária proveniente da América do Sul. Saí da comodidade cotidiana sem saber o que viveria por lá, mas aberta para o que desse e viesse. Ações como essa nos colocam no umbigo da vida real; não nos mostram as melhores cenas.

Pela primeira vez fiz uma longa viagem sem ser por turismo. Logo percebi algo além da beleza das aparências – porque Nepal é um país belo, com monumentos ancestrais coloridos e altíssimas montanhas nevadas. Passei a me incomodar com a postura dos turistas. Invadem a realidade daquelas pessoas sem se interessarem verdadeiramente por elas, sem querer fazer nada para ajudar a mitigar tanta fome, doença, pobreza, provocadas por conflitos políticos e atentados graves.

Durante o trabalho com as Missionárias da Caridade, aprendi uma lição para toda a vida: quem mais se doa aos outros mais recebe. Imagine alguém que vive para cuidar das necessidades dos que nada têm. Bem, agora imagine pessoas mil vezes mais doadas do que aquela em quem você pensou: assim são as Sisters. Sempre leves, sempre alegres, atendem dezenas de velhinhos e crianças e ainda têm tempo para orar e lavar os sáris brancos.

Não sou católica nem batizada. Mas o que mais me tocou foi uma missa na igreja de Kathmandu, a mesma onde poucos anos atrás houve um atentado à bomba por preconceitos religiosos e políticos.

Até aquele dia eu só enxergava o lado negativo dessa religião, nunca tivera contato com a essência do ensinamento cristão. As pessoas me perguntam:

"Você esteve em um país cuja presença budista e hinduísta é superforte, mas prefere relatar sua experiência em uma igreja católica?" Sim. Cada um está onde deve estar para aprender o que mais precisa.

Na noite anterior à missa, eu sonhei que voava entre nuvens iluminadas pelo sol nascente. Subia cada vez mais em direção ao céu e, quanto mais alto subia, mais a sensação de paz se intensificava. Foi quando ouvi: "Não é aí que precisam de você." Fui caindo em altíssima velocidade, entrei por um poço escuro, mas havia luz em volta de mim, e eu enxergava as paredes, apesar da escuridão.

Entendi que eu não deveria estar no mundo só para usufruir, mas para contribuir, afirma a voluntária Flora Agni.

Tempos depois conheci uma história em que um discípulo teve uma visão de Buda no inferno. Sem entender, perguntou a seu mestre como Buda podia estar no inferno. A resposta foi: "É lá que precisam dele".

Sentimos paz desde a entrada por um jardim florido e bem cuidado que leva àquela igreja. De uma sacada, uma escultura em tamanho real de Jesus Cristo com feições hindus saudava com a mão direita e a outra no coração. Deixamos os sapatos fora da porta de entrada, como todos, e ficamos perplexos com a beleza da mescla de decorações hindus e budistas. A maioria da população nepalesa é hinduísta, mas budistas frequentam templos hindus e entre as religiões há influência arquitetônica mútua.

O interior em forma de cruz era altíssimo. Sentamos em almofadas cor de vinho bem alinhadas ao longo do piso decorado. Nas paredes, quadros contavam passagens da Bíblia, pinturas com personagens e até anjos de aspecto oriental. Na Santa Ceia, apóstolos usavam gorros típicos.



Na Santa Ceia, apóstolos com gorros típicos. Kathmandu, Nepal, 2011

A pequena comunidade católica de Katmandu foi ingressando aos poucos no templo. Fiéis africanos, europeus, asiáticos, americanos reuniam-se sob o mesmo teto para refletir, sentir e viver algo especial e inexplicável, um aspecto em comum de cada integrante da multidão heterogênea.

O coral começou a cantar em inglês. Nunca vou à missa nem ouço música gospel, mas senti um nó na garganta. Meus olhos marejaram. Uma rocha se quebrou em mim: a rocha do preconceito religioso.

Senti na pele, literalmente, como é estar em oração junto à humanidade da qual somos parte. Percebia quanto cada representante de cada nação é importante. O termo humanidade mudou de significado. Agora aspiro a servir em nome da humanidade!

Quatro sacerdotes celebravam a missa; um nepalês; os outros pareciam indianos e chineses. Os celebrantes agradeceram a presença de nosso grupo, mostrando mais uma vez quanto os nepaleses são acolhedores. A fila da comunhão foi simbólica; parecia ir subindo as escadarias do paraíso de uma pintura gigantesca atrás do altar, que retratava pessoas escalando para o paraíso.

Tantas coisas nos diferenciam como seres humanos. O que mais nos une, ainda que haja seres embrutecidos presos à vida material, é a busca por algo maior e transcendente à nossa forma de vida cotidiana. Esse é o anseio mais importante da humanidade.

Indo embora, agradeci metro a metro da subida do avião. Vi Katmandu se desvanecer entre nuvens. O significado de muita coisa mudou, a começar pelo sentimento de estar integrada à necessitada família humana. Relembro momentos junto a consciências que clamam naquele país desconhecido.

Hoje, pensar, orar e pedir a Deus por todos os que sofrem tem outra dimensão. Fazer algo bom em nome da humanidade agora é mais verdadeiro. Nunca esquecerei o que senti na catedral, eu e irmãos de todos os continentes imersos na busca do invisível. Somos um. Realmente somos.

MISSÃO NICARÁGIJA

Música para aliviar a dor

Quando se põe o sol, meu senhor, me dói, me dói o coração. Morreu, o sol não vive, o fogo do dia. Te quero, te quero fogo do dia, não vás, não vás, fogo... O sol se foi. Meu coração chora. Canto do Sol, poema oral em náhuatl

Havia um ancião que não falava, não andava. Sempre de cama, os missionários o levavam no colo até a cadeira de rodas e saíam a passear com ele pelo jardim. Notaram que o senhor conversava com o olhar faiscante imanando tal pureza que, no corpo mudo e quase inerte, descobriram um ser a serviço.

Atraídos pelo incompreensível, cada missionário acercava-se do idoso. Um lhe trazia uma flor. Os olhos dele acendiam para contemplá-la, e os braços que mal mexiam tentavam pegá-la para sentir-lhe a fragrância. Sorrindo, o missionário aproximava o aroma da face enrugada, cujo enlevo era como plumas acariciando os presentes. Outro lhe trazia uma palavra doce, respondida pela eloquência do silêncio. Ainda outro lhe tocava as mãos ou trocava com ele olhares que espelhavam sentimentos sem nome do idioma secreto da fraternidade.

Estavam na Nicarágua, América Central, para participar do evento Campanha pela Paz. Terminado o encontro em Manágua, seis missionários e quatro monges da OGM prestaram três dias de serviço na casa das Missionárias da Caridade, que acolhia o ancião. Recepcionados pelo grupo Rede-Luz local, que organizou o trajeto e os acompanhou todo o tempo, serviram em uma prisão feminina, e em um hospital público.

No primeiro dia, seguiram para a penitenciária com cerca de trezentas encarceradas, muitas por causa da excessiva violência e desvios de ordem sexual da juventude, sobretudo ligados ao lesbianismo, comum em Manágua, a capital. Um missionário comenta: O esgoto aberto atravessava a cadeia. Era o caos. Nem parecia um lugar de terceiro, mas de quarto

mundo, mas os missionários puderam repassar uma noção sobre limpeza e ordem aos funcionários.

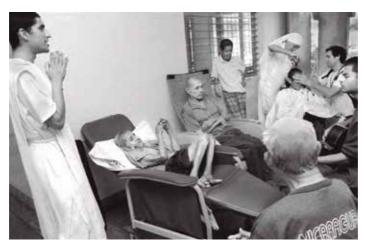
Assim como em Manágua, metade da população encarcerada é protestante, e a outra, católica. Naquele dia se celebrava a missa semanal para presas católicas e, em outro salão, realizava-se um culto protestante. Os missionários foram convidados a participar da missa, e o padre encarregou um monge, que levara o violão, de executar os cânticos. Para que o poder do som nutrisse a fé das detentas, a riqueza criativa transbordou dele. O monge ri: Um desafio! Na época eu não conhecia nada sobre a estrutura da missa católica. O padre me olhava e dizia: "Introito." Eu tinha de cantar e tocar alguma coisa. Ele: "Glória." Eu inventava as músicas na hora, bem aflito. Cento e cinquenta mulheres assistiam e era incrível a rapidez e a alegria com que aprendiam as letras e as melodias. O padre: "Aleluia, Ofertório." E, ao terminar, ainda me deu de beber no cálice.

No sermão, o padre emocionou as detentas ao dizer que recebiam uma oportunidade semelhante a de santos do passado que, para ficar a sós com Deus, viviam na solidão de grutas, desertos, claustros. A prisão poderia tornar-se um espaço de oração para estarem mais junto a Cristo. Que se arrependessem do passado e O buscassem. Sedentas de infinito, elas iam sendo queimadas pela analogia de uma prisão convertida em monastério.

No dia seguinte, o grupo trabalhou diretamente com anciãos e crianças da congregação, assim como fora no Nepal. A arquitetura e a organização são primorosas. A construção em forma de quadrado tem uma capela ao centro. Em torno ficam o monastério, o hospital para anciãos, o sanatório para casos psiquiátricos e a creche para quarenta crianças, cuja maioria volta para casa à tardinha. As outras dormem lá mesmo.

Para esse monastério vão freiras extenuadas por anos em trabalho de campo pelos quatro cantos do mundo. Apesar de ficarem a maior parte do tempo em retiro, não perdem contato com a missão de servir. Continuam a recolher doentes nas ruas e a levá-los para casa, onde são tratados por funcionários pagos pelo povo ou por elas mesmas. Um fluxo de jovens voluntários e de seminaristas católicos, aos quais os missionários se somaram, também as ajudam.

O grupo assistiu a uma peça musical surpreendente montada pela responsável da creche, que conseguiu fazer crianças difíceis, de cinco, seis anos, seguirem o ritmo da coreografia, perfeitamente sincronizadas.



Música e corte de cabelo no Hospital do Câncer, Manágua, Nicarágua, em 2011

Entre os meninos havia um complicado. Edi atrapalhava as brincadeiras, batia nos colegas. Um missionário se encarregou dele. Por carência de pai, tinha corpo de seis anos, mas mentalidade de dois. Ao ser-lhe dada mamadeira, deitou-se no chão como um nenê. Tratá-lo como um bebezão foi o passe de mágica para suavizá-lo. Sentia falta de toque, de afeto.

Na ala das meninas, Juanita era superviolenta. Batia com força nas grandes e nas pequenas, lutava caratê, agredia meninos. Não que fosse má; dessa forma expressava afeto; na casa dela era assim. Uma missionária dedicou-se a ensinar-lhe outra forma de exprimir amor, ao que Juanita respondia por um tempo, mas, às escondidas, voltava a golpear alguém. Quem sabe uma semente de paz foi plantada nos garotos?

Os missionários cantavam, alimentavam e davam banho em idosos, limpavam-nos. Lidaram com problemas crônicos e com quem perdera completamente a razão. Separaram a briga de dois pacientes psicopatas que se atracaram e socorreram um que batia em si próprio e, de vez em quando, era preciso prender-lhe os braços ou abraçá-lo para não se autogolpear.

Apoiaram o médico que trata de trinta e nove idosos: *Um anjo*, comentam. Atende os enfermos quase sozinho, pois os voluntários não se arriscam a dar banhos em pacientes nem a acompanhar o tratamento fisioterápico. Eventualmente conta com duas assistentes. Para alívio dele, havia apoio especializado entre os missionários: um médico, um fisioterapeuta e um reparador de máquinas.

Nos primeiros dias sem vento, o calor tropical úmido e enxames de insetos sufocavam, na capital marcada pela violência política e por desastres naturais, incêndios, terremotos. Todavia, na última manhã, a temperatura refrescou a ponto de vestirem meias em idosos. Além de lhes oferecer as mesmas ajudas da véspera, fizeram cortes de cabelo e conversaram com eles nas varandas. Relembram: *Um senhor perdera a memória. Perguntava meu nome, de onde eu era e contava a lenda sobre o lago surgido das lágrimas de uma índia por seu filho. Daí a um minuto perguntava meu nome, recontava a lenda. Repetia outra e outra vez.*

Encerraram a missão naquela tarde, no Hospital do Câncer. O coordenador dividiu o grupo em dois. Uma parte se encarregou de fazer reparos, manutenções, e arrumar a área externa e algumas internas, espantosamente caóticas. Os ambientes iam sendo metamorfoseados e passantes admiravam-se da rapidez com que a ordem se instalava a olhos vistos.

Ao mesmo tempo, o segundo grupo visitava enfermarias de recém-operados. Entraram suavemente em oito quartos com cerca de dez pacientes terminais de câncer em cada. O violino soava, o violão o seguia, e vozes delicadas entoavam profundos cânticos, elevando a energia. A onda sonora voava por corredores atraindo médicos, enfermeiras, diretores. O sopro do espírito atingia o âmago dos familiares, e alguns choraram.

Em um quarto, uma jovem mãe com extrema dor gritava. Ali estava a família. A filha desolada entregou-se ao abraço consolador de um monge missionário, que lhe sussurrou ao ouvido: A morte não existe, sua mãe está sendo liberada do sofrimento para prosseguir em direção à luz; o câncer pode ser uma forma de purificar o passado. A menina se acalmou, pôs-se ao lado de uma missionária, e ambas assistiram a mãe até a vida se extinguir. A dor da menina era interna. O corpo da mãe estivera enfermo, mas, talvez, sua alma não estivesse ferida.

Servidos e servidores iam sendo curados, visto que existem infinitas formas de cura. Um gesto amoroso pacifica quem o pratica e pode aliviar o sofredor.

Ao saírem do hospital, médicos e enfermeiros lhes repetiam: *Ficamos nas nuvens*. Naqueles dias, o bem travou uma batalha oculta, que o grupo entregou nas mãos d'Aquele que tudo cria e em tudo está.

MISSÕES ÁFRICA

Servir ao amor no coração da África

...nas comunidades antigas, o serviço à humanidade era considerado um teste elevado e difícil. A pessoa testada não precisava mudar de atividade, mas sua essência não era dedicada a ela mesma, nem a sua cidade, nem a seu país, mas a toda a humanidade. Assim, o alcance de suas atividades se ampliava e resultava no bem de todos. Supraterrestre, a Vida Interior IV, de Helena Roerich

Sorrisos e olhares podem extinguir fronteiras entre seres humanos. Por quatro vezes os Missionários da Fraternidade sobrevoaram a imensidão azul do Atlântico para visitar cinco países africanos. No âmago, guardavam uma aspiração: levar paz e unidade, atributos que elevam a consciência. Nas duas primeiras travessias foram para a Etiópia; na terceira, além de para lá retornar, seguiram para o Quênia. Na quarta desembarcaram em Ruanda, Uganda e RD Congo.

Museu da história ancestral do homem, o continente negro hoje tem mais de um bilhão e duzentos mil habitantes. Vivem em metrópoles agitadíssimas, fazendas do interior, tribos com curiosos costumes, estilos singulares de vida e complexas formas de enxergar e interpretar o mundo.



A Terra viveu holocaustos, continentes desapareceram, outros surgiram. A história espiritual do planeta conta que, naquela região, afloraram os primeiros seres humanos com corpos físicos. De pele escura e fortíssimos, com eles nasceu o eu, o sexo, a ilusão de se julgar separado do outro. Somos tão instáveis como humanidade que, nesse percurso, ora evoluímos, ora involuímos. Todavia, desde tempos pretéritos, alguns aspiram à paz e trabalham de forma ordenada para vê-la emergir de seu mundo interno e derramar-se sobre a vida concreta.

Bem antes de europeus chegarem às sociedades africanas, homens escravizavam homens. A brutalidade prosseguiu com o tráfico transatlântico de escravos, a partir do século XV. Ainda hoje, lá e em outros cantos do mundo, a escravatura prossegue, ainda que de forma mais clandestina. Segundo Trigueirinho: Só em uma humanidade escrava pode haver escravatura. Escravos não são apenas os acorrentados que trabalham forçado. A humanidade ilude-se que ser livre é fazer o que deseja, não pensar nos outros, seguir os próprios impulsos. Isso a vai tornando ainda mais escrava. Só depois de se libertar dessas ilusões, superando o livre-arbítrio, começará a perceber o que é libertação.

No século XIX, Portugal idealizou a partilha da África entre líderes europeus, que realizaram a Conferência de Berlim entre 1884 e 1885. Então, sete países – Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Itália, Reino Unido e Portugal – subdividiram o continente entre si definindo fronteiras arbitrárias, que até hoje causam graves problemas entre povos e nações. Apenas Etiópia e Libéria permaneceram politicamente independentes.

A extensa exploração de colônias africanas praticada pelos sete países começou a ser reduzida após o fim da Segunda Guerra Mundial, quando se iniciaram movimentos nacionalistas e lutas por independência. Entretanto, conflitos, injustiças sociais e políticas, além de cruéis aberrações perduram em cada uma das cinquenta e quatro nações africanas.

O multilinguismo continental impressiona. Há mais de dois mil idiomas falados, oito mil dialetos originários e trinta e cinco nações adotam pelo menos uma língua europeia ou o árabe como oficial. Essas falas já não são tão europeias ou árabes, sofreram influências locais, assim como as línguas africanas influenciaram o português brasileiro nos quatrocentos anos de escravidão, quando seis milhões de africanos foram levados à força para outras terras.

Qual a verdade interna de tamanha diversidade continental? Como encontrar e trazer à tona a perfeita serenidade imanente a cada expressão de vida? Como a África se libertará?

À medida que as Missões África iam sendo anunciadas, cada missionário sentia um chamado interior. Invariavelmente nele soava um *sim* ao convite. Obstáculos terrenos impedindo a ida eram removidos como por milagre. Uns se autoconvocavam. Outros se calaram e mesmo assim receberam a carta para integrar-se ao grupo sendo formado e treinado em Figueira. Vestiram a camiseta cinza com a cruz da nova humanidade e os dizeres: Fraternidade – Missões Humanitárias Internacionais. Encaixaram as mochilas pretas nos ombros e partiram.

Foi-lhes indicado prosseguir o trabalho iniciado na Ásia e na América Central com as Missionárias da Caridade. O poder do ensinamento de Madre Teresa de Calcutá se mantém vivo e plasmado nos corações de quase cinco mil Irmãs da Ordem ao longo do mundo. Vivem a escola da oferta de si: abnegação, serviço incondicional, amor sem limites, prontidão, alegria. Para cursar a mesma escola, os missionários estiveram em sete de suas casas africanas. Entregaram-se sem descanso aos mais miseráveis dos cinco países visitados entre 2012 e 2015. Em 2018, voltaram ao continente, ao Egito. No corpo a corpo diário, aprofundaram o autoconhecimento, aprenderam a domar a própria mente, sentimentos, instintos, a unirem-se entre si, a ver e compreender melhor o próximo.

Diz o argentino Imer: Do clarear do dia até o anoitecer, era só servir, e ajudar, e servir, e trabalhar, e orar, e agradecer, e fazer vigília, e depois servir de novo. Nossos primeiros anos foram intensos. Fomos nos imbuindo da tarefa, confirmando-nos. Ser missionário é um caminho que implica renúncia, oferta externa e interna, sacrifício. Nossa vida se tornou isso. Para sustentar a entrega, passamos por transformações constantes. Não é fácil a intensidade do movimento físico nem o contato com carências absurdas. Precisamos vencer nossas fraquezas, ultrapassar limites próprios até perceber que trabalhamos com almas e para almas.

Cresceu o grau de irmandade entre eles e as Irmãs. Elas os tratavam como iguais e lhes abriram portas incluindo-os em encontros com outras ordens religiosas, mesmo sabendo que pertencem a uma organização independente. Sob a orientação maternal das *Sisters*, o grupo desvendava segredos de como ser missionário.



ETIÓPIA

Com alegria, levar a paz

A todos os que sofrem e estão sós, dai sempre um sorriso de alegria. Não lhes proporcioneis apenas os vossos cuidados, mas o vosso coração. Madre Teresa de Calcutá

> 3ª missão ADIS ABEBA 2 a 18 de novembro de 2012

Antes de aterrissar no desconhecido mundo africano para a primeira Missão Humanitária Internacional na África, quinze missionários treinaram o espírito de unidade e a flexibilidade. Participaram de atividades e retiros espirituais em quatro Comunidades-Luz, duas no Brasil, uma no Uruguai, outra na Argentina.

Ancorados no atributo *Esquecer-se de si para ser canal do Alto*, foram estender compaixão à gente sofrida dos planaltos da Etiópia, onde nasce o Nilo Azul. Suas águas brotam no Lago Tana, cujas ilhas acolhem antigos monastérios da Igreja Etíope Cristã, depois jorram por penhascos, unem-se às do Nilo Branco e avançam em vales até desaguar no Mar Mediterrâneo.

Na capital Adis Abeba, cercada por morros cobertos de eucaliptos, vinte *Sisters* atendem mil dos mais pobres entre os pobres. Aquela casa, um misto de hospital, asilo, orfanato e manicômio, é a segunda maior da ordem religiosa no planeta. A maior é a sede, em Calcutá.

Ao chegarem, ocorreu uma tarefa simbólica. Uma missionária da Fraternidade doou sangue para uma missionária da Caridade. As possibilidades para encontrar o tipo O negativo para a cirurgia da *Sister* haviam-se esgotado. O grupo era a última esperança e foi o bálsamo para acalmar o quadro. A comunhão dos sangues foi um claro sinal de que a vida, as energias e a obra dos dois grupos de amor se uniam tanto física como espiritualmente.

Os fatos da vida falam tanto como um gesto, um ruído, um aroma. Uma palavra lançada ao vento é escutada. Eis um sinal. Um sonho é lembrado.

Eis outro. Guiados por mensagens vindas de instrutores, no decorrer dos dias os missionários mantêm-se atentos ao que indicações cotidianas sutis expressam.

Todos estivemos a viajar entre civilizações do cosmos até uma corrente de vida trazer nossas essências para fazerem experiências na Terra. Aqui, descendendo da raça primeira, vivemos múltiplas evoluções. Em dado momento, prosseguiremos para outras esferas rumo ao infinito.

A Etiópia, das mais antigas regiões do mundo, onde descobertas fósseis indicam ter surgido o *Homo Sapiens*, tornou-se um dos países mais pobres do globo após a queda da monarquia e dos trágicos períodos de seca e de fome na década de 1980, o que resultou em milhões de mortes.

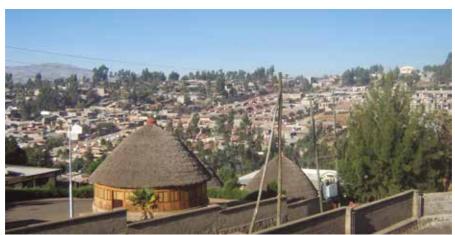
Marcado por golpes políticos, rebeliões e um imenso problema de refugiados, o fascinante país de cultura ancestral e tribos exóticas com tradições milenares recupera-se lentamente.

Os males ficam expostos na casa das *Sisters* de Adis Abeba: doenças transmissíveis e incontáveis tipos de limitações físicas e mentais. Os missionários lidaram com tuberculose, paralisia cerebral, febre tifoide e tropical, politraumatizados, queimados, soropositivos, casos psiquiátricos, lepra, entre inúmeros outros casos...

Com o fogo da valentia aceso, fizeram curativos e cuidaram da higiene pessoal, incluindo banho, escovação de dentes e corte de unhas. Apoiaram na confecção de alimentos e na lavagem de roupas. Dispensaram aos pacientes fisioterapia e terapêuticas alternativas, como banho nutritivo, urinoterapia, musicoterapia. Além disso, deram medicação fitoterápica a desvalidos, desnutridos, mães solteiras e a crianças de todas as idades.

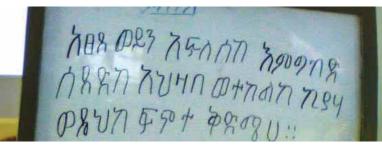
Associado a esse panorama, há, no Hospital da Caridade, uma média de dez a quinze desencarnes por semana. Cada moribundo é acompanhado de perto com ternura, respeito e cerimonial. Pode nele ocorrer uma abertura álmica quando recebe atenção, mesmo que apenas por um instante antes de falecer. A sede de afeto de toda uma vida pode ser finalmente saciada por uma carícia, um cuidado, um olhar. Uma alma assim tocada parte sem a carência de jamais ter sido amada.

Brincadeiras na casa de irmãs franciscanas; quadro em amárico, um dos idiomas oficiais do país. Etiópia, 2012









Diz Imer: Aprendemos com as Missionárias da Caridade a dar plena atenção a cada pessoa que passa pelo processo de desencarne, mesmo sabendo que sua condição de saúde não será revertida. A intenção é fazer o melhor até o agonizante expirar entre lençóis limpos levando o amor recebido.

As Sisters chamavam os missionários quando um paciente estava para desencarnar. No transcurso do processo de liberação, um pequeno grupo ficava orando junto ao leito. Durante o velório, participava da missa de corpo presente em intenção do morto. Seguia o caixão até a cerimônia do enterro, e cada acompanhante jogava pás de terra na cova, uma tradição local.

No Quênia vieram a colaborar com rituais semelhantes, e lá a própria van que servia ao grupo transportava caixões para o cemitério.

As Irmãs, quase todas europeias, a princípio se incomodavam com a rapidez do ritmo deles, naturalmente mais acelerado que o da maioria. *Slowly, slowly, diziam.* Aos poucos o aceitaram, surpresas: *Como vocês são organizados e preparados!*

Organismos internacionais, USAID, ONU, Médicos sem Fronteiras, colaboram com o Hospital da Caridade. O pavilhão recebe ajuda material da Europa, talvez para equilibrar a grande dívida decorrente da colonização. Poucos voluntários chegam dispostos a trabalhar. Não em grupos organizados, mas sozinhos. Enquanto os missionários lá estavam, havia um espanhol, uma francesa, uma inglesa e, quando essa foi embora, chegou uma libanesa.

Esforçando-se para se tornarem melhores servidores, os missionários fizeram votos no percurso daquela viagem. O voto de esquecer-se de si para se entregar ao máximo à necessidade do outro. O voto de certas renúncias, como a de horas de sono, para se dedicar à oração. O voto de nunca reclamar e ser grato por tudo o que recebe: o alimento, o tipo de alojamento, o banho frio, os transportes, eventualmente a pé. O voto da austeridade: o compromisso de restringir o consumo e reverter o economizado em doação para a obra das Sisters; por isso, viajaram de carro com lotação máxima, sem pernoite nem compra de alimento na estrada. O voto de obedecer àquilo que era definido e nada criticar, sequer mentalmente. O voto do silêncio, que o grupo se esforçava para cumprir.





Missionários levam crianças descapacitadas ao Zoo. Adis Abeba, Etiópia, 2013

4ª missão ADIS ABEBA 4 a 22 de fevereiro de 2013

Três meses após regressar ao Brasil, dezesseis missionários tomaram a mesma rota para a Etiópia. Levavam novas sementes de fraternidade para as altas terras de Adis Abeba, a 2 500 metros de altitude.

Além das atividades semelhantes às da primeira viagem, aprofundaram o convívio com os pacientes e as *Sisters*. Assim, elas lhes abriram novas oportunidades de ajudar o povo sofrido, levando-os para visitas domiciliares e para repartir alimento nas ruas. De outra vez, pediram-lhes para conduzir crianças com deficiências mentais e físicas ao zoológico. Foi uma festa empurrar cadeiras de rodas por ruas apinhadas, no meio do trânsito. No zoológico, uma única espécie animal: leões. De diversas populações, tinham variedades morfológicas no tamanho, na cor, na espessura da pelagem, na juba. Ao menos ali estavam a salvo de tiros da caça esportiva ilegal e legal dos chamados *big five* – leões, búfalos, elefantes, leopardos e rinocerontes – vivendo em reservas africanas de vida selvagem.

No dia anterior ao voo de volta, visitaram uma escola de crianças aidéticas, flagelo causado pela degeneração da energia sexual, que acomete milhões de jovens africanos. Os meninos os desafiaram a jogar uma partida de futebol e ganharam de goleada, quatro a um. Foi um sucesso! A interação abriu o campo para comemorarem, cantarem e orarem em vários idiomas.

Viajaram mais uma vez dois meses depois, desta vez em dez, para encerrar o trabalho na Etiópia e, em seguida, rumar para o Quênia, país fronteiriço ao sul.

Na Etiópia segue-se o calendário juliano, um pouco diferente do nosso, gregoriano. Assim, encontraram preparativos para festividades da Páscoa em andamento, evento já ocorrido na América do Sul. Portanto, além da mesma rotina anterior com internos, as *Sisters* lhes repassaram tarefas da celebração: lavar a igreja, montar o altar da missa campal e o da capela, entrar em vigília até meia-noite e estar presentes nas cerimônias.

Em época cuja maioria da Europa era politeísta, a Etiópia foi o segundo país a adotar a fé cristã no mundo, religião oficial da nação desde o século IV. Aí se deu a primeira grande emigração da história islâmica e o assentamento muçulmano mais antigo da África. Hoje, um terço dos habitantes segue princípios do islamismo e reza em direção à Meca, mas a maioria continua fiel ao cristianismo, apesar do cerco e de invasões de vizinhos hostis. Por viver em um mundo fechado, a Etiópia preservou antigos costumes cristãos pitorescos e curiosos em seus aspectos exteriores, que seguem práticas e rituais originais de um milênio e meio atrás sem perder a essência cristã.

No sábado de Páscoa, viram chegar um boi inteiro para ser desossado e retalhado a machadadas, um ritual estranho para o grupo vegetariano. A partir das 17h, a liturgia eucarística desenrolou-se entre fumaças de incenso e múltiplos ritmos musicais. Uma fogueira imensa foi acesa. Cânticos romperam os ares enquanto fiéis enfeitados com cores vivas seguiam em procissão até a adornadíssima igreja. Abanavam ramos de plantas, tilintavam sininhos.

A missa foi celebrada em amárico, idioma oficial do país cujo povo se expressa em noventa dialetos, sendo o inglês a língua estrangeira mais falada e estudada em escolas. A fé humana clamava, palpitava tanto quanto a chama do alto círio do altar.

Na maior parte da África, momentos considerados importantes são celebrados com músicas e danças. Assim, em seguida aos votos de *happy Easter, feliz Páscoa*, e ao lanche com pães de Páscoa, cristãos ardentes batiam palmas e davam passos tradicionais em volta da fogueira, ao som de



Casa para Necessitados, Doentes e Moribundos. Etiópia, 2012

percussões de variados tamanhos e registros, usados no continente como uma ligação transcendental positiva ou negativa. No cimo dos montes que abraçam a capital, brilhavam outras milhares de fogueiras, enquanto olhos imensos nos rostos negros e magros de santos estilizados das pinturas sacras contemplavam o Invisível.

Seguiram-se estampidos. Às três da manhã soaram tiros de canhão. Às seis, uma salva de vinte e um disparos anunciou a missa. Como a tradição é comer cabrito no domingo de Páscoa, três foram sacrificados. Esses animais moraram alguns dias bem na passagem dos missionários, que trocavam olhares compassivos com eles e lhes sussurravam palavras afetuosas. Por calçadas onde transitavam, pilhas de cabeças e carnes de cabrito expostas aos pedaços indicavam o futuro daqueles animais.

Com esforço, naquela semana os missionários se tornaram mais fortes e melhores seres humanos. Substituíram os funcionários no feriado da Sexta-feira Santa e no Domingo de Páscoa. Incumbidos de trocar dezenas de curativos de uma ala masculina, saíram empurrando o carrinho com o material pelo corredor, onde logo se formou uma longa fila. Lá é comum uma doença parecida com lepra, que degenera a pele até expor a carne viva. Havia pus pingando, o mau cheiro assim... forte... e ao tirar o curativo antigo, saia parte do tecido da pele.

Relembra uma missionária: Primeiro fui com cuidado, com jeito, e o paciente não teve paciência, puxou a faixa com um dedo quase caindo e limpou a ferida. No paciente seguinte, fiz como ele, mais ligeiro. Fomos perdendo o temor de agir. Era bastante, bastante difícil. Um com o pé necrosado, outro perdeu a orelha, outro, parte do nariz, outro, o olho... Trabalhávamos em dupla e revezávamos. Ora um trocava o curativo e o outro era o instrumentista para passar a gaze e o material, e vice-versa. A cada dois ou três curativos, íamos nos recuperar lá fora. Orávamos com fé para

sermos amparados pelos anjos. Era como pôr a cabeça fora d'água para encher o pulmão antes de mergulhar de novo nas chagas.

Os soldados da paz não desistiram da luta. E naquela Sexta-feira da Paixão, foram os mais beneficiados. Nos homens feridos encontraram mestres da fé. Terminados os curativos, souberam que na ala haveria uma Via Crúcis, que significa Caminho da Cruz. Ali, no final do mesmo corredor, foi aberta uma grande porta para a procissão passar até a igreja.

Clara relembra com emoção: Imaginei que na Via Crúcis estariam presentes as Sisters, alguns funcionários, um ou outro paciente. Que engano! Estava todo aquele povo em profundo sofrimento físico e interno, tanta dor que nem conseguimos calcular, os mesmos homens em quem tínhamos acabado de fazer curativos com cuidado. Eram muitos. O enfermo que aguentasse ia empurrando a cadeira de rodas do que não conseguia andar. A cada estação da Via Crúcis, eu olhava em volta. Em pleno sol do meio dia, pessoas mutiladas faziam preces com total devoção, ajoelhavam-se no cimento duro, tocavam a cabeça no solo. Eu comecei a chamar meus níveis superiores para virem ver aquilo. Chamei minha alma, meu espírito. Só conseguia pensar: este é o povo de Deus, aos pedaços.

Na terceira e última missão no país, fizeram visitas domiciliares com as *Sisters*. Iam dois ou três por becos estreitíssimos, entre esgotos a céu aberto, imundícies... O frio era intenso nas casas de pau a pique com paredes de saco de ráfia e cômodos divididos por uma cortina. Na moradia de uma mãe com dois filhos, o beliche em que dormiam fora quebrado pelos pulos infantis. As Missionárias da Caridade abriram ráfias de sacos de açúcar e forraram o cômodo para evitar a entrada do vento gélido. Cobriram o piso com plástico. Deixaram alimentos, medicamentos, um pouco de dinheiro, e a *Sister* chamou a atenção da menorzinha, que estava cabulando aula. Mas a vida ali não oferece perspectiva de melhora... é aquilo e só aquilo, precária, subumana, miseravelmente pobre.

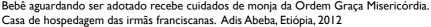
No percurso de volta, perguntaram a uma *Sister* porque havia tão poucos cães pelas ruas. Souberam. São usados como alimento por chineses que cuidam das autoestradas do país.

Antes de embarcar para Nairóbi, capital do Quênia, concluíram a pintura das grades dos jardins externos, organizaram depósitos e deixaram os ambientes usados durante sua estadia impecáveis. Despediram-se da vida etíope, a qual guarda preceitos bíblicos, de onde o povo extrai

bondade, hospitalidade devida aos estrangeiros e generosidade para com os pobres.

No ir e vir da hospedagem, antes de entrarem no pavilhão dos enfermos, os dez desaceleravam a marcha rápida. Com passos lentos, transpunham os jardins entre três portões a contemplar o esmero da grama aparada, a ordem, a vegetação semelhante à brasileira, com roseiras floridas, gerânios e trepadeiras.

No último dia, vinham alegres e, ao mesmo tempo, tristes por encerrar a troca profunda com os pacientes e as *Sisters*. Em um canteiro, aguardava-os um buquê de lírios brancos recém-abertos. Dez lírios. Pararam, quietos, diante do símbolo. Os dez pares de olhos tocaram as pétalas alvas, uniram-se às flores e, mais que nunca, amaram-se uns aos outros, amaram a vida. No fugaz instante vislumbraram a alma da nação. Além do caos e da dor, a alma pura, alva, inocente e virgem como lírios da Etiópia.





QUÊNIA

Vocês poderiam ser uma de nós

Nossas vidas são um campo de batalha no qual uma guerra contínua é travada entre as forças empenhadas em confirmar nossa humanidade e aquelas determinadas a suprimi-la; aquelas que se esforçam para construir uma parede protetora em volta da humanidade e aquelas que desejam demoli-la; aquelas que desejam moldá-la e aquelas decididas a derrubá-la; aquelas que aspiram a abrir nossos olhos, a fazer-nos ver a luz e olhar para o amanhã... e aquelas que desejam adormecer-nos fechando nossos olhos.

Ngũgĩ wa Thiong'o, escritor queniano

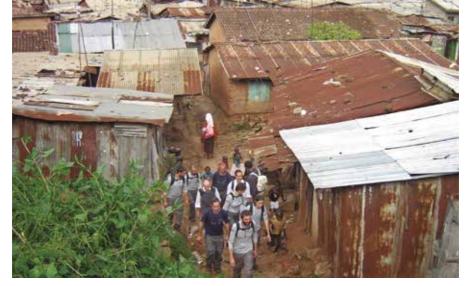
Da Etiópia os dez peregrinaram para a capital de clima ameno do Quênia. Sob domínio britânico, Nairóbi viveu tensões ferozes entre negros e brancos, entre a cultura africana e a europeia. A independência, em 1962, foi seguida de regimes autoritários, protestos, boicotes, violências.

À medida que se afastavam do aeroporto para insinuar-se pela periferia, desvaneceram-se a bela chegada, as autoestradas, os carrões. No decorrer de uma hora de táxi em trânsito caótico por vias de mão inglesa, invertida, outra realidade se apresentou. Ruas esburacadas, discussão no congestionamento de carroças, multidões andando a pé, lixo, bastante lixo espalhado e o comércio paralelo improvisado em barracas.

Desafortunado Quênia, o que aconteceu com a alma do seu povo? Mães são pressionadas a matar filhos que, nascidos deficientes devido à carência nutricional do povo, são considerados amaldiçoados, e as mães estariam sendo punidas por seus pecados.

Chegando enfim ao alojamento, constataram que ficava dentro de uma das maiores favelas de Nairóbi, com quatrocentos mil habitantes. Atravessando o favelão, iam e vinham do alojamento até a casa das *Sisters* toda manhã e toda tarde.

Ao longo da extensa rua havia minúsculas moradias com telhados de alumínio e barraquinhas sobre palafita. No comércio, esteiras pelas calçadas empilhadas de bugigangas, sofás e objetos grandes. O que fazem com aquilo durante a noite? Um alfaiate gira a roda da máquina de



Travessia diária de uma das maiores favelas da nação. Nairóbi, Quênia, 2013

costura, um barbeiro corta o cabelo de um cliente. Pessoas apressadas circulam entre automóveis, motocicletas buzinam; todos têm pressa e buscam qualquer fonte de sobrevivência. Falando alto, abraçam-se, dão gargalhadas estrondosas. As cenas espalhavam-se por ruas barulhentas

Branco lá é raridade. O grupo testou em vão a estratégia de passar rápido para ser menos percebido, mas crianças perambulando por todo canto corriam ao lado da fila divertindo-se *how are you, how are you, how are you?*

Um missionário recorda: Atravessávamos minipontes sobre esgoto a céu aberto. Cabritos eram levados para a morte. Ali se concentra o maior número de matadouros de caprinos. Pelo comércio, expõem carne não refrigerada. Vendem de tudo pelas calçadas imundas: roupa, material eletrônico, peixe seco, livros de arte, carvão, colares, tecidos, tudo assim, informal. No trajeto, havia um posto policial sem janelas nem portas instaladas.

Na Etiópia os peregrinos podiam voltar à noite sem riscos para o alojamento por estradas e avenidas. Já no Quênia era perigoso. Saíam da casa das *Sisters* no máximo até cinco da tarde, tomando cuidado com câmeras e celulares. Usavam uma tática: quem fosse filmar ficava no meio dos outros e agia rápido; daí as filmagens tremidas. No vai e volta diário, sempre no mesmo horário, aos poucos reconheciam comerciantes e transeuntes e acenavam entre si, amistosos.

No dia da chegada, a Irmã Superiora das Missionárias atrasou-se para o encontro de apresentação. Apareceu explicando: *Good morning*,





Cena urbana; missionários servem almoço. Quênia, Nairóbi, 2013

desculpem ter feito vocês esperarem, mas levava moradores da favela para conhecer a casa. Fomos assaltadas com armas aqui quatro vezes. Acham que temos bens. Quando chegam para nos visitar, vêm que não temos nada. Então lhes mostramos o trabalho e nossas condições. A maioria chora quando vê o que acontece dentro dos muros da Casa das Missionárias.

Depois, sem demora, ela os acolheu com entusiasmo. Ficou especialmente alegre ao saber que participariam da consagração de oito noviças – ali é um centro de formação delas – marcada para o dia anterior à partida do grupo. Logo foram encaminhados para a missa em suaíli, idioma de dezenas de milhares de pessoas. Encantaram-se com a visão de cem jovens devotas de sáris brancos ajoelhadas lado a lado.

Os Fathers – Padres, quinto ramo da congregação criada por Madre Teresa, dedicam-se à formação de sacerdotes e assistem pobres. Os missionários foram ajudá-los a servir almoço para cento e oitenta jovens e adultos, todos homens, em uma favela maior que aquela onde se hospedavam. Muitos nascem, vivem e morrem pelas calçadas, sem jamais conhecer outra condição. Antes de ser-lhes oferecida a refeição, leu-se uma passagem do Evangelho, fez-se um comentário e entoaram-se cânticos.

As Sisters pedem, os missionários agem. Ricardo detalha: Fomos sem ideias preconcebidas, prontos para o que surgisse. Assim, lançaram-nos numa amplitude de tarefas, desde dar mamadeira a recém-nascidos até um animado trabalho com cortes de lenha. Nesse meio tempo, pinturas, consertos sem ferramentas... vinha de tudo, cadeiras de rodas, portas, janelas; ia acontecendo. Chegamos a restaurar a escultura de uma santa. Na cozinha, passamos manhãs descascando batatas, cortando repolho e, aos sábados, nos encarregavam dos "mandazi", uma espécie de bolinho de chuva típico – preparar a massa, fritar, depois distribuir. Ali tivemos uma prova árdua: passamos dois dias picando cabritos.

Parecia que os missionários conviviam com as *Sisters* há anos... Foram surpreendidos por uma nova proposta: *Sabe... três dias por ano conseguimos fazer um piquenique. Vamos aproveitar vocês aqui e a chegada da Irmã responsável geral pela África*. Elas subiram cedinho no ônibus e acenaram: *Cuidem da nossa casa!* Deixaram-lhes as chaves, os internos, tudo.

Afinal, chegou o dia em que as oito noviças seriam consagradas. As *Sisters* são um exemplo de dedicação sem medida. Vestiram as pacientes, mulher por mulher, com as melhores roupas, enfeitando cada uma com colares. Os missionários se responsabilizaram pelo transporte dos oitenta internos. O ônibus transbordava. Crianças, adultos, idosos e mais eles, encaixados um ao outro. Ao chegar, os dez acomodaram todos na igreja cheíssima; pessoas saiam pelas portas, cadeiras passavam por janelas.

No país de maioria católica, chegava um caudal de gente para o evento. Na igreja entravam as belas e adornadas mamãs africanas, os padres, o bispo, e a Madre Superiora Geral da Ordem, uma europeia que ocupa o lugar de Madre Teresa de Calcutá.

Suaílis com corações em fogo celebraram por três horas entremeadas pelo canto límpido das cem noviças. O ardor queimava as almas. Na hora do Ofertório, os missionários foram convidados a participar. A certa altura, o bispo abençoou os crucifixos de trinta centímetros, que a Madre Superiora colocou no cordão da cintura de cada consagrada. Tudo sob o clamor de Alelu-uuii-ias.

Partiram no dia seguinte. A construção da confiança entre as Irmãs e eles se firmara a ponto delas lhes permitirem tirar fotos ao explicarem que queriam mostrar o trabalho em Figueira. Como as Irmãs desejavam

saber mais sobre a comunidade onde os missionários habitam, combinaram apresentar-lhes um vídeo. Elas lhes avisaram que algumas *Sisters* e os internos – crianças e adultos, assistiriam à apresentação. Encabulados, dois missionários comentaram entre si: *Mas são deficientes mentais... O que vamos falar para eles?*

Estavam para receber mais uma preciosa lição de amor. Elas nunca reservam um momento só para si deixando os pacientes alheios. Generosas, vivem para eles e lhes destinam o melhor e o mais belo.

As crianças riam com a fotografia do ônibus: *Bus, bus, bus.* As *Sisters* se identificaram com a oca indígena, espaço de vigília da Figueira, entre eucaliptos, pois há construções semelhantes no Quênia. Diziam: *Vocês moram no paraíso!* Ao final, a Irmã Superiora pediu: *Digam a seus superiores que estamos gratas por estarem aqui e nos apresentarem tudo isso.*

Foi instrutivo para os missionários crescerem em gratidão ao comparar a miséria de lá, onde mal se tem uma banana, uma laranja, com a abundância paradisíaca de pomares repletos de frutas. Diante das casas pequeninas de Nairóbi, até se constrangeram ao mostrar-lhes fotos de construções imensas da comunidade.

As *Sisters* trabalham em silêncio, sempre carinhosas e atentas. Falam apenas o necessário entre si. Afirmam que o exemplo é o melhor depoimento, ensina a atitude correta numa vida de trabalho e de oração. Entre uma conversa e outra com Irmãs Contemplativas da Ordem, um dos dez comentou sobre a humildade e simplicidade delas, ao que responderam: *Vamos orar para este elogio não ser motivo de orgulho para nós*. O comentário os comoveu.

Constata uma missionária: As Sisters admiraram a predominância de seres masculinos no grupo e o fato de eles fazerem tão bem qualquer trabalho de casa: limpar, lavar, cozinhar. Os meninos as tocaram demais. No final, elas lhes disseram: "Vocês poderiam ser uma de nós, não é?".







RUANDA

África externa e África interna

Os números brutos de assassinatos, torturas e estupros que varreram nosso país na primavera de 1994 não seriam possíveis se o ódio étnico não tivesse se escondido no coração do povo. Doze anos antes, em Kibeho, 20 mil pessoas consternadas ouviram uma visionária chorar e tremer diante da visão grotesca de destruição, tortura e carnificina humana que a Virgem Maria profetizava e desvelava diante dela: "Eu vejo um rio de sangue!" Imaculée Ilibagiza, escritora ruandesa

Na quarta e última missão ao continente africano, os missionários se confraternizariam com três nações marcadas pelo sofrimento, pela indignação e pela conquista: Ruanda, Uganda e República Democrática do Congo. Convocada em um dia, no dia seguinte fora definido o grupo de catorze missionários. Em um mês obtiveram, por meio de doações, os recursos para as despesas do deslocamento, dos trâmites administrativos, pedido de passaportes, obtenção de vistos.

Receberam informações via Skype na véspera da viagem: Vários perguntam: "Para que ir à África?" Para ir ao encontro da história da humanidade. Para tocar com os pés um solo sofrido. Para chegar a espaços da consciência planetária aos quais o amor e a misericórdia fazem falta. Ali os missionários plantarão uma semente que crescerá no espírito das nações e gerará méritos para que os que sofrem injustamente recebam uma oportunidade de redenção.

No aeroporto surgiu a primeira prova. Uma funcionária deu a entender que um dos missionários não poderia embarcar devido a um erro de digitação em um visto. Criou-se uma breve tensão, porque 80% do grupo havia feito *check in*. Ricardo foi irredutível. Afirmou que, se o jovem não fosse, ninguém iria, e pediu para desembarcarem as bagagens. Em resposta ao impasse, o grupo permaneceu à distância, em silêncio, e iniciou forte movimento de oração interna e entrega do obstáculo ao Alto. Em poucos minutos, o embarque foi autorizado. As instruções recebidas por anos em palestras na comunidade foram colocadas em prática: *A unidade é a verdade que constrói pontes para o infinito*.

Após dezenove horas entre voos e uma escala, consciências regidas pela paz desceram suavemente em Kigali, capital de Ruanda. Adiantaram o relógio em cinco horas devido ao fuso horário e puseram mãos à obra: encaminharam-se para prestar atendimento a párias abandonados pela sociedade.

Em vista do sangrento genocídio de 1994, os missionários se surpreenderam com a capacidade do país com cerca de doze milhões de habitantes superar o passado e se recuperar socialmente. Por onde circularam, a cidade está reconstruída, limpa, é calma, silenciosa. Os cidadãos, incluindo o presidente, participam de mutirões mensais de limpeza de bairros e estradas. Ruanda, nação das mais antigas do planeta, é provavelmente a mais limpa da África.

Hospedaram-se em um hotel simples, mas com ambientes ordenados e funcionários educados, prontos para atender necessidades, até mesmo de alimentação vegetariana. Cedinho no outro dia, enquanto se encaminhavam para a casa das Missionárias da Caridade, entraram na Igreja Sagrada Família, templo onde, à época do extermínio, foram assassinadas mais de duas mil pessoas, inclusive o padre belga.

Sem saber ou planejar, haviam chegado a Kigali na exata semana do luto pela guerra entre milícias étnicas hutus e tutsis. Na pavorosa noite de 7 de abril de 1994, tiveram início os cem dias do genocídio de cerca de oitocentas mil pessoas. Um padre conseguiu contar-lhes – pois quem presenciou a barbárie evita falar sobre o assunto – que, a certa altura, pensava que os demônios haviam saído do inferno para circular pelas ruas da cidade.

Após tantos erros cometidos, no ano 2 000 a divisão tribal em Ruanda terminou, e seus habitantes passaram a se considerar ruandeses, não mais hutus ou tutsis. Hoje é ilegal falar-se sobre etnias. O governo diz que a proibição evita derramamento de sangue. Uns acreditam que o ódio voltará a ferver. Já outros, que o veto simboliza a esperança dos grupos étnicos se reconciliarem, a possibilidade de se perdoarem. Um dos missionários perguntou ao chofer que os conduzia se ele era hutu ou tutsi. O senhor se calou um instante antes de responder: *Nem um, nem outro, eu sou ruandês*.

O francês, idioma dos colonizadores, foi abolido. O inglês, adotado como a segunda língua oficial depois do kinyarwanda, é falado por quase toda a população. Como 70% dos sobreviventes eram mulheres, elas tiveram



Nossa Senhora das Dores, Kibeho, Ruanda

de buscar sustento fora de casa, foram encorajadas a assumir lideranças nas comunidades. Assim, Ruanda tornou-se a primeira nação mundial a eleger um Parlamento com maioria feminina. Em consequência, lidera avanços na África nos setores de saúde, educação, igualdade de gênero. O pequeno país é considerado o primeiro, no mundo, a abolir sacos plásticos – até os biodegradáveis, que levam dois anos para se decomporem. Um dos piores inimigos do meio ambiente, da vida marinha e da terrestre, são proibidos por lei desde 2008.

Ali, não apenas a vida material, mas corpos enfermos e espíritos sedentos por evoluir a planos mais elevados de consciência estão em processo de restauração. Do Brasil, o grupo recebeu uma nova mensagem: A história marcou ruas e estradas de Ruanda. Que o amor materno e os anjos de Deus liberem as almas presas. Queridos filhos, unam-se a esses anjos.

Após visitar a igreja, apresentaram-se às *Sisters*. Acolhidos com a alegria usual, doaram-se por três dias ao exercício do serviço abnegado: lavar roupas, limpar ambientes, participar da recreação, do preparo de alimentos e de cuidados para com setenta internos idosos, crianças e deficientes. Quatro missionários acompanharam duas Irmãs até uma região rural. Subiram e desceram morros fazendo contatos com campesinos.



Visita ao Santuário Mariano, Kibeho, Ruanda, abril de 2015

Como as *Sisters* fechavam a casa às 11h30, decidiram passar as tardes no hotel para iniciar a pauta de oração solicitada ao saírem do Brasil. Os momentos de introspecção lhes davam força interior para transcender desafios. Em dado ponto das três semanas de viagem, perceberam ter aberto e consolidado um canal orante por meio do qual fluíam as energias superiores que verdadeiramente guiam as missões.

De Kigali, prosseguiram. Mas antes de percorrer os 162 km da estrada poeirenta de terra ocre até o povoado de Kibeho, fizeram duas visitas. Uma, ao Memorial do Genocídio. Outra, ao hotel cinco estrelas Des Milles Collines, cenário do filme Hotel Ruanda onde, por semanas, seu gerente abrigou tutsis. Ele mesmo era um hutu casado com uma tutsi. Conseguiu salvar sua família e quinhentos deles antes de o prédio ser invadido. Outros mil e duzentos foram caçados e assassinados com facão nas escadarias, nos corredores e na piscina.

Denis, o chofer e guia ruandês dos missionários, e sua esposa, percorreram o hotel com eles. Shen relembra: *Encerramos o encontro com o casal conduzindo uma prece, um pedido de perdão por tudo de terrível ali ocorrido*.

Cenas pitorescas corriam ao longo da estrada no percurso de quatro horas entre colinas e vales até Kibeho. Ao chegarem, foram recebidos por uma chuva breve e delicada, como acontecera em Kigali. A partir daí, notaram que durante aquela viagem à África, ao entrar ou sair de cada cidade, os céus os recepcionavam ou se despediam com chuviscos ou trombas-d'água, a depender do serviço sendo realizado.

Abraçado pelo silêncio e pela vibração energética da casa de retiros do Santuário Mariano de Kibeho, o grupo entregou seu canal orante para a cura espiritual da nação. Ao apagarem-se as luzes do centro mariano, desligadas após 20h, os missionários se encaminhavam para uma vigília noturna na capela. Andavam vagarosamente contatando o vasto manto escuro estrelado, imaginando mundos evoluídos entre minifocos de luz azulada, que viajam milhões de anos, milhões de quilômetros, vindos de divinas galáxias em espiral.

No dia seguinte, um padre os levou para conhecer o dormitório das três videntes para quem primeiro apareceu a Virgem de Kibeho enviando mensagens proféticas tanto para o ruandês quanto para a humanidade. Antes de prosseguir o roteiro, aguardaram a passagem da chuva tropical. O padre, fazendo alusão à chegada do grupo, ponderou: *Assim chove cada vez que o Santuário recebe uma graça*.

Desceram uma colina até as três fontes de água curadora que a Virgem Maria fez brotar na época das aparições, uma dedicada a cada vidente. Beberam da água abençoada e molharam-se fartamente. Ainda foram visitar a igreja onde, no conflito, tutsis ingenuamente se refugiaram, acreditando que seriam poupados. Dentro dela foram assassinados cinco mil de uma só vez, entre granadas e incêndios.

Ao final, o sacerdote os convidou para participar do costume de séculos de Ruanda, o *Igitaramo*. Terminado o jantar, as famílias reúnem-se em torno de uma fogueira comunitária, cantam, dançam, dão notícias de outras aldeias, contam histórias antigas, resolvem disputas. Hoje, a reunião passou a ser valorizada país afora como forma de reconciliar corações. Grande era a alegria no encontro, que promovia fortalecimento mútuo e a união de consciências americanas e africanas.

Os catorze sabiam. Sendo os vastos mundos denso e sutil inseparáveis, enquanto a África e a América exterior trocavam aprendizagens concretas, carmas antigos iam sendo pagos e feridas interiores eram curadas.

UGANDA

Servir e amar

Deixamos Kampala. ...a bagunça do desenvolvimento semiurbano tinha destruído a natureza da terra e quase destruído os sistemas da comunidade. ...uma estrada de pó vermelho: a velha Uganda de novo, a mata verde agindo como tela; uma surpresa o que existe no final dessas estradas notáveis. A Máscara da África, de V. S. Naipaul

Inimaginável o que encontrariam ao aterrissar em Entebe após dez horas de viagem com escala no confuso aeroporto de Adis Abeba. À medida que o avião descia, viram o lençol d'água do magnífico Lago Vitória, o maior da África, pontilhado de ilhas verdes. A visão da nascente do Nilo Branco, que segue jornada rumo norte até desembocar no Mediterrâneo, permitiu-lhes imaginar uma cidade verdejante. Enganaram-se.

O trajeto de 34 km até Kampala, capital onde prestariam serviço, demorou quase três horas em razão do congestionamento no trânsito. Passados os antigos prédios administrativos da Entebe colonial, os morros até a capital são cobertos por construções frágeis com telhados brilhantes de zinco e paredes pintadas com anúncios.

Por todo lado circulam os *boda-boda*, bicicletas e motocicletas que oferecem rápidas e baratas corridas de garupa por pequena quantia. De imediato se depararam com a sujeira, a carência de recursos básicos, o caos, a extrema pobreza. Triste de se ver, pois, há cento e cinquenta anos, a higiene e a ordem dos ugandenses foram admiradas por historiadores.

Lutas religiosas e uma guerra de seis anos no final do século XIX entre duas religiões internacionais, islamismo e cristianismo, fizeram crescer a anarquia e a decadência da sociedade ugandense. Hoje, em Kampala, vê-se o que é comum em cidades do continente: mesquitas no alto de morros, centenas de igrejas pentecostais e católicas, seguidores da religião tradicional africana com seus mitos, amuletos e deuses entrelaçados ao vodu.

Governada e explorada como colônia britânica por cento e sessenta anos, após ganhar a independência em 1962, Uganda vem sendo marcada por

governos corruptos e ferozes, conflitos, guerra civil, derramamento de sangue, deslocamento de um milhão e meio de pessoas no Norte, epidemia de pessoas vivendo com HIV. Entretanto, há séculos ali floresceu uma civilização ordenada regida por dezenas de gerações de famílias reais, reis, rainhas, príncipes, cortes, palácios.

Ainda há descendentes desse reinado central e perduram reinados tribais menores no interior do país. Por não terem inventado a escrita e contarem apenas com a memória oral, faltam informações. Todavia, há relatos de viagem de visitantes europeus. O povo era exímio construtor de frotas de barcos para navegação no Lago Vitória, de majestosas cabanas de palha que toleram pesadas tempestades tropicais sem vazar e de estradas tão retas quanto as dos romanos, mesmo não conhecendo a roda.

O rapaz ugandense Godofredo, que no aeroporto se apresentou com um micro-ônibus para ser o guia do grupo, ansiava programar maravilhosos passeios turísticos. Falava sem parar. Eles, fatigados, queriam silêncio.

Ao descer do veículo, ainda foram recepcionados pela polícia local, que revistou cada mochila. No hotel descobriram que haviam sido reservados quartos com cama de casal. Consternação geral! A custo conseguiram reverter a situação, até finalmente as acomodações serem trocadas.

A cena não parou por aí. Imperava a densa atmosfera de festejos, com um casamento sendo comemorado naquela noite! Pessoas circulavam por todos os lados, o restaurante estava lotado de homens bebendo, assistindo ao futebol, gargalhando. Havia cheiros fortíssimos no ar, batuques ferozes madrugada adentro... Haja oração para virar a noite selvagem! Na manhã seguinte, tendo os funcionários trabalhado até o adiantado da hora, nenhum apareceu para servir o desjejum. A cada passo, restos da festa.

A alimentação era diferente, o ar, a energia. Tudo tão incomum que passavam por altos e baixos. O que os mantinha animados era cerrar os olhos e se voltarem para o Eu Superior.

Dois missionários apresentavam sintomas de gripe. Esgotados, ficaram no hotel tentando restabelecer-se. Os outros andaram trinta minutos até a casa das Missionárias de Caridade. Recebidos pela Irmã Superiora, uma portuguesa, a alegria foi geral quando ela lhes indicou uma hospedagem próxima chamada Foyer de Charité, uma comunidade católica sustentada por laicos consagrados, que recebe religiosos para cursos e retiros.



Kampala, Uganda, abril de 2015

De volta para o *check out* no hotel, assistiram a uma discussão tribal – gerente *versus* guia falante – sobre o custo reduzido da diária a pagar, porque se hospedariam por toda a semana. O caloroso debate não permitia que os dois escutassem um missionário: *Pagaremos a tarifa sem desconto. Por favor, deixem-nos sair em paz!* Assistindo ao melodrama, observavam o quanto ambos eram bem adestrados naquele tipo de encenação, comum no país. Por fim, conseguiram ser escutados e liberados.

Mais tarde receberam a mensagem alentadora: Estejam prontos para penetrar a realidade interna de Uganda, que está submetida pela deterioração causada pela doença e pela fome que os menores e inocentes enfrentam. Filhos missionários, a presença de vocês em Uganda marcará um antes e um depois para a vida das almas às quais servirão e amarão como nunca amaram. Porque, atrás de toda miséria, encontra-se o brilho mais sagrado que o Pai Celestial depositou em cada coração.

Hospedaram-se no bairro pobre onde se concentram congregações católicas. Ali, há cem anos, um rei mandou torturar e queimar em fogueira os primeiros a pregar o cristianismo em Uganda. O martírio é mostrado

em vitrais, quadros, livros. Conta-se que nenhum dos quarenta e cinco mártires da fé gemeu nem parou de rezar durante a execução.

Notaram a casa das Missionárias da Caridade de Kampala diferente das demais que haviam conhecido já que as Irmãs, normalmente alegres, mostravam-se reservadas. As atividades diárias eram as mesmas das anteriores, mas coordenadas por funcionários e, por vezes, os próprios internos, cerca de cinquenta.

Encontraram mais outra situação dolorosa. As *Sisters* contratam profissionais do Congo: administradores de empresa, professores, uma bióloga para trabalhar com as crianças. Dão-lhes alimento e ajuda de custo; alguns moram no bairro, outros na periferia. Ao saber que os recém-chegados eram brasileiros, acendeu-se neles o desejo de viver o sonho profissional em um país em franco desenvolvimento. Haviam-se iludido ao buscarem melhores condições de vida em Uganda e estavam quase desesperados para sair dali.

Certa manhã, os missionários sopraram uma brisa de vida na casa. Levaram todos para o pátio e começaram a cantar em diversos idiomas, dançar em roda, brincar até verem olhos faiscando. Gotas de amor se depositavam nas infelizes criaturas.

Ao ali retornarem no dia seguinte, perceberam que um peso fora liberado, a atmosfera estava mais suave.

Já no Foyer de Charité havia palmeiras e uma capela junto a um vasto gramado verde. O padre pediu-lhes que conduzissem o rosário diário das 18h, orando a Ave-Maria em idiomas africanos aprendidos pelos países onde haviam passado. Representantes da América do Sul se somaram a ugandeses para orar em amárico, suahili, kiniarwanda, zulu e luganda. Naqueles fins de tarde, a fé era tanta que ondas de amor se derramavam na consciência do país que perambula sem saber aonde chegar.

No meio da madrugada, ao entrarem no aeroporto de Entebe a caminho do Congo, despencou a tromba-d'água de despedida, breve, poderosa.

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO Les Catorze

A justiça é responsabilidade de todos. Denis Mukwege, médico congolês ganhador do prêmio Nobel

Desceram do avião sob nuvens baixas de chumbo para enfrentar um mundo enlouquecido que logo se apresentou no aeroporto de Kinshasa. Filas! Filas para lá, para cá, os missionários perdidos sem saber qual seguir. Todos gritavam, o mundo berrava em dialetos ou francês. Tentavam em vão desembarcar em meio a trâmites com passaportes, vistorias, transtornos... vozerio em torno. Lá fora, trovões retumbantes e chuva torrencial.

Um agente da Polícia Federal os impedia de passar devido a um dos vistos. O missionário Luiz conversava com ele em francês, quando o agente trocou o idioma oficial do país pelo quicongo, língua de uma das duzentas etnias da República Democrática do Congo. Ironizava e ria do missionário. Gargalhava em crescendo. Pessoas próximas se divertiam. Luiz sem entender o porquê. Não havia motivo, nenhuma graça, nada de irregular. Calou-se, em paz, e se pôs a orar mentalmente observando a cena inusitada.

Súbito ouviu uma voz feminina chamar: *Luiz!* Ele não conhecia ninguém no Congo... *Meu nome é Josie, vim ajudar vocês*. A senhora deu uma ordem: *Deixem-nos passar, são "Les Catorze"*. Usava a linguagem correta, e todos ficaram subitamente corteses. Ela fez tudo. Entre aqui, faça isso, aquilo... Conversava com as autoridades. E pronto, mal olharam a bagagem do grupo.

Desse fato em diante, eram denominados como *Les Catorze*. O padre do Foyer de Charité de Uganda não apenas lhes reservara a hospedagem em Kinshasa quanto, ciente da confusa entrada de estrangeiros no Congo, pedira a intercessão de Josie, que também os acompanhou na hora da saída.



Caos no trânsito. Kinshasa, República Democrática do Congo, 2015

Difícil imaginar uma nação mais caótica do que Uganda. Conheceram o Congo, uma terra de miseráveis ou de raros arquimilionários. O país perdeu a paz interior, a moral, os valores. Isso se reflete nas ruas estonteantes, no trânsito infernal em que passageiros andam com meio corpo para fora de veículos que levam o dobro da lotação máxima permitida. Por vezes, passam automóveis de último tipo. Invariavelmente todos com a lataria amassada. Cada um dirige como quer, na mão ou na contramão.

O chofer que os levava do aeroporto para a hospedagem lhes avisou que estavam no meio de protestos, de uma manifestação no retorno de um enterro coletivo de vítimas da situação política. *Les Catorze* sentiam-se emaranhados a uma calamidade louca, impressão que não se alterou nos dias seguintes.

Graças ao padre de Uganda, hospedaram-se no austero *Centrum Terezia-num*. Silencioso e simples, tinha o jardim primoroso. O alimento, servido com carinho pela equipe da cozinha e por religiosos, era frugal, mesmo sendo pago. Não havia fartura. Em uma refeição chegaram quatro bananas para serem divididas entre *Les Catorze*, a quem diariamente era servido arroz, angu, banana verde e um cozido com folhas da mandioca. Fruta, por vezes uma para cada um, e só. No percurso pela África, os missionários se alimentavam do que lhes era oferecido. Compravam um único item, água engarrafada, seguindo orientação das *Sisters*, que diziam ter criado anticorpos e, por isso, tomarem água não filtrada.

Naquele monastério carmelita masculino, pararam para contemplar um *banner* enorme de Teresa de Ávila. Repousaram as fadigas nas mãos suaves dela, que continua a trabalhar, de outros planos, em favor da humanidade, e também em tarefas cósmicas.

O calor tropical de Kinshasa é feroz, úmido. A altitude baixa próxima à Linha do Equador faz arder uma luz mortiça que, no horizonte esfumaçado, se mistura à silhueta da capital com dez milhões de habitantes, embalada pelo bramir dos tambores.

Geração após geração, o congolês sofre injustiças e ameaças. Ao longo de mais de três séculos esteve entre os mais de onze milhões de homens, mulheres e crianças trazidos à força para as Américas como escravos, a fim de suprirem a mão de obra do continente.

Além desses, incontáveis sucumbiram durante longas marchas forçadas por compatriotas negros que os capturavam para comercializá-los no litoral. Os sobreviventes eram vendidos a comerciantes europeus. Representantes de várias etnias eram amontoados em porões minúsculos e malcheirosos de navios negreiros, onde viajavam presos por correntes.

O Brasil recebeu cerca de 46% deles e foi a última nação a abolir a escravidão mercantil com a Lei Áurea de 1888.

Abolida a escravidão oficial, o congolês em ruínas veio a sofrer as mais absurdas brutalidades quando o riquíssimo território se tornou propriedade particular de um rei da Bélgica e posteriormente colônia desse país.

Tornado independente em 1960, a República Democrática do Congo continua em mãos de ditadores, rebeldes e estrangeiros. Em quase vinte anos do mais sangrento conflito civil mundial desde a Segunda Guerra, seis milhões de congoleses foram mortos ou desapareceram em confrontos. Cidadãos, ao tentarem fugir, são assassinados nas fronteiras, situação comum em regimes autoritários, que os prendem dentro das próprias nações.

O genocídio em Ruanda, com dois milhões de fugitivos atravessando, perdendo-se ou morrendo de cólera em florestas tropicais congolesas obscuras, teve implicações diretas no desequilíbrio local.

Dados estatísticos afirmam que o Congo é o segundo país mais pobre do mundo, e sua área, a segunda maior da África. É considerado o segundo

em biodiversidade, atrás apenas do Brasil, mas suas riquezas minerais e vegetais são contrabandeadas ou financiam milícias de adolescentes adestrados para ser horrendamente cruéis.

Os filhos da terra nascem explorados pela prostituição e pelo trabalho pesado em minas. Além disso, rebeldes lhes confiscam parte da produção agrícola. A milícia hutu ruandesa, foragida após o genocídio de 1994, continua presente na zona fronteiriça, onde se uniu a um grupo local para semear terror entre a população civil na região rica em minérios e recursos naturais.

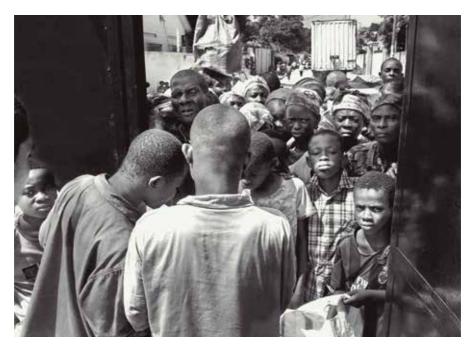
Afetado por séculos de injustiça e maldades, o povo perdeu a esperança e só tenta sobreviver. Tornou-se incrédulo, espiritualmente pobre.

Quase no fim da viagem, a síndrome gripal se alastrara pelo grupo. Em jornada tripla de trabalho, à noite Imer efetuava procedimentos para propiciar melhor sono aos adoecidos. Usavam papel higiênico para assoar o nariz, e os rolos sumiram de repente. Ao tentarem saber o porquê do sumiço, um frade os advertiu: Por favor, não façam isso. Vou trazer outro papel para vocês. Aqui, cada rolo custa dez dólares, não se fabrica nada, tudo é importado, caríssimo.

No dia seguinte à chegada, *Les Catorze* se apertaram na van, que comportava nove, e seguiram para as apresentações de praxe. O trajeto tornou-se uma aventura diária. Todos buzinam ao mesmo tempo. Há automóveis com a direção do lado direito, outros com a direção do lado esquerdo... vias com mão invertida, outras não!

O padre dirigia com uma mão no volante, a outra na buzina. Só pisava no freio na hora de desligar o veículo. Das janelas, assistiam a aves beliscando o lixo, que lhes provoca caroços desfigurantes na testa e em torno dos bicos. Os moradores apelidaram a cidade de *poubelle*, ou seja: cesto de lixo. Há esgoto a céu aberto, lama podre, odor pesado, comércio pelas calçadas, multidões ruidosas no meio de tudo aquilo.

Em Kinshasa há duas casas das Missionárias da Caridade, uma masculina, outra feminina. A primeira passava por uma reforma há meses e por isso tinha ambientes lotados de crianças, adolescentes e homens. A feminina era o contraponto de tudo visto até então. Foi a mais limpa e organizada que conheceram na África, com meninas e adolescentes aprendendo



Busca de doações. Kinshasa, Congo, 2015

diversos ofícios, tais como costura e artesanatos. Um primor! Les Catorze se subdividiram em dois grupos. Sobre a casa feminina, Clara comenta: Nós cantávamos, levávamos as crianças para lá, para cá, pegávamos os pequenos no colo, embalávamos, empurrávamos cadeiras de roda, as crianças sorrindo. Era uma festa!

Na segunda casa fizeram curativos em chagas impressionantes, que deformam totalmente os membros. As Irmãs lhes pediram para improvisar uma capela e tocar na missa comemorativa do dia internacional de São José Operário. Terminada a cerimônia, passaram o restante da manhã compartilhando jogos e brincadeiras e ajudaram a distribuir a galinhada servida no almoço. Depois, mãos à obra para deixar tudo limpo.

Como, em uma semana, criaram vínculos tão profundos? Na manhã da partida, foram despedir-se das meninas, que lhes ofertaram raminhos de flores. A Irmã Superiora agradeceu. *Les Catorze* haviam aliviado o sofrimento do dia a dia da casa pela presença carinhosa, a disposição para trabalhar e os cuidados no uso de aventais e luvas. Ela falou sobre a revolução de amor, que eles tinham deixado o sol aceso nas almas.

Na casa masculina, os garotos pararam de assistir a um filme e desceram correndo para abraçá-los. A *Sister* responsável contou que perguntavam por eles de cinco em cinco minutos. Como se tratava de fim da viagem, *Les Catorze* deixaram doações de roupas e alimentos recolhidos do próprio grupo, mais ajuda financeira.

Os padres da casa de hospedagem ressaltaram o ritmo orante, a disciplina, o silêncio, o serviço incondicional, e os abençoaram.

Rindo, Shen rememora a última lembrança: Foi longa a manhã de despedidas, o entra e sai da van, a tensão provocada por enfrentamentos intrépidos de nosso chofer, o padre indomável andando na contramão em via expressa. Detalhe: ele aprendeu a cantar mantras de proteção que fazíamos pelo trajeto. Nós, exaustos, apertados na van, sufocados pela sensação térmica de 40°, só queríamos tomar um bom banho antes de almoçar, arrumar as malas, dar início à última pauta de oração pela África.

Com um sorriso largo, ela conta detalhes: Surpresa geral! Estávamos sem água e sem previsão de quando retornaria! Era o ápice da trajetória... Ninguém reclamou. Os mais resolvidos encheram baldes na lavanderia e garantiram um banho de caneca... A cena inusitada tornou-se cômica. Para completar o quadro, tivemos de liberar imediatamente os quartos, porque outro grupo estava chegando. Antes de ir para o aeroporto no início da noite, a água ainda não havia voltado. Sem outra saída, os menos despojados decidiram aliviar o calor com banhos de caneca. E os resolvidos repetiram o batizado africano de despedida.

Les Catorze conseguiram! Um alento atravessara o coração da África. Um ciclo cumpria-se. Encerrava-se o serviço anônimo de repercussões transcendentais, cuja memória nutre corações secos e empobrecidos. Quantos filhos daquela terra imploram ajuda ao Amor Maternal, acima das ações perversas dos homens? O acontecimento ardente abriu canais sutis e permitiu que Anjos do Senhor continuem a derramar paz nas entranhas do continente.

Receberam a última mensagem do Brasil: A missão de paz em três nações africanas foi uma vitória da Luz. Quantas dores foram aliviadas pelo poder da caridade! Quantas almas encontraram cura espiritual! Quantas Graças derramadas em corações esquecidos e submetidos. Quantos sorrisos brotaram de seres internos dos missionários!



Retrato de despedida. Kinshasa, República Democrática do Congo, 2015

O grupo aprendia a arte sutil de deslizar através do caos, da fome, do ódio, de corpos atormentados. Desenvolvia a pura expressão artística: construir esferas resplandecentes em meio às trevas. De seus poros escapa a delicadeza dos que semeiam luz em solos sofridos. Lentamente, os africanos colhem os frutos.

Fecharam as portas de par em par antes de cruzar o oceano de volta ao Brasil. De Kinshasa direto para a comunidade Figueira em Carmo da Cacheira, no sul de Minas Gerais. Sem trégua e com ardor, prosseguiriam trabalhando pela regeneração da consciência humana.



Pintura do mural da paz em escritório da ASAM. Ancara, Turquia, fevereiro de 2016

MISSÃO TURQUIA

Só o amor pode curar a dor

Algumas pessoas têm olhos no coração. Elas enxergam o mundo através desses olhos. Que Deus sempre as guie em direção a pessoas bondosas. Filme turco: Mucize, de Mahsun Kirmizigűl

Sempre avante, os missionários da Fraternidade lançaram-se com entusiasmo à nova jornada de ação humanitária. Deram um imediato sim à indicação para, desta vez, cooperar para a paz de refugiados árabes abrigados na Turquia. Levariam o poder do amor mútuo a sete cidades.

O país euro-asiático ocupa a península da Ásia Menor, ou Anatólia, que significa terras do nascer do sol. Banhado por quatro mares, é ponte entre Ásia e Europa. Diversas vezes mudou de nome e de dimensão geográfica. Desde o Período Neolítico, recebe levas migratórias nos planaltos semiáridos coroados por colinas e montanhas, e nas tiras costeiras, hoje densamente povoadas. Tribos, reinados e impérios traçaram a história, o caráter e o espírito da nação.

Atualmente hospeda milhões de vizinhos; tem mais migrantes do que qualquer outra nação. Vivem sob o regime de baixa proteção temporária, pois a Turquia confere status oficial de refugiado apenas a quem provém do continente europeu, apesar de novas leis permitirem que sírios solicitem carteira de trabalho.

Catorze dos mais experientes missionários deixaram o verão tropical e, após horas de voo sobre extensões oceânicas e continentais, enfrentaram uma temperatura de -12°. Pela quantidade de neve, era difícil transitar com veículos pelas ruas brancas de Ancara. Não só por isso, mas com o intuito de prosseguir o treinamento físico para resistir às tarefas nos campos de refugiados, por toda a manhã seguiram em fila até a Embaixada Brasileira. Entraram no prédio limpando flocos das botinas e anoraques pretos.

Por prudência, haviam levado barracas, sacos de dormir, vestuário, suplementos alimentares para as árduas restrições materiais em campos de refugiados. Contudo, outros desafios os aguardavam. O governo turco não autorizou o ingresso do grupo nos campos, alegando três motivos. O primeiro, a barreira do idioma, pois nenhum fala turco, nem árabe, nem curdo e, por isso, precisariam de intérpretes constantes. O segundo: faltava estrutura para alojá-los. O terceiro: o curto tempo de permanência.

Foi um choque, mas sabiam: *A coisa certa vai acontecer...* Assim teve início a Missão Turquia. Por um período de três dias, foram testados na fé. Para viabilizar outra forma de serviço, a Embaixada brasileira se empenhou inteiramente. Fez contato com o órgão das Nações Unidas, ACNUR, voltado para refugiados, que lhe indicou conversar com sua parceira, a ONG turca Associação de Solidariedade de Solicitantes de Refúgio e Migrantes – ASAM, sigla em inglês. De imediato, o coordenador da entidade traçou um programa detalhado para os missionários, um percurso entre trabalhos do órgão em sete cidades turcas, cada qual apresentando uma face da realidade dos refugiados.

De Ancara partiriam para a milenar Gaziantep, porta de entrada de refugiados sírios. Dali para Nigde, Adana, Mugla, Izmir e Istambul, por estradas próximas aos mares Mediterrâneo e Egeu. Então retornariam para as duas semanas finais em Ancara, o ponto de partida. O coordenador definiu quantos dias passariam em cada cidade. Além disso, organizou em que hotéis se hospedariam, bem como o transporte do grupo em uma van de dezesseis lugares com um motorista que falava apenas turco.

No dia seguinte, os catorze, sete mulheres e sete homens, viajaram para construir o caminho da fraternidade em essências dos que emigram de países árabes, especialmente da Síria. A temperatura prosseguia abaixo de 0° ao descerem 700 km para Sudeste por silenciosas estepes geladas e imponentes montanhas nevadas ao fundo. Gaziantep, uma das cidades mais antigas do mundo, recebe centenas de milhares de vizinhos em fuga por estar a menos de 120 km de Alepo, a arruinada capital síria.

O trevoso enfrentamento armado, a opressão e a intolerância religiosa da Síria envolvem o próprio governo, os mais diversos grupos rebeldes e radicais locais e estrangeiros. Líderes de outros países, terroristas e,



inclusive, gangues criminosas se imiscuem à confusão. Um barril de pólvora. Desde 2011, quase quinhentas mil pessoas foram mortas. O povo reza para Alá acabar com a guerra, e muitos acreditam que o profetizado Juízo Final chegou.

Tropas terrestres avançam por ruas das cidades e por estradas dos campos. Logo antes de bombas químicas e de fragmentação serem despejadas sobre os quarteirões, as aves param de cantar. O tempo para. O ar é envolvido por uma calma sepulcral até ser rasgado pelo pavor. Zunidos pavorosos de jatos lançam mísseis letais. Tiroteios e fogo de artilharia se apoderam da beleza do silêncio. Cães disparam a latir, enlouquecidos. Crianças choram. Construções tremem. Edificações centenárias são incendiadas. Colunas de fumaça escura rolam de prédios onde famílias inteiras morrem soterradas sob escombros.

Um mar de gente ama a vida e busca saídas para salvá-la. Vamos embora! Em um gesto derradeiro de amor, donas de casa regam suas plantinhas. Os maridos trancam as casas ou martelam placas de metal nas portas para protegê-las de saqueadores. Partem e não olham para trás. Os que têm dinheiro, passaportes e ótimas relações escapam de avião. Outros se arriscam por terra em direção à casa de parentes ou nações vizinhas. Atravessam montanhas nevadas, morrem pelo caminho, são presos cruzando fronteiras. Ao destino chega o pai sem o filho, a esposa sem o marido, crianças e adolescentes órfãos, multidões de órfãos. Estima-se

que mais de cinco milhões de pessoas se foram da Síria, a metade menor de idade. Todos invariavelmente afetados.

Imer esclarece: A migração é uma solução para preservar a vida, mas os migrantes saem de um conflito e entram em outro. Têm muitos filhos e vivem apinhados em locais pequenos onde, com frequência, falta higiene. Sem conseguir trabalho e escola para as crianças, alguns se sentem tão desenraizados que acabam retornando. Como no país natal ao menos conhecem a língua e mais pessoas, acreditam ali encontrar recursos de sobrevivência. O sonho logo acaba. Mal conseguem satisfazer necessidades básicas de alimentação, e uma parte vem a ser executada, por nada.

Segundo dados do Ministério do Interior turco, foram registrados mais de três milhões de refugiados sírios no país. Quase 10% vive em campos de acolhimento, normalmente compostos por estruturas pré-fabricadas e com alimentação oferecida pelo Estado. O restante sobrevive por conta própria.

Ao encontro dessa dor, os missionários partiram para o país da bandeira vermelha com a estrela e a lua crescente brancas, símbolo do Islã aparecido em um sonho do primeiro governante otomano. Percorreram as sete cidades ora oferecendo atendimentos de saúde, ora brincando com crianças, ora organizando depósitos e fazendo doações materiais, ora participando de visitas domiciliares acompanhados de servidores da ASAM. Em seus escritórios, essa ONG humanitária desenvolve atividades tais como atendimento médico e psicológico, assistência social, aulas de música, artesanato e ensino infantil dos idiomas turco, árabe e inglês.

O primeiro contato em Gaziantep foi surpreendente. Meninos e meninas celebravam um final de curso com danças, cânticos e brincadeiras. A infância resiste. Os olhinhos passaram a espreitar os visitantes, estranhos e divertidos homens e mulheres vestidos iguais, com uniformes de modelo policial. A curiosidade os mantém vivos. As criaturinhas lindas sorriam de verdade, apesar do fardo de serem órfãs ou viajarem sozinhas por estarem separadas dos pais. Nem pareciam viver em um mundo tão injusto. Os missionários, contagiados, retribuíam com cortesia.

Esse era o sinal. Quem tanto perdeu, não pode deixar de ter infância e a possibilidade de brincar. Abriram caixas com doações vindas na bagagem e retiraram balões coloridos, tintas, papéis, materiais de artesanato e brinquedos. No dia seguinte, uma parte do grupo foi desenhar e pintar com os pequeninos.



Teatro de fantoches sobre higiene bucal para crianças árabes refugiadas. Gaziantep, Turquia, 2016

O maior sucesso foi um teatrinho de fantoches, acompanhado de cânticos, sobre o tema da higiene bucal. Os diálogos eram traduzidos para árabe e persa ao mesmo tempo. A fantoche Maria Chiquinha, uma menina que gosta bastante de doces, é falante e animada. Enche a boca com tabletes de açúcar até quebrar um dente em uma mordida. Assim que ela sente dor, os animais, sempre tentando avisá-la para cuidar dos dentes, dão-lhe uma escova colorida enorme. Com gestos e palhaçadas, eles mesmos começam a escová-los.

O mais divertido eram as onomatopeias. Shen lembra: Era muito engraçado. Na realidade, uma das maiores graças estava em nós mesmos, escondidos atrás de uma mesa minúscula ou de uma cortina curta que deixava ver os pés e ia caindo aos poucos. Combinávamos os diálogos e, na hora, saía tudo diferente. Luiz era o leão e toda vez começava com um wwuuaaahhh, abrindo a bocarra. Como não sabe bem inglês, o tradutor, não o entendendo, inventava qualquer coisa, e todos riam do mesmo jeito... ou Luiz esquecia as frases decoradas e improvisava wwuuaaahhh.

Terminada a apresentação, a garotada fazia fila para receber atendimento odontológico e ganhar escovas de dentes. De um em um, cada dentinho era examinado por Imer, o dentista-missionário. Para encerrar os encontros, foi-lhes projetado um vídeo curto e alegre de crianças e jovens brasileiros da Comunidade Nova Terra, no Rio de Janeiro. Enviavam saudações e mensagens de paz, traduzidas simultaneamente para o árabe.

Porque toca violão, Shen foi colocada para ajudar um professor de música curdo. A ASAM contrata refugiados para dar aulas. Ela recorda: O professor me pareceu bastante desconfiado de nossa presença ali. Por sofrerem constantes ataques e serem vítimas de constantes perseguições políticas, podem imaginar que estrangeiros desconhecidos têm segundas intenções para com eles. Então, percebendo que não queria muita conversa, fiquei só assistindo à aula maravilhosa que ele dava para as crianças lindas. Um coral infantil! Os baixinhos, obedientíssimos e afinados alunos cantavam músicas angelicais em curdo. Que beleza! Traziam em si o arquétipo da inocência síria.

Em outro escritório, a equipe missionária de saúde, após um período de adaptação ao esquema de trabalho médico e de enfermagem da ASAM, atendia tanto refugiados quanto funcionários. Usava principalmente técnicas da medicina oriental cientes de que o exercício da fraternidade é o maior instrumento para resgatar os seres.

Em Gaziantep, Nidge, Adana e Izmir, participaram de visitas domiciliares a refugiados. Pelo país é comum pessoas morarem em velhas e precárias casas abandonadas. Uma era ocupada por onze crianças cuidadas pelos mais velhos, pois os pais haviam saído para trabalhar. Em seguida, o grupo se encaminhou para outra morada onde residiam quatro famílias, que os convidaram para o ritual do café sírio em um cômodo que era sala de dia e, à noite, quarto para diversas pessoas.

Um milenar e forte elemento cultural dos árabes é a hospitalidade beduína. Apesar de considerado fechado, o povo dá a estrangeiros e hóspedes mais do que as próprias posses permitem. Uma das honras da casa é o preparo e a oferenda do café. Senta-se em círculo sobre um tapete para se discorrer sobre variados assuntos, seja com os membros da tribo seja com quem vem de fora. Shen diz: Fomos agraciados pela cena surreal e pitoresca. Os que nos acolhiam vivem em situação financeira dificílima. Em uma residência superpobre, degustávamos café em belas, pequenas e delicadas xícaras de fina porcelana. Ao final da conversa fraterna, soubemos que estavam com dois meses de aluguel atrasados e seriam despejados em poucos dias. Então, nós lhes ofertamos pagar as dívidas e mais um mês adiantado, a fim de lhes dar tempo para se estruturarem. A gratidão deles foi incalculável! Disseram que sempre rezarão por nós.



Refugiados árabes aguardam na porta do escritório da ASAM. Izmir, Turquia, 2016

Os refugiados almejam ter uma vida digna, trabalhar, estudar, participar ativamente da vida local, mas poucos o conseguem. Tentam sobreviver em trabalhos informais, ficando à mercê de chefes turcos, que se aproveitam da situação para forçá-los a um regime de quase escravidão, com labutas de doze horas diárias. São subpagos, ou nem pagos. O passado conheceu episódios semelhantes: turcos já invadiram e tomaram riquezas da Síria, escravizaram sírios e exportaram-nos como escravos.

A crueldade se repete com crianças. Desde oito, nove anos, ajudam no sustento da família, e as mães sofrem ao enviá-las às fábricas para trabalhar por uns trocados.

O grupo foi visitar refugiados que vivem em lojinhas abandonadas, escondidas, úmidas, escuras. Ao menos dali não se ouvem bombas despejadas ao lado, como no país de origem. Com nervos à flor da pele, sobressaltam-se ao mínimo barulho, o do escapamento de um veículo, o da queda de um objeto. Ao menos ali ninguém os obriga a se converterem à própria versão radical islâmica se não quiserem ser decapitados.

Prosseguindo 400 km até Nidge, passaram a tarde em uma casa gerida pela ASAM, a qual acolhe vinte homens em quadro de extremo estresse. A ONG ajuda tanto refugiados com dificuldades econômicas quanto psicológicas. Vindos do Irã, Iraque, Sudão, Somália, Síria e Afeganistão, encontravam-se traumatizados pela ira de regimes autoritários e por maldades sofridas nos países de origem.

Os missionários da saúde lhes prestaram atendimentos médicos. Outros conversavam ou brincavam com dois meninos vivendo lá. Como varrer ofensas e reconstruir-se?

Considerando que os acolhidos tinham religiosidade diversificada, oraram com os cristãos e, no fim do dia, unidos pela vibração amorosa, louvaram a Vida entoando um cântico de São Francisco de Assis. Gentilmente, os homens lhes prepararam um saborosíssimo lanche vegetariano como encerramento do encontro e os abraçaram, gratos pela visita.

O grupo deu-lhes plena atenção e se foi. Nunca recebeu notícias, mas fica tranquilo, aqueles homens estavam nas mãos do Amor que move montanhas. Seus espíritos seriam curados! Ações simples têm repercussões internas, podem harmonizar quem tenta escapar da sombra do ódio e de crueldades inimagináveis. Os missionários vieram de longe para lembrar-lhes: *O amor existe*.

Em Adana, a parada seguinte, os dois escritórios da ASAM são depósitos para doações provenientes do ACNUR, UNICEF e outros. Um galpão abriga donativos para quinze mil pessoas, sobretudo refugiados que vivem na área rural. O cuidado e a organização são constantes. Antes de distribuí-los, realizam visitas domiciliares para atualizar cadastros e levantar necessidades materiais. Ao mesmo tempo que doze missionários foram lidar com crianças, dois passaram a manhã com uma funcionária da ASAM entregando cartões tipo vale-mantimento, no valor de trezentas liras turcas, para as famílias obterem provisões de alimento em mercados.

Seguiram beira-mar até Mugla, contemplando o mistério de águas cintilantes e a poesia de ilhotas de pedras do Mar Egeu, uma pausa para enriquecer os sentidos com a beleza. A 80 km chegaram a Bodrum, dos mais importantes *resorts* turísticos da Turquia, buscado por milhares de refugiados da súbita explosão de fugitivos sírios no verão de 2015. Apesar da permanência deles ali ser proibida, alguns se escondem entre rochedos e dormem em olivais gélidos, aguardando a guarda costeira afastar-se para se lançarem ao mar em velhos botes infláveis, arriscada aventura até a ilha grega de Cós, a cerca de três milhas marinhas.







Na esperança de chegar à Europa, quem já perdeu quase tudo paga o que lhe resta para atravessadores. É comum desaparecerem para sempre com o dinheiro ou lhes repassarem embarcações remendadas com motores de baixa potência. Os próprios deslocados assistem um curso básico no you tube e as pilotam. Nelas se amontoa o dobro da capacidade máxima de lotação, e nessas condições precárias arriscam-se bebês, idosos, órfãos. Respiram fundo, oram e enfrentam as ondas em extrema ansiedade.

Guardas costeiras turca e grega vigiam o mar em ronda de vinte e quatro horas para impedir a travessia e o risco de afogamento. Encaminham passageiros de volta para a Turquia. Quando flagrado, o atravessador, muitas vezes um pescador ávido por explorar, é preso e processado.

A treinada equipe de resgate do escritório de Mugla recebeu os missionários com máxima atenção. Inesperados caminhos os levaram a encontrar os admiráveis mergulhadores voluntários, com anos de experiência. Uns eram antigos militares da guarda costeira. Conheceram as dependências da associação na marina, os barcos, a sala de equipamentos, a torre de controle. Ao assistir a vídeos sobre arriscados salvamentos marítimos de balsas lotadas de famílias, alegraram-se pela bondade e delicadeza dos mergulhadores que, sem intenção lucrativa, dedicam-se ao bem da comunidade humana. Sua missão é salvar o maior número possível de vidas.

Rumando para Izmir, terceira maior cidade da Turquia, deram uma parada em Éfeso, cidade famosa pelas ruínas da época do Império Greco--romano. Contudo, o intuito era visitar a casa em que Maria, a Mãe de Jesus, viveu os últimos anos antes de ascender aos céus. Sentiram a profunda paz do Eterno deixada por quem deu à luz o Filho Divino, viu-O crescer e sofreu com a morte d'Aquele cuja insondável transcendência salvou e transformou para sempre a vida planetária. Agradeceram por estar ali. Inspirados pelo ambiente, renovaram os votos de serviço e o pedido para a missão cumprir-se segundo o Plano Maior. Clamaram para o amor reger os corações humanos. E prosseguiram.

Izmir era o principal ponto de travessia dos refugiados para Lesbos, ilha grega a vinte minutos. A ASAM tenta desencorajá-los da viagem pelo mar Egeu e provê meios para sobreviverem da melhor maneira na Turquia. Na época, havia noventa mil cadastrados na associação, mas estimava-se o dobro residindo principalmente nos arredores.



Distribuição de vestuário para refugiados. Izmir, Turquia, 2016

Em Izmir havia três escritórios: um centro de atendimento geral, outro para crianças, e o terceiro se localiza no lugar estratégico onde os refugiados tentam escapar. Além de estar com as crianças de um dos escritórios, carregaram um caminhão com caixas de doações e distribuíram vestuários com membros da ASAM, apesar da chuva.

Os pequenos orbitavam em torno deles como abelhinhas, entre abraços e brincadeiras. Sob a pressão para sobreviver, famílias labutam no campo como lavradores em troca de moradia, às vezes morando em tendas. A maioria das mulheres sempre foi dona de casa no país natal e sofre por ter de trabalhar fora.

No decorrer da viagem, os missionários tinham distribuído roupas de inverno, mantas térmicas, brinquedos, e usavam o material escolar e de artesanato, tudo trazido do Brasil, uma doação de colaboradores da Fraternidade. Porém, só no último dia em Izmir foram autorizados a entregar as frutas e os legumes desidratados trazidos.

A maior prova grupal de quebra de paradigma no ritmo das atividades aconteceu ali. Acostumados a estar totalmente disponíveis para qualquer tipo de ação, tal qual uma pequena, mas valiosa usina de serviços, perceberam que insistir na oferta para ajudar trazia incômodos.

Explica Shen: Descobrimos em tempo hábil para não causar maiores estragos... De fato, dávamos ainda mais trabalho e responsabilidade aos



Visita a acampamento de refugiados. Izmir, Turquia, fevereiro de 2016

funcionários. Queriam proporcionar nosso contato com refugiados, mas dentro do esquema da ASAM e sempre nos acompanhando. A partir dessa constatação, nos finais de semana interrompíamos o serviço prático para nos dedicarmos ao restauro grupal e a orações.

Apesar de a Turquia ter forças políticas laicas e ser um estado secular, sem religião oficial, o Islã é a religião dominante, seguida por cerca de 98% dos habitantes, a maioria praticante. Do alto das torres das mesquitas, os minaretes, ecoam vozes gravadas chamando os crentes para as cinco orações diárias. Os fiéis estendem tapetinhos e se inclinam em direção a Meca, cidade sagrada onde é proibida a entrada de não muçulmanos. Buscam comungar com Deus, louvando-O e agradecendo-Lhe. Em todos os hotéis em que os missionários se hospedaram, havia setas indicando a direção da Meca.

Símbolo do Islã, as vestimentas femininas refletem a abertura ou o conservadorismo de suas inúmeras correntes. O hijab, vestuário com um véu prescrito pela doutrina, apesar de ser usado pela maioria das muçulmanas vivendo em países islâmicos, tem pouca aceitação em alguns lugares. Na Turquia, por exemplo, o hijab é proibido em universidades.

Na Síria, nação com uma das linhas de pensamento mais liberais, as mulheres usam lenços coloridos - rosas, azuis. A burca, veste que cobre o corpo e o rosto das mulheres, deixando apenas uma rede diante dos olhos, é obrigatória nas mais rígidas nações árabes, como Arábia Saudita e Afeganistão.

A comunidade católica na Turquia é reduzidíssima e compõe-se somente de estrangeiros. São raras as igrejas. Estiveram em duas. Em Ancara, assistiram a uma missa em inglês. Todos os presentes se conheciam, e os missionários lhes foram apresentados. Informaram-lhes a que grupo pertencem, a procedência, o que estavam fazendo na nação. Já na manhã de domingo em Izmir, a missa foi celebrada em francês, turco e italiano. Ali, um músico lhes passou a letra da Ave Maria em turco, registrando a pronúncia em uma gravação.

Afinal, chegaram à quarta maior cidade do mundo. Na cosmopolita Istambul, antiga Bizâncio ou Constantinopla, concentra-se a maioria dos refugiados por ser uma das rotas de escape fronteiriça à Europa.

Para alívio do motorista, cada vez mais impaciente, cansado e se atrasando quase duas horas para pegá-los, logo retornariam para Ancara, o ponto de partida. Mas antes organizaram doações de vestuários e objetos de higiene de um depósito da ASAM e fizeram trabalhos manuais e brincadeiras com os pequenos.

Na despedida, projetaram o vídeo de jovens brasileiros representando uma pequena peça de teatro e que, ao final, enviavam abraços para as crianças do Oriente Médio. Entusiasmadas, as trinta criancinhas quiseram retribuir. Gravaram saudações árabes em resposta, mandando beijos e paz para os latinos. Só alegria!

Instruídos sobre inimagináveis movimentos e repercussões da existência cósmica sobre a vida planetária, os missionários aprendem a ser instrumentos da paz para que o ambiente em torno se transforme, cure-se, recrie-se. Os obreiros da empatia sabem que, além das tarefas visíveis, a intenção cristalina de ajudar o semelhante cicatriza traumas interiores.

MISSÃO TURQUIA Refugiados aguardam

Palavras amáveis abrem portas de ferro. Provérbio turco

Toda missão deixa marcas. No auge da crise de refugiados, a Fraternidade uniu-se por duas semanas aos que transitaram pelo escritório central da ASAM, em Ancara. O órgão cadastra e repassa o documento de identidade oficial para refugiados não sírios, a maioria iraquianos, iranianos e afegãos, além de os incluir em programas sociais. Já o registro de sírios compete ao próprio governo turco.

A esta altura da viagem, os missionários estavam em paz com a simplicidade das atividades *light*. Haviam-se preparado para passar por fortes restrições materiais. Contudo, a Vida os forçara a ter uma pauta serena de trabalho.

Na primeira manhã, a coordenadora do escritório central disponibilizou-lhes uma saleta onde estar com crianças. Tiveram a impressão de que catorze adultos mais muitas delas não caberiam no cubículo com uma mesa... mas couberam, e no cantinho foi tecido um ninho de ternura, entremeado de mil e uma aventuras.

À medida que desenvolviam trabalhos manuais e cantavam, a barreira inicial ia sendo quebrada. Não apenas a garotada se envolvia, mas os pais e, com o passar dos dias, funcionários e seguranças. Assim que a relação de confiança se estabelecia, a equipe missionária de saúde veio a ser permanentemente solicitada para os mais diversos atendimentos.

Crianças entram em contato de forma espontânea e direta; por isso a relação com elas era simples e transparente. Entre desenhos, cataventos, pompons, olhos divinos, massinhas de modelar e esculturas em argila, aconteciam histórias. Diz um missionário: *As crianças muçulmanas são*

ternas, puras, de olhares brilhantes, e se prestam a brincadeiras. Ficavam totalmente quietas enquanto tecíamos arranjos com fios de lã coloridos. Entravam em um mundo reverente e geravam paz. Eu pensava: Estou aqui para colaborar, e são elas que me transformam. Preciso recuperar a quietude infantil que me transmitem...

A jovem missionária Cristiane conta: Senti um amor indescritível por aqueles pequeninos. No início, pensei que apenas precisavam de tesoura, cola, tinta, papel, e eles achando que eu só queria que fizessem desenhos, recortes, coisas assim... Com o suceder dos dias, abrimos um curioso diálogo. Passei a entender a história de cada um, como chegaram ali, se tinham pai, mãe, irmãos. Falavam árabe, persa, e nem sei dizer como os compreendia. Descobri a linguagem viva do Amor, que não conhece idiomas.

Ela prossegue: Enquanto uns de nós pintavam um grande painel, outros brincavam com a meninada. Em certo momento, fiquei sozinha com dez. Como interagir para não se dispersarem? Olhei cada uma, todas em expectativa, e demos as mãos em roda. Uma expressou a ideia com gestos e passaram a me ensinar uma brincadeira tipo corre cotia. Cantavam uma rima em árabe; até aprendi! Girávamos radiantes achando o máximo! Uma estrangeira que não falava a língua deles, usando um uniforme sério, brincando assim! Pais, e até os guardas, se contagiavam. O calor humano os desligava de infortúnios.

Encontraram crianças que, por terem sido maltratadas, reagiam com medo de serem golpeadas mais uma vez. Afastavam-se batendo em quem se aproximasse.

Lembra Shen: Só se notava o trauma de guerra em um ou outro menino. Um era dificílimo, endiabradíssimo. Tinha passado por tantos sofrimentos que não aceitava ninguém por perto, muito menos carinho. Havia outro garoto. Tentamos, tentamos... Íamos chegando e nos repelia com agressividade. Mas a maioria é carente, quer abraço, atenção, estar junto.

Durante quatro divertidas manhãs, criaram um mural pela Paz nas paredes do corredor de entrada do escritório. Eram catorze missionários e exatamente catorze painéis amarelos, roxos, verdes, azuis e laranjas. Cada qual se encarregou de um. Pintados em estilo infantil, conseguiu-se a coerência da linguagem visual. O violão embalava a criatividade geral, crianças molhavam pincéis nas tintas, pais sorridentes arriscavam

pinceladas, e até funcionários e seguranças participaram da atividade lúdica. Cada painel representava um tema, e o corredor foi sendo envolvido por águas deslizantes, peixes, borbulhas e algas do fundo do mar, lago, paisagem citadina e campestre, flores, a árvore da paz, uma guirlanda de flores em torno do enorme coração rosa da Virgem Maria, besouros, aves, borboletas, o anjo do amor, arco-íris, o Universo.

Em um painel laranja foram carimbadas palmas de mãos turquesa, rosadas, verde lunar, de diversos tamanhos e formas. O grupo da ASAM ria, fotografava, encantado por oferecer alegria a milhares de refugiados que por ali ainda passariam semanalmente, antes de entrar no saguão.

Um missionário diz: Entrava o clã: os avós, o pai, a mãe, os filhos, e todos eram revistados por policiais. Uma situação triste... procurar armas em famílias inteiras. Nós, pintando painéis, quebrávamos a rigidez. Sem conhecer árabe, curdo, turco ou outros idiomas falados no mundo islâmico, entrávamos em contato por meio de mímicas e da linguagem olho a olho. Apontávamos para o pincel: "Você quer pintar?" As crianças riam, os pais lhes diziam que fossem, e elas iam. Tremendas tensões foram liberadas!

Com um jeito fora do comum de deixar pessoas à vontade para se expressar, contar as dores, imaginar, soltar-se, cada missionário dá total atenção a uma por vez, fazendo-a perceber o quanto ela é extremamente importante e única.

Os catorze compartilhavam o cotidiano de espera de centenas de refugiados ao dia. Estavam ali só para amar, não para consertar questões materiais. Uns ficavam com crianças, outros iam enfronhando-se de manso no salão onde adultos aguardavam ser atendidos. Sentavam-se ao lado, tentavam contato com gestos e expressões faciais, pois a maioria não fala inglês, só árabe.

Encontraram a dor de escritores, músicos, regentes de coral, artistas, seres pacíficos proibidos de se expressarem no país de origem. Alguns haviam chegado a Ancara no dia anterior, fugindo da morte e de assédios dos regimes totalitários extremistas.











Refugiados árabes aguardam para tirar documentação no escritório da ASAM. Ancara, Turquia, 2016

Imer esclarece: Quando alguém toma a decisão, já esperou e suportou bastante, buscou alternativas até, após um fato mais violento e traumático, fugir do país natal para o desconhecido. Dos milhões que emigram, poucos conseguem atingir uma vida estável, e isso demora anos. O que inicialmente era esperança converte-se em pesadelo; a situação financeira não melhora. Sentem rejeição, fome, frio. A Europa, principal foco dos migrantes, está saturada, diz não ter recursos...

Diante de impressionantes biografias transmitidas aos missionários com descrições de abandono, crueldade física e moral, descortinam-se horizontes de valentia, fortaleza interior e capacidade de superação.

Rosi conheceu uma jovem fugitiva iraniana que acreditava em Cristo e queria ser cristã, ou mesmo uma freira católica. Sentira-se internamente chamada e para professar sua fé arriscara-se sozinha até a Turquia.

Inúmeros chegavam de países ricos e estruturados em relação a saúde, habitação, sistema educacional. Eram empresários, médicos, pessoas que tiveram alto poder financeiro e estabilidade social. A miséria nunca havia batido em sua porta, não sabiam o que é passar o dia buscando um pão, o que é não poder dar nem uma meia para o filho naquele frio extremo de -15°. Haviam partido antes de grupos terroristas invadirem suas



Escritório da ASAM, Ancara, 2016

casas, abusarem dos familiares, aliciarem seus filhos. Andaram dias, meses, atravessando o deserto no gelo, e estavam ali, eles e os filhos com dedos das mãos e dos pés gangrenados.

Rosi passou a penetrar a alma de uma mulher de olhar tristíssimo com uma criança no colo. Relembra: Fui me aproximando, aproximando... Pedi para segurar seu bebê, ela deixou. Meu coração começou a doer. Sem ninguém falar nada, ela começou a chorar. Chorava e, nas palavrinhas em inglês que sabia, estabelecemos diálogo. Eu lhe disse para não perder a fé, que Deus estava na condução de tudo aquilo.

A jovem senhora deu seu testemunho. Sim, Alá a ajudava! O marido fora decapitado, os filhos seduzidos, e aquilo lhe trazia tanta dor! Certo dia, antes de fugir com o bebê e outra criança, não tinha nada para lhes dar de comer. Eles choravam, ela pedindo-lhes para ficarem caladinhos porque, se grupos terroristas aparecessem, corriam risco de vida. Pediu tanto para Alá resolver, para Alá protegê-los. Então bateram à porta insistentemente. Ela foi abrir. Não havia ninguém, apenas uma caixa. Olhou para os lados, ninguém. Levou a caixa para dentro e nela havia pão, farinha, leite. Colocou-se de joelhos com o filho de seis anos e agradeceram a Alá, que os ouvira, que alimentou a esperança, deu-lhe força para prosseguir.

A escuta fraterna insufla alento em quem está a cair em desespero. O que é semeado um dia florescerá nos seres, mesmo que de imediato não seja visível nem palpável. Em silêncio, os missionários transmitem: A vida é grandiosa e bela, não pode ser perdida. Siga pelo caminho da aprendizagem, você pode, o principal é a transformação interior!

Pelo corredor de painéis lúdicos, Ricardo viu entrar um pai com um garoto de onze anos, bem vestidos, o pai com um rabo de cavalo. Depois ouviu o garoto tocando um violão emprestado. Estava assustado, mas as notas emitiam imenso sentimento e beleza.

Ricardo comenta: O pai era maestro, os dois filhos, músicos; o garoto e outro de dezessete anos. Por isso foram presos e torturados no Irã. Ali, matar é algo comum... sai uma família com três, quatro, chegam dois. A esposa fora morta. Quebraram os dedos das mãos do pai por ele ser artista. Com tremendo esforço ele conseguiu fugir com aquele filho. O outro ficou lá, preso.

Cada vivência, pequena ou devastadora, traz uma lição. Ricardo baixou o olhar, reflexivo: Fiquei tentando compreender o que aquele pai sentia. Quão difícil é amenizar a angústia de um filho, sentindo ele próprio uma dor insolúvel, sem saber se o outro fora solto ou morto. Por alguma razão, aquilo me marcou. Quando sabemos de tudo isso, viajar por turismo perde o sentido.

Não importa quanto tempo os servidores ficam com alguém; o importante é abrir-se para acolher essa vida, deixar-se ser tocado por essa pessoa e guardá-la em um ponto amoroso de si. As histórias esculpem os corações missionários e neles vão sendo tecidas a rede de paz que invisivelmente une criaturas, povos, nações.

Os missionários chamam de mágica uma mala preta repleta de material colorido. Dela saíram os papéis com que montaram uma caixinha de papelão. Pronta, mas vazia, perguntaram aos jovens: O que fazemos? Um trouxe a ideia de nela colocar desejos, aspirações, pedidos. E foram convidar refugiados de passagem e funcionários. Alguns aderiam. Preenchiam papeizinhos amarelos, turquesa, rosa, laranja com mensagens de paz em persa, árabe, inglês, espanhol, português, turco, que iam sendo acomodadas na caixa frágil, que peregrinaria até o Brasil. Contudo, no retorno para o hotel, a caixinha ficou esquecida na grade de um ponto de ônibus... Bem, já era, pensaram. Porém, no dia seguinte, foi-lhes

devolvida no escritório! Nem a despacharam com a bagagem; a caixa do tesouro atravessou os ares em uma sacola de mão. Depois, as mensagens de paz foram emolduradas, e o quadro fica na sala de entrada da sede da Fraternidade, em Carmo da Cachoeira, Minas Gerais, Brasil.

Cada vinte e quatro horas trazia algo singular e simbólico. A ASAM recebeu a visita de um senador dos Estados Unidos da América que, no cantinho da alegria, ganhou brindes. Justo naquele dia, os cânticos diários entoados pelos missionários antes de o escritório fechar às 17h atraíram mais funcionários, seguranças, refugiados. Shen, sempre ao violão, recorda: Nossa performance musical foi liberadora; dava para perceber um canal de luz sendo aberto.

Aquela noite, no hotel, ao darem início à pauta diária de orações, ouviram um forte estrondo. O prédio tremeu. Uma bomba terrorista a cerca de 1 km matou mais de quarenta pessoas e feriu dezenas, souberam depois. O grupo prosseguiu sereno, mas alerta para suprir eventuais necessidades. Em meio a incessantes sirenes das equipes de resgate, cada um pôde autoconhecer-se melhor ao observar a própria reação diante do perigo.

A viagem se encerrava. Três representantes dos missionários foram despedir-se e agradecer à Embaixada Brasileira. O corpo de servidores e o Embaixador mostraram-se bastante interessados pelos relatos da experiência e recomendaram certos procedimentos para respaldar ao máximo as futuras missões.

Os missionários cresceram em respeito e admiração pelo empenho, eficiência e organização dos funcionários da ASAM, na quase totalidade jovens. Foram bons mestres durante a convivência e lhes ofertaram uma despedida cheia de surpresas!

Shen sorri: No último dia, estávamos para recolher nosso material quando, de repente... funcionários e seguranças apareceram do nada para fazer pompom, mandala olho de Deus. Eis que surgiram os músicos da ASAM! Um, mais experiente, tocava um instrumento popular de cordas chamado "baglama", uma espécie de alaúde. Logo compareceram os percussionistas. Por uma hora tocaram e cantaram para nós músicas de diversas regiões da Turquia. Que beleza, foi demais! O canto turco comunica poder. É um lamento arrastado. Ao fim da festa, convidaram-nos para danças típicas, e participamos um tanto timidamente!

Tiravam fotos de lembrança, alguns querendo visitar o Brasil nas férias... A coordenadora, após agradecer a alegria trazida para o dia a dia da ASAM, disse que os aguardava de volta o mais breve possível. Shen prossegue: Foi lindo isso partir dela, inicialmente bastante séria conosco até chegar a tão completa irmandade. Distribuímos lembrancinhas de artesanato para funcionários. Enquanto os últimos deslocados recebiam registros e se despediam, finalizamos com a música saideira em máxima intensidade, "Mãe Sagrada, estabelece Tua Porta de Paz". A Missão Oriente Médio era finalizada com chave de ouro.

Encerraram o ciclo recebendo no hotel a visita do coordenador geral da ASAM, que os convidou a retornar. Disse que, no início, acharam que teriam trabalho demais para recebê-los e acompanhá-los, mas, ao conhecê-los, ficaram felizes por terem estado juntos. Como lembrança, deram-lhe amostras de artesanatos desenvolvidos com as crianças. E logo tomaram o caminho para o aeroporto.

Entraram em quarentena ao chegarem a Figueira. Sem conversar com ninguém, receberam atendimentos médicos e espirituais. Em certo momento, foram convidados para a Campanha pela Paz, evento a realizar-se em outra fazenda da comunidade. Deveriam chegar segundos antes do início do encontro e retornar às Kombi assim que encerrasse.

Ao entrarem no enorme salão, os catorze foram surpreendidos por uma homenagem triunfal. Enquanto subiam ao palco, tanto instrutores quanto o público de centenas de pessoas ficaram de pé, em total silêncio e reverência, um gesto tocante de reconhecimento pelo trabalho realizado com representantes de nações árabes.

Durante a celebração sublime, cada um dos catorze ganhou uma rosa branca simbolizando catorze almas árabes alçadas ao coração de Deus pelo Amor Maternal. Em seguida, eles foram ungidos com óleo e ainda souberam que, em futuro próximo, estabeleceriam uma Missão Permanente na Grécia. Shen encerra: Saímos de lá estupefatos. Seguiram adiante, convictos de que misteriosas correntes de paz haviam sido abertas no mundo interno do Oriente Médio.

PARTE II Missões na América do Sul









MISSÃO SERTÃO, ALAGOAS, BRASIL

Cruzar fronteiras até corações

Precisamos mergulhar nos subterrâneos sociais para avaliar ações... Dar de beber a quem tem sede. Bem. Mas como exercer na vida comum essa obra de misericórdia? ...ali me havia surgido uma alma na verdade misericordiosa. Ato gratuito, nenhuma esperança de paga.

Memórias do Cárcere, de Graciliano Ramos

A seca nordestina racha a terra, mata o gado, desune famílias, expulsa maridos e filhos para lonjuras mais úmidas. Os missionários pisaram o solo duro com o amor mais decidido e para a ação mais ardente: cruzar fronteiras que separam corações. A quais sertanejos da paisagem esbranquiçada do agreste alagoano em breve se irmanariam?

Dois meses antes, ao ser anunciada a missão humanitária no sertão nordestino, membros da Rede-Luz Norte e Nordeste do Brasil aceitaram tomar o cajado do eterno peregrino. O rumor de ventos sugeriu que o trabalho se desenvolvesse em locais assinalados pela entidade católica Cáritas Brasileira que, quinze dias antes de a missão ter início levou Ricardo e três representantes da Rede-Luz a seis comunidades nos arredores de Palmeira dos Índios e mais duas cerca de 200 km dali. Assim, foi delineado o percurso de atuação.

Cooperariam com descendentes de portugueses que praticam a pecuária desde o período do colonialismo escravocrata. Também com remanescentes de um antigo quilombo – lugar de refúgio de afrodescendentes na época da escravidão – de Poço das Trincheiras, um dos municípios mais pobres do país. Serviriam a indígenas de duas comunidades. Em uma delas, na cercania de Palmeira dos Índios, convivem as etnias xucuru e kariri. A outra, aldeia dos Geripancó, fica na Serra Ouricuri do município Pariconhas, onde habitam índios que migraram de Pernambuco fugindo de perseguições e da escassez de terras para trabalhar.

O grupo cósmico-ecumênico que abraçou a sexta missão da Fraternidade aterrissou em Maceió. Era formado por oito missionários, mais quatro colaboradores da Rede-Luz e ainda sete monjas do Monastério da Caridade Crística da Ordem Graça Misericórdia. Antes de se deslocar para o interior do estado, organizou cento e oitenta quilos de doações trazidas com eles de avião, mais as entregues diretamente na capital.

Partiram no dia seguinte para Palmeira dos Índios, em quatro automóveis alugados. A quarta cidade mais populosa do estado ocupa terras que um dia foram aldeias indígenas. Por duas horas atravessaram a paisagem rural ocupada por nações e tribos milênios antes da colonização portuguesa.

Os costumes e as tradições dos povos nativos vêm diluindo-se desde o século XVIII. Em seguida à expulsão dos jesuítas do país, o governo da região aboliu rituais indígenas e o uso de línguas do povo originário, exigiu que as choupanas fossem substituídas por casas estilo colonial português e impôs severo controle dos que se refugiassem nas matas.

Uma vez no alojamento, onde se hospedariam naquela semana, os missionários acomodaram a bagagem e as doações e se dirigiram à sede da Cáritas para os últimos acertos e, como o Bispo queria conhecê-los, foram à Casa Episcopal. O prelado fez perguntas sobre a origem do grupo e a vida na comunidade, expressou-lhe boas vindas e o abençoou.

Convidados para, ao entardecer, participar da missa conduzida por ele na catedral, ouviram-no, no sermão, mencionar os servidores que, como Cristo pediu, deixaram para trás o conforto e os afazeres com o intuito de se dedicarem aos mais necessitados. Que a digna atitude fosse um exemplo a ser imitado. Mais uma vez, abençoou o trabalho que se iniciaria na manhã seguinte. Ao final da missa, convidou um representante a ir até o púlpito apresentar a Fraternidade e descrever as atividades a serem realizadas - consultas de saúde, teatros educativos de fantoches, oficinas, atividades com crianças e jovens, entre outras.

Cedo, ao canto das aves, percorreram 10 km até Lajes. Ali e em mais oito comunidades, foram recebidos sem restrições. Dois a três membros da Cáritas os acompanhava participando ativamente das tarefas.

Quem eram aqueles que chegavam alegremente de tão longe? Mal os veículos estacionavam, eram cercados por moradores e levados até uma capela para uma breve apresentação. Um carro de boi vinha cantando, quando uma pequena multidão de crianças e cães curiosos seguia o grupo até a pequena escola onde logo aconteceria a ação de cura - atendimento médico, odontológico, psicológico e de emergência.

Ao mesmo tempo, outra parte dos missionários realizava oficinas – de costura, crochê, construção de flautas de bambu. Sobretudo homens interessaram-se sobre o fogão solar. Uma panela com abóbora crua foi posta ao sol, cercada de papelões cobertos com folhas de papel alumínio. Após 3h40 tiraram a tampa, e as sertanejas aprovaram: *Tá molinha, uma* delícia! A eficiência do processo ficou demonstrada.

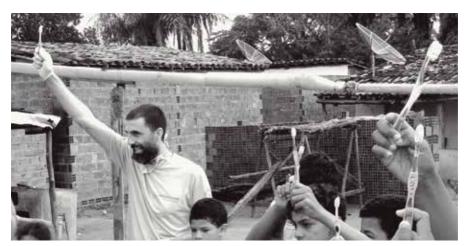
Depois de Lajes, ofertaram as mesmas atividades nas comunidades Lagoa Nova, Ariado, Baixa Fria, Algodãozinho e Xucuru-Cariri. Sem qualquer intenção pessoal, estiveram em harmonia com centenas de famílias, entre elas as de catadores de recicláveis de um lixão irregular de Algodãozinho. Todas agradeciam os tratamentos e os presentes - ferramentas, roupas, enxovais para bebês.

Os mais talentosos músicos mirins ganharam dois violões e cinco flautas doces. Tocavam e sopravam melodias aprendidas nas aulas dadas por um missionário-músico. Por onde passassem, as moradoras lhes preparavam o almoço de cada dia com alimentos repassados pela Cáritas.

Paralelamente ao serviço palpável do aqui e agora, a potente força da caridade constrói a paz entre os homens. As missionárias se esqueciam de si em prol de ouvir mães e adolescentes. Atendentes e atendidas falavam um doce idioma que protege e compreende o semelhante. Sentadas em pequenos círculos, cuidavam de questões psicológicas, entendendo que infortúnios são provas que colaboram para a evolução interior dos seres. Uma mãe comentou como acalenta o próprio coração: Meu filho teve uma anemia. Quase o matou. Se está aqui, agradeço a Ele. Deus é meu guerreiro, meu Pai, minha vida. Os pacíficos chamam constantemente o Invisível, sem se desanimarem.

Naqueles atos simples, sem conflitos nem imposição de vontades, floresciam verdadeiros encontros fraternos. Firmavam-se secretos compromissos entre as mulheres servidas e as servidoras: evoluir através do amor. Como por magia, a vida rica distribuía graças e fazia brotar leveza além de qualquer obstáculo.

Durante a viagem de 150 km até a comunidade quilombola de Jacu-Mocó, sentiam estar regressando no tempo décadas, séculos. O trágico cenário sertanejo de fome e miséria do refúgio de escravos parecia fixado na imobilidade sem tempo. Ali não existe água potável, saneamento básico,









posto de saúde, escola. Pesquisas feitas em Jacu-Mocó constatam taxas altíssimas de mortalidade infantil e analfabetismo. A carência nutricional provoca um déficit de estatura nas crianças e, somada ao abuso do tabaco, um número absurdo de abortos.

A gigantesca desigualdade de renda instalada no Brasil, a falta de chuva e a prolongada história de derramamento de sangue e de desprezo se espelha em desoladas fisionomias de quilombolas idosos. A missionária Celina descreve: No Alto Sertão, a falta de água se reflete nos reinos vegetal, animal, humano. Falta tudo, higiene, recursos. Só não falta a fé de que Deus olha por eles.

Cem famílias moram em casas de taipa entre cactos mandacaru, xiquexique e galhos retorcidos, que na seca perdem as folhas para evitar a evaporação. Assim como fora nas comunidades anteriores, a equipe de saúde mediu a pressão dos afrodescendentes de Jacu-Mocó e ofereceu-lhes tratamentos alternativos: terapia neural, banhos nutritivos, massagens, compressas, ventosa de água.

Dali, o grupo prosseguiu para a comunidade indígena Geripankó, com um pequeno cartaz encostado no vidro dianteiro do veículo guiando a fila: *Maria, passa na frente!* Ao chegar, os missionários se depararam com a inércia provocada pela subnutrição. As cem famílias plantam milho e mandioca e produzem farinha para consumo familiar e para comercializar na feira de Pariconhas. Conservam algumas festas e danças herdadas de antepassados, mas a maioria esqueceu o tupi, a língua materna, e só fala português.

Depois de o dentista Imer fazer limpezas e extrações de dentes, distribuíram doações de escovas e pastas dentais. Enfim, como última atividade, apresentaram o teatro de fantoches com foco em cuidados de higiene bucal, cuidados com animais e com os mais idosos. Naquela tarde de consolo sem restrições, o grupo irradiou profunda compaixão pelos que sofrem escassez de água, o tesouro dos tesouros.

Os missionários haviam-se doado por inteiro a quatrocentas famílias, sem discriminar diferenças sociais, religiosas, culturais, tradições.

Oficinas de escovação de dentes e construção de flautas de bambu; grupo se encaminha para dar atendimentos e distribuição de sementes puras. Alagoas, Brasil, 2014



Alagoas, Brasil, novembro de 2014

Trocaram olhares, palavras, abraços e despediram-se da vida seca com os gritos da terra queimando em si.

Era hora de partir. No almoço de despedida em casa de uma coordenadora da Cáritas, fizeram um agradecimento ao alimento material e ao imaterial, que renova e nutre. O vórtice de luz missionária gerou o impulso para levar o serviço adiante. Nesse momento, a Rede-Luz Norte e Nordeste do Brasil criou, sob a coordenação de Celina Estela, a Missão Recorrente Alagoas junto à entidade Cáritas. Encerraram o percurso indo despedir-se do Bispo, que estendeu a conversa por mais de uma hora.

Ricardo comenta: Nas missões anteriores ficávamos dez, quinze ou mais dias atendendo as mesmas pessoas, aprofundando o relacionamento. Nessa, tínhamos de dar tudo de nós para cada comunidade em um único dia ou até em poucas horas. Foi um processo de síntese e aproveitamento de cada minuto disponível. Quando estávamos para ir embora, tivemos a impressão de ter ficado mais dias, tão intensa foi a relação construída com tantas pessoas em pouquíssimo tempo.

Na paisagem desolada dos confins do sertão, dois mundos palpitantes haviam-se tocado. Os cânticos ainda ressoavam nos ouvidos internos do sertanejo que via os automóveis sumirem na curva da estrada, a poeira



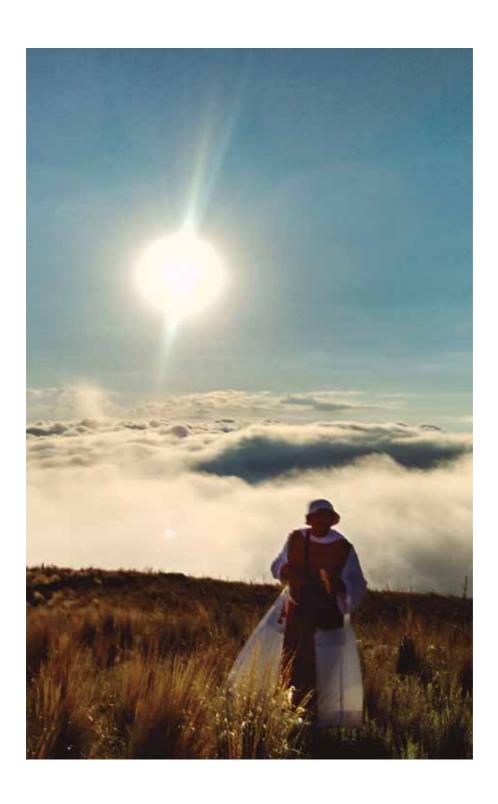
Dança toré na aldeia indígena Geripancó. Arredores de Palmeira dos Índios, Alagoas, Brasil, novembro de 2014

baixando. Ele cantara com os visitantes embalado por acordes de violões, toques da flauta e, batendo as mãos sobre um balde plástico, criou a pulsação musical: Onde reina o amor, fraterno amor, Deus ali está.

Agora, o povo observa crianças com sapatos novos, bebês com roupinhas cheirosas, telhados reparados, água fluindo por encanamentos recém-recuperados e relembra-se do grupo como um sonho.

O tempo da seca passa. A garoa encharca o solo pedregoso e árido, fazendo o verde das folhas reviver. Sementes puras trazidas de Minas Gerais - abóboras, milhos, feijões - põem as cabecinhas para fora da terra.

O sertanejo de enxada na mão tem natureza silenciosa, mas conversa com o azul triunfante que colore a abóbada celeste detrás das nuvens. Lembra-se do último adeus dos que lhe ensinaram a esculpir flauta de bambu e foram embora. Aproxima os lábios da embocadura, posiciona os dedos ásperos nos orifícios e sopra sons encantados para atrair uma chuva de graças.



MISSÃO CHACO, ARGENTINA

Resgate de povos originários

O Grande Chaco é um organismo vivo. Habitantes, cursos d'água, clima, céu... é como uma pessoa... é um ser, um ente muito delicado... ponhamo-nos a escutá-lo... o Chaco é um mestre, não apenas nos ensina a estar com ele, e sim nos oferece a oportunidade de aprendermos.

Benno Glausser, filósofo

Tão certo como o sol é para todos, tão certo como o ar e as estrelas são para todos, no futuro os pedaços do agora estilhaçado coração humano serão reunidos em um único imenso diamante. Essa é a fé de quem viaja guiado pelo voo da pomba branca.

Seguindo as asas da ave, vinte e um missionários subiram quilômetros em fila por encostas íngremes até o cume luminoso do Monte Pajarillo. Com olhos de ver além das nuvens da tarde, contemplaram o esplendor da paisagem ondulada de morros a perder de vista. Pediram ao vento: Faz-nos divinos para, com mãos fecundas e almas de ouro, socorrer dores absurdas. Reuniram a força do amor de cada um, baixaram os olhos até os vales cobertos de chagas e para lá desceram com a intenção de oferecer maravilhas encontradas no silêncio. Durante as sete horas entre o sobe e o desce, as almas em festa ficaram prontas.

Em paralelo à Missão Turquia, a Fraternidade foi amenizar o sofrimento de algumas das mais carentes comunidades indígenas da América do Sul, localizadas na Província de Chaco, Argentina. O Grande Chaco, palavra quéchua que significa lugar de caça, *chaku*, esparrama-se por mais da metade do Paraguai e da Bolívia, pelo norte da Argentina e por um trecho do Centro-Oeste brasileiro.

Vasto número de seres mundo afora precisa de proteção. Entre eles, povos originários encontram-se marginalizados e em extrema pobreza, sem água, luz, hospital, estradas. Das gravíssimas desigualdades nos setores básicos, destacam-se a desnutrição infantil e a carência afetiva, psicológica. E, o mais sério, os indígenas perderam a profunda aliança com a

voz cristalina da Natureza. Viviam em harmonia com o mundo natural, mas, com o esfacelamento de suas culturas, a maioria esqueceu a alma da terra, o espírito das cascatas, os cantos do vento, o zumbido do silêncio, a fala das árvores, o olhar da pantera, o abraço do mico, como comunicar com animais, conversar com estrelas.

Uma onda negativa tenta escravizar os seres humanos, destruir sua autoestima, ridicularizar suas culturas. Faz parte do programa de dominação fazer o dominado crer que é inferior. Para se impor, o dominador deprecia a cor da pele, o conhecimento. Dentro dessa estratégia malévola bastante consciente, os colonizadores fizeram indígenas e negros acreditarem que os brancos são superiores a eles.

Os povos nativos nunca foram compreendidos nem respeitados pelo homem branco, que invade suas aldeias e os expulsa de territórios ancestrais e sagrados, destrói suas formas de vida e praticamente já os massacrou.

Perseguidos pelo imenso preconceito humano, que os considera silvícolas de baixa evolução, ficaram confusos, perdidos e sem espaço nem referência. Tudo se desequilibrou. Muitos são obrigados a viver em cidades e ruas sem acesso ao básico, e um imenso percentual deles tornou-se alcoólatra.

Com tristeza, uma índia argentina qom relata algo grave, como uma língua se perde quando os pais não a transmitem às crianças: Quando eu era criança, meus antepassados me ensinaram que o branco era superior ao aborígene. Com o tempo fui compreendendo que não. Hoje não ensinamos isso às crianças, mas a crença ficou em nosso sangue, em nosso coração. Nunca vou negar o que sou. Um dia quis saber por que me discriminam tanto. Falando a sós com Deus, Ele me disse que o amor d'Ele é suficiente. Comecei a cantar no meu dialeto e senti uma grande paz. Quando eu canto em qom, sinto Deus mais perto de mim. Infelizmente, as crianças de agora não querem aprender qom.

Chaco é a região argentina que tem mais representantes dos povos ancestrais: mapuches, aymaras, qom, quéchuas, wichi, colas e outros. Com canções, idiomas e modo de vida distintos, em tempos pré-colombianos dezenas de etnias viviam entre a riqueza da flora e da fauna dos pampas, florestas, áridos e semiáridos. A temperatura é dura, oscila entre -7° no inverno e, nos meses de verão, a sensação térmica pode passar dos 50°.

O povo é guerreiro. Desde a conquista, batalhou sem trégua para sobreviver nas terras onde pescava e caçava. Luta pelo reconhecimento da



Chaco, Argentina, 2016

cultura. Conseguiram que sua história e seus dialetos sejam estudados na escola. Mas abusos e tragédias continuam sendo cometidos por governos e empreendimentos privados. A polícia é enviada para desalojar famílias, tratores entram em terras destruindo comunidades.

Obras de amor buscam compreendê-los de forma mais profunda. Suprem demandas e disseminam sementes do bem, que certamente frutificarão, ajudando-os a se reconectar com a natureza originária.

Vinte e um voluntários atuaram na Missão Chaco em cinco comunidades e bairros indígenas do nordeste argentino: treze membros da Rede--Luz da Argentina, do Uruguai e do Brasil, um residente da Comunidade-Luz da Irmandade e sete monges da OGM. Mesmo sendo de diversas procedências e profissões - médicos, dentistas, construtores, entre outros - formaram uma única rede de serviço em prol de cento e vinte famílias.

Antes de se encontrarem na cidade argentina Resistência, parte deles se reuniu para um exercício na Comunidade-Luz da Irmandade, em Capilla del Monte, na região de Córdoba. Tinham a intenção de unir as consciências para entrar no espírito da fraternidade, enquanto faziam treinamentos práticos. Diz o residente Maurício: Participamos de atividades grupais para atingir certo ritmo e sincronicidade entre nós. Pintamos paredes, cuidamos de jardins. Para proteger a comunidade de enchentes, construímos um muro com pedras brancas roliças Eram carregadas do fundo de um rio seco. Fizemos uma fila e eram passadas de um em um.

O último movimento seria ainda mais árduo. Subiriam uma montanha por horas, do sopé ao cume. Exausta, uma jovem decidiu não participar, até ouvir uma opinião: Em uma tarefa de serviço, devemos apenas estar sintonizados com o Alto. Ela confessa: A frase me sacudiu. Fui. Aprendi sobre a importância de estar unida ao grupo, esquecida de mim. Quando um está caindo ou já não tem tanta força, quem está a seu lado o impulsiona a seguir. Apesar do cansaço, voltei em júbilo da caminhada, bem inserida à fortaleza grupal.

Enquanto os missionários treinavam, a Rede-Luz organizava a logística da viagem - contatos, alimentação, hospedagem, transporte de doações. De Resistência, rumariam para as comunidades. Assim foi. Ao chegarem, os vinte e um estavam sendo aguardados por cerca de quarenta membros da Rede-Luz que, tanto na abertura quanto no encerramento do trabalho, reuniram-se para somar esforços. Oraram e partiram com espírito palpitante para a Comunidade Mapic.

Eram sessenta e o centro comunitário pequeno. Mal chegaram, caiu uma chuva torrencial. A terra ficou argilosa. As crianças correram para brincar de jogar barro umas nas outras, e os adultos tentavam escapar da mira delas. As águas purificavam os ares e a energia, batizava os presentes e fez a alegria transbordar. O grupo arregaçou as mangas, começou a fazer doações e, em seguida, foi visitar casas precárias construídas de telhas de papelão.

Receberam outra bênção na Comunidade Tirol. Encontraram Bernardino, a esposa grávida e quatro filhos morando em um quarto. Um garoto tomava banho de goteira. Havia um violão pendurado na parede. A goteira, a chuva, o violão... Conta uma monja missionária: Perguntamos: podemos entrar? Podemos cantar? Você toca? Bernardino: "Sim!" E nos deu uma lição. Acima de toda precariedade, o amor por Deus irradiava dele. Pegou o violão e cantou, e louvou, e nós, seguindo-o: "O amor é a chama preciosa de Deus. Um mandamento novo vos dou: que vos ameis uns aos outros. Nisso, reconhecereis que sois Meus discípulos, se tiverdes

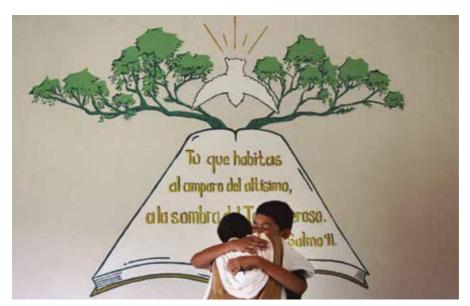


Visita a Bernadino. Chaco. Argentina, 2016

amor uns pelos outros." O grupo aplaudia, e ele ainda acrescentou: "Não importa a religião nem o credo de alguém. O bom é quando uns veem a necessidade dos demais e os valorizam principalmente por serem pessoas, serem humanos. Jesus, quando se entregou na Cruz, não o fez pelo rico, pelo pobre, pelo drogado ou não; simplesmente se entregou pela humanidade. Agora cabe a nós transmitir isso. Eu me alegro e agradeço por vocês terem chegado aqui hoje".

Os missionários estavam onde, cerca de 4000 a.C, chegaram os primeiros povos da região. Sentiam-se abraçados pela simplicidade e humildade de indígenas da Comunidade Costa Iné que lhes contaram, com a pureza de um jardim florido, seu clamor grupal: Oramos dias pedindo a Deus que viesse nos socorrer. Vocês são o socorro enviado por Deus.

Ali, e em outras quatro comunidades, os missionários impregnavam as ações com fragrâncias do próprio espírito. Assistiram necessidades básicas de higiene pessoal e bucal - cortar unhas, cortar cabelos, tirar piolhos, lavar mãos dos pequeninos, dar banhos. Sopraram paz durante atividades artísticas - pinturas em rostos, canto coral, jogos, danças. Doaram alimentos, medicamentos, roupas e brinquedos agradecendo, pois ao doador é dado mais do que a quem recebe.



Pintura feita a pedido do Cacique. Argentina, 2016

Ajudaram a reformar e pintar construções. A pedido de um cacique, criaram um mural com uma pomba e a árvore da vida na qual, sobre o tronco, foi pintada uma enorme bíblia aberta. Plantaram sementes em uma horta e criaram seu sistema de irrigação. Cozinharam e cantaram junto a indígenas. Ingressaram em residências para compartir histórias. Desparasitaram e vacinaram cerca de setenta cães doentes.

A maioria das enfermidades - como as patologias de pele e as das vias respiratórias encontradas na Comunidade Fontana, de descendentes indígenas toba ou qom - vêm de questões de higiene, superlotação, mudança de hábitos, alimentação sem nutrientes. A equipe de saúde ofereceu serviços médicos, odontológicos e de enfermagem a cento e vinte famílias. Fez curativos, doou medicamentos.

No fluir das atividades práticas, trocava palavras generosas com oprimidos pela penúria. Atendeu mães bem jovens, com imensa tristeza no olhar e na expressão. Também crianças afetadas por modernidades, menos silenciosas e que já não exprimem o respeito encontrado em outras comunidades.

Ao treinar para se tornarem melhores seres humanos, traziam o bem até si próprios.



Médico e grupo missionário a caminho de prestar assistência. Chaco, Argentina, fevereiro de 2016

Muitíssimo ocorria a cada encontro. Os laços entre índios e brancos precisam ser resgatados, e durante os contatos foram acesas fagulhas de compreensão mútua. Diz a coordenadora Madre Teresa: A missão ia sendo nutrida pelo invisível, que guiou seu curso fazendo ocorrer algo além da nossa vontade humana.

O médico acrescenta: Ao interagir com pacientes pequenos e suas mães, nosso coração ia se entrelaçando aos deles. Não fazíamos apenas procedimentos médicos durante as consultas; prestávamos atenção para compreender aquilo que a consciência indígena tem a nos ensinar. O melhor a fazer? Escutá-los. O poder está em escutar para perceber o que eles necessitam, escutar o que têm a dizer sobre as enfermidades. Diz outro participante da equipe: Apresentavam, por vezes, doenças dolorosas. Ainda assim, mantinham uma enorme calma, a resignação própria deles. A odontóloga completa: Como dentistas, não tivemos nenhuma dificuldade em atendê-los, nem mesmo as crianças. São serenos, pacientes, pacificados. Não no sentido de passividade, mas no de ser pacífico, de ter aceitação. Isso está incorporado na consciência deles.

Mesmo no meio do caos, do esgoto, do piolho, da lama, da sarna animal, da precariedade, da tristeza, da dor e do abandono, o povo originário



Chaco, Argentina, 2016

emana um fulgor além das aparências. Embora tenha-se afastado do próprio mundo exterior e do interior, esconde raízes da sabedoria original no fundo de si: a pureza, a mansidão, a convivência compreensiva com o outro e com a Natureza.

Assim como vem acontecendo no Oriente Médio, os maiores males do povo resultam da ausência da pátria, da perda de costumes. Porém, nos indígenas a esperança e a fé estão vivas.

A música acompanhava o dia a dia. Na comunidade Mapic, apareceram cantores tocando violões para agradecer, emocionados, a presença do grupo irmão.

Os missionários sempre tocavam e cantavam, como na missa da Igreja São José, a convite do padre. Oraram a Ave-Maria em idiomas indígenas. Em mapuche: Mari Maria. Maitei María em guarani, idioma falado por mais de sete milhões de pessoas e que, no Paraguai, é uma língua oficial, junto ao castelhano. Prosseguiram em xavante, falado no Centro--Oeste brasileiro: Atsawi di Maria. Em quéchua, com cerca de dez milhões de falantes em países andinos: Llum'pa Mariya Napayuy. Por fim, oraram a Ave-Maria no belo idioma nahuatl: Ximopakilti Teonantzin María. Nele escreveram-se crônicas, obras de poesias e gramáticas quando

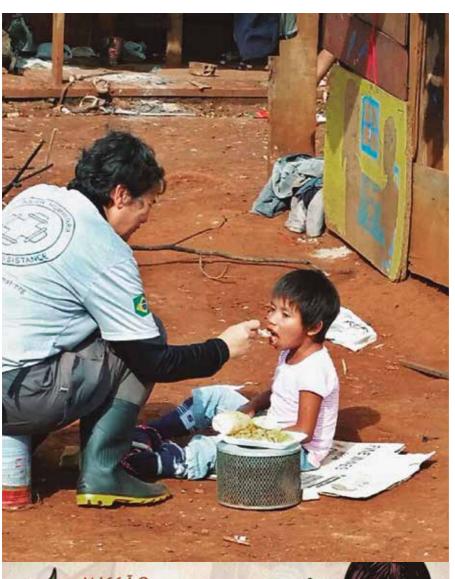


Chaco, Argentina, 2016

o nahuatl foi transcrito para o alfabeto latino logo após os espanhóis chegarem no México.

O encontro missionário se encerrou na Comunidade Tirol, onde havia sido aberto. Aos vinte e um voltaram a se somar membros da Rede-Luz. Cada um trazia seu conhecimento e a delicadeza do gesto que alivia. Havia mais dentistas, mais cozinheiras, mais aqueles que sabem ouvir o outro, mais distribuição de objetos, mais visitas às famílias. Eram sessenta servidores, uma alegria nos céus.

Após conhecer as condições de vida indígena, o grupo amadureceu: Saímos da missão com mais vontade de amar qualquer povo. Nós, cada ser humano, temos a fraternidade implantada no coração, a vontade de ir até o outro para atender sua necessidade, ouvi-lo. A empatia e o altruísmo estão em nosso código básico. Precisamos sair de nossas casas. Não para fazer grandes coisas, mas pequenas coisas com grande amor. Se fizermos para um, mil vão receber. Esse foi o legado que Madre Teresa de Calcutá nos deixou. Que possamos ser simples. Não é preciso ser doutor nem ser letrado; basta estar disposto a amar do jeitinho mesmo que somos.





MISSÃO PARAGUAI

Tudo corre, a consciência indígena observa

O coração é seu, pode sofrer. O rosto é dos outros, precisa sorrir. Cartaz em uma loja de essências

Eles cantam e tocam violão, brincam de roda com crianças, acalentam bebês. Sorrindo, levam a colher a bocas pequeninas. Cuidam de dentes, tratam feridas, acompanham por horas internações em hospitais, concertam telhados e paredes e aparelhos, limpam o que precisa ser limpo, puxam com enxada o barro da varanda, calam-se, olham profundamente, distribuem doações. Se chamados a dançar, dançam. Se alguém tem frio, aquecem-no com agasalhos. Se tem fome, providenciam-lhe alimento. Seguem em fila por trilhas na mata para visitar o xamã, o doente, a família.

Com certeza esses movimentos são simbólicos, quase nada diante das atrocidades aplicadas pelo homem branco e do estado crítico em que numerosos indígenas se encontram. Foi-lhes roubada a terra virgem, a água cristalina. Olhos espantados viram selvas queimadas se converterem em monoculturas e pastagens. Olhando estrelas, indígenas e brancos sensíveis se perguntam: *De onde brota tanto desamor?* Olhando para o fundo de si mesmos, pioneiros da próxima humanidade sentem: *Em nós soa o pedido de perdão por tudo que o homem branco impinge aos indígenas*. Olhando para a Natureza, nativos refletem: *Vocês não sabem o que fazem*.

Uns poucos se unem para ajudar povos originais. Frei Thomas, presente na Missão Paraguai, reflete: Quinhentos anos atrás a Consciência Divina preparou o encontro, na América, entre duas culturas, a do homem branco e a do homem indígena. Algo especial deveria acontecer entre esses dois projetos de humanidade. Cada um trocaria o fruto do próprio desenvolvimento com o outro. Mas o encontro foi um desastre, violência, perseguição, extermínio, preconceito. O ódio extremo se perpetua nos dias de hoje,

provocando uma grande ferida no coração da Divindade, bem como nos corações dos indígenas e dos brancos.

Para definir qual povo Guarani do Paraguai os missionários iriam servir, Ricardo e alguns membros da Rede-Luz do país fizeram visitas antecipadas de avaliação a três locais. Primeiro se dirigiram para o Chaco e em seguida para a cercania da capital Assunção.

Bem antes de os espanhóis chegarem, os Guarani praticavam abundante agricultura e distribuíam os excedentes. No Chaco, os visitantes observaram algumas tradições mantidas. Ricardo descreve: A aldeia é estruturada, fazem plantios e são preocupados com a Natureza em torno, com o tratamento da água e dos dejetos. Ali funcionam uma escola infantil e a casa do artesão. Quando perguntei ao cacique como cuidavam da saúde do povo, pediu que o acompanhássemos até a Casa Sagrada e disse: "Nossa atenção começa no opy. O xamã, guia espiritual, avalia se o doente resolve a questão aqui ou se precisa procurar um médico". Mostrou os instrumentos musicais de sopro, chocalhos, pau-de-chuva, percussão. Falou um pouco das cerimônias e da espiritualidade guarani.

Afinal, optaram por ajudar comunidades que circundam a capital do departamento Alto Paraná, a Cidade do Leste e sua vizinha Presidente Franco, a vinte quilômetros. Ambas, próximas a Foz do Iguaçu. Os indígenas vivem em exíguas faixas de terra e condições degradantes desde que, em 1982, durante a obra binacional da Usina Hidrelétrica de Itaipu, trinta e duas comunidades, com cerca de quarenta e dois mil integrantes, foram expulsas com desprezo e hostilidade de seus territórios.

Sob ameaça, apenas algumas aldeias foram avisadas sobre a subida do rio Paraná para a formação da represa. Outras nada sabiam. Seus moradores, alarmados ao ver as águas se elevarem em sua direção, fugiram às pressas com os parentes que estavam por perto. Os povos originários prezam a relação com a família, e inúmeros se perderam dos pais e irmãos. Jamais voltaram a vê-los. Com medo, pulverizaram-se pelos arredores do rio. Ora se abrigam aqui, ora acolá.

Povos inteiros, mais de oito mil indígenas, foram exterminados durante a expulsão, uns tendo sido presos e torturados. Todavia, suas memórias não foram afogadas. Os mais velhos relatam: Ou corria, ou morria. Diz um cacique: O homem branco chama isso de progresso, mas é um progresso que tira vidas, que mata culturas.

Passados quarenta anos, grupos vagam e reivindicam um solo sagrado para pisar, um *tekoha*, onde se instalar junto aos da própria etnia, pois sequer receberam indenização nem terras demarcadas. Para viver em plenitude, precisam interagir com a Natureza, com os seres espirituais da mata, das águas. Sem isso e sem prevenção de saúde, estão debilitados, com feridas pelo corpo e pela cabeça, dentes estragados, doenças instaladas. A fim de levar-lhes um pouco de alívio, a missão humanitária se deslocaria até eles.

O grupo missionário contatou o Departamento de Saúde Indígena do Ministério do Alto Paraná para melhor organizar os mutirões de atendimento médico e odontológico. De imediato, o órgão se comprometeu a doar os medicamentos, além de enviar um médico para ajudar o grupo.

Um membro da Rede-Luz ficou encarregado dos contatos posteriores, durante a missão, quando as necessidades foram sendo prontamente atendidas. Ele contatou uma universidade particular local, cujos estudantes de odontologia, acompanhados de uma professora, deram apoio fundamental. Ao término da missão, comprometeram-se a dar continuidade aos atendimentos e promover palestras educativas sobre higiene bucal para os curumins.

Por via aérea e terrestre, dezesseis missionários e quatro monges entraram na Cidade do Leste. Hospedados em um alojamento simples de freiras franciscanas, a eles se reuniram membros de grupos da Rede-Luz dos três países da região da Tríplice Fronteira: representantes da Cidade do Leste, brasileiros vindos do estado do Paraná – de Foz do Iguaçu e de Santa Teresinha, e representantes argentinos de Porto Iguaçu e de Posadas, da província Missões.

Consciente de que a humanidade pode ser redimida por meio do serviço ao próximo e aos Reinos da Natureza, a Fraternidade orou e cantou. Abrindo-se para o sagrado, partiu para a missão humanitária junto a grupos originários de recicladores. Durante dezesseis dias, estiveram com seis grupos guaranis mbya e ava. Nenhum tem a posse da terra nem o reconhecimento do governo como comunidade indígena.

Paraguai é um dos únicos países realmente bilíngues do mundo. Suas línguas oficiais são o castelhano, herdado dos colonizadores espanhóis, e o admirável idioma pré-colombiano mais usado na América do Sul, o

guarani. Esse pertence ao tronco linguístico tupi-guarani, do qual derivam vinte e uma línguas. Ensinado em escolas, é falado por 60% da população, sobretudo a da área rural.

As famílias indígenas tentam preservar o amor pelo sagrado, pela terra, pela água, pelo Sol, pelo vento e respeitam as lideranças espirituais. Usam plantas medicinais para cura, resguardam o canto e a dança, tecem cestarias, esculpem animais e instrumentos musicais em madeira, conservam trajes tradicionais em festas. Isso, apesar da degradante condição de quem vagueia sem território, apesar de baixarem a cabeça diante de telas de celular, apesar de modismos do homem branco terem penetrado em suas vidas.

Em razão do comércio barato, a Cidade do Leste é bastante procurada por estrangeiros, sobretudo brasileiros e coreanos. Coberta de lojas agitadas, tem ruas, avenidas e lotes vagos tomados por toneladas de lixo. Diariamente, lojistas e turistas vão livrando-se das embalagens onde quer que estejam. A insalubre paisagem urbana é degradante, sobretudo quando chove. E chovia demais naqueles dias.

Os missionários foram ingressando pela periferia em um cenário semelhante ao de favelas, atípico para indígenas vulneráveis que já não pisam em territórios sagrados, mas em montanhas de lixo. Desapareceram os prolongados rituais comunitários sob a lua e em noites estreladas. Na comunidade Yvú Porã Rendá, da etnia avá-guarani, vivem em família, uns apoiando os outros. Há dez anos ocupam um terreno emprestado pela prefeitura junto a um muro e ao lixão municipal, do qual retiram sustento.

Fazia frio e a chuva pesada deixava a lama pegajosa. Estarrecido com a forma desonrosa de viver, o grupo compassivo começou a participar da realidade de crianças sujas, sem sapatos e com pouca roupa. Desde cedinho, moradores puxam carrinhos com esforço, deslizando no barro ocre. Catam plástico e papelão, que empilham dentro da própria comunidade, onde os separam e amarram antes de sair para vendê-los.

De coração partido, assistiram às menorzinhas recolherem brinquedos quebrados e puxarem sacolas com pedaços de plástico colorido. Apesar da situação precária, as crianças não brigam entre si, respeitam umas às outras, aos mais velhos, ao cacique, aos recém-chegados.



Brincadeiras na comunidade indígena Yvú Porã Rendá, Cidade do Leste, Paraguai, 2016

Antes, este grupo étnico de agricultores colhia em abundância, caçava e coletava palmito na mata virgem, pescava no rio. Agora, falta-lhe espaço para plantar até mesmo uma horta e vive com fome. Nunca sabe quando terá comida. Das panelas encaixadas sobre pedras e uma pequena fogueira sai: Um feijão nadando no prato com alguma coisa que não identificamos, diz uma missionária.

A coordenadora da missão, Clara, consultava o cacique Carlos antes de liberar cada atividade: Assim que chegamos, Carlos nos apresentou aos membros da comunidade, a quem perguntou se nos davam permissão para trabalhar com eles. Deram a permissão. Foi a primeira lição para nós. Eles honram a vida grupal e tomam todas as decisões juntos. Depois, ao passo que identificávamos as necessidades de vinte e duas famílias, comunicamos ao cacique o que podíamos ofertar-lhes.

Perguntou-lhe, por exemplo, se poderiam proteger com tampas três poços para captar água, o que o líder aceitou. Uma monja, passando os olhos em torno viu antenas parabólicas, pegas no lixo, dependuradas em árvores como enfeite. Surgiu-lhe a ideia. Como eram do tamanho exato da boca dos poços, e leves, improvisaram a tampa e, para completar a alegria geral, uma colaboradora pagou o conserto da bomba-d'água!

Havia um barraco pior que os demais, com goteiras vazando pela cobertura de panos e sacos plásticos. Assim que a proposta de reforma foi aceita pelo cacique e as moradoras, uma mãe com duas filhas, os missionários cobriram a estrutura – quatro paus roliços fincados na terra, um em cada canto - com plástico preto recém-adquirido. Só cabia um colchão, e outra colaboradora doou um novo.

Clara descreve: Existe unidade entre os indígenas e tomam as decisões em grupo. Íamos reconhecendo a forma como se expressam e pensam. Aguardar um parecer geral exercitava nossa paciência, mas com eles aprendemos a amar incondicionalmente o semelhante. O cacique, preocupado com a saúde dos cem integrantes da comunidade, acompanhava os atendimentos médicos e o apoio odontológico que se deram na escola. Ele mesmo chamava quem seria consultado, sobretudo crianças e grávidas.

O médico dá o diagnóstico geral: Deparamo-nos com lesões e todo tipo de doenças de pele. Havia patologias das vias respiratórias. As circunstâncias em que se encontram e o ambiente em que vivem propiciam a propagação dessas enfermidades. Ensinamos às mães como tratar os filhos com os medicamentos que conseguimos por intermédio do Ministério de Saúde, que colaborou na internação hospitalar, acompanhada pelo grupo, de um bebê de dois meses com séria patologia infecciosa na pele.

A fortaleza espiritual da comunidade estava abalada desde que a casa sagrada, chamada opy, tinha ido ao chão. Nela, o xamã se comunica com espíritos criadores e com os de animais, de árvores, das águas. Trata com plantas medicinais e só indica ajuda da medicina tradicional para casos extremos. Os guaranis, chamados de grande povo, acreditam ter sido criados por Tupã, e que Ñamandú, o primeiro deles, fez da terra seu leito.

O cacique afirmava que vários problemas de saúde são resolvidos pelo xamã na opy. Tinha absoluta fé de que a aldeia voltaria a ter saúde quando fosse reerguido. De imediato a Fraternidade pôs a mão na massa. Deixou a base pronta e custeou o transporte de uma madeira sagrada colhida por eles mesmos na mata com a qual os indígenas elevaram as paredes e cobriram o teto.

A despedida foi festejada com um almoço, danças tradicionais e cânticos, um sobre a travessia da Terra sem Males e outro sobre o canto dos pássaros. Clara relembra: Instalaram a caixa e o aparelho de som, dizendo que não podiam tocar seus instrumentos. Teriam de ser mantidos em silêncio até a opy ser levantada. A música é uma oração viva para eles. Foi mais uma lição aprendida sobre a reverência dos índios pelo mundo espiritual, pelo canto. Encerramos dançando com as crianças, um riso só!

Gratos, profundamente gratos, brancos e indígenas selaram à mesa o triunfo da união universal. Momento a momento crescia a compreensão entre ambos os grupos, que trazem em si ideias metafísicas e a fé mais simples. Os originários valorizam mais a família, a Natureza, conversas, narração de histórias e tocar música em torno da fogueira do que conforto material. A Fraternidade saiu do encontro expandida. Madre Tereza reitera: Tivemos uma lição de humildade e de sabedoria espiritual. A relação deles com o Sagrado é profunda e independe do externo.

A 10 km dali pisaram em Presidente Franco, cidade portuária às margens do caudaloso rio Paraná, para assistir cinco comunidades da etnia mbya, que ficam a cerca de quinhentos metros a 8 km umas das outras. São pequenas aldeias-refúgio em fundos de fazendas cercadas por monoculturas transgênicas de soja, que abalam a biodiversidade. Grandes fazendeiros substituíram o que restava da mata virgem, capoeiras e campos por extensos plantios em que aplicam agrotóxicos, venenos que sopram gravíssimas doenças nos ares, nos pulmões, nas peles. Apenas uma das comunidades visitadas está em uma selva exuberante, a reserva ecológica Moisés Bertoni. Pressionados a deixar vastas terras, os indígenas travam uma luta constante para resistir e só conseguiram pequenas vitórias, como escolas primárias construídas pelo governo.

Diz Clara: Concentramos os atendimentos de saúde e as outras atividades dentro e em torno das escolas. O cacique que representa as cinco comunidades levou-nos a visitá-las. Explicou sobre cada uma e apresentou-nos aos líderes. As aldeias subdividem os dias da semana no trabalho do lixão. Era domingo e seguimos para lá. Foi impactante ver crianças catando plástico e papelão. Os caminhões chegam com as sobras das sobras do lixo urbano, pois o melhor dele é catado antes na própria cidade. Sem ser remunerados para isso, os próprios índios os descarregam, já que não é enviado outro funcionário além do chofer. O que ganham é irrisório. Em troca do trabalho gigantesco, famílias obtêm cerca de quinze mil guaranis por dia, cerca de dois dólares americanos e meio.

O alimento enviado às escolas para a merenda das crianças – leite em pó, macarrão, arroz, feijão – demora até cinco meses. Um mestre-escola



Comunidade indígena Yvú Porã Rendá sobrevive de recicláveis. Cidade do Leste, Paraguai, 2016

contou que deixa de dar aula por um ou dois dias para ir ao centro urbano pedir doação de comida às autoridades. Os meninos ficam aguardando seu retorno, mas ele nem sequer traz um saco de sal. Com pesar por ter tanto a ensinar - contas, os idiomas guarani e castelhano, história, geografia - diz que, com fome, os alunos não conseguem aprender.

Quando os missionários dirigiram-se para o santuário com nascentes de água Moisés Bertoni, tinham esperança de encontrar indígenas em melhores condições de vida. Há um século, o cientista suíço adquiriu a propriedade do governo paraguaio, apesar de a mata pertencer ao território mbya. Empresas turísticas brasileiras e argentinas hoje levam ao local, pelo sinuoso rio Paraná, clientes em visita às Cataratas do Iguaçu.

Ancoram os barcos na praia fluvial onde os mbya apresentam danças e tentam comercializar artesanatos. Em seguida, os turistas sobem seiscentos metros até o Museu Científico Bertoni para apreciar o laboratório, a biblioteca, o legado em Botânica, Zoologia, Meteorologia, Antropologia. Lá encontram mais artesanatos em uma lojinha.

O resultado das vendas não basta para os originários se alimentarem. Os nativos estão desnutridos, doentes. Nem mesmo o alimento para a escola chega. Cães com sarna vagueiam entre choupanas cobertas de palha



Conserto de barraco de um casal ancião. Santuário Moisés Bertoni, Presidente Franco, Paraguai, 2016

e madeira, e onde há uma infestação de baratas. Explicaram o ciclo da espera da comida: Um dia eu fico com fome, no outro dia como, e espero o dia que vem mais comida. Como, e novamente aguardo, com fome.

Por uma trilha mata adentro, o cacique os guiou até uma clareira onde vive o sábio e amistoso ancião xeramõi Senhor Iúlio. Mentor e curador espiritual das cinco comunidades, ele guarda o conhecimento e a sabedoria indígena. Trabalhou com o estudioso Bertoni que, enamorado pela cultura milenar e pelos guarani, aprofundou o conhecimento sobre o povo e veio a protegê-lo com ardor.

Diante do barraco do *nhaneramõi*, nome guarani dado aos mais velhos, o grupo fez-lhe uma proposta. Reformar o teto coberto de telhas quebradas e as paredes revestidas com restos de plásticos furados e lonas recolhidas no lixão. O Senhor Júlio prontamente aceitou. Foram adquirir o material e reformaram o casebre. O próprio cacique, havia comentado: Ninguém merece viver assim...

No assentamento seguinte, Puerto Barreto, uma xamã pediu para o grupo coletar madeira em um bosque próximo, que usaram na construção do opy destinado aos rituais sagrados. Aproveitando o impulso empreendedor, em seguida fizeram melhorias na casa da xamã.

Além de consultas dadas nas comunidades, a equipe de saúde atendeu trinta e duas famílias do assentamento Puerto Flores com sérias doenças de pele causadas pela contaminação por agrotóxicos tanto do ar quanto de um riacho próximo. Vivem em um terreno pertencente a uma igreja evangélica, que lhes ministra assistência educativa e religiosa. Dependiam de um poço de água comunitário, que estava prestes a secar. Diante da urgência, o grupo escavou-o para aumentar sua profundidade.

Por onde passava, a Fraternidade fazia visitas domiciliares, animava crianças a cantar e a participar de atividades lúdicas, lavava e cortava cabelos e unhas. Oferecia mantimentos, medicamentos, roupas e ferramentas de trabalho, escovas de dente, material escolar. Reformava casas. Realizava mutirões para limpeza geral de assentamentos, às vezes ajudados por alunos indígenas. Apresentava o fogão solar para os interessados. Ao encontrar terras cultiváveis, doava sementes puras de milha feijão, alface, rúcula, cenoura e tomate para os caciques.

Servidores da Rede-Luz relembram: O mais lindo foi a confiança e a comunhão desenvolvida entre indígenas e missionários, a alegria vivida em cada encontro. Apesar do lixo e da dor, os nativos mantêm a solidariedade, o compartir. Não se queixam e são silenciosos. Isso foi um ensinamento para nós, "brancos".

Impactados pela extrema miséria de povos originários, nascia a vontade de amar mais, amar melhor, descobrir formas de ofertar qualidade de vida aos seres mansos. A Fraternidade não poderia assistir àquilo passivamente. O pungente abandono daquelas criaturas gerou desdobramentos e, daí em diante, surgiu a Missão Recorrente Paraguai.

A consciência indígena resiste. Plena de maravilhas, a alma originária adora a Divindade e resguarda a beleza inocente, a existência natural que expressa verdade, pureza e valores contemplativos. Aguarda, resignada, por melhores tempos. Tocada pelo zelo e pelo alívio material ofertado, sentiu-se reconfortada pela bondade dos missionários que a ela se uniram.

PARTE III
Catástrofes Ambientais
na América do Sul



O planeta bate seguidos recordes.

Geofísicos: terremotos, tsunamis, vulcões;

Meteorológicos: tempestades, furacões;

Hidrológicos: enchentes, subida do mar;

Climatológicos: secas, incêndios,
queimadas, temperaturas extremas.



MISSÃO MARIANA, BRASIL

A terra: animais na lama tóxica

Em grandes catástrofes, em grandes perdas, o que não pode morrer é o amor. O amor tem de persistir, tem de imperar. Temos de sustentar a tocha do amor, o fogo do amor. Reflexão de uma missionária

O Reino Mineral parece passivo e inerte; porém, quando se move, revela terrível poder. O vulcão explode, a terra treme, a força da água envia respostas contundentes ao abuso humano.

Uma barragem de rejeitos de minério de ferro e outra de água cederam juntas. Uma arrastou a outra, arremessando uma avalanche de lama assassina alaranjada do interior montanhoso do Sudeste brasileiro até o Oceano Atlântico. Como uma cobra gigante, a onda serpenteou 800 km pelo Rio Doce e, em dias, alastrou-se mar adentro. Alterou a cor, a química e a saúde das águas doces e salgadas. Afetou animais, plantas, gente.

A voracidade da atividade mineradora provocou a pior tragédia socioambiental do país e a maior do planeta envolvendo depósitos de rejeitos. Operários em serviço ouviram o estrondo que anunciava a ruptura de antigas rachaduras dos paredões. Quem estava no caminho buscou desesperado um lugar seguro. Dezenove pessoas foram tragadas pela enxurrada, umas dentro de veículos.

Gente, jumento, pato, horta, paredes, caminhão iam sendo engolidos pela lama viscosa e fria. Isso a senhora viu do alto do povoado. Estava na cozinha quando a irmã gritou. Uma chuva de pó entrava janela adentro. A escola infantil, a igreja, fazendolas, a casa da D. Maria desapareciam lá embaixo sob o deslizamento argiloso a descer, engrossar, subir, espalharse. A calamidade invadia vales entre morros a perder de vista. Pessoas fugiam às pressas. Uma jovem correu por vinte minutos puxando sobrinhos para escaparem do pavor. Cães ganiam; galinhas, porcos, cavalos, vacas iam sendo devorados.

A casa da senhora se tornou um ponto de apoio para vítimas. Na pequena comunidade, todos cresciam conhecendo-se. Noite adentro, sem energia elétrica, ela e os irmãos carregavam idosos, soltavam animais presos. Notícias lhes chegavam sobre a agonia dos que se refugiaram no mato ou estavam ilhados, porque acessos ficaram bloqueados e o helicóptero de resgate não pode voar à noite. Feridos eram levados para hospitais. Buscavam-se desaparecidos. Conheciam a menininha que escapou da mão do pai e foi sugada pelo barro traiçoeiro diante dos olhos do avô. Corpos subiam à superfície e logo eram sorvidos, aparecendo a 100 km até quatro meses depois. Moradores dos lugarejos seguintes iam sendo avisados para os abandonarem com urgência. O diretor de uma escola recebeu um telefonema e correu a tempo com alunos e professores em um miniônibus acelerado.

A enxurrada de alto teor tóxico do município de Mariana, região central de Minas Gerais, imprimiu um trajeto cruel. Invadiu povoados, afetou mais de quarenta cidades de dois estados, soterrou nascentes, matou a vida de córregos e do Rio Doce, cujas águas estiveram seis meses sem luz.

O verde das margens secou, toneladas de peixes foram sufocados por falta de oxigênio e obstrução das brânquias. Aos impactos ambientais somavam-se tragédias humanas, crianças órfãs, mais de mil atingidos diretos, duzentos e cinquenta mil moradores sem água potável. A dor é perene. Quatro anos depois, indivíduos prosseguem sem atividade econômica e atacados por sérias doenças e alergias. Depressões abalam seres humanos e animais. As famílias quase nada recebem. E a justiça se cala.

A cobiça e a extrema indiferença empresarial, política e econômica pela vida são responsáveis pelo acidente. No Brasil há vinte e três mil barragens, e os riscos que apresentam são desconhecidos. Muitas empresas, por considerarem o lucro uma prioridade absoluta, reduzem medidas de segurança, omitem o monitoramento e suprimem estudos aprofundados sobre o impacto ambiental. Além de operar com o menor custo possível, compram políticos, doando-lhes milhões para financiar campanhas eleitorais. A corrompida legislação atual protege o empreendedor. Um engenheiro afirma que a empresa sabia do risco. Ele foi chamado para remediar rachões do paredão e se negou envolver com o irremediável.

Desde a hora mais aguda da invasão da lama, os gigantes econômicos proprietários das minas passaram a afirmar repetidamente que ela não

é tóxica. Manifestam o egocentrismo institucionalizado ao dar entrevistas que negam e dissimulam efeitos prejudiciais da escória sobre a saúde humana e ambiental. A fim de criar dúvida, os indiferentes confundem a opinião pública deliberadamente.

Cientistas sérios discordam. Os danos gerados pela barbárie atravessarão décadas indeterminadas. Ambientalistas e biólogos consideram que os rejeitos elevarão a toxicidade no mar por, no mínimo, cem anos. Em diversos trechos de cursos d'água, um grupo de cientistas independentes constatou a presença de metais pesados carregados pela torrente de lama. Estudos comprovam que o nível de ferro, alumínio e cromo da água disparou. O desaparecimento de ecossistemas terrestres e marítimos soma-se à violenta poluição do fundo dos oceanos produzida por trilhões de pedaços de plásticos e à morte de colônias de corais ocasionada pela subida de temperatura das águas. Um horror.

Pelas áreas devastadas, animais de grande porte continuavam a atolar, e equipes especializadas mobilizavam-se para resgatá-los. Em um galpão, gatos, vacas, porcos, gansos e cerca de trezentos cães carentes eram cuidados até, quando reconhecidos, retornarem aos donos.

Dias após a tragédia, a Fraternidade recebeu solicitações de ajuda por parte de colaboradores que acompanhavam de perto a região afetada. A população humana de atingidos fora socorrida, mas faltava amparo para aliviar o sofrimento de animais de pequeno e grande porte.

Pela primeira vez, os missionários trabalhariam com grupos de ajuda humanitária atuantes em frentes de socorro. Até então, haviam apoiado apenas entidades religiosas. A Missão Mariana foi a primeira a atender o Reino Animal, o que ampliou a consciência missionária. A ela se incorporaram voluntários de dois outros setores coligados a Figueira: especialistas em atendimentos a animais da Associação de Serviço Casa Luz da Colina, CLC, e também o Grupo Solar, com peritos em atendimentos de emergências socioambientais, de calamidades públicas e de riscos individuais ou coletivos.

Dezessete servidores pegaram a estrada em dois automóveis e um caminhão carregado de doações enviadas por membros da Fraternidade: toneladas de ração para cães, gatos e cavalos, água potável, caixas com produtos de limpeza e acessórios caninos, como coleiras, guias. Nem todos se conheciam; apesar disso, envoltos pelo puro amor fraterno, confraternizavam-se no percurso com um sorriso no olhar, ou ainda por meio do silêncio pleno de verdade, ou durante as orações grupais. Sabiam que o serviço desinteressado conta com ajudantes invisíveis, e que, em paralelo às ações concretas, sucedia um ritual nos planos internos.

No fim da tarde, chegaram ao enorme galpão aberto. Subdividido em setores, estava bem estruturado para atender situações de emergência. Dentro fora montada uma tenda onde veterinários atendiam e faziam cirurgias até às 23h. Após as devidas apresentações para dois grupos em comando - a ONG Veterinários na Estrada e voluntários da Cruz Vermelha – foram imediatamente incluídos nas atividades e não pararam nas cinco horas seguintes.

Buscavam alinhar-se com a nova energia ao ingressar naquele universo. Receberam um impacto ao se depararem com os olhares dos animais. Revelavam agonia igual ou pior a de um ser humano. Não entendiam o que lhes passava e o trauma os habitava: O que está acontecendo, por que estamos em baias com portas de ferro? Estavam bem cuidados; havia, porém, uma calamidade maior que a material, a desordem psíquica. Deparar-se com uma tragédia ecológica cria tensões nos corpos físicos, emocionais e mentais de pessoas e de animais, que estavam tumultuados.

O trabalho missionário segue uma logística. O grupo foi serenamente subdividido. Uns foram retirar um touro da lama com uma equipe de resgate, outros descarregavam caminhões de feno e de ração, ainda outros começaram a organizar montanhas de objetos empilhados. À especialista em animais foi indicado passear com cães. Hayla relata: Ao pôr coleira em um cão preto e branco, senti sua confusão. Estava em estado de choque. Tivera casa, uma referência; por isso tinha tanto medo. Nem queria caminhar. Enfim, saímos para ver o céu. Andava atrás de mim, nem rente nem à frente, como em geral os cães fazem. Aos poucos, fomos reaprendendo a caminhar. Eu tentava compreender o verdadeiro sentido da missão. Ele tentava perceber o que se passava em torno.

No passo a passo, ela dizia palavras de mel para o cão, que retribuía soltando os passos. Ela ia recompondo-se da viagem e do abalo sentido ao se deparar com tanta dor. Encontravam outros voluntários passeando com cachorros. Soube que atingidos pelo descaso humano, mesmo tendo perdido membros da família e propriedades, protegiam a mineradora por



Retirada de forragem animal. Mariana, MG, Brasil, 2015

dependerem economicamente da exploração e do comércio de minério de ferro. A população esquece que a destruição afeta pequenos produtores e comerciantes, que a dependência econômica das corporações os limita na busca de autonomia criativa para se sustentarem sem agredir a Natureza.

Ao retornar para o galpão, o cachorrinho estava mais autoconfiante. Hayla passeou com outro, mas o terceiro deu três passinhos tremendo, sem coragem de se deslocar. Ela dedicou-se a conversar com ele, dar-lhe carinho até o cão aceitar dar uma voltinha.

Nesse meio tempo, anoitecera. Os missionários haviam terminado de descarregar pesados sacos de ração de um caminhão lotado. Luiz relembra: Com tudo ordenado, a coordenadora nos disse: Olhem, vocês vão ter de refazer o trabalho. A ração não era para ter sido levada para lá... Começamos a rir. Estávamos exaustos. O que fazer? Sentar e dizer: "Não vamos fazer isso porque estamos exauridos?" Ou rir de nós mesmos, de nossas confusões humanas?

Ao saber do erro, de início ficaram atônitos, mas logo refizeram o trabalho. Visto que cada fato cotidiano tem múltiplos significados, aquela prova trazia-lhes uma lição. Ao recarregar e descarregar mais uma vez o caminhão, aprendiam, no mínimo, a estar mais atentos a comandos. Refletindo em profundidade, perceberam quanto o caos gerado pela colossal calamidade os confundira, quanto a contaminação mineral degenera os fios sutis e mentais que unem a consciência à matéria.



Organizando doações. Mariana, MG, Brasil, 2015

A população enviava doações generosas que chegavam sem parar, deixando o galpão cada vez mais emaranhado, desorganizadíssimo. Atraídos pelas notícias, vinha todo tipo de voluntário, a maioria por curiosidade, o que exigia ainda mais dos servidores.

A coordenadora geral, uma socorrista, trabalhava tanto que nem sequer trocara de roupa há três dias. Vendo-a, uma missionária aproximou-se: *Irmã*, *estamos aqui para fazer o que você precisar*. A jovem apontou a urgência de ordem. De imediato, pilhas de medicamentos misturados a material de limpeza, roupas e apetrechos de todo tipo passaram a ser arrumados sobre paletes, ordenados em prateleiras.

O dia missionário é intenso; a demanda, enorme. Todos têm de estar atentos, obedientes, observando um ao outro e ao redor, onde tudo está a acontecer. Era tarde, só haviam almoçado, e surgiu chá, frutas, pão. Alguém convidou: *Venham!* Juntos, com ritmo, os missionários dirigiram-se até onde um jovem tocava violão. Em meio a serviço tão pungente, um veterinário cantava, voluntários iam chegando, uns acolhendo outros com doçura. Tantos mundos dentro do nosso mundo.

Estavam mortos de cansaço. Fora-lhes indicado passar a noite em uma casa alugada para empilhar sacos de ração. Antes de deixar o galpão, alguém deu a boa ideia: *Vamos levar uns papelões daqui?* Chegando, só queriam tomar um banho, mas como os banheiros estavam sujos, antes os limparam, passaram panos, varreram. Dividiram os quartos em



Animais resgatados após o rompimento da barragem aguardam os donos. Mariana, MG, Brasil, 2015

femininos e masculinos. Puseram papelões sobre os sacos de ração, e seus sacos de dormir por cima. Por último, reuniram-se na sala de entrada para encerrar o dia com intensas orações.

Em instantes, a maioria mergulhou em sonhos. Todavia, em um cômodo, quatro missionárias não conseguiam adormecer. Sussurravam sobre a extensa chaga de lama ocre a perder de vista, sobre a agonia do povo, o sofrimento da Natureza. Cresciam em unidade, pediram perdão ao Criador e, gratas por fazerem um mínimo para amenizar o colossal infortúnio, sem demora sonhavam com a Grande Esperança.

Os dezessete acordaram renovados, o fogo das essências faiscando. Como escutam a lição do Sol nascente, sabiam. Estavam ali para trazer luz e ordem a um abismo escuro, reflexo de escolhas tortuosas da humanidade. Plenos de entusiasmo, partiram para a ação depois de orar, pois sempre iniciam e encerram cada dia conversando com o Eterno.

Passaram horas a ordenar os mínimos recônditos do galpão. Concentrados, alinhavam cada detalhe em prateleiras. No fim da tarde, o ambiente estava irreconhecível, mais iluminado. Já não pulavam sobre sacos para se locomoverem. Havia corredores entre pilhas separadas de ração de gato, cavalo, cão. Agora, os veterinários tinham acesso rápido a tal medicamento, à agulha número x, ao soro, ao material de curativo.

O perturbado espaço fora conduzido a um padrão arquetípico de ordem maior, o que ajudou a organizar a mente e os sentimentos dos presentes, que comentavam sobre a calma instalada. Há correspondência direta entre o que se passa no visível e no invisível, e vice-versa. A liberação da energia caótica repercutiu nos animais, sensíveis que são às ondas harmônicas vindas de mundos superiores.

Ricardo comenta: Este grupo trabalha de coração para coração. Um Médico Veterinário que os recebeu comenta: Eles têm uma equipe formada; nem precisa pedir, vão e fazem. Disso que a gente precisa aqui; de voluntários que gostam de agarrar no pesado.

Em outra parte do galpão havia cavalos, bois, porcos. Galinhas cobertas de lama iam sendo lavadas, assim como cada animal enlameado. Ali se depararam com a questão do consumo humano do animal, mas estavam para ajudar, amar, não para julgar o outro. Se o julgamento lhes penetrasse, aconteceria um bloqueio.

Uma voluntária de doze anos dava mamadeira para um potrinho, o novo cuidando de um novo. Um jovem que se voluntaria para responder a qualquer catástrofe nacional viera cuidar de crianças órfãs e traumatizadas, trazendo-lhes brinquedos. Encontrando-as bem atendidas no hotel, viera para a ala dos animais.

Famílias chegavam procurando os seus. Uma deu o nome do cão; porém, os cães chegavam sem nome. A responsável apontou as baias aos familiares. É este! acharam. Perdemos tudo e estamos em um hotel aguardando uma casa provisória. Ainda não podemos levá-lo... explicaram para o cão: voltaremos para te pegar, e ele entendeu. Ao constatar que o cachorrinho tinha cobertor, água, comida, abrigo e, na medida do possível, atenção de protetores, saíram mais confortados. Agora os voluntários entendiam aquele cão, conhecido por sempre tentar escapar. Claro, sentindo-se amado, queria achar a família conectada a ele.

O aprendizado era contínuo. Como cada ser humano traz uma luz única, missionários, moradores da região e voluntários tornavam-se mestres uns dos outros. A diversidade humana guarda em si a ciência da flexibilidade. Naquele galpão, uns respeitavam outros para tocar no mesmo tom.

No dia nublado, trinta pessoas despenderam enorme esforço no resgate de quatro equinos atolados. O grupo foi convidado a participar da ação. Seguiu três horas por estrada de terra vendo uma casinha aqui,





Resgate animal. Mariana, MG, Brasil, 2015

outra acolá e vestígios surreais da tragédia ao longo do leito do rio. Em caminhonetes, transpuseram águas contaminadas. Depois, a pé, em fila cautelosa, cruzaram a lama semissólida, escorregadia, marrom terracota, de odor metálica.

Bombeiros e veterinários iniciaram o primeiro resgate. Os missionários ficaram um passo atrás, em silêncio, para aprender. Passado um tempo, incluíram-se.

Labutaram por mais de quatro horas. Os corpos de dois jumentos e duas mulas estavam enterrados até quase o pescoço. Confortaram-nos com sua presença, agacharam-se para tranquilizá-los, levavam água fresca às bocas, falavam baixinho junto às orelhas ou os tranquilizavam sem palavras, com olhos nos olhos. Para soltar os dóceis mamíferos, tiveram de escavar em torno deles, retirando incontáveis pás do barro. As pernas e os pescoços iam sendo amarrados com cordas e, quando possível, protegidos por tecidos para não se ferirem ainda mais.

Um jumento pesa quase quinhentos quilos. Braços e mãos fortes se juntavam para puxá-los das escavações. Uns com cordas, outros a empurrar, todos apoiando, protegendo os corpos doídos. Quando necessário, encaixavam paus roliços sob o peito para carregá-los: Foi sofrido porque sentíamos a dor deles, uns pequeninos, outros adultos. Precisavam ser continuamente sedados com seringas. Na hora do resgate, machucavam-se, gemiam. Era uma tortura para eles e para nós, Shen aprofunda. Tinham



Resgate de jumentos e mulas soterrados na lama tóxica. Mariana, MG, Brasil, 2015

ficado tempo demais enterrados na areia, paralisados e, quando retirados, as pernas adormecidas não conseguiam ficar em pé. Era preciso tempo para o sangue voltar a circular e se levantarem.

Os humanos sentiam-se restaurados ao vê-los dar os primeiros passos. Antes e depois daquele dia, animais não tiveram a mesma sorte e sucumbiram na vasta e traiçoeira cobertura de lama, aparentemente sólida e seca na superfície, pegajosa e funda por baixo, uma ameaça constante.

No cenário triste da maior tragédia ambiental brasileira, os missionários deixaram para trás dramas soterrados e histórias áridas. Lá prosseguem ruínas de povoados fantasmas, esqueletos de árvores secas, marcas de seis metros de altura em paredes de igrejas, testemunhando a passagem do rejeito arenoso que se acumula na margem e no fundo das águas, aparentemente limpas para quem sobrevoa a área.

O material vem à tona se venta forte e, se chove, escorre e tinge as águas de laranja. A lama cobre a beira do rio com uma espécie de cimento infértil, que não permite à vegetação recuperar-se. Na seca, moradores sentem ardência nos olhos e respiram a poeirinha fina do minério, que entra por frestas de portas e janelas, tudo cobre e provoca problemas respiratórios e de pele.

Na foz do Rio Doce, estado do Espírito Santo, surfistas pararam de pegar onda, camarões e peixes estão contaminados por arsênio, chumbo e cádmio, as correntes marinhas carregam micropartículas que ameaçam ecossistemas frágeis, como corais e manguezais.

Águas doces e salgadas, a fauna, a flora, a vida humana e a animal continuam a pedir socorro e ficam cada dia mais esquecidas. Houve um corte na teia de vida, e a lesão urge ser cicatrizada. Para curar a matéria e os mundos sutis afetados, homens e anjos precisam tecer juntos uma nova história.

Um desastre desta dimensão e gravidade poderia ser uma oportunidade para percebermos descaminhos e pensar de outro jeito, mas o coletivo se cala, anestesiado. O ganho é mais importante que vidas estraçalhadas. Ó cegueira humana!

Mene Abdo, coordenador do Setor Reinos da Casa Luz da Colina, pondera: O homem tem a licença de usar o que a Natureza oferta, mas, por ambição, acaba explorando muito mais do que lhe é necessário. Por ganância, sai destruindo o que levou milhões de anos para ser formado. E nem percebe o mal que causa. Não temos ideia do que acontece quando penetramos camadas profundas do solo. Há impactos em níveis materiais e em níveis sutis quando o solo é desestruturado pelo uso abusivo do minério, do petróleo e mesmo da água. Precisamos crescer em respeito pelo poderoso Reino Mineral.

Para lidar com acontecimentos limites, como o resgate animal em campo, o voluntário precisa estar todo o tempo em processo de esvaziar-se de conceitos de perda, de sentimentos de medo, diz Hayla. Mais ainda, esvaziar-se do sentimento de descaso pelo que acontece com o outro. À medida que ele se esvazia de si, permite que o Intangível o preencha de humildade. Observa-se como uma gotinha no oceano da vida material; aos poucos, aprende a unir-se a outras gotinhas, e juntas alcançam a alegria de aliviar os Reinos da Natureza.

Na experiência em Mariana – pequena mostra do padecimento injusto de seres inocentes - novos códigos de amor foram impressos em células missionárias.

MISSÃO DOLORES, URUGUAI

O ar: quatro minutos de tornado

Acho que o exercício de solidariedade, quando se pratica de verdade, no dia a dia, é também um exercício de humildade que ensina você a se reconhecer nos outros e a reconhecer a grandeza escondida nas coisas pequeninas. O que implica denunciar a falsa grandeza das coisas 'grandiosas'. Viver Sem Medo, de Eduardo Galeano

Um tremendo rumor e o tornado chegou do campo penetrando Dolores diagonalmente. *Que é isso, meu Deus?* Atravessou a cidade ziguezagueando por quatro minutos. A destruição provocada pela fúria uivante não atingiu grandes extensões, mas desenhou uma trilha de escombros pela passagem. O horror, a confusão e, daí a pouco, um silêncio imenso pairou sobre o povo em dor.

Conectada a tudo o que existe, ao Universo, quinze dias depois a Fraternidade lançou-se em direção ao Uruguai. Sem qualquer ideia de nacionalismo, sectarismo, separatismo, oito missionários rodaram 2 400 km a fim de colaborarem com vítimas da catástrofe coletiva.

Após três dias de viagem, chegaram à Prefeitura da típica cidade regional do interior, onde cada esquina guarda histórias. Calorosamente recebidos, o prefeito os guiou por um circuito pelos bairros para conhecerem a proporção do desastre. As ruas estavam relativamente limpas, mas ainda com árvores quebradas e pilhas de tijolos, portas, metais retorcidos. Por todo lado viram movimentos de reconstrução.

Souberam mais sobre a tragédia. Uma forte tormenta vinha abatendo-se sobre boa parte do território uruguaio. Fazia frio naquela tarde em que os moradores de Dolores, no departamento de Soriano, passaram a ouvir um crescendo de tremendos assobios, uivos e bramidos. Anunciavam o perigo brutal. Com estardalhaço, a nuvem cinza, girando a 250 km por hora, passou a arrebentar fachadas de lojas, entrar nas casas, atirar veículos em qualquer direção. Onde o colérico olho do furacão rodopiasse, telhados eram arrancados, paredes tremiam antes de cair, vidros estilhaçavam,

galhos e árvores quebravam, objetos voavam. A potência do cone rotativo tragando a superfície terrestre sugou e transladou eletrodomésticos por 60 km, quando o redemoinho se desfez.

Atrás de si, restaram mortos, cerca de duzentos feridos, dezessete mil moradores abalados. Haviam conhecido a incerteza e o pavor. O nome da cidade, Dolores, refletia o estado geral da comunidade. Aqueles cujas casas ficaram intactas deparavam-se com a devastação na do vizinho, com bombeiros em busca de conhecidos e parentes sob escombros. Em quatro minutos, a rotina tranquila dos moradores foi violentada e os habitantes mais frágeis entraram em súbito tormento, traumatizados em âmbito psíquico.

O Comitê de Reconstrução da Cidade, criado pelo prefeito e delegados, encaminhou-os para ordenar um galpão imenso, lotado com toneladas de doações chegando ininterruptamente do Uruguai, do Brasil e da Argentina. As populações passam por etapas evolutivas. O país despertou para a ajuda humanitária enviando coisas materiais; todavia, pouquíssimos voluntários apareceram para ajudar pessoalmente. Deixaram o socorro nas mãos de forças políticas e militares.

Os missionários trabalharam seis dias. Sem planejamento prévio para dispor as doações, alimentos misturados a todo tipo de objetos cresciam ilogicamente pelo galpão. Iniciaram triando e ensacando roupas distribuídas aos atingidos no próprio local, tarefa compartilhada com voluntários a serviço desde o pós-tragédia. A partir do segundo dia, tendo percebido a habilidade da equipe para organizar ambientes, o grupo coordenador da Base de Operações pediu-lhe para acondicionar alimentos não perecíveis e, depois, materiais de limpeza. Havia demais por fazer antes de armazenar e classificar para facilitar a localização de cada item: varrer, colocar paletes para isolamento da umidade, separar por produtos, verificar prazos de validade, dispor segundo os primeiros a vencer.

Apesar das diferentes histórias individuais, nacionalidades, sexos e idades, os missionários entraram em uma corrente única, um vaivém em ritmo constante, rigoroso. Relembra um missionário: Aprendemos a estratégia de organizar a incrível quantidade de doações que chegam em uma emergência. Foi uma semana exaustiva, mas senti o grupo como um só organismo atuando em silêncio. Um único corpo movia objetos daqui

para ali. Isso, para mim, foi a prática da unidade, a expressão do serviço consciente grupal.

O lugar ficou irreconhecível. Membros da unidade do Exército que montava guarda permanente em frente ao galpão, impressionaram-se. Os coordenadores passaram a mostrar o espaço como um cartão de visitas, para ser fotografado e documentado por visitantes.

Cada um vai estudando como otimizar os afazeres, reflete um missionário. Aonde a ordem e a limpeza não chegam, cresce o pó, aparecem teias de aranha, percebe-se uma vibração indesejável. Devas feios, involutivos, desarmonizam o todo. Cientes disso, no dia a dia buscamos estar atentos para aperfeiçoar-nos, melhorar a lógica de realizar cada ação, uma maneira mais prática, mais benévola para todos. Em certo momento, a própria tarefa se torna nossa mestra.

Eles trabalham como abelhas, estabelecem uma cerimônia que gera ordem visual e energética e traz beleza ao ambiente. Como a vida é una, ao passo que isso se dá a olhos vistos, é gerado um vórtice sutil que interliga mundos visíveis a mundos invisíveis.

Visitaram o ginásio onde foram abrigadas famílias que perderam as casas e não tinham para onde ir. No início muitas, mas, quando por lá passaram, restavam três a serem encaminhadas.

Sempre ouviam histórias sobre o dia da passagem do tornado. Buscando na memória, Shen conta quais mais a marcaram: Embora metade da cidade tenha ido abaixo, houve poucos desencarnes, e alguns moradores atribuíam isso à ação dos anjos. Diziam que Deus os havia protegido com as mãos. Em um supermercado, as pessoas corriam de um lado para outro, paredes e prateleiras caíam, e ninguém morreu. Outro episódio se deu com uma mãe. Quando o vendaval começou a ficar mais violento, ela saiu rápido para buscar o filho. Em uma esquina, um ser vestido de preto a parou. Era uma figura bem tranquila e harmoniosa e lhe disse: "Não se preocupe, o seu filho está bem. Volte e fique quieta." Nisso, ela começou a retornar para casa e, olhando para trás, não o viu mais. E o filho ficou bem, sem qualquer problema.

Encontravam perplexidade a cada passo. Pessoas que sofreram lesões ou perderam entes queridos, ou bens materiais, ou meios de subsistência





Ordenando depósito de doações vindas de todo o país e do exterior. Dolores, Uruguai, 2016

agiam como se nada lhes tivesse acontecido. Em estado de choque e com olhar vago, estavam semientorpecidas. Como se recobrar e adaptar-se sabiamente às mudanças? Como transcender a perda?

Os moradores estavam em um intervalo entre dois tempos, o antes e o depois, em busca dos efeitos em si de tamanho desastre natural. Na consciência humana faltam elementos, recursos, para lidar com um acontecimento pontual que tudo arrebenta e muda. Não compreendiam por que a natureza os submetera a tal situação. Como relacionar aquilo ao próprio processo de vida? Como ajudar os vitimados a aceitar uma experiência daquele quilate? Como sanar a memória de tamanha ferida?

Estudos sobre reações a tragédias naturais súbitas indicam que, com o tempo, a ficha cai, e o sentimento de negação pode dar lugar a ansiedades e transtornos de estresse pós-traumático. Quando alguém não consegue estabelecer uma relação entre o mundo externo e o mundo interno, torna-se ainda mais frágil e vulnerável e pode desenvolver depressões, frustrações, abuso de substâncias químicas, como álcool e outras drogas. Assim cresce o índice de suicídios após acidentes.

Um senhor contou que o furação tenha destruído as cinco lojas de um comerciante considerado explorador. Julgava-o com ferocidade, mas, colocando-se como vítima, defendia a si mesmo: Minha casa ficou totalmente arruinada, a do meu vizinho de lado, intacta. Eu não mereço... Sentindo-se injustiçado, fica-lhe difícil recuperar a esperança. Se não

busca autoconhecimento, custa-lhe perceber a essência dos fatos e a interagir com a vida de forma ampla e universal.

O ser humano integrado a serviços altruístas ou conectado a grupos humanos ou espirituais tem maior capacidade de suportar traumas e dores psicológicas. Além disso, os diversos grupos, associações e igrejas que compõem uma cidade precisam aprender a apoiar-se mutuamente para cuidar com atenção de cada filho da comunidade.

A economia de Dolores baseia-se em atividade agropecuária, sendo conhecida como a Capital del Trigo do Uruguai. Na zona fértil, planta-se trigo transgênico e cria-se gado de corte. Os atingidos pelo furação passaram a refletir sobre isso. Internamente sabem que ambas as atividades estão fora das Leis Espirituais. Questionavam se, por estarem tão presos à vida material, ao progresso e à ambição, tiveram de passar por aquilo. A fé, débil em tantos, aflorava com mais vigor.

Durante a estadia, os missionários colaboraram com o Comitê da Base de Operações do governo, o Exército, a Igreja Católica, um instituto infantil e o sindicato da construção do Uruguai. Eles estabelecem rápida relação amigável com outros grupos por estarem harmonizados entre si e terem a natureza bem-humorada e afetiva, qualidades que facilitam a desarmar resistências.

Viveram horas especiais em dois encontros com a instituição que acolhe crianças portadoras de necessidades especiais, cuja coordenadora havia intermediado o contato da Fraternidade com o prefeito. Assistiram a apresentações de músicas infantis e lhes apresentaram seus cânticos.

O Exército cuidava do jantar emergencial diário em um bairro bastante afetado pelo tornado. Era servido na Paróquia do Sagrado Coração, que se tornou um ponto de doação de alimentos e roupas. Para lá foram. De início, ajudariam no preparo dos legumes para um cozido. Depois, ordenaram o local. Conforme os atingidos iam chegando aos poucos, ajudavam a servi-los. Fazia bastante frio e fizeram uma roda de cânticos e violão em torno da fogueira. A noite se prolongou. Os vitimados iam embora levando uma cumbuquinha de sopa nas mãos. Como a vida havia mudado!

No último dia foram convidados a participar de um mutirão pelo sindicato da construção, forte no país. Os missionários lhes prestaram ajuda





Jantar emergencial para vítimas de tornado. Dolores, Uruguai, 2016

para concretar uma laje. Por quatro horas ininterruptas, os dois grupos enchiam baldes de areia, cimento, pedra, carregavam, subiam, esvaziavam, desciam, enchiam novamente, etc, etc. A tarefa fluiu de forma coordenada e surpreendentemente harmoniosa. E, para almoço, os pedreiros assaram-lhes legumes inteiros na brasa.

Além de efusivos adeuses de voluntários com quem trabalharam, o prefeito deu-lhes um brasão de madeira de Dolores, feito à mão.

Passaram ainda para conhecer a Igreja Matriz Nossa Senhora das Dores, onde sem planejar encontraram o padre, que os acompanhou na visita à catedral. Boa parte dela fora destruída. No entanto, o altar permaneceu intacto, como ocorre comumente em tragédias provocadas por fenômenos naturais. O pároco discorreu sobre tragédias vividas naquele dia e milagres de quem se salvou. Ao final, presenteou-os com uma imagem da Virgem dos 33, a padroeira do Uruguai.

Em grandes catástrofes, as ajudas escasseiam e, aos poucos, e a vida volta ao normal. Aos atingidos cabe encontrar novos caminhos para aceitar o destino. Conseguiriam encontrar novos padrões de conduta, mudar a si mesmos e ao futuro, ou dele apenas fazer uma cópia do passado?

Cada habitante teria de encontrar respostas, repousar suas feridas, retirar os olhos da cumbuquinha de sopa e elevá-los à imensidão dos céus estrelados. Atravessar a cortina do agora e ingressar em um horizonte mais sutil e dourado. A vida trouxe a prova coletiva para a população de Dolores. Sempre presente, igualmente soprou um redemoinho extra de graças sobre a cidade em dor.

No caminho de volta ao Brasil, os missionários seguiram para o norte do Uruguai para apoiar por uns dias a Comunidade-Luz Fraternidade de Aurora, em Paysandú. Instalaram uma antena do rádio HF e montaram o piso de uma barraca onde acontecem eventos, apresentações musicais e palestras. Além disso, recolheram e racharam lenha com um grupo de jovens e ainda visitaram um asilo da cidade.

Viajaram ainda até a Comunidade-Luz da Irmandade, na Argentina, onde se desincumbiram de tarefas tais como lixar e envernizar a estrutura de um campanário, pintar uma casa de oração, reconstruir uma cerca danificada, retirar entulhos e escombros decorrentes da última enchente de um riacho, armar uma banca de livros para um evento, ordenar e limpar depósitos, oficinas, áreas externas.

Durante a passagem por comunidades-luz, fortalecem a alma e o espírito enquanto pegam no pesado. Os doadores de si recolhem códigos sutis, que se irradiam por imprevisíveis trilhas pelas quais o destino os conduz.

MISSÃO EMERGÊNCIA CHILE Florestas em fogo

Ao pé dos vulcões, entre grandes lagos, o emaranhado bosque chileno... É um mundo vertical: uma nação de pássaros... Num tremor de folhas, a velocidade de uma raposa atravessa o silêncio, o silêncio é a lei destas folhagens...
O Bosque Chileno, de Pablo Neruda

O vento veloz, anos de estio, um verão tórrido e a maior causa, o homem, provocaram o maior incêndio florestal do Chile. O esguio país entre o Pacífico e os Andes conhece o poder da Natureza. Década após década, a terra treme, um dos noventa vulcões desperta, tsunamis arrastam moradores da costa. O povo aprende, reage com fortaleza às constantes calamidades e a cada vez se ergue.

O Sol abrasador levantou-se e deitou-se no horizonte a cada dia de janeiro e fevereiro adentro, vendo labaredas voarem de árvore em árvore e lamberem ervas baixas, devorando as matas do centro do país. A passarada sonora deixava ovos e filhotes de bicos pedintes nos ninhos. Animais fugiam correndo, saltando brasas. Sangue e altas chamas rubras e laranjas tingiram serras e cidades, queimaram casas e fábricas, queimaram vinhedos e araucárias, queimaram vivas lebres e raposas, e borboletas, cobras, esquilos. O destino exigiu a morte de onze humanos. Uma extinção em massa. A nação recebe duras lições.

Experiente em desastres naturais, o Chile tornou-se referência no assunto para o resto do mundo. Ao declarar estado de emergência e pedir ajuda internacional no combate a cem focos de incêndio, cerca de seiscentos bravos brigadistas responderam, inclusive especialistas em catástrofes. Representavam: a Alemanha, a Argentina, o Brasil, o Canadá, a China, a Colômbia, a Coreia do Sul, a Espanha, os Emirados Árabes Unidos, os Estados Unidos, a França, o Japão, o México, o Peru, a Rússia, a Ucrânia, o Uruguai e a Venezuela. Unidos a essas forças políticas, soldados multinacionais do fogo doaram-se com precisão científica e ardor.

O povo chileno é solidário. Quando uma região é afetada, o restante do país se mobiliza. Mais de onze mil voluntários civis, entre médicos, psicólogos e veterinários, partiram para a cruzada de apoio a famílias e animais. Outros deram suporte monetário.

Em experiências anteriores, centenas de caminhões transportaram voluntários não treinados para regiões afetadas, o que causou um problema ainda maior; as pessoas precisavam ser alimentadas, vacinadas contra o tétano e receber água potável. Assim nasceu o grupo Desafío Levantemos Chile. Atua em emergências naturais desde o grande terremoto de 2010. Tanto organiza os movimentos de quem oferta ajuda humanitária quanto o fluxo de doações para quem tudo perde.

Antes de partir para Santiago do Chile, os catorze integrantes da equipe da Fraternidade, composta por missionários, monges da Ordem Graça Misericórdia e membros da Rede-Luz Planetária, passaram por treinamentos de resgate e primeiros socorros, imobilização e transporte de feridos, técnicas de controle e extinção de incêndios.

O encontro os uniu aos espíritos da alegria e da prontidão. Com incêndios apagados ao chegarem, responderam à lei da necessidade, cujo segredo está em ser objetivo e lúcido: Se é para se fazer, faz; se não é, não se faz.

Na primeira semana, o grupo serviu em uma fazenda a 100 km da capital. O Refúgio de Emergência de Animais Maiores em Doñihue, comuna da província de Cachapoal, região de O' Higgins, acolhia os resgatados ou ali deixados porque os donos haviam perdido as condições de cuidar deles. Havia quarenta equinos e caninos. Mais oitenta cavalos estavam sendo trazidos. Veterinários avaliavam as queimaduras nas faces e nos corpos dos que chegavam e encaminhavam os casos graves para a clínica da Universidade do Chile.

Com cerimonial e protegidos por luvas, botas, aventais e chapéus, os missionários ajudaram a construir baias para potros e cavalos, a montar uma barraca para atendimento veterinário e a combater um foco de incêndio surgido no local. Dias a fora, organizaram a cozinha e o ambulatório de medicamentos, limparam currais e, a fim de dar passagem para pedestres e veículos, removeram estacas e troncos de árvores, pneus velhos, madeiras, pedras, garrafas e dois carros com pneus furados.

Iniciaram a construção de um espaço infantil e de uma composteira para lixo orgânico. Liberaram, liberaram, liberaram energias indesejáveis.

Para o retorno do verde, criaram uma sementeira de mudas nativas – Sementes de Luz. A ideia era oferecer uma mudinha para cada visitante, dando-lhe a chance de plantar uma árvore. Como vasos, reutilizaram garrafas espalhadas pela área.

Ajudados por um trator, acompanharam o resgate de um cavalo preso na lama de uma valeta. Tiveram aula sobre limpeza de cascos e a importância do procedimento para a saúde equina. Com ternura, deram banho nos quinze cães do refúgio, de pequeno, médio e grande porte. Olhavam com o coração. Os bichos são extremamente sensíveis, sofrem demais e entram em depressão pós-traumática. Um cão recusava comer há dias, quando uma veterinária se dedicou a ele até que ganhasse força para se alimentar. Uma lhama fisicamente curada recusava-se a ficar em pé; o choque fora excessivo para sua delicadeza.

Os servidores restauram-se durante momentos sagrados de canto e de orações grupais. Sentaram-se em círculo atraindo jovens voluntários e trabalhadores contratados. Trinta e cinco pessoas cantaram ardentemente, acompanhadas pelas notas do violão: *Queima-me em Tua Chama de amor*. Com crescente gozo musical, foram penetrando inimagináveis níveis de consciência, que os acalmava e unia. O canto acendia o fogo sutil, contraparte invisível do fogo vermelho e laranja esfumaçado que destruíra vidas chilenas. Almas incendiadas arderam em jubiloso amor por águas, pedras, plantas, animais. Clamaram para o Sem Início Nem Fim salvar os Reinos da Natureza.

Foi ali, no refúgio de Doñihue, que se inteiraram com mais clareza sobre a situação no epicentro da tragédia. Dado que abrigos para animais queimados haverem superlotado, eles estavam sendo soltos antes de totalmente recuperados. A Fraternidade se dirigiu para lá: San Javier de Loncomilla, na região de Maule.

Recebidos pelo grupo *Desafío Levantemos Chile*, hospedaram-se em uma escola. De início, se subdividiram em três frentes de trabalho. Uma descarregava doações dos veículos, transportava-as e separava as destinadas a animais ou a humanos. Outra, preparava o almoço, e a terceira foi ajudar moradores de Pangalillo, a 60 km, ainda não assistidos.









No dia seguinte, os catorze viajaram para socorrê-los. Viviam em casas afastadas e de difícil acesso. Percorreram trilhas íngremes em terrenos acidentados cobertos por tapetes da cinza. Cada pisada levantava o pó finíssimo, restos mortais de madeiras e folhas. Transpassavam obstáculos entre a confusão de galhos tombados que queimadas geram pelas matas. Ao longo do trajeto, seguiam pedidos de ajuda escritos com sobras de carvão em cartazes de papelão amarrados pelos troncos.

Nas residências mais próximas, deixavam mantimentos, água e outras doações. De uma habitação a outra, podiam deslocar-se até 2 km. No percurso, conheceram uma moradora que salvara a casa jogando água em torno; contudo, perdera a plantação. Em outra moradia corroída pelas chamas, retiraram escombros, empilharam telhas espalhadas e nivelaram o solo. No vizinho, cortaram e transportaram troncos compridos para se reconstruir a estrutura do telhado da cozinha e lhe deixaram pás e um carrinho de obra.

Os catorze ofereciam o conforto da presença que gera vórtices de bondade. Assim disse uma voluntária do Desafío Levantemos Chile: Foi uma emoção receber os membros da Fraternidade. Chegaram com uma energia incrível, que nos levantou e deu força para seguir adiante. A visita foi fundamental e incentivou mais jovens a participarem do socorro.

O grupo visitou o Hospital de Campanha de Animais, em Constitución. Passearam com cães, limparam canis, oraram nas baias dos que sofreram queimaduras. Os que padeciam dores intoleráveis eram submetidos à eutanásia. Observando um gato com luvinhas nas patas queimadas, um missionário pôs-se a refletir sobre o que sentem os reinos naturais perante impulsos insanos da humanidade. Alguns focos do incêndio haviam sido provocados por incendiários. Achou compreensível a Natureza reagir à loucura humana com terremotos, furações, trombas d'água.

Entre esqueletos negros de árvores, folhagens secas cor de ferrugem e copas esbranquiçadas margeando a estrada, prosseguiram até a cidade de Santa Olga, que se tornara um cemitério de paredes quebradas. Os lotes e as ruas estavam livres de entulhos, pois a administração pública tinha feito a limpeza, uma vez que a região estava sob os olhos da mídia internacional.



Doações levadas a moradores distantes. Panganillo, Chile, 2017

Na manhã da tragédia, seis mil moradores temerosos inquietaram-se com o paredão de fumaça cinza avançando pelos morros em direção à cidade. Chispas velozes, perseguidas por clarões rubros, passaram a envolver os arredores. A população foi evacuada nas primeiras horas da tarde. À meia-noite recebeu a notícia de que Santa Olga se convertera em nada. Os missionários oraram entre restolhos de casas, escolas, igrejas, prefeitura, o posto policial. Ricardo constatou: Está cumprido, agora podemos finalizar a missão. E partiram.

Uma história em particular comovera o grupo. Durante a peregrinação humanitária pelos morros, viram um lago azul por entre ramagens emaranhadas da floresta despovoada. No vale, chegaram em terras de um jovem produtor de vinho. Era também um artista famoso, tendo atuado algumas vezes no Brasil. O plantio, veículos, tratores, máquinas e a bela casa centenária haviam sido consumidos sem piedade.

Cercados por labaredas, o jovem, a irmã e um cão escaparam mantendo os corpos submersos por horas dentro do rio. Assistiram a fumaça



Monja missionária contempla cena de destruição. Chile, 2017

escurecer o azul imaculado do céu, flocos de cinza flutuarem na ventania, chamas voarem alto, o que possuíam crepitar, estalar, gemer, até nada restar. Lentamente, em meio ao silêncio absoluto, os três retornaram. Nem um canto de ave, nem um zumbido de abelhas, nem um sinal de vida. Seu gato sucumbira.

Diz Shen: Palhaço de circo como profissão, ele herdou a fazenda dos pais. Quando chegamos, lá estavam amigos palhaços, duas moças e um senhor. Todos desanimadíssimos, em estado de choque. Só sobraram as estruturas negras da casa, e, pelo chão, o monociclo de palhaçadas retorcido, metais derretidos que um dia foram talheres e baixelas de prata. Que purificação! Botamos a mão na massa. Antes de reconstruir, é preciso limpar.

Era fevereiro do verão mais escaldante desde o início de registros meteorológicos no Chile. Os dois irmãos haviam armado uma lona e improvisado uma cozinha. Shen prossegue: Limpamos escombros, limpamos escombros, limpamos escombros. De repente, alguém achou o resto de uma cartilha queimada. Apenas sobrara uma folha com a imagem de Cristo e uma frase d'Ele. Papel se consome rápido... a frase parecia um convite



Folha de um livro com imagem de Cristo encontrada durante a limpeza de escombros queimados. Chile, 2017

para o rapaz buscá-Lo. Foram mostrar-lhe o achado. Ele chorou em profusão: Minha vida mudou para sempre. Vou refazê-la de outra forma.

O que representa para alguém, que teve uma vida luxuosa e em horas perdeu tudo, observar catorze estrangeiros aparecerem do nada limpando seus escombros com empenho durante três dias? O que move seres solidários que oferecem unidade de consciência para irmãos chilenos prosseguirem a caminhada?

O artista refletia. Sentiu o potencial simbólico ativar nele uma forma mais altruísta de ser. A prova de desapego do sentido de posse exigia que recomeçasse um caminho além da ilusão material.

Aqueles que difundem a paz não viajam apenas para retirar fuligem de casas ou curar a terceira dimensão. A atividade material é o lado visível do iceberg. E os dois terços submersos?

As ações dos visitantes fortaleceram os atingidos pela catástrofe. Imantados pelo arquétipo do Amor, estimulavam os necessitados a reagir, a liberar-se do atordoamento. Mesmo sem usar o verbo, transmitiam-lhes uma mensagem silenciosa: A vida prossegue. Acenda a chama interna da esperança e renasça das cinzas!

MISSÃO ZONA DA MATA, BRASIL MISSÃO CONFRATERNIZAR, ARGENTINA

Lares e corações inundados

Ó águas caindo, de onde venho! Ó águas caindo, as vi severas! Ó águas caindo! Eu batizado chorarei. Murilo Mendes

A água veio limpar muita coisa errada que havia aqui, afirma a atingida.

A manhã estava cinza... e em minutos o rio transbordou. Desembocava roncando pelas ruas com rapidez. Subiu à altura dos telhados. Trouxe o medo bruto. Para não serem carregados pela enxurrada barrenta, ela e gente aflita se agarravam em madeira, sofá, borda de varanda. Ouviam-se gritos de desespero: *Vem nos pegar, vem nos tirar daqui!*

O temporal desaguava na correnteza arrastando bichos, pertences, cercas, pontes, parte de uma autoestrada: A água entrou em casa e subimos para a laje; então peguei uma escada e passei com minha namorada para os galhos altos de um pé de manga. Ficamos lá, molhados, até as nove da noite. Um vizinho improvisou um barquinho com um motor de moto e socorria dois por vez. O motor desligava sem parar. O ronco das águas e os gritos repercutiam dentro do afetado.

Tempestades dias afora se abatiam sobre a região. Devastaram dez cidades da Zona da Mata, no sudeste do estado brasileiro de Minas Gerais. O dilúvio deixou algumas ilhadas e provocou óbitos. Trombas d'água castigavam mais outra vez os moradores, que lamentavam não ter sido providenciada a limpeza do rio antes do período chuvoso.

Ajudas humanitárias chegavam com timidez. Três semanas depois, dez voluntários da Fraternidade seguiram para Vista Alegre, um dos povoados mais atingidos. A tarefa de paz foi composta por missionários auxiliários e membros da Rede-Luz – profissionais de saúde, uma médica, uma odontóloga, uma psicóloga, uma enfermeira, um socorrista, um naturoterapeuta – seis participando de uma missão pela primeira vez.

Viajaram 500 km levando medicamentos sutis e alguns alopáticos - soros, antibióticos, anti-histamínicos e vermífugos. Saíram da Figueira munidos de acessórios de limpeza - pás, enxadas, serras, lavadoras de alta pressão, rodos, vassouras, desinfetantes, água sanitária - além de cobertores térmicos, caixas para capturar cobras, alimentos e vestimentas para doação.

Em Vista Alegre, a equipe de saúde apoiou paramédicos do Posto de Saúde, que lhes abriram as portas com naturalidade. Os atingidos sofreram a inundação em seus lares assim como em seus corações. A atenção e os resultados obtidos nas consultas médicas, nos atendimentos odontológicos, psicológicos e na aplicação de curativos foram atraindo atingidos de comunidades vizinhas.

Os próprios funcionários vieram a ser tratados, a maioria exausta e com dores no corpo em decorrência do incessante socorro que prestavam desde o início da catástrofe. O pessoal da saúde admirou-se por atendermos até o último da fila, independente das condições e da aparência do paciente, conta Vitório, o coordenador da missão.

Dois missionários foram vistoriar moradias para analisar o ocorrido. Encontraram cinquenta e cinco destruídas e setenta e duas danificadas. Os moradores vivem em um ambiente de miséria, aprisionados a um modo de vida que não é digno de almas, prossegue Vitório.

Casas que haviam ficado submersas vieram abaixo ou tornaram-se inabitáveis, com arriscadas trincas em paredes. Perdi tudo, mas, graças a Deus, na comunidade ninguém perdeu a vida, diziam. Como ação simbólica de solidariedade, o grupo decidiu reformar uma residencia.

Entre os atendidos no centro de saúde, conheceu-se a mais antiga habitante do bairro, uma senhora de 78 anos. Dona Isabel caiu em lágrimas ao contar o mal que sentia por dentro. Morava sozinha, e a casa era tudo para a viúva, diz Wanderley. Fomos visitar com ela a casinha à beira do rio. Fiquei impressionado! A única coisa intacta era uma imagem de Nossa Senhora Aparecida. Soubemos que ela coordenava um ativo grupo de oração do bairro.

Agiram. Por cinco dias, pegaram pás, escovas, pregos, pincéis. Limparam canto por canto. Nivelaram o pátio, refizeram a estrutura de madeira e o telhado, lavaram móveis e utensílios, compraram cama e colchão novos. Pintaram a casa de amarelo. Ficou um brinco! Então foram buscar



Surpresa, D. Isabel agradece por reforma de sua casa. Vista Alegre, Minas Gerais, Brasil, 2018

D. Isabel. No carro, ela veio em silêncio, observando a vizinhança devastada. Ao entrar na salinha, exclamou para a imagem sobre a mesa: Ó minha Nossa Senhora! Uniu as mãos em oração, levou-as aos olhos e chorou, surpresa e grata. Com vassouras nas mãos, os missionários celebravam: Depois da tempestade, chega vida nova!

Após contatar autoridades públicas de Vista Alegre, foram convidados a participar de uma reunião de planejamento para ações pós-tragédia. Deram uma palestra dirigida a funcionários da saúde. A Secretaria de Saúde ainda organizou uma terapia grupal para aliviar angústias e traumas da população.

A atividade foi conduzida por uma psicóloga da missão, Denise: *Abrimos* espaço para depoimentos detalhados. Acostumados a inundações anuais, os moradores foram surpreendidos pela magnitude e velocidade da enchente, mas o fato despertou forte união entre eles.

Duas vizinhas se consideravam inimigas. Só não foram arrastadas porque a mais baixa, quase coberta pelas águas, abraçou-se à mais alta e forte, por sua vez atracada a um portão. Com água correndo pelo pescoço, a alta desanimava, exausta: Vamos morrer mesmo, vou largar os braços. A mais baixa: Não solta não! Tocadas pelas leis sagradas da reconciliação e



Povoado atingido por enchente à margem do rio Casca. Minas Gerais, Brasil, 2018

do perdão, contaram: Nós duas precisamos uma da outra no meio da água. Denise percebia quanto as histórias demostravam fé e desapego de coisas materiais: Não havia queixas, alguns diziam que iam reiniciar construindo relações mais amorosas entre os vizinhos. Tivemos demonstrações de carinho e testemunhos de que estavam recebendo algo desconhecido, bem além do que podiam imaginar.

Vitório acentuou: Sentimos ter transmitido às pessoas a impressão de que o amor existe e é possível vivenciá-lo. A médica Stella refletiu: Houve uma troca. Eles foram muito calorosos conosco, realmente o amor fez tudo!

Na despedida, os missionários elevaram os olhos para as colinas em torno. O céu azul sem nuvens lhes enviava uma mensagem. Um arco-íris o atravessava de um lado a outro, como um imenso portal.



Indígenas observam rua alagada. Tartagal, Argentina, 2018

Missão Confraternizar

Dois meses depois aconteceu a Missão Confraternizar na província de Salta, no norte da Argentina. Teve pontos em comum com a Missão Zona da Mata ao responder ao transbordamento sem precedente de rios que fizeram seu leito por ruas e estradas.

Vindas de tormentas que desabavam no sul da Bolívia, as águas inundaram o cotidiano de dezessete mil pessoas da planície do Chaco, onde nascem os Rios Pilcomayo e Bermejo - o primeiro a 5.500 metros de altitude.

A Missão Confraternizar foi composta por argentinos de várias regiões do país e coordenada pelos brasileiros Cristiano, Helentiana, Rosi e Wanderley. Eu disse sim, sem hesitação. Esse tipo de serviço primeiro me esvazia de mim mesma e depois me preenche de amor, de compaixão, de mais alegria, diz Florencia, voluntária de Bahia Blanca. A pureza se reflete na fala singela de Viviana, de Buenos Aires: Simplesmente ofereço meu coração e minhas mãos para ajudar no necessário.

Os participantes se encontraram na capital da Província de Salto, e seguiram para o Norte com a intenção de chegar a certa área rural. No meio do caminho, após rodarem 350 km, encontraram, na cidade de Tartagal, indígenas que ainda não haviam recebido socorro.

Surgiu a certeza. Deveriam permanecer ali. A intuição soprada por condutores invisíveis da tarefa aflorou com clareza, e assim fizeram. A missão ia dizendo o que fazer; não fora possível organizar os detalhes antes de sairmos. Caminhávamos sem saber o que iria surgir um metro adiante, observa Mabel, da Rede-Luz Norte da Argentina.

Quando, após confundir tantas vidas, os rios finalmente se retiravam das vias, por elas abandonavam toneladas de lama, resíduos, cacos de louça, plásticos, metal, galhos e enormes poças que o sol custa a secar e, ao secar, racha a terra. No cenário terroso e imundo, foram acolhidos pelas comunidades indígenas Fwolit, El Mistol, El Algarrobo, El Quebracho e San Benito.

Com um fio de atenção continuamente ligado à própria essência, os missionários subdividiram esforços para atender a primeira comunidade. A pedido do cacique Modesto Rojas, construíram um muro para conter inundações futuras, principalmente em torno do templo sagrado da aldeia. Recolheram o lixo espalhado por espaços públicos. Promoveram vivências de integração com as mulheres e atividades recreativas com as crianças, a quem ensinaram a prática da higiene bucal. Além disso, distribuíram escovas e pastas de dente para a comunidade.

Parte da equipe saiu para inspecionar ruas e arredores, analisando o que fazer para impedir a invasão das águas. Recorreram ao poder público de Tartagal, que logo enviou um técnico para estudar soluções junto aos missionários e aos nativos, mais uma retroescavadeira e uma motoniveladora para escavar desvios, limpar e ampliar o canal do curso hídrico que atravessa diversas aldeias.

Enquanto as máquinas pesadas se esforçavam, indígenas, missionários e até o proprietário da pousada onde se alojavam levantaram um muro de contenção com sacos empilhados, preenchidos da areia arrastada pela inundação. Foi um antes e um depois para a aldeia Fwolit. As crianças celebravam, correndo como o vento sobre o muro novíssimo, sorri a missionária Rosi.

Murada de sacos de areia para conter enchentes e distribuição de alimento em comunidades indígenas. Tartagal, Salta, Argentina, 2018









O retorno da chuva. Tartagal, Salta, Argentina, 2018

A notícia se espalhou. Missionários indo e vindo pela cidade mobilizaram certos setores, que foram acercando-se para assumir tarefas. Quem são esses que, vindos de diversos pontos da Argentina e do Brasil, tanto se esforçam? Habitantes e comerciantes se sensibilizaram, e abriram as válvulas da generosidade que o Criador deposita em cada essência. Doações de vestuários, somadas às enviadas pela Rede-Luz Argentina - fraldas e leite - passaram a se multiplicar. Os missionários as classificavam, empacotavam e as distribuíam para cada família, segundo indicações do cacique. Um comerciante enviou quilos de pães durante toda a semana que, com achocolatado, era compartilhado para a comunidade.

Os próprios cães pediam ajuda aos missionários que, enxergando sua aflição e a de crianças sendo contagiadas com sarna, os fotografaram e enviaram as imagens para um grupo de proteção animal. Enternecidos, os protetores doaram medicamentos e vacinas contra parasita e sarna. Pela primeira vez na história daquela comunidade, cachorros e gatos foram assistidos com banhos e vacinas.

Enquanto isso se dava, várias mães começaram a solicitar ajuda contra piolhos e, naquela mesma tarde, mãos missionárias lhes trataram os longos cabelos pretos e os de seus filhos com vinagre e pentes finos.



Garotos indígenas atingidos por enchente observam a chuva. Tartagal, Salta, Argentina, 2018

No domingo a chuva voltou, insistente. Com ela, a ansiedade. Parte da muralha fora levantada; ainda assim, os missionários continuavam a preencher sacos para subi-la. E porque era domingo e chovia, poucos indígenas compareceram para ajudar. As medidas preventivas haviam protegido quase todas as casas, porém as erguidas em terrenos com maior desnível passaram apuros, e os servidores, plenos de responsabilidade pela vida, apressaram-se a acudir os moradores.

Durante a manhã úmida, crianças e mulheres se resguardaram no templo. Para dissipar aflições, as servidoras dialogavam com as senhoras, faziam brincadeiras com a garotada e lhes serviram um lanche com pães, biscoitos e chocolate quente. Um missionário ficou na janela com os pequenos. Contemplavam o borbulhar da correnteza e a beleza da cortina d'água limpando o ar e purificando a energia. Quando estiou, as crianças correram para saltar em poças. Agora entendo o porquê do nome Missão Confraternizar: o mais importante é falar com eles, ouvir as pequenas narrativas de como concebem a vida. Fiquei surpresa ao perceber quanto estão abertos, como se nos conhecêssemos há tempos, constatou Mabel.

Despediram-se da comunidade Fwolit e foram apoiar outras a poucos quilômetros. Recebidos por cânticos dos curumins, realizaram tarefas semelhantes: varrer e recolher o lixo das ruas, compartilhar pães e chocolate, desenvolver atividades com jovens.

Para atender às demandas familiares, distribuíram um kit de primeiros socorros com medicamentos sutis: própolis, espinheira-santa, hepatobiliar, arnica, entre outros. Diante de casas vulneráveis abaixo do nível do solo e do templo sagrado devastado pela chuvarada, ensinaram os interessados a erguer o muro de contenção de águas.

Em El Mistol, da etnia wichi, o cacique Roberio estava enfermo, debilitado. Lamentava não ser mais capaz de ajudar a comunidade como antes. Fora um comunicador da estação da rádio indígena local e sofria por ela ter sido desativada após as últimas eleições.

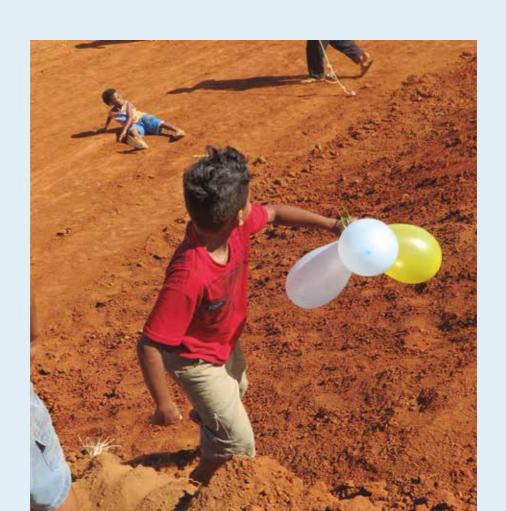
Por intermédio de ondas da emissora, as comunidades recebiam notícias úteis umas das outras, saindo do isolamento e obtendo ajuda para conquistar seus direitos. Diz Wanderley, missionário que serviu em ambas as missões, a Zona da Mata e a Confraternizar: Tivemos uma longa conversa sobre a importância das comunidades manterem o amor e a unidade entre as etnias, respeitando as diferenças entre elas. Unidos, seriam mais fortes. O cacique agradeceu por quanto nossa presença e nossas palavras lhes traziam a esperança quase esquecida e os renovavam.

Alicerçados na fortaleza de ter a mesma meta, tanto os missionários brasileiros como os argentinos optaram por dar assistência e acalmar feridas gravadas nos atingidos mais humildes. Foram para lembrar-lhes o quanto são importantes. Estavam resignados com o fenômeno climático e eram solidários entre si, apesar de o trauma somar-se a dores antigas.

Aonde chegavam, os animadíssimos e pacíficos homens e mulheres vestidos de cinza provocaram reações positivas. O altruísmo gera altruísmo. Sem demora, criavam frentes de trabalho segundo particularidades de cada povoado. O treinamento lhes ensina. Ora os missionários se deixam guiar, ora guiam, segundo o que a vida lhes apresenta.

Sob a liderança da Fraternidade, brasileiros de Vista Alegre e moradores argentinos das comunidades indígenas, sentiram-se estimulados a cooperar, pois o dinamismo missionário acelera a energia do que toca e eleva a vida material. O serviço trouxe-lhes ânimo. Gerou uma onda de vida que fez servidores e servidos contribuírem para o bem geral. Despertou potencialidades ocultas e lançou um clamor interno sem som, que a todos convida: É hora de acordar! A época da cooperação chegou.

PARTE IV
Missões Permanentes
Brasil e Grécia





Rede Missionária Planetária

Contemple o espetáculo passageiro da vida com mente tranquila, pois altos e baixos da existência não passam de ondas marinhas em fluxo constante. Não se envolva com elas, mas permaneça calmo, alegre no centro interior.

Paramahansa Yogananda

Pequenos grupos, sintonizados com os tempos novos, anunciam um futuro de paz para a vida terrestre. Mesmo não sendo numerosos, são de imenso valor, pois assumem tarefas evolutivas. Aplicam amor em cada detalhe. Chegam o outro buscando compreender o que ele precisa para curar a dor. Silenciosamente pincelam veios de luz sobre conflitos que afligem cidades, povos, nações.

Seguem para missões mais assistenciais por dias ou semanas ou servem a missões humanitárias permanentes. Estas atingem maior profundidade ao lidar, por exemplo, com raízes culturais de indígenas argentinos, brasileiros, paraguaios, venezuelanos. É preciso examinar os servidos com conhecimento abrangente, ter cuidado para não errar ao levar-lhes tradicionalismos religiosos e outros.

Em diferentes graus de consciência e de entrega ao serviço, os membros da FFHI se expandem por mais de vinte países. A entidade reúne voluntários que, de forma gratuita, realizam vasta gama de ações. Trabalham tanto em seus dois pilares – as Missões Humanitárias e a Rede-Luz Planetária – quanto em suas filiadas – Comunidades-Luz, Núcleos-Luz, Associações de Serviço, Associações Religiosas e Centros Marianos.

Cada passo é acompanhado por superiores, que enviaram um comunicado no dia 16 de fevereiro de 2016, anunciando a fundação da Rede Missionária Planetária e a união dos dois pilares: *Em cada região do planeta onde houver um grupo da Rede-Luz, deverá também haver missionários em treinamento, compostos por membros dos grupos orantes e pelas almas que vierem a despertar por meio do serviço abnegado.*

Um convite se estendeu às centenas de grupos que compõem a Rede-Luz Planetária: Os grupos da Rede Missionária deverão reunir-se para um Encontro Missionário duas vezes por ano, no Centro Mariano de Figueira, onde aprofundarão seu aprendizado com o grupo missionário matriz e colocarão as metas de serviço para o semestre.

Desse modo, um mês após retornarem da Turquia, os servidores consagrados organizaram o primeiro encontro bianual, um curso básico de socorristas e outros, avançados, de resgate e de enfermagem. A partir daí, tentam cumprir com o apontado: Contribuir para o equilíbrio da Terra e para que a consciência grupal desta Obra esteja apta a suprir as necessidades de resgate externo e interno onde elas se apresentarem.

Dois anos antes de a Rede Missionária Planetária ser instituída, foi criada a Missão Permanente Carmo da Cachoeira, em Minas Gerais, Brasil, início da construção de um ciclo inédito.

Entre uma missão e a seguinte, missionários matrizes hospedavam-se em fazendas de Figueira, onde participavam do ritmo cotidiano à espera da próxima viagem. No dia a dia, começou a emergir no grupo uma crescente urgência em dar continuidade ao serviço de estender as mãos a carentes e oprimidos com a entrega total vivida no Nepal e na África.

Em resposta ao anseio, no dia 25 de janeiro de 2014 foram inauguradas duas casas de ajuda humanitária, uma feminina, outra masculina, no bairro carente São José: Casa de São José e Casa de Maria Rosa da Paz. O grupo começou a assistir necessidades dos Reinos Humano, Animal, Vegetal e Mineral. Logo iniciou vivências grupais para instruir pretendentes a missionários.

No ano seguinte, em outro ponto da cidade, os missionários instalaram um depósito para distribuir doações ao povo, o Galpão de Serviço São José. Em 2016, em parceria com a prefeitura, ainda abriram as portas da Casa do Acolhimento para pessoas em situação de rua.

Clamando por orientação e ajuda do mundo sublime, os missionários iam sendo polidos durante as ações concretas. Ao atingirem certo grau de amor pelas pessoas e pelos Reinos da Natureza, foram fundadas mais duas missões permanentes de ajuda humanitária. Em setembro de 2016,

nasceu a Base Missionária na Grécia, que por quase dois anos serviu a refugiados asiáticos, africanos e a indigentes gregos. Um mês depois foi criada a Missão Permanente Roraima, em Boa Vista, Brasil, para socorrer refugiados venezuelanos. Para essa tarefa, todos os missionários matrizes e auxiliares foram instruídos a servir em Roraima.

Nova dinâmica redesenhava a Rede Missionária Planetária. No segundo semestre de 2018, foi iniciada a Missão Permanente Colômbia; as Missões Permanentes Roraima e Carmo da Cachoeira prosseguem. Já a Base Missionária na Grécia, sustentada por voluntários da Rede-Luz Europa, foi temporariamente encerrada.

Outras três Missões Regionais Recorrentes foram assumidas pela Rede--Luz em continuidade a missões oficiais. Desde 2014, a Rede-Luz Norte e Nordeste do Brasil deu imediata sequência à sexta missão, ocorrida no Sertão de Alagoas. A partir daí, presta serviços bianuais a comunidades de Palmeira dos Índios. O mesmo veio a ocorrer após a Missão Chaco, quando a Rede-Luz Argentina prosseguiu o atendimento a etnias indígenas e, seis meses depois, teve início a Missão Regional Paraguai, que apoia povos ancestrais da Cidade do Leste.

Os atos generosos expandem-se pontualmente. Ora respondem a urgências de atingidos por tragédias ambientais, ora prestam apoio a grupos de certa nação que se dedicam a quem vive em estado de extrema pobreza.

Uma missionária, consciente de que a essência divina habita o interior de cada criatura, diz: Levamos uma gota de esperança, de fraternidade, de amor para quem atravessa adversidades e precisa curar o passado. O amor altruísta anseia que a humanidade ferida se libere do sofrimento e aprenda a se unir, a amar, a ser leve, alegre.

MISSÃO PERMANENTE CARMO DA CACHOEIRA, BRASIL Servir e ascender

Deixar de usufruir para dar em abundância é o que se propõe ao ser humano nesta etapa da Terra. Trigueirinho

Ela nasceu com sede na alma. Quando criança, imaginando o que seria ao crescer, via-se distribuindo sopa para necessitados. A vida foi levando-a por outras aprendizagens, e a premonição adormeceu. Contudo, a imagem infantil resistia no inconsciente, como pano de fundo. Ao conhecer o trabalho da Figueira, a antiga sede ardente de ajudar pessoas veio à tona com redobrado vigor, e logo Clara tornou-se missionária da Fraternidade.

Sempre que ela e o grupo retornavam do intenso serviço abnegado na África, sentiam falta crescente de prosseguir com o tom e ritmo humanitário de espírito fraterno. Entre uma missão e outra, nascia um anseio. Clara pensava: Estes colchões lindos da comunidade, estes lençóis limpos, tudo isso é maravilhoso. Mas eu preciso estar com os pobres.

Seu mundo onírico anunciou a hora para a transição: Sonhei que nós, os missionários, seguíamos em um carro grande. O chofer dizia que levava-nos para onde deveríamos morar. Fomos entrando numa favela adentro até parar em frente a uma casa... O sonho foi logo relatado para o instrutor da comunidade Trigueirinho, e daí em diante tudo aconteceu rápido.

Durante uma palestra, ele explicou aos presentes a importância de os missionários terem casa própria em Carmo da Cachoeira para darem continuidade ao serviço ativo. Ao final da fala, alguém lhes doou uma residência, ainda em obra, no bairro São José.

O instrutor foi visitá-la sem demora, deu o aval e indicou-a como a casa masculina. *E a feminina ficaria distante? Onde?* perguntava-se o grupo, sempre trabalhando tão junto. Passados dez dias, outra proprietária, sem

saber da oferta inicial, emprestou uma casa por dois anos. Ficava no bairro São José, na rua tal, número tal. Havia apenas uma casinha entre as duas moradias. Impressionante resposta da vida! Fatos com tanta sincronicidade causam encantamento e repetem-se desde que o grupo fez a oferta de viver na pobreza.

Três missionários aderiram integralmente à nova proposta. Após um período de reparos e manutenção dos dois imóveis, Imer veio a coordenar a casa masculina, e Clara, a feminina. A primeira é conhecida como Casa do Imaculado Coração de Maria. A feminina, que veio a ser transferida, como Casa de São José. Com o tempo, novas consciências atraídas pela simplicidade aproximaram-se para meses de estágio.

Os pioneiros levaram camas e uns utensílios de cozinha e lavanderia. Ficaram quase um ano sem fogão nem geladeira. Pouco tinham, e nada nunca lhes faltou. Almoçavam a cerca de um quilometro, no refeitório geral da Casa 3 de Figueira, que fornece alimentação diária gratuita a quem chegar: moradores da cidade e da comunidade, andarilhos.

Ambas as casas concentraram as atividades na implantação de hortas e distribuição semanal de vestuários e alimentos. Como lidam com bens materiais de forma desapegada, a Lei da Manifestação jorra, tanto para eles próprios, quanto para quem lhes pede ajuda.

Clara colhia histórias ao longo da caminhada: Eram umas nove horas de uma manhã gelada. Tínhamos doado tudo, e uma mulher com a filha bateram à porta. Tremiam de frio, com blusinhas e vestidos finos. Morávamos três ali. Vendo aquilo, pedimos que aguardassem e entramos para conversar. Tivemos a mesma ideia e doamos-lhes todos os nossos cobertores. À uma hora da tarde, alguém tocou a campainha dizendo que nos trazia uma doação no porta-malas. Fomos pegá-la. Eram doze cobertores! Entramos com eles, olhamos umas para as outras e começamos a chorar.

Os servidores sentem-se profundamente protegidos ao constatar quanto cada detalhe é cuidado por seres do mundo interno. Como? Como funciona a rede magnética positiva que se manifesta de forma precisa? Anjos sopram nos ouvidos de doadores? Mistérios a desvendar...

Doações lhes chegam de forma equilibrada e são interlocutoras vivas para quem sabe ler o livro da vida. O diálogo de Clara com o invisível é bem prático, íntimo, constante. Alguém lhe pede, por exemplo, uma cama. Conta certa história... é fácil saber se é verdadeira ou falsa. A missionária



Doação semanal de vestuários. Casa missionária, Carmo da Cachoeira, Minas Gerais, Brasil, 2014

explica-lhe que não a têm. Pergunta sua religião e diz-lhe para ir orar na própria casa. Se for evangélica, orienta-a a ler uma passagem bíblica; se católica, que converse com Nossa Senhora, Cristo ou São José. Se ateia, que mantenha a esperança. Avisa que seu grupo também vai invocar o Alto. Caso o pedido seja verídico, a cama aparece na mesma tarde.

Quando alguém solicita uma porta, o pedido simbólico em geral indica que ele busca saída para algum antagonismo. Agendam uma visita à sua residência e, ao chegarem, deparam-se com hostilidades entre uma mãe e o filho ou entre um marido e a esposa. Clara conta: Eles nos convidam para entrar e sentamos sem perguntar nada. Daí a pouco começam a desabafar. Na despedida, o anfitrião agradece: "Vocês não conseguiram a porta, mas resolveram outro problema". Há serviços materiais e os não materiais, como esse, das reconciliações.

Em toda casa missionária comenta-se: Quando o sino toca, é Cristo chamando. Ele disse: "Estive doente e fostes me visitar, tive frio e me destes de vestir..." No entanto, para colaborar com o desenvolvimento de um ser, por vezes é preciso dizer não, uma maneira de corrigi-lo com amor. E lhe explicam o não: Hoje não vamos dar-lhe porque você já veio ontem e veio semana passada. Volte daqui a um mês. O pedinte compreende. Caso um



Encontro natalino para moradores. Carmo da Cachoeira, Minas Gerais, Brasil, 2014

drogado bata à porta, sempre leva algo para sentir-se um ser humano melhor, seja uma palavra, uma roupa limpa.

Lidam com situações pesadas, mas como os missionários veem o mundo com leveza e fé apoiada na filosofia, de forma simples espargem bálsamos nas almas. Aprofundam o aprendizado ao ir discernindo aspectos ínfimos que revelam algo além do concreto. À medida que o grupo exercita a arte de doar-se por inteiro a cada pequenina ação, mais sua energia se transfigura em chama viva.

Aquilo que deve ser feito apresenta-se cristalino. Diz Imer: Ao nos consagrarmos a uma vida de serviço, conhecemos pessoas a fundo. Pedem-nos para interceder em conflitos familiares, como o da avó reclamando da filha que brigava demais com ela e batia na neta. Fomos visitá-las. Conversamos com as três, atentos, sem pressa e sem desacreditar nenhuma, percebendo que cada qual tinha parte da razão; e o stress foi-se diluindo.

Servem em uma multiplicidade de situações, um incêndio em uma fazenda ou a internação no hospital de um bêbado caído na rua. Podem promover oficinas de artesanato, participar da construção de uma casa,







consertar defeitos hidráulicos ou elétricos. Podem oferecer alimento, ajudar a conseguir emprego, auxiliar desalojados que tiveram de ir morar na rua porque o casal se separou e um dos dois não tem para onde ir, ou porque um desempregado não consegue mais pagar aluguel. Chegam a ser procurados por alguém com surto psicótico.

Trabalham não só pela vida, mas por quem está a desencarnar. Aconteceu serem chamados no meio da noite para estar com um cavalo moribundo; o tutor havia batido nele e o usara até a exaustão. Pediram-lhe perdão acariciando o lombo sofrido, oraram e o acompanharam até expirar. Em outra ocasião, amarraram uma concha em um bambu para resgatar dois gatinhos de um tubo alto. Um estava morto, mas salvaram o outro bichano e o viram crescer saudável após lhe conseguirem um bom tutor.

Nos primeiros raios de uma manhã, dois missionários rodaram dezenas de quilômetros para levar uma mãe aflita para ver o filho encerrado em um presídio. Aguardaram-na o dia inteiro para trazê-la de volta à noite, toda sorriso e gratidão.

Como parte da ajuda humanitária, visitam domicílios, instituições e hospitais, além de pessoas esquecidas ou doentes da zona urbana e da rural. Em Carmo da Cachoeira, trabalham na Associação de Pais e Amigos de Excepcionais – APAE. Nos arredores, ajudaram a Colônia Santa Fé, de portadores de hanseníase, clínicas de reabilitação de adictos, presídios. Colaboraram com a Casa Luz da Colina, assistindo a pacientes com câncer da organização Vida Viva, em Boa Esperança. Trabalharam com presos em regime semiaberto e com crianças em situações de risco da Associação de Proteção e Assistência aos Condenados – APAC, que segue o lema: *Todo homem é maior que seu erro*.

No Asilo de Carmo da Cachoeira, tanto prestam alegre atenção aos funcionários quanto aos internos: escuta fraterna, corte de cabelos e unhas, arrumação dos quartos e das dependências, distribuição de roupas e alimentos, orações.

Ali, dois missionários viveram um processo transformador ao formar e ensinar uma turma de internos a se comunicar além das palavras, falar

Jovens missionários distribuem colchões; dança no asilo e doam parte das colheitas da Comunidade-Luz Figueira. Carmo da Cachoeira, Minas Gerais, Brasil, entre 2014 e 2016

por meio de cores e pinturas. Explicavam a idosos que nunca pegaram um pincel, a quem nunca haviam perguntado qual sua cor preferida: Pincelar tinta preta no papel pode significar que estamos tristes.

Prosseguiram semana após semana, emitindo-lhes uma nota de esperança. Gradativamente, os velhinhos vieram a entender. Cada um assimilava o ensinado em seu tempo, seja num piscar de olhos, num dia, numa semana, em meses.

Em um segundo momento, traziam melodias para os alunos ouvirem de olhos fechados. Conforme elos de afeto iam sendo construídos, começaram a se abrir, a relatar ideias, sensações. Ao serem ouvidos, expuseram amarguras, tristezas, medos.

O missionário matriz Luiz observa: Essa forma de abordagem foi maravilhosa. Primeiro relatavam sentimentos em formas plásticas, então ouviam música e começaram a falar ao final de cada sessão, mesmo sem ninguém ser obrigado a isso. Fomos conhecendo cada um e ficamos impactados com a expressão deles. O processo artístico foi a coisa mais rica e profunda. Nós não só oferecíamos algo, mas nos interessávamos por eles, um a um.

No final de um ano, colocaram a turma na frente de uma tela branca para a pintarem em conjunto. Um CD tocava músicas sobre São Francisco de Assis. De um em um, cada aluno pegava o pincel, escolhia uma cor e ia até o painel expressar-se. Luiz prossegue: Havia uma senhora deficiente, considerada por todos como aquela que não conseguia fazer nada. Quando a convidamos, um idoso comentou que ela não conseguiria pintar. Os outros se calaram; o comentário não teve repercussão. Então ela pegou o pincel, escolheu a cor preferida e pincelou a tela. Estava presente, por inteiro. Uma fresta abrira-se e dela jorrou claridade. Com um gesto tímido, a senhora se pronunciou plasticamente.

Os idosos foram sendo fortalecidos. O trabalho que passa pelo coração pode ressuscitar o servido.

Quando o grupo partia para as missões, Ricardo deixava alguém cuidando das casas e das tarefas. Assim foi na última Missão África, Alexandrina, recém-chegada de Recife, cuidou das casas, das plantas e dos cachorros. Recebia doações e as triava, distribuindo-as aos sábados com a ajuda de um ou outro colaborador. Às três da madrugada das segundas-feiras, ia tocar o grande sino da Colina das Aparições, no Centro Mariano coligado a Figueira.

Pontualmente às 15h, orava o terço da Divina Misericórdia, unida aos catorze na África. Certa tarde, ela foi penetrando outro plano de vida e teve uma visão: Em uma montanha imensa estavam esculpidos a face, os cabelos e o busto de Cristo. Duas estradas retas e paralelas seguiam até a parede de pedra. Uma era cor-de-rosa, a outra, azul, transparentes como os raios da imagem do Cristo Misericordioso. Por ambas as vias, iam milhares de pessoas semelhantes entre si, uma atrás da outra, penetrando pedra adentro, que não tinha porta nem túnel. Ela teve absoluta certeza de que eram almas sendo resgatadas no continente sofrido, em que 14 mil crianças morrem de sede por dia.

Em setembro de 2017, após a parceria firmada entre a Fraternidade e o ACNUR, todos os missionários desembainharam a espada da paz e partiram para Roraima, estado que faz fronteira com o Amazonas e o Pará e ainda com dois países: Venezuela e República Cooperativa da Guiana.

Para prosseguir a Missão Permanente Carmo da Cachoeira, foram convocados membros da Rede-Luz Minas Gerais e São Paulo, que passaram a trabalhar com dois missionários e colaboradores da cidade. Juntos sustentam a Casa de São José, a Casa do Imaculado Coração de Maria e o Galpão de São José.

No âmbito da cidade prosseguem com as visitas domiciliares e com atividades no Asilo e na APAE. Já na cidade vizinha de Lavras, servem no canil Parque Francisco de Assis, que atende mais de quatrocentos cães.

Em espírito serviçal de amor, os dois pilares da Fraternidade - Missões Humanitárias e Rede-Luz Planetária – vertem água pura de vida.

Galpão de Serviço São José

É sina de minha amiga penar pela sorte do próximo, se bem que seja um penar jubiloso. Explico-me. Todo sofrimento alheio a preocupa, e acende nela o facho da ação, que a torna feliz. Fala, Amendoeira, de Carlos Drummond de Andrade



Madrugada ainda, os decididos a ser os primeiros da fila caminham por ruas escuras. Dirigem-se para os portões verdes do galpão aberto todo sábado, às 9h. Vão sentando-se em ordem de chegada pelo meio-fio da calçada, o corpo aquecido por cobertores, o orvalho umedecendo casacos e capuzes das crianças. O Sol nasce, e ainda aguardam horas. Como qualquer coisa ali dentro pode ser levada de graça, os madrugadores creem que, se forem os primeiros da fila, escolherão as mais apropriadas. Em verdade, anseiam por ganhar algo mais na alegre manhã solidária que, na simplicidade, brinda-lhes com surpresas sutis.

Nos encontros semanais, missionários e atendidos olham-se face a face. Os voluntários buscam conhecer a história de cada um. Exercitam um dos segredos do trabalho humanitário, qual seja, inverter posições, aprender a se colocar no lugar do outro para compreender-lhe a situação, tentar senti-lo por dentro para ajudá-lo a dissipar inquietações.

Dentro do galpão reina abundância e diversidade. Assim que o grupo chega para distribuir as doações – entre eles, quatro ex-moradores de rua que viveram na Casa do Acolhimento – abre as portas de seis armários de roupas feminina, masculina e infantil, separadas por tamanho e gênero. Retira lençóis que protegem prateleiras contendo sapatos, bolsas e os mais variados objetos. Descobre cabideiros de chão com casacos, blusas e vestidos pendurados.

Com tudo à vista, o ambiente fica parecido com uma loja rústica de vestuários, livros, móveis, fogão, geladeira, caixas d'água, materiais de construção, de cabeleireiro. Caso falte algo para algum solicitante, anota-se

em um caderno o pedido com seu nome, endereço e telefone, e o grupo procura suprir a demanda durante a semana.

Antiga fábrica de tijolos artesanais, o Galpão de São José foi passado a Figueira pela Prefeitura no início dos anos 2000. Um residente da comunidade havia coordenado a produção de bloquinhos de argila por anos, doados para o povo junto com legumes da horta plantada ao longo do terreno íngreme. Finalizado aquele ciclo, o local veio a ser revitalizado pelos missionários consagrados.

O ambiente estava como deixado. Assim, como primeira atividade, distribuíram os tijolos armazenados. No amplo lote – gramado na frente, ao fundo dois varandões e uma sala de estoque – instalou-se o depósito de doações, que nunca param de chegar. Às quintas é feita a triagem do material recebido e são organizados kits para atender os constantes pedidos, tais como enxovais de bebê para grávidas.

O galpão estimula a criatividade. Nele funcionam oficinas para restaurar móveis, já que se colocam à disposição apenas artigos prontos para o uso. Também foram criadas turmas de costura para consertar e confeccionar roupas. Atuam fora do período da colheita do café em que o povo trabalha durante meses em fazendas da redondeza.

Em dado momento, surgiu a ideia do Caminhão da Misericórdia. Rodavam por fazendas da comunidade recolhendo objetos não usados e pertences deixados por hóspedes que, durante a estadia na Figueira, descobrem que certas coisas já não lhes são mais necessárias.

Tudo pulsa, move-se, agita-se. Logo após os missionários serem convocados para a Missão Roraima, houve uma dinâmica transição. Noventa e três colaboradores da Rede-Luz vieram de diversos pontos do país para participar de um mutirão. Mergulharam em uma alegre onda criativa. Trocaram janelas, pintaram portas, refizeram a calçada e ainda construíram nova ala de distribuição, levantando paredes e cobrindo o piso de cimento. Cada um deu o melhor de si e todos voltaram para casa vivificados pelo sopro de Amor que rege aquele cantinho do mundo.

Antes de o portão verde ser aberto, os voluntários reúnem-se em círculo. Fazem o Sinal da Cruz, recitam a oração dos missionários e passam a ouvir instruções da coordenadora Mariandja: Somos instrumentos para

irradiar códigos, valores de harmonia. Que não vejamos a condição material de quem atendemos, e sim a beleza de almas em busca de caminhos para se manterem vivas, confiantes. Estejamos bem atentos porque, muitas vezes, atrás de um pedido material, há uma necessidade maior. Não deixemos escapar a oportunidade de servir o que está por trás.

O serviço é uma ponte para encaminhar necessitados a outros veios da mesma obra. Quem tem problema de saúde, para a Casa Luz da Colina; quem tem questões educacionais, para a Unidade Arte Educação. Se os necessitados forem os animais, marcam-se castrações, atendimento a doenças e a acidentes na Casa Esperança.

Mariandja continua a orientar os atendentes. Que conversem com cada um, perguntem se é aquilo mesmo que ele precisa. Que tenham atenção ao número de peças doadas, senão querem levar vinte para cada membro da família, e isso estimula a ganância. Que observem o tempo de atendimento: cuidado para não passar a manhã com uma só criatura que quer isso, mais aquilo; dê-lhe um toque: *Há outros aguardando...* Às vezes acontece o contrário: um tímido escolhe uma única peça e percebe-se que precisa de outras.

Em seguida, as tarefas são distribuídas entre quem reparte senhas numeradas, quem recebe cada solicitante, quem se encarrega da atividade infantil. Para finalizar, Mariandja deseja: Bom trabalho para todos. Com senhas em mãos, os solicitantes entram pelo portão verde e sentam-se no comprido banco encostado ao muro sombreado por ramagens. São chamados de um em um. O que você está precisando? perguntam-lhe. Segundo a resposta, atendente e atendido vão procurar o artigo que, se escolhido, é colocado em uma sacola e, se rejeitado, imediatamente reordenado nas prateleiras ou cabideiros de parede ou de chão.

Alguns atendentes dão tudo o que o atendido quer. Outros educam: Vamos pensar no próximo. Diz a missionária Cláudia: Nossa pequena missão de sábado é animada. Chega muita gente. Estamos sempre aprendendo, sendo postos à prova. Podem querer levar o que não precisam, o que não tem função. Para lidar com a ânsia, a ilusão material deles, primeiro temos de conter a ansiedade em nós mesmos. Refletimos aquilo que somos. O trabalho não é apenas doar objetos, mas tentar perceber o

Distribuição semanal de vestuários e utensílios; sessão de pintura com crianças. Carmo da Cachoeira, Minas Gerais, Brasil, 2018







outro. Esse é um dos exercícios de quem atende. Há quem ache a tarefa superdifícil, não aguenta.

Um aprendiz de missionário tinha uma lição de neutralidade a descobrir. Há clientes assíduos, que vêm todo santo sábado levar sacolas cheias para, talvez, vender. O aprendiz se incomodou demais com um desses que selecionavam o que havia de melhor. Sua reação mostrava-lhe um preconceito a ser transcendido. O grupo aprendeu com as Missionárias da Caridade, na Grécia, que, caso alguém leve para vender, é uma forma de ele ganhar um dinheirinho extra. Mas o aprendiz continuava inconformado, repetia o ocorrido até a noite, quando uma missionária desarmou a queixa: Desapegue-se, vá orar para limpar isso da mente, vá tomar banho de sal grosso.

O cuidado com cada artigo colabora para que a energia de quem a usou, talvez um depressivo, um doente, seja transmutada. Cláudia esclarece: Quem chega, recebe códigos de harmonia. Encontramos muita desordem e pessoas acumuladoras nas casas que visitamos. Aqui elas têm a oportunidade de aprender a ordenar as próprias moradias, simplificando-as.

Com o passar do tempo, o trabalho da distribuição foi sendo aprofundado. A coordenadora reuniu os atendidos para chamar atenção sobre o acúmulo de coisas. Como famílias inteiras comparecem ao galpão todo sábado, para saírem da condição de só pedir e aprenderem a doar, foi-lhes feita a proposta de, a partir da semana seguinte, iniciarem um banco de trocas. O que não serve ou sobra para um vem a ser valioso para quem não tem condições de adquirir aquilo. Que prestassem bastante atenção em suas casas e trouxessem de volta qualquer coisa sobrando, fosse um brinco, uma vassoura, uma peça de roupa. Ela ainda os convidou: Unam--se a nós para acolher quem chega aqui.

No decorrer dos anos, os atendidos espelham-se na generosidade recebida e desenvolvem a empatia. Uma mãe chegou dizendo: Vim trazer estas roupinhas porque meu bebê cresceu; quero passar para outros.

Uma senhora sustenta a filha desempregada e dois netos com seiscentos reais. O pai das crianças os abandonou. Se o galpão não existisse, ela testemunha, não saberia o que fazer. Mas os acolhidos levam algo além de sacolas cheias. Apreciam que se preocupem com eles e os respeitem. Agradecem, preenchidos: Que Deus abençoe vocês e dê tudo em dobro!

Material relativo ao ensino infantil é entregue em escolas locais ou utilizado no próprio galpão, em uma atividade paralela para crianças que acompanham parentes. Sentam-se em uma lona na grama em frente a uma tendinha cor-de-rosa. A coordenadora instrui: Vamos dividir o material, porque hoje temos poucos lápis e pouco papel.

Ela senta-se entre o círculo de garotos, em torno de uma folha de cartolina, instruindo: Nosso coração sempre nos avisa alguma coisa. Já sentiram como? Bate acelerado se estamos em perigo. As crianças: É mesmo! Então ela pergunta: O que mora em nosso coração? Uma menininha responde: Jesus Cristo. Outra: Maria. Juntas desenham um coração colorido. A coordenadora consegue unir todos no grande coração florido.

Enquanto isso, no galpão, uma jovem pegava roupa de cama para o enxoval. Marlene ia casar-se. Chegou às quatro da manhã, fora a segunda da fila. Na sua frente havia uma mãe com o filho excepcional. Entrara no galpão às 9h e eram quase 11h. Escolhera o que precisava tendo resolvido seu assunto há tempos, mas gostava de ficar por ali sorrindo, envolvida pela paz.

Sábados antes, Marlene viera atrás do seu vestido de noiva. Havia um único, lindo, bordado de pérolas: A coisa mais linda aquele vestido! Mas ficou pequeno nela. Foi quando uma voluntária paulista resolveu a questão. Anotou as medidas da noiva para reformá-lo em São Paulo e ainda combinou fazer o véu, a grinalda de tule e o buquê. Vou tirar foto e mandar um convite para vocês, diz a noiva, encantada. Pega o celular e mostra, na tela, a foto dela com o futuro marido.

Tocada pela delicadeza da história, uma senhora observava a dança de amabilidades. Em dado momento, uma meiga atendente perguntou-lhe com especial elegância: A senhora necessita de algo? Entreolharam-se por um longo instante: Sim, estou precisando de um abraço. As duas abriram os braços e oh! Que abraço apertado, um remédio sem receita médica. Quantos segredos trocam corações fraternos em sintonia!

O abraço é um símbolo do galpão, que abre os braços para qualquer carência. Atendidos se sentam no meio-fio desde quatro da manhã e só vão embora quando os portões são fechados. Saem afagados na alma, com decepções e tropeços consolados.

Casa do Acolhimento

Prestai atenção aos viandantes. Alguma coisa os movimenta e não os deixa em paz. Mais facilmente do que outros eles percebem a fragilidade da propriedade. Não temem as distâncias. Estão aprendendo muito. Entre eles podem estar mensageiros. Fraternidade, de Helena Roerich

Casa masculina de portas abertas, a Casa do Acolhimento recebe aqueles que vivem em situação de rua. Quem toca a campainha entra. Se quer comer, come; se quer tomar banho, toma; se quer morar, mora. A energia da casa muda de tom segundo quem passa por ela ou a coordena. As cores da caridade são belas e criadas passo a passo. Os missionários devem descobrir cada acolhido que se aproxime, chamados por eles de irmão, e amoldar-se às suas peculiaridades. Ninguém pode estabelecer regras para os atos de caridade, fixar o que se pode ou o que não se pode fazer.

Ao andar pelas ruas do bairro ou ao fazer constantes visitas domiciliares, os missionários ouviam histórias de moradores alcoolizados e malcheirosos. Alguns lhes pediam ajuda, orientação: *Estou querendo parar de beber.* De início, eram levados para dormir na Casa São José, antes de serem encaminhados para clínicas de recuperação. Para tratar dessa questão, reuniram-se com Trigueirinho, que conseguiu junto à prefeitura de Carmo da Cachoeira, o compromisso dela pagar o aluguel de uma casa de esquina simples, com vista para colinas arborizadas. A Fraternidade estabeleceu mais essa conexão com o poder público, a sociedade e a assistência social.

Desde a abertura, quem chega à Casa do Acolhimento, drogado ou não, compartilha da mesa de refeições com todos. Atendidos com respeito e um sorriso terno, os rejeitados foram aproximando-se da aura do trabalho missionário.

O primeiro coordenador observava o vaivém da casa. Faltava algo mais: Dávamos alimento, vestuário, mas fui ficando inquieto... precisávamos

ter um olhar mais amplo, mais compassivo. Conversamos com Ricardo, e fui enviado para inspirar-me na Comunidade da Trindade, em Salvador, capital baiana. Por onze anos, um monge católico peregrinou com andarilhos entre São Paulo e Salvador. Viveu e conviveu com moradores de rua até encontrar uma igreja católica em ruínas. A diocese aceitou que o templo se tornasse moradia para os sem lar. Ali dormem sobre papelões ou cobertores. Com os anos, o trabalho se ampliou e surgiu uma comunidade em torno.

Retornando da viagem, o coordenador tinha clareza, além de oferecer refeições, deveriam instalar uma pequena comunidade para quatro acolhidos trilharem um novo caminho, experimentarem um novo padrão de conduta. Por essa meta, ele morou e trabalhou na Casa do Acolhimento por oito meses até a certeza tornar-se realidade.

Como o povo da rua é bem-dotado para fazer artesanato, instalaram uma oficina de marcenaria na casa, onde são criadas peças em bambu e madeira. Também construíram ordenados canteiros no quintal amplo, onde uma horta produz em abundância.

Em dinâmico entra e sai de gente, a casa mantém ritmo, horários e programação semanal. Por exemplo, às terças, os acolhidos fazem pão e dedicam-se à horta. Às quintas, recebem toda sorte de tratamento de saúde na Casa Luz da Colina, que enxergam da varanda do quintal. Por vezes, seguem para cursos dados pela associação na Unidade Arte e Educação. Toda sexta-feira, prestam visita ao asilo local e, aos sábados, ajudam a distribuir doações no Galpão de São José. Por vezes, integram-se a atividades orantes no Centro Mariano coligado a Figueira.

No primeiro ano passaram quinze moradores pela casa. Com voz firme, mas cálida, o primeiro coordenador comenta: Foi uma experiência forte, um trabalho pesado. Muitas vezes eu só conseguia dormir às três da manhã, os planos internos deles são bem tumultuados.

Desde que ele seguiu para outras tarefas, mais missionários revezavam-se na função, posteriormente entregue a membros da Rede-Luz. A transferência de um para outro sempre deu certo porque todos estão unidos a um só propósito: servir aos que poucos querem servir.

Além de levar conforto, podem providenciar passagens de ônibus para quem prefere partir ou ser encaminhado para centros de recuperação a fim de dar um basta às drogas.

Os próprios acolhidos aprenderam a assumir o cotidiano da casa. O alimento é preparado por eles, as refeições feitas em grupo, a manutenção e a limpeza dos ambientes de convivência são compartilhadas. Eles mesmos recebem trecheiros que perambulam por estradas. A maioria chega, toma banho, lava a própria roupa ou ganha nova, alimenta-se, descansa uma noite ou mais e parte.

Escolher morar na Casa do Acolhimento significa seguir certa ordem. E a maioria dos andarilhos e moradores de rua não quer ter ordem alguma. Se o acolhido aceita aquele estilo de vida, é avaliado e pode prosseguir. Aconteceu de um rapaz chegar caminhando de São Paulo. Em uma briga, matou em legítima defesa, foi condenado a um ano e pouco e já cumprira a pena, mas não conseguia resolver a terrível culpa. Como acontece com outros, na rodoviária alguém lhe indicou: Olhe, uma casa na esquina da igreja dá tudo de graça. Assim chegou, e decidiu permanecer.

Diz o missionário Luiz: Não temos expectativa. Alguém pode estar bem no primeiro momento e, no dia seguinte, ir embora. A casa acolhe também os que ficam pela praça da igreja aqui em frente. Passam uma temporada, até meses, mas preferem voltar para lá. Continuam a vir para comer e trazem outros. Apesar de não aguentarem morar aqui, o local tornou-se um ponto de referência. Sempre conversamos com eles na rua. Nasceu uma rede de afeto.

Em certo fim de ano, irmãos da rua, amigos da casa e o primeiro coordenador se reuniam para comemorar. Na hora de servir o alimento, a campainha toca. Um velhinho cansado e faminto pergunta se pode comer. Chamava-se José. Era Natal! Uau, com esse nome! Logo o tratamos como uma visita mística. Ele se alimentou como um rei, banhou-se, dormiu; no dia seguinte disse que tinha de ir embora, agradeceu e nunca mais o vimos. O que conta é a experiência em si, não é reconstruir uma vida, tipo: agora terão empregos e tal. Esta casa é linda! completou aquele que acolheu o Sr. José.

Vivências Missionárias: eu vou!

Participe da próxima Vivência Missionária e sirva aos mais necessitados. A base desta vivência será em Carmo da Cachoeira - Minas Gerais, Brasil.

Um exército único de servidores se expande pelos quatro cantos do mundo. Mesmo que não saibam, educadores, cientistas, financistas, homens e mulheres de qualquer área e idade compõem o grupo valente. Com inteligência e visão internacional, trabalham pelo bem da humanidade e pela compreensão entre povos e nações. Quebram barreiras e preconceitos sociais. Sem alarde, constroem o alicerce da futura paz universal. Essa força de servidores está unida a uma rede sutil de alta potência que circunda a Terra, protegendo-a e, pouco a pouco, curando-a.

Alguns seres humanos ousam mergulhar na vertiginosa onda de transformação que a todos conclama. Avançam por variadas vias. Os missionários da Fraternidade optaram por trilhar uma delas, a do serviço incondicional.

Um mês e meio após o grupo matriz mudar-se para as duas casas em Carmo da Cachoeira, nelas surgiu um centro de introdução à vida missionária chamado *Vivências Missionárias*. Nelas, aprendizes vêm sendo treinados. Diz o missionário consagrado Imer, coordenador de inúmeros encontros: *Sinto muita alegria em participar do despertar de autoconvocados*. Eles começam a perceber a urgência em aliviar a dor que arde em si mesmo e no mundo. Acordam para a verdade que nos aguarda além do caos e dos horrores que se propagam por esta civilização que fenece. Estou disposto a tudo. Aconteça o que acontecer, estou aberto a ser um instrumento do Alto.

Por uma semana, os inscritos enfrentam uma sucessão de desafios. Se bem compreendidos e assimilados, a experiência pode levá-los a uma nova visão do mundo. Os exercícios são vivos, amorosos e a maioria próximos à natureza. Desenham a unidade entre os participantes, o que remodela espaços no mundo interno de cada um.

Para os primeiros eventos, foram enviados cerca de dez mil convites por e-mails em português, espanhol e inglês. Depois, bem menos. A pessoa lê o convite. A alma diz: *Sim, quero experimentar a vida missionária!* e se inscreve. Outras descobrem as missões por meio do site Portal da Fraternidade; fazem contato querendo participar, mas, antes, precisam passar pela Vivência Missionária.

As pessoas estão despertando. A ideia de passear na época de férias ainda impregna o consciente coletivo seduzido por coisas temporais. Todavia, há quem as aproveitam para fazer algo positivo e se autoconvoca. Põe uma mochila nas costas com objetos pessoais, roupa de cama, de banho e artigos de higiene solicitados pela secretaria da Fraternidade. Saem da fantasia e partem para o exercício prático.

Em cinco anos, seis mil interessados passaram pela Vivência Missionária. Esse modelo não é de formação, mas de informação. Propicia certa experiência; contudo, o participante raramente se fideliza e abraça uma vida dedicada às Missões. Assim, em meados de 2018, foi planejada a Academia Missionária, uma formação de missionários matrizes através de módulos especializados.

No primeiro momento de uma Vivência Missionária, o grupo reúne-se em círculo para os aprendizes se apresentarem, serem ouvidos: Sou fulano, estou aqui por tal razão. Vêm dos mais diversos lugares. O que cada qual conta repercute e começa a trabalhar o outro: O que você disse me tocou, fiquei surpreso, confirmou o que eu já havia percebido. Vários leram livros de Trigueirinho e têm seu Ensinamento como guia. Trazendo em si ultrapassados conceitos de individualismo, mergulham na vida grupal. As portas da convivência fraterna vão sendo abertas ao compartilharem pequenos quartos coletivos masculinos ou femininos.

Cânticos de abertura do serviço em cidade vizinha, plantio de árvores e treinamento de escalada em árvores. Carmo da Cachoeira, Minas Gerais, Brasil, entre 2014 e 2017







O missionário matriz propõe as atividades e explica a logística da semana, onde serão os mutirões diários: em instituições, nas Casas de São José ou em alguma área da comunidade, quando poderão pernoitar em fazendas. Ele torna-se um espelho de conduta, acompanha e atua junto ao grupo - só se aprende a fazer fazendo.

Uma Vivência Missionária nunca é igual a outra. Nela, os participantes passam por experiências inteiramente diversas das de seu dia a dia. Caminham em filas indianas por ruas ou fazendas. Fazem contato com o verde, com amplos horizontes e com lagos, altas árvores, animais. Podem frequentar uma reunião de Alcoólicos Anônimos, brincar com crianças especiais, visitar presídios, estar em uma casa de recuperação de adictos, levar roupas para carentes.

Acontecem situações imprevistas e marcantes. Em duas circunstâncias desencarnaram moradores da cidade assistidos pelos missionários. O coordenador compareceu aos velórios levando aprendizes que nunca haviam vivenciado algo semelhante.

Diz Imer: No primeiro momento, é claro, começam a emergir resistências, incômodos. Depois eles sentem-se reavivados pelo ritmo intenso, que não deixa tempo para ninguém esmorecer, reclamar. Ao acordar, nos reunimos para orações em grupo. Depois arrumamos a casa, preparamos e tomamos as refeições, sempre juntos.

As pessoas estão acostumadas a andar sozinhas, a fazer o que querem no próprio tempo. Em uma vivência, nada disso acontece. Há relatos de que, no início, integrar-se à vida grupal foi difícil e depois se tornou maravilhoso. Uma jovem saiu sozinha para comprar passagem na rodoviária. Na volta, sentiu-se terrivelmente só e caiu em pranto. Ao se afastar do grupo, pôde sentir a solidão causada pela prática do velho individualismo.

O tempo de reconstrução de cada aprendiz depende dele próprio. A maioria dos seres humanos é rebelde, tipo: Ninguém manda em mim. Eu, obedecendo a uma pessoa terrena? pensamos com nossos botões... Embates podem ocorrer por coisas mínimas, tal como negar vestir uma camiseta conforme indicado pelo coordenador. O aprendiz cruza várias provas externas e internas até entender que, sem obediência, não consegue desenvolver-se. Ricardo, Gestor de Emergências e Ajuda Humanitária, repete: Um missionário precisa ter sete atributos. O primeiro é a obediência. O segundo, a obediência; o terceiro, o quarto, o quinto, o sexto e

o sétimo são a obediência. Se aprendemos a obedecer, outros atributos se desenvolvem naturalmente.

Ao esquecerem de si mesmos, alguns passam a compreender o que é o amor ao próximo. Um participante se admira: Olhe, estou há vinte e quatro horas sem me lembrar de mim. Nem acredito! Ao colocar o outro em primeiro lugar, descobriu o espírito de cooperação, aquilo que a alma veio fazer nesta vida, ou seja, servir ao outro com empenho. O outro é qualquer ser humano, qualquer animal, planta, água, minério.

O mágico é que cada aprendiz passa pelo que mais necessita para se liberar. Há casos de quem descobre que certa relação humana está travando sua evolução. No asilo pode encontrar uma pessoa parecida com a própria mãe e resolver certo conflito. Esse tipo de sincronicidade é bastante relatado. Ou, em um presídio, encontra-se com um jovem semelhante ao irmão ou ao ex-noivo. São abençoados pela certeza da ajuda recebida de seus Guias internos, sempre por perto, e sentem imensa tranquilidade pelo acompanhamento invisível.

É uma alegria estar em grupo! Há sempre algo a aprender, a contribuir, a compartilhar. O treinamento instiga uma saudável reestruturação mental e emocional e, sobretudo, impulsiona o amadurecimento da fé. A cada noite há reuniões, troca de aprendizagens para cada um acompanhar o que se passa no coração do semelhante.

Testemunhos de participantes da 34ª Vivência Missionária, coordenada por Mariandja:

De Rosi: Como eu me senti ao dar atenção às árvores e ao bosque? Na área do labirinto da fazenda F2 de Figueira, havia muitas folhas e galhos fora do lugar, atirados por eucaliptos altíssimos plantados em circunferência em torno de um espaço amplo com um labirinto no centro. Senti um movimento interno durante a tarefa, como se retirássemos o que não nos pertence para a vida fluir com mais suavidade. As árvores nos inspiravam a verticalizar-nos, a ir para o alto em busca de beleza e de Luz, assim como elas. Andar pelo caminho de pedra do labirinto representa nossa trajetória ao encontro de nosso verdadeiro Eu. Às vezes quase chegamos à meta. Às vezes nos envolvemos com distrações e nos distanciamos do propósito. Mas continuamos a caminhar, porque queremos retornar à Origem, simbolizada pelo ponto central do labirinto, para onde o caminho se converge.



De Anderson, sendo preparado para participar da Missão Roraima: Como eu me senti no canil Parque Francisco de Assis? Ser missionário não tem fronteiras. Ouvi os latidos dos cães como se fossem uma sinfonia de quem pede socorro. Durante nossa lida forte de poucas horas, pudemos fazer um mínimo por quatrocentos cães. Mas houve uma troca; eles nos ajudaram a perseverar no caminho da doação de nós mesmos.

Então ouviram Sueli Poeta: Como me senti no mutirão do depósito Galpão de São José? Foi uma festa hoje. Entregamos mais de quinhentas peças de roupa, doamos colchões, as crianças brincaram de forma tranquila, sem alvoroço. Senti tanto amor nas pessoas recebendo as doações! Vou reformar um vestido para uma noiva entrar linda na igreja. A gente está acabada, mas foi ótimo!

Todos riram, concordando. Sim, fisicamente exaustos, brilhavam, plenos de vitalidade. Pela vida afora, aplicam o aprendido.

Muita coisa pode mudar naqueles poucos dias. No encerramento do encontro, há uma reunião na qual cada aprendiz se expressa e pode até mesmo transmitir exemplos maduros. Diz Imer: Às vezes trinta pessoas contam sinteticamente sua pequena história. Fazem depoimentos impressionantes. É uma choradeira! Sentem-se superemocionadas pelo vivido, por velhos conceitos quebrados, pelo esforço para diminuir o egocentrismo, elevar o espírito.

Os aprendizes são convidados a ampliar a experiência permanecendo por três meses nas casas missionárias a fim de se tornarem mais aptos para sustentar emergências complicadas. A Missão Roraima precisa de ajuda e, agora, podem participar. Os receptivos aderem ao convite.

Viver uma missão dentro de todo o aparato da Comunidade Luz é um aspecto do serviço. Tomar um avião e ir ajudar refugiados em Boa Vista ou Pacaraima é outro aspecto, que desvenda perspectivas da Rede de Serviço Planetário.

Para finalizar, uma coordenadora eleva os olhos para o céu: Nas Vivências Missionárias construímos uma ponte entre o Céu e a Terra. Vejam o sinal, antes o céu estava silencioso. Agora o deva dos ventos está brindando-nos com uma chuva de folhas. Gratidão, Natureza, por quanto nos dás!

Um de diversos encontros para treinamento de primeiros socorros. Carmo da Cachoeira, Minas Gerais, Brasil, 2014

MISSÃO PERMANENTE GRÉCIA Acender consciências

Não espere por uma crise para descobrir o que é importante em sua vida. Platão, o grego

A Grécia exerce fascínio sobre o imaginário universal. Atrai dezenas de milhões de turistas que creem na boa vida. O pequeno país, oficialmente chamado República Helênica, é povoado por onze milhões de habitantes, um povo amoroso que mantém as tradições. Todavia, além do mar esmeralda, das ilhas paradisíacas, do mítico Monte Olimpo, de monumentos, estátuas, filosofia e cultura milenares, ocultam-se múltiplas facetas carentes.

A Fraternidade esteve instalada por vinte e um meses na Base Missionária Grécia, na serra de Palaia Fokea, quando colaborou com grupos altruístas organizados: as Missionárias da Caridade, a Caritas Hellas, a Igreja Ortodoxa de São Teodoro e o Young Volunteers in Action.

Atenas, à primeira vista, parece o cartão postal de uma cidade saudável. Basta andar um pouco além da fachada para se perceber seu lado cru. Moradores de rua e miseráveis tendas improvisadas estampam a outra face da capital. Nos últimos dez anos, a península montanhosa foi intensamente afetada pela drástica crise econômica de 2008, seguida da maior crise humanitária desde a Segunda Guerra Mundial, a de refugiados.

Tudo acontece rápido. O desemprego cresce no país. Um terço da população helênica vive em situação de pobreza. Mais de um milhão de trabalhadores estão sem fonte de renda, e mais de 500 mil gregos deixaram o país depois da crise. A mortalidade aumenta. O pessimismo se alastra e o índice de suicídio dobra.

Os da classe média em ascensão perdem a moradia e o automóvel financiado, deixam de ter status social e, em poucos meses, passam a dormir

ao relento, perto do distrito turístico, do Parlamento, de lojas de luxo onde faziam compras. Estão sendo chamados de novos pobres. Ex-as-salariados e comerciantes possuem casas de três, quatro pavimentos em um ótimo bairro; todavia, assim como tantos conterrâneos, não conseguem pagar a eletricidade. Nem água, telefone, comida ou roupa. Por não querer expor-se, recusam-se a entrar em filas de necessitados a fim de receber alimento e doações. Os missionários encontraram um cachorro na rua com um bilhete preso na coleira: *Meu nome é Kriko, sou muito alegre, estou vacinado, mas minha dona está em dificuldade, não consegue cuidar mais de mim. Por favor, leve-me para sua casa.*

Para os novos pobres sobreviverem, um programa de assistência social os cadastra. Em excursões noturnas, voluntários que os mantêm em sigilo batem de porta em porta entregando-lhes kits com alimento e roupa. Os missionários nunca tiveram contato direto com os novos pobres; contudo, levavam doações para esse programa.

Às vezes a família se destroça. Há homens solitários em filas das Missionárias da Caridade ou nas da Cáritas Hellas, que é a Cáritas grega. Conta Ricardo: Conversei com um senhor culto, inteligente, que falava quatro línguas, mas estava acabado. Magro, descabelado... Perdeu o básico, a vida lhe puxou o tapete... Aquilo mexe com a consciência, estava meio fora do eixo, desorientado... Tivera um bom posicionamento financeiro como capitão de navio, tendo vindo ao Brasil algumas vezes, mas quando a esposa morreu, entrou em crise e perdeu o emprego. Hoje é assistido pelas irmãs Missionárias da Caridade.

Os missionários nunca visitaram a Acrópole ou outros lugares famosos. Apenas o Templo de Poseidon, isso porque Anastasia fez questão que o conhecessem. Ela fundou e coordena há quarenta anos o grupo Young Volunteers in Action, a 13 km da Base Missionária da Fraternidade, que fechou as portas temporariamente em maio de 2018.

Desde o dia em que ela solicitou que a Fraternidade organizasse um depósito com enorme quantidade de doações, a alegria em ajudar o próximo uniu os dois grupos. Anastasia ama profundamente o país que acolheu seus antepassados e, com entusiasmo, levou os missionários até o templo no Cabo Sounio, extremo sul da Grécia. Ali, diante do Mar Egeu, maravilharam-se com a dança das águas cintilantes que ocultam histórias e a essência do período áureo da antiga civilização. Hoje, esse mar é rota de fuga preferida de refugiados asiáticos que se dirigem para ilhas gregas. Barcos infláveis clandestinos despontam diariamente no horizonte. Com coletes salva-vidas laranja e a pele salgada, pisam o solo, rezam e beijam a areia, gratos por estarem a salvo de guerras insanas, do radicalismo religioso e da arriscada viagem em que milhares se afogam. Visto que essa via marítima tem sido bastante policiada, sírios e turcos buscam alternativa ainda mais perigosa. Cruzam o Rio Evros, fronteira fortemente patrulhada que separa Grécia e Turquia. Exaustos, gelados e perdidos, muitos morrem de formas brutais.

Ponto estratégico entre Europa, Ásia, Oriente Médio e África, a Grécia acolhe imigrantes de mais de cem nacionalidades, que se iludem ao sonhar com um futuro melhor. Poucos conseguem estabelecer-se dignamente, seja ali, seja em países vizinhos. Sobretudo em 2015 chegaram hordas de refugiados sírios, iraquianos, tunisianos, iranianos, paquistaneses, entre outras nacionalidades. Mais de um milhão atravessaram o território continental grego em direção ao centro e norte da Europa, mas, com o encerramento da "rota dos Bálcãs", setenta mil permanecem bloqueados na nação.

Os gregos tentam conviver com os desafios e precipícios desta época, distantes de terminar. Aguardam ajuda da comunidade europeia. Que extraordinária oportunidade para dirigentes criarem colônias de paz!

Era sexta-feira, quase meia-noite na Base Missionária Grécia. Em Minas Gerais, Brasil, aproximava-se a hora do Angelus. Apenas nesse horário consegui conversar via Skype com dois missionários matrizes, que retornavam de uma reunião. Passaram a traçar o resumo da rotina semanal do ano animado pelo serviço ao próximo.

A proposta inicial de uma sede da Fraternidade na Grécia era a de haver um ponto de restauro para quem retornasse de missões no Oriente Médio. Quando foram suspensas, o instrutor Trigueirinho recomendou--lhes ali prosseguirem a interação iniciada no Nepal e em cinco países africanos com as Missionárias da Caridade de Madre Teresa de Calcutá, que possuem duas casas em Atenas. Ao lidar com esses seres de bondade, os missionários treinaram a obediência e a aceitação. Apesar de rigorosas quanto ao tema da religião católica, ao longo dos meses os dois grupos teceram um alegre relacionamento de almas.



Refugiados do Oriente Médio e da África aguardam à porta da Cáritas. Atenas, Grécia, 2016

Nesse entremeio, passaram a apoiá-las na casa onde hospedam mães com crianças até serem reencaminhadas. Além disso, na segunda casa, ajudavam-nas a preparar e oferecer desjejum para cerca de cinquenta imigrantes, refugiados e carentes que ficam pela redondeza aguardando a hora do almoço. Os missionários lavavam a louça, limpavam a cozinha, a casa, organizavam e distribuíam as abundantes doações que as Irmãs constantemente recebem.

Se solicitados pelas Missionárias da Caridade, tinham jornadas duplas. Em seguida ao almoço, elas se recolhiam e eventualmente os convidavam a juntos fazer adoração a Cristo. Retomavam as atividades a partir das 15h.

Como elas têm uma caminhonete, mas não dirigem, os missionários eram seus motoristas e carregadores. Toda semana, em certas tardes, transitavam entre ruas e avenidas movimentadas de Atenas onde sirenes não param de tocar. Ora as conduziam para compras de alimento e para coletar no mercado frutas e verduras descartadas em boas condições, com o que preparavam cestas básicas. Ora levavam-nas a visitar diversos presídios, onde elas apoiam prisioneiros e lhes deixam alimento e roupa.

Ricardo recorda: *Um dia, as Irmãs alugaram um ônibus para levarmos o* pessoal de rua, que diariamente almoça na casa delas, até uma praia próxima, onde havia uma igreja. No piquenique, ajudamos a servir a refeição e depois fomos encarregados de limpar a área.

As Irmãs lhes pediam reparos desafiantes, de um cano entupido, de uma torneira quebrada... Mal sabiam por onde iniciar, mas, enfim, o conserto acabava fluindo. Havia pedidos surpresa; por exemplo, limpar e pintar, junto com exilados, uma casa em condições precárias, cedida pelo governo grego a uma imigrante marroquina com quatro filhos.

Ao final do dia, dois missionários tomavam metrô e ônibus de volta para casa. A senhora espanhola e o argentino caminhavam oferecendo macarrão, leite, frutas e alimentos industrializados repassados pelas Irmãs para moradores de rua. No inverno gelado distribuíam luvas, cachecol, boné, agasalhos. Um dia perceberam: andavam os dois sem saber a língua, orando e irradiando amor pelo mundo, como Cristo havia indicado aos apóstolos há dois mil anos.

Diariamente, cerca de quinhentas pessoas circulam pela Caritas Hellas, segmento de serviço da Igreja Católica onde trabalham voluntários estrangeiros, como duas chinesas, que fugiram da China devido à perseguição religiosa e estudam em faculdades locais. Os missionários ajudavam a entidade. Ora faxinavam a entrada do prédio, ou organizavam caixas de doações vindas da Alemanha com roupas, acessórios, calçados, cobertores, leite para crianças. Ricardo descreve: Cedinho, dois dias por semana, viajávamos 60 km até o centro de Atenas. A Cáritas remunera voluntários com o propósito de eles desenvolverem ações sociais solidárias eficientes. Quanto a nós, servimos de forma gratuita.

Com ritmo, faziam a triagem e distribuíam vestuários para mais de oitenta pessoas ao dia. Separavam em diferentes prateleiras as femininas das masculinas das infantis. Ele prossegue: *Imagine o trabalho de paciência*, de persistência: uma pessoa pega uma roupa, olha, não gosta, joga em um canto. Nós a recolhemos, dobramos, voltamos com a peça para a prateleira. Mais outra e outra, e ainda outra, e a cada vez pegamos, dobramos, voltamos a roupa para a prateleira.

Aos sábados, ajudavam a Igreja Ortodoxa de São Teodoro, da cidade de Anávissos, próxima da sede da Fraternidade. A religião tem duas linhas

Distribuição de doações em ruas, arrumação de depósito em Lagonise e, em Atenas, serviço de almoço para 50 a 80 desabrigados, a maioria homens, em uma das casas das Missionárias da Caridade. Grécia, 2016 e 2017







hierárquicas, a dos monges, que não se casam e vivem em mosteiros como os de Monte Athos, e a dos padres locais, que se encarregam da igreja, da missa, da comunidade e têm esposa, filhos. No início, os missionários apenas participavam do preparo do almoço, distribuíam roupas e montavam sacolas e cestas básicas para gregos em situação cada vez pior. Logo a relação se desdobrou em laços fraternos com a esposa do padre encarregado da comunidade, patéra ou πατέρα, tradicionalmente vestido de preto.

Ativo no serviço ao próximo, ele resgatou cento e cinquenta crianças da guerra da Bósnia, com bombas estourando próximas do automóvel. Famílias do bairro cuidaram delas até o conflito terminar, quando foram levadas de volta. Na época, o patéra ainda lotava o porta-malas de alimento, que ia distribuindo pelo caminho.

Pouco a pouco, os missionários vieram a compartilhar a vida da igreja, desde assistir a apresentações folclóricas de dança e música até ajudar a cozinhar e servir durante seminários e encontros. Relembra Imer: Lá o homem não coopera com a limpeza e a cozinha. Ficaram surpresos por um voluntário homem e com profissão – um dentista! –, faxinar, cozinhar, fazer tudo com tanta disposição e tão bem quanto qualquer mulher.

A cada três meses o grupo missionário se revezava. Uma vez, os recém--chegados decidiram apresentar-se lendo uma mensagem em grego para os ortodoxos. O patéras convidou Imer ao palco. Tendo treinado a leitura no idioma desconhecido, cumprimentou-os: *Kaliméra* ou *Καλημέρα*, bom-dia em alfabeto grego. Prosseguiu: Viemos da Argentina e do Brasil para colaborar com a igreja e estamos muito felizes. A resposta foi o silêncio. Estariam entendendo? Apresentou o restante do grupo, que foi subindo ao palco. Mais umas palavras de encerramento e... do silêncio subiu um aplauso animado.

A partir dali passaram a fazer parte da brincalhona família ortodoxa. A mama, a avó, que cozinhava para pessoas em situação de rua, adotou Imer. Sentiam imenso amor um pelo outro. A mama compartilhava notícias sobre o casamento da neta ou questões com o filho e divertia-se com o sotaque dele ao repetir palavras gregas.

Haviam sido apresentados ao padre ortodoxo e a sua esposa pelo casal proprietário da casa situada numa serra a 2 km do mar, onde passou a funcionar a Base Missionária. O devoto armador de embarcações



Contato com morador de rua. Atenas, Grécia, maio de 2017

mercantes a construiu para o filho que, no momento, preferia participar de uma missão na Índia a viver na sofisticada e moderna mansão com escadarias de mármore branco e janelas com cortinas automáticas.

Mãos invisíveis tudo guiavam. O destino levou o armador a conhecer dois representantes da Fraternidade e a brasileira que doaria o aluguel. Procuravam onde implantar a sede no sul de Atenas. O próprio armador mostrou-lhes detalhadamente a residência e em seguida os convidou para um lanche com ele e a esposa nos jardins de sua bela moradia na vizinhança.

Tomavam sucos naturais quando o senhor lhes perguntou de quanto dispunham para o aluguel. Bem... algumas vezes menos do que o do valor de mercado... Ele não titubeou. Aceitou de imediato. Pronto, negócio fechado. E que fossem a seu escritório assinar o contrato. Como se não bastasse, ordenou que seu advogado retirasse itens do acordo mútuo.

Pelo custo de um imóvel despojado, alugaram o casarão em um bairro rico. Foi um impacto para o grupo missionário, pois a luxuosa residência está absolutamente fora de seu padrão de simplicidade. A vida armou a conjuntura curiosa para quebrarem preconceitos e viverem uma prova do voto de desapego ao luxo e à riqueza. Para mobilhá-la, manifestaram o atributo da sobriedade e da economia. Compraram camas franciscanas, uma geladeira e uma mesa pequena para a cozinha. Instalaram tapumes de Yôga na sala de oração, o principal cômodo da casa, onde, dia após dia, clamaram para bênçãos divinas serem derramadas sobre o planeta. Fortaleciam o canal sutil da moradia acompanhando transmissões de eventos em prol da paz e palestras de instrutores das Comunidades-Luz.

O armador e a esposa tornaram-se bons amigos. Ele mesmo apresentou--os à Igreja Ortodoxa, fé cristã seguida por quase todo grego. Alegra-lhes o capricho com que os silenciosos missionários tratam a mansão trabalhosa e os jardins cercados de árvores com ventos balançando as galhadas, local perfeito para se restaurarem do serviço constante na dura metrópole onde cidadãos protestam ou aguardam soluções para suas vidas.

Após instalados, o passo seguinte seria registrar a FFHI no país. O advogado da entidade em Portugal indicou-lhes um colega grego, com quem estudara na Inglaterra. Como ele precisaria conhecer o estatuto brasileiro, passaram três dias traduzindo-o para o inglês. Pouco tempo depois, receberam um telefonema: Li o estatuto. Isso mudou minha vida. Que maravilha a forma como veem a vida! Que maravilha o que fazem!

Quando se encontraram para a assinatura do estatuto em grego, ele lhes avisou: Escrevi uma nota dizendo que, como desconhecem a língua local, estou lendo o documento em voz alta, em inglês, para estarem cientes. Ricardo afirmou: Eu vou acreditar em você, "doctor". Assinou na pura confiança. E o advogado: Agora precisamos registrá-lo, mas é difícil, conhecemos um grupo que tenta há dois anos...

Como o tempo passava, e ele não conseguia o registro, resolveram enfrentar a burocracia a três, o advogado e dois missionários. Havia dois guichês. Ele conversou forte com a atendente, em grego, como se discutissem. Em seguida, foram enviados para um chefe, que bateu um carimbo na folha. Retornaram à funcionária, e o doctor disse: Ela não quer liberar. Acho que não vai dar certo...

A partir daí o ininteligível se instalou. A missionária sentou-se em um cantinho, pegou o orândio e, em silêncio, passava contas comungando com as alturas. A atendente exigia o código de serviço de um livro tipo dicionário, ai, meu Deus, disse o doctor, abrindo centenas de páginas, onde achar isso? Ligou para o contador, conseguiu o número e entregou os papéis nas mãos dela.

Nunca entenderam como o documento saiu das mãos da atendente e foi parar na frente do colega no outro guichê, um senhor. Ele lia, passava as páginas, falava com o doctor, voltava a folheá-las. Pegou o carimbo e, página por página, carimbou, carimbou. O advogado, mudo. Acontecia um milagre. Olhou para o coordenador, para a missionária passando contas. Continue rezando, sussurrou.

O senhor juntou os papéis, bateu-os na mesa para alinhá-los, entregou--os. Saíram. Não acredito, repetia o doctor, não acredito! Sua fé crescia. Desde o fato, pedia-lhes orações para audiências, como a de uma mãe que poderia perder o filho: Por favor, orem por mim, e veio a colaborar com eles em outras necessidades.

Após a entidade estar incluída oficialmente na lista de organizações de ajuda humanitária que atuam na Grécia, os missionários foram apresentá-la em uma reunião ao Embaixador do Brasil e ao Conselho de Cidadania, que representa a comunidade brasileira local, de quatro mil pessoas.

O serviço une, e quem está a serviço não vê barreiras. A Fraternidade veio a tornar-se ponte neutra entre religiões e entidades civis no repasse mútuo de doações. Perante a falta de intercâmbio anterior entre os grupos de serviço, os missionários deram início a uma atividade até então inexistente: repassar o excedente de um para o outro. Transferiam vestuários do Young Volunteers in Action para a Caritas Hellas. As Irmãs lhes entregavam o que sobrava para repassarem aos novos pobres ou aos moradores de rua. Os ortodoxos diziam: Levem para as irmāzinhas.

Todos sabem de todos e que os membros da Fraternidade compõem um grupo ecumênico que transita entre religiões e se entrosa com diferentes rituais. Numa sexta-feira, podiam ser convidados a assistir a uma missa em inglês na capela católica de São José e, no domingo, a celebrar a Assunção de Maria em grego com os ortodoxos.

Comemoraram a Páscoa na casa do patéras. A tradição indica assar um cabrito inteiro, mas os missionários são vegetarianos. Observavam amigos da família chegar, ficar um pouco e ir embora. Acharam que eles mesmos sairiam logo, mas não... Ricardo relembra: Ficamos nós e a família. Era uma mesa longa, e nela colocaram quatro pratos prontos de comida vegetariana: salada grega, rolinhos de folhas de parreira recheados com arroz e ervas. Depois, passamos a tarde vendo fotos, eles nos contando histórias. Lindo! E nos agradeciam, não apenas por fazer e limpar, mas por acalmá-los quando iam perdendo a paz. Ofereceram ao grupo a cruz típica da iconografia ortodoxa, e um livro de fotos antigas da região onde nasceram: casas de pedra, carneiros, campos cobertos de oliveiras.

Em setembro de 2017, chegou-lhes a notícia inesperada. O trabalho mudaria. Outro ciclo teria início em duas semanas. Todos os missionários matrizes, cumprindo o sagrado voto de obediência, deveriam ir para a Missão Permanente Roraima, no Brasil. Diz Shen: Foi uma surpresa, mas o normal é isso. Estamos preparados para um novo começo. Nesta atividade, sabemos que a vida pode ser de uma forma hoje, e totalmente diferente amanhã.

De imediato, a Rede-Luz europeia, coligada à Comunidade-Luz Flor de Lys, um ramo da FFHI localizado em Frazoeira, próxima à vila de Dornes, Portugal, assumiu o eixo da base grega. Passou a lidar com as tarefas segundo a própria forma de servir. Por uma semana, os últimos missionários na Grécia repassaram as tarefas para voluntários portugueses e a construção do amor fraterno que supera sofrimentos prosseguiu.

Reflete o missionário matriz que coordenava a sede durante a transição: Como missionários, optamos por viver segundo um formato de serviço de entrega constante, de prontidão, obediência, sacrifício, dinamismo. Não titubeamos diante de cenários de emergência. No caso da Grécia, onde a missão se desenrola no dia a dia, o principal é tocar o coração do outro, é ser ponte para o Alto reativar códigos de esperança em quem recebe ajuda. O principal é o outro voltar a acreditar na existência de pessoas boas.

O alimento celebra, até na Santa Ceia foi assim. É uma comunhão. Para se despedirem, ofereceram um almoço brasileiro para Anastasia e irmãos europeus: arroz com feijão, proteína de soja com batatas e azeitonas e uma farta salada mista regada com azeite extraído das longevas e generosas oliveiras citadas na Bíblia, árvores que, século após século, ofertam frutos para irrequietas gerações humanas. Como sobremesa, Anastasia serviu uma torta grega de sêmola, limão e chocolate.

A Rede-Luz Europa engajou-se no ritmo implantado, servindo na irradiação da paz por meses. Amou e foi grata a cada ação e a todos os que encontrou. Com discreta alegria, glorificou a Vida, fez seu melhor e entregou o resultado à glória universal.

PARTE V Missão Permanente Roraima Brasil





Vocês não foram esquecidos

Divino e poderoso Monte Roraima, sagrada maravilha cósmica, guarda o arquétipo da futura raça sobre a Terra. Monte Roraima, música de Vera Lúcia Noronha, da Rede-Luz Boa Vista

Ondas de vida percorrem o cosmos. Em mudanças de ciclos evolutivos, partem de um universo para outro, de um reino para outro, de um planeta para outro. Ondas menores movimentam-se pela Terra entre continentes e países. Correntes migratórias postas em marcha ao encontro do desconhecido deixam um rastro de dor e tragédias humanas. Quase setenta milhões de indivíduos são forçados a escapar da vida de origem devido a variados conflitos, metade com menos de dezoito anos.

Na América do Sul, os números não são oficiais, mas estima-se que cerca de um milhão e meio de mulheres, homens e crianças partiram da Venezuela desde 2014. O êxodo cresceu sobretudo no último triênio. A maioria dos venezuelanos se dirige à Colômbia e de lá se distribui por quinze países das três Américas e alguns europeus. Dezenas de milhares vieram para o Brasil. Contando com a proteção e a solidariedade internacionais, ingressam diariamente em massa pelas nações vizinhas, onde se instalam ou prosseguem para lugares mais distantes.

Fogem da fome, do desemprego, da hiperinflação e da instabilidade política instalados na República Bolivariana da Venezuela. Sentem a dor de deixar a pátria e esperança por uma vida melhor. Abandonam propriedades. Deixam filhos para trás, pais, profissões, cidades desérticas, feias, sujas, semáforos quebrados e, por todo lado, marcas de queima de pneus, chamadas *guarimbas*, feitas em protestos para chamar atenção do mundo. No que as prateleiras de mercados se esvaziam, as ruas se enchem de manifestantes. Uns emigram para não ser presos por se terem declarado contrários ao governo. Crianças desmaiam de fome, escolas se fecham. O sistema de saúde entra em colapso; pacientes morrem pelo chão de

hospitais superlotados, famílias perdem enfermos por falta de medicamentos em farmácias e de atenção médica. Médicos, professores, engenheiros deixam o país.

Quem mais sofre são os que não têm como adquirir passagens nem aonde ir. Saem de Caracas caminhando e, no caminho, o dinheiro acaba, crianças desencarnam, são atropeladas. Indígenas viajam quase mil quilômetros em canoa ou ônibus, pegando carona.

Enquanto a crise humana se agudiza, a história de ganância parece sem fim, seja dentro da própria nação, seja pela cobiça de outras nações por minérios da Venezuela: o diamante, o ouro, o petróleo, o coltan, utilizado na maioria dos aparelhos eletrônicos portáteis.

Uma jornalista da Venezuela em visita a Pacaraima relata o que vê: *Todos* os dias, a fronteira está lotada. Tenho um carro pequeno e nem sei quantos atravessei nele de lá para cá! Ofereço carona aos que caminham e os deixo logo antes da barreira. Choram mais de uma vez quando se despedem da Venezuela. No Brasil, improvisam barracas nas calçadas da rua que sai da fronteira até a rodoviária. Ainda assim, vamos sustentando a alegria de viver, até que o joio se separe do trigo.

Marcos de cimento caiados de branco, esculpidos com o nome Brasil, de um lado, Venezuela, do outro, indicam 2.000 km da divisa internacional. Incontáveis ingressantes a cruzam através de matas e trilhas ilegais. Vinte e duas comunidades indígenas vivem próximas desse limite e, para evitar o ingresso de drogas e armamentos, a fronteira é vigiada continuamente por helicópteros do Batalhão da Selva.

Um fluxo diário de centenas de venezuelanos surge pela estrada de asfalto que liga os dois países. Após recepcionados no posto de fronteira de Pacaraima, município de Roraima, estado no topo do Brasil, passam por um centro de acolhimento. No Posto de Triagem Sanitária, cada ingressante é vacinado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária, ANVISA, pois trazem doenças erradicadas no Brasil.

O ACNUR, órgão da ONU que busca a paz, a justiça, a equidade entre os povos e protege refugiados em todo o planeta, recebe os imigrantes em um Posto de Recepção e Identificação. Ali, os cadastra e orienta sobre as regras de entrada no Brasil, indicando-lhes o melhor encaminhamento pelo país e fornece-lhes documentos de permanência.

Roraima, o estado menos populoso do país, começou a entrar em crise por não ter recursos humanos nem materiais para atender a multifacetada demanda, que se multiplica em ritmo e magnitude acelerados. Foi então iniciado o processo de interiorização, ou seja, imigrantes são embarcados com destino às capitais brasileiras com maior oferta de trabalho, como Manaus, São Paulo, Cuiabá.

Habitado por nativos antes do período colonial, Roraima recebeu correntes migratórias históricas. Os primeiros colonizadores portugueses cortaram suas terras navegando pelo Rio Branco. Por essas águas, ingleses e neerlandeses buscaram índios para escravizar. Espanhóis invadiram a região. Há trezentos anos, missionários carmelitas iniciaram a conversão de povos originários para o catolicismo. Nas últimas décadas, sobretudo nos anos noventa, entraram migrantes do Nordeste, Norte e Sul do país, atraídos pelo sonho do enriquecimento fácil com garimpo de ouro e por facilidades oferecidas pelo governo estadual, como a distribuição gratuita de alimento e de lotes urbanos na periferia da capital.

Transpassada a fronteira, a atual onda migratória continua a mover-se até Boa Vista de automóvel, ônibus, táxi, bicicleta. Desejam empregos oferecidos por centros urbanos maiores. Alguns peregrinam em voos ou ônibus Brasil afora ou para outros países. Os sem dinheiro para adquirir passagens enfrentam dias a pé. Iniciam a jornada de duzentos e poucos quilômetros descendo a Cordilheira Pacaraima pela pista ladeada de mata nativa, catando castanhas e cachos de banana, a maioria verdes. Com fome e sede, sustentam-se de água com açúcar em garrafinhas plásticas.

Vindos de quase mil metros de altitude, chegam a cem metros acima do nível do mar na savana levemente ondulada coberta de gramíneas. Atravessam retas sem fim do asfalto quente de mão única, sem acostamento, entre reservas indígenas da paisagem erma banhada por intensa luminosidade. Passam ao lado de pequeninas lagoas isoladas, grupos de árvores esparsas ou buritizeiros, as majestosas palmeiras sagradas para o povo warao. Sentem alívio ao cruzar a ponte sobre o Rio Branco, onde podem banhar-se.

Enfim, alcançam a única capital brasileira acima da linha do Equador, Boa Vista. A cidade planejada, quente, plana e arborizada, parece não ter horizonte. O céu, bem próximo, chama os contemplativos para o infinito. Imigrantes sonham ali trabalhar para trazer esposa, filhos, e recomeçar







a vida. Estimava-se, em junho de 2018, pelo menos vinte e cinco mil venezuelanos na capital com trezentos e trinta mil habitantes. Em 2019, mais de seis mil venezuelanos se alojam em treze abrigos de Roraima. Outros acampam em ruas, em lotes vazios, ou alugam casas em grupo, onde dormem pelo chão dos cômodos, pelos corredores ou na varanda.

Que fazer por eles

A entidade não governamental Fraternidade foi confortar famílias indígenas venezuelanas alojadas no entorno do mercado popular Feira do Passarão. No primeiro dia de novembro de 2016, trinta voluntários partiram, a maioria da região Sudeste, para compor o primeiro grupo da Missão Permanente Roraima – dez missionários, seis monjas da Ordem Graça Misericórdia, além de catorze colaboradores da Rede-Luz vindos do Nordeste e os da cidade anfitriã.

Encontraram o caos instalado. Na primeira aproximação, indígenas famintos lhes puxavam a roupa pedindo comida. De imediato, os trinta se subdividiram em grupos de serviço. Um grupo, ainda naquela manhã, bateu em portas de estabelecimentos do ramo alimentício em busca de doações. Nisso, um comerciante de boa vontade cedeu a cozinha. Os missionários compraram panelas, colheres e um botijão de gás. Uns preparavam o alimento recolhido, outros iam avisando pelas ruas: *Vai ter refeição, vai ter jantar*.

Daquela noite em diante os missionários serviram jantar diário na Feira do Passarão, onde migrantes pernoitavam, e em outros pontos da cidade. Sem demora, providenciaram papelões para quem dormia no cimento. Aproximavam-se com afeto, fazendo-os sentirem-se amados.

Estavam ali para ajudá-los. A presença fiel trazia-lhes esperança, era o melhor remédio para encorajá-los. Com o pensamento no céu, braços abertos, mãos de trabalho e lábios prontos para consolar os aflitos, trinta corações espalhavam amor.

Concentraram a assistência humanitária na Feira do Passarão. Além do jantar, doavam vestuários e faziam atividades com crianças: brincar, desenhar, tocar violão, cantar. Deram início a atendimentos médicos e

Venezuelano pede trabalho em semáforo; encontro com indígenas na Feira do Passarão e distribuição de alimento. Boa Vista, Roraima, Brasil, 2017 e 2018



Primeiros jantares ofertados a indígenas venezuelanos refugiados. Feira do Passarão, Boa Vista, Roraima, Brasil, 2016

logo conduziram ao hospital um menor indígena com severo quadro de subnutrição para ser internado. A mídia, sabendo da atenção básica ofertada, passou a fazer reportagens. Pela cidade espalhou-se a notícia da chegada do apoio humanitário.

Outro grupo se encarregou de montar uma casa recém-alugada para os missionários. O Núcleo-Luz Sagrado Tepui de Roraima foi o primeiro ponto de apoio para se hospedarem e tomarem refeições. Além disso, ali se iniciou a produção de uma farinha rica em nutrientes chamada multimistura, para ser distribuída entre os necessitados.

Os brasileiros, conhecidos pela hospitalidade e cordialidade, relutavam em cooperar. Havia tensão entre os comerciantes, que passaram a exigir providências da Defesa Civil ou da polícia para que a questão fosse resolvida. Diziam que em 2015 os refugiados eram poucos; contudo, agora o ambiente se tornara caótico. Ressaltavam que os indígenas eram pacíficos e não havia episódios de roubo, porém os clientes haviam-se afastado.

Repetiam: Isso é problema da Venezuela, já temos os nossos, não temos emprego, não temos isso, aquilo... Os desbravadores buscavam abrir-lhes o coração: Eles não estão aqui porque querem. Hoje são eles, amanhã podemos ser nós. Ninguém está imune a passar por uma crise.



Atendimento a indígena warao. Boa Vista, Roraima, Brasil, 2016

Observar voluntários não remunerados virem de longe para dar caridade, impressionou roraimenses. A população local que rechaçava a presença estrangeira pedindo ajuda, recebeu um impulso para ser mais tolerante.

Rede solidária de Boa Vista

No âmbito do serviço sempre estão presentes pastorais, igrejas, representantes da diocese ou da paróquia local, que prestam algum tipo de assistência. Para conhecer essa rede solidária atuante na cidade e apresentar-lhes o trabalho de ajuda humanitária independente da Fraternidade, o grupo visitou entidades governamentais, religiosas e civis, colocando-se disponível para programar ações conjuntas em prol de venezuelanos.

Na sequência, os missionários apoiaram o Instituto de Migração e Direitos Humanos, órgão da Igreja Católica, no censo de indígenas assentados na Feira do Passarão. Durante o cadastro, eles lhes contavam histórias. Uns choravam pelos pais que ficaram para trás uma vez que não conseguiam caminhar. Explicaram que lá comem de três em três dias, e um deles perdera dezoito familiares de fome e doenças. Que um salário mínimo na Venezuela – um milhão e trezentos mil bolívares – dá para comprar

apenas seis pacotes de pão de forma ou um frango. Internaram uma indígena adulta desnutrida com trinta e um quilos. Viram dedos sem unhas e pés cobertos de bolhas por causa de dias de caminhada dentro de seu país e oito desde Pacaraima.

Os missionários contataram um refúgio criado pela Igreja Evangélica para sessenta imigrantes, sem distinção de religião. Chegaram a conhecer cidadãos que acolhiam até vinte, trinta venezuelanos.

No intuito de identificar necessidades de diferentes etnias, estiveram no Hospital da Casa do Índio de Roraima, instituição da Secretaria Nacional do Índio. Souberam então que a maioria não pretendia oficializar o status de refugiado, dizendo ter cruzado a fronteira a fim de conseguir dinheiro, roupa, alimento e retornar, levando sustento para os familiares.

A relação com a Defesa Civil de Roraima foi especial. Uma alegria vir a colaborar com quem articula esforços junto a entidades públicas e privadas para defender a sociedade. A partir da semana seguinte, o órgão lhes repassaria itens alimentares, medicamentos e disponibilizaria uma unidade móvel de saúde para a equipe de cura da Fraternidade ampliar os atendimentos básicos.

O grupo de missionários apresentou-se ao Conselho Municipal de Saúde de Boa Vista. A missionária Rosi descreve: Seis de nós fomos conversar com o Secretário de Saúde para estudar a possibilidade de obter um local onde atender refugiados. Levamos fotos a fim de alertar o Poder Público. Os indígenas bebiam qualquer água e faziam as necessidades a céu aberto, por avenidas, semáforos, nas árvores. Mostrando-lhe as imagens, eu disse: "Esses irmãos precisam de, no mínimo, um ambiente com sanitários. Têm uma cultura e princípios de higiene totalmente diferentes dos nossos e estão com graves problemas na pele. Podem contagiar o povo da cidade, e isso virar uma epidemia". Ele se assustou, pediu para rever as fotografias, não estava ciente do risco.

O grupo ainda viajou 200 km em três carros até Pacaraima. Encontraram um cenário de miséria e abandono. Dezenas de indígenas da etnia warao espalhados pelas ruas dormiam no chão ou em redes sob marquises. Imploravam por alimento e roupas que os missionários tentavam suprir.

Nas últimas horas da estada de quinze dias, o grupo pioneiro participou de uma reunião do Gabinete Integrado de Gestão Migratória com representantes estaduais, da Defesa Civil e da Igreja Católica, através da Comissão de Migração e Direitos Humanos. No decorrer da conversa, Imer, o coordenador da missão, solicitou a abertura do que chamou Centro de Atenção, um espaço para prestar múltiplos atendimentos a refugiados, seja nas áreas de saúde e de educação, seja para orientá-los a tirar documentos, entre outras ajudas. A Fraternidade alertou os presentes de forma premonitória: *Temos pouco tempo para o que virá. Devemos nos preparar, os refugiados chegarão em levas e de forma contínua.* No entanto, ninguém imaginava a dimensão do que estava por vir.

Naquela noite, os precursores transferiram o bastão para o segundo grupo: a listagem de instituições contatadas, o cadastro no Ministério da Agricultura para receber mercadorias apreendidas, contatos da Diocese de Roraima, que lhes passara um bom estoque de arroz e feijão, o do Sindicato de Farmácias, que doou variados artigos de higiene pessoal. Fora estabelecido um fluxo de doações, bem como o voto de confiança de alguns comerciantes da Feira dos Produtores, que lhes entregavam frutas e legumes.

Com profunda alegria, cinquenta voluntários da primeira e da segunda missão encontraram-se no aeroporto. Trinta retornavam. Vinte assumiriam o posto. Foram recebidos por uma casa sóbria e amável, pronta para o labor que alarga a consciência.

Abertura do primeiro Centro de Referência ao Imigrante

Naquele dinâmico novembro voltado para o serviço ao próximo, justo dois dias antes de o mês terminar e de o segundo grupo Missão Roraima retornar para a Comunidade Figueira, a aspiração se materializou.

A Defesa Civil montou o primeiro Centro de Referência ao Imigrante – CRI. Instalou banheiros químicos, duas tendas, um caminhão com uma unidade móvel de saúde – três consultórios, macas, banheiros – em área emprestada pelo Sindicato da Construção Civil. A logística de alimentação, assistência à saúde e distribuição de pertences ficou concentrada naquele local. Daquele 28 de novembro em diante os missionários atenderiam refugiados sete dias por semana, ofertando-lhes almoço diário.

Os servidores estavam em júbilo por entregar um pouco de dignidade humana aos vizinhos. Na inauguração, dezenas de migrantes acampados na Feira do Passarão e junto ao terminal rodoviário foram transportados









em automóveis e ônibus para o CRI. A música, sons de violão, cantos, se derramou pelo ambiente. Monges brincavam com crianças, missionários distribuíam vestuários com precisão e leveza, outros praticavam a escuta fraterna. Dois médicos e três odontólogos da FFHI atendiam, tendo encaminhado dois casos graves para internação naquela tarde.

Ocorria uma grande celebração, com a presença de organizações governamentais e cobertura da imprensa. Para encerrar a glória da data, foi servida a refeição. O mais importante é que os venezuelanos confiaram em nós, esse é o coroamento da tarefa. Algumas autoridades presentes comentaram que essa confiança possibilitou a abertura do CRI da forma rápida e harmoniosa como ocorreu, disse Clara, coordenadora do segundo grupo.

Feridas fechadas

A terceira Missão Roraima partiu de Minas Gerais com a meta de abrir mais uma frente de serviço. Levava um médico, uma psicóloga, uma enfermeira e dois odontólogos para socorrer indígenas. Na Unidade Móvel, a equipe atendeu a situação caótica de saúde. Além de consultas, curativos e internações, deu intenso socorro à saúde bucal de crianças com dor e perdendo dentes permanentes com pouca idade. Atendia bebês e crianças febris e com diarreia, que mães levavam para mendigar ou vender uns poucos artesanatos em semáforos, passando horas sem água e expostos ao sol e calor tropical.

Uma mãe ou uma tia indígena deslocava-se pelas ruas levando a garotada para almoçar no CRI. Os missionários davam constante atenção aos pequenos, alertas para a sopa quente não entornar em algum. Foi quando a psicóloga observou uma indiazinha. Tinha muita dificuldade em levar a colher até a boca. Diz: *Nela havia uma dolorosa timidez, e o rostinho queimado de sol estava empipocado, parecendo sarampo ou catapora.*

Passou a levá-la diariamente para limpar a pele no consultório. Conversava ternamente com ela. O caso parecia grave, e os recursos eram poucos; dispunha-se apenas de uma pomada não alopática. A psicóloga Mariandja pensou: *Temos esta pomada e conto com os anjos para o tratamento*. Abriu o canal de cura e os invocou: *Hora de ação!* A menina se entregava, nunca

Distribuição de alimento e afeto. Boa Vista, Roraima, Brasil, 2016 e 2017



Brincadeira com indígenas refugiados. Boa Vista, Roraima, Brasil, 2016

chorou. Tinha seis anos, aproximadamente: Tudo é aproximado, é mais ou menos, deduzem as idades, os indígenas não se lembram. Em nove dias, ao nos despedirmos, a face dela estava totalmente curada, lisinha, perfeita!

Um menino não índio com postura voluntária sempre se apresentava no consultório: *O que faço?* Para a indiazinha, Mariandja pediu-lhe que buscasse um par de chinelas, uma *chola*, como chamam. O garoto foi ao depósito, trouxe umas do tamanho exato e colocou-as nos pezinhos sujos.

A psicóloga explicou-lhe que a menina estava com dor, e ele poderia ajudar chamando os anjos. Ele repetia em espanhol: Hierarquia Divina, abrimos-Te a porta, que ingresse a Luz. Em nome da Humanidade, invocamos agora Tua Cósmica intercessão. Ali estava a pureza: Uma criança curava a outra com sua presença, sua dedicação, sua autossuficiência. O silêncio tornava-se sagrado, e os três corações se acalmavam. A indiazinha sorria com o olhar: Estou em suas mãos.

Em outra ocasião, uma avó indígena procurou-a chorando: *Por favor, atenda meu neto*. Viera vender artesanato e deixara a filha, o genro e esse neto na Venezuela. Fez compras com o que conseguira ganhar e retornava, levando-as para os familiares. Ao chegar à fronteira, encontrou o netinho gritando: *Me leva com você*, *me leva com você*. Estava sozinho,



Pintolândia, primeiro abrigo para indígenas. Boa Vista, Roraima, Brasil, 2017

o pai e a mãe tinham morrido. Viera caminhando, na esperança de encontrar a avó, único parente que lhe restava.

Mariandja recorda: Ela mostrava os pés do menino em chagas, os dedos em feridas abertas. Foi um caminhar penosamente difícil. A dor sentida naqueles pezinhos é a dor do caminho, a dor da história que estão vivendo. Nunca fizemos tantos curativos em pés como naquelas semanas! Os imigrantes andam dias sem calçados no solo quente e áspero. Dão longas voltas para fugir de barreiras policiais dentro do próprio país, porque lhes tiram dinheiro e parte do que levam.

Em um fim de tarde, a equipe de saúde saiu das clínicas para um momento alegre, ver missionários pintarem borboletas e super-homens rem ostinhos infantis. A psicóloga chegou justo no momento em que orria de patinete, os pezinhos voltando a ser criança!

A vida dela foi profundamente tocada por aqueles pezinhos. Quantas feridas externas e internas a Fraternidade vem sanando nesse povo que carrega doenças variadas: malária, vermes, tuberculose, HIV, sarampo, coqueluche. Passado um ano e meio, enfermeiros percorrem os abrigos, tratam casos de saúde e cadastram males para notificá-los aos médicos do Exército que oferecem consultas aos abrigados.

Abertura do segundo Centro de Referência ao Imigrante

Os grupos seguintes prosseguiam o ritmo já implantado - doação de alimento e pertences, atendimentos médicos, atividades com crianças sorridentes castigadas pelo sol. Com a meta de amparar venezuelanos, reuniam-se com representantes da sociedade local, órgãos estaduais e federais, davam entrevistas para a imprensa.

A maioria das ajudas recebidas de entidades tiveram início a partir da abertura do primeiro CRI. Voluntários boa-vistenses e venezuelanos se agregavam ao serviço. O cadastramento dos assistidos, com estatística do número de crianças e de adultos, ajudou mais grupos a colaborarem.

Nos entremeios, conversava-se sobre a abertura de um novo CRI, onde refugiados pudessem dormir, habitar. Na véspera do Natal, a Defesa Civil levou a Fraternidade até o bairro Pintolândia, zona oeste da cidade. Para ali seria transferida a assistência aos imigrantes: um ginásio de esportes afastado do centro, com vasta área em torno cercada por muros. Veio a ser popularmente conhecido como Abrigo Pintolândia.

Os missionários convidaram os líderes indígenas para juntos visitarem a área. No idioma warao, o cacique é chamado aidamo. É o responsável por agrupamentos familiares. Deram sugestões, e ficou agendado um mutirão de limpeza e ordenamento do espaço com a participação indígena. Para melhor amparar a etnia e manter a harmonia do refúgio, sempre se reuniam com os aidamos no intuito de discutir normas de convivência. A ideia de uma horta comunitária nasceu na primeira visita. Nas chuvas de 2018, a horta produzia melancia, melão, banana, alface, abóbora, cebolinha, e pés de feijão guandu nutriam a terra.

Chegou o dia da mudança dos acampados, 28 de dezembro de 2016. Indígenas e criollos - descendentes de espanhóis nascidos na América - iam sendo transportados com seus objetos. Indígenas retirados das ruas, da Feira do Passarão ou de casas abandonadas nunca opuseram resistência. No novo Centro de Referência ao Imigrante recebiam maiores cuidados, apesar de ainda dormirem por meses no chão da praça de esportes. Devagar o espaço e os serviços vêm sendo organizados, o alojamento, a alimentação, a limpeza, a parte sanitária. Ao mesmo tempo, por mais de um ano, os missionários continuaram a entregar gêneros alimentícios para quem prosseguia assentado junto à rodoviária ou reunido em semáforos.

Sessenta dias antes de o Abrigo Pintolândia ter início, o grupo precursor servira o primeiro jantar na Feira do Passarão. Na época não havia ainda movimentos efetivos de amparo às centenas de imigrantes instalados na capital nem planejamento claro de como lidar com eles no futuro. Os missionários entraram em ação imediata. Isso atraiu cada vez mais parceiros e a confiabilidade de órgãos e instituições nacionais e internacionais que contam com eles como uma das bases de apoio para proteger refugiados venezuelanos.

Uns dos principais papéis da Fraternidade foi o de dar tempo para a sociedade pensar e tomar atitudes. Passados meses, veio a ser criada a logística que ordena a assistência emergencial à crise migratória. A ONU, observando a ação missionária, convidou a FFHI como parceira através do ACNUR. No dia 31 de agosto de 2017, as duas entidades que trabalham pela paz planetária, assinaram o primeiro acordo.

Após o Presidente da República visitar Roraima, um comitê interministerial dirigido pelo Ministério da Defesa e pela Casa Civil tornou-se responsável por ações relativas à crise migratória através da Operação Acolhida das Forças Armadas Brasileiras. Para dar apoio emergencial a imigrantes em situação de vulnerabilidade, ou seja, desassistidos, a partir de 14 de março de 2018 uma força-tarefa humanitária uniu esforços de órgãos federais, estaduais e municipais aos de agências internacionais e de organizações não governamentais.

Até novembro de 2018 foram abertos doze abrigos. Neles, o Exército Brasileiro encarrega-se da atenção básica de saúde, oferece alimentação, segurança, reforma e melhoria de infraestruturas. Já o ACNUR, apoiado por parceiros, como a Fraternidade, cuida da gestão e do cadastramento de alojados.

Em maio de 2018, os missionários ofereciam amparo voluntário diário, sem receber honorários, a quatro abrigos, três na capital – Abrigo Pintolândia, Abrigo Tancredo Neves, Abrigo Nova Canaã – e um para refugiados indígenas em Pacaraima, a Casa de Passagem ou Janokoida.

Amor fraterno por venezuelanos

A Missão Roraima vem trazer esperança aos nossos corações. Esperança de que nossos cansados irmãos, os índios, tão maltratados e ultrajados pelo mundo, retomem seu lugar na sociedade e um dia possam recuperar os códigos arquetípicos e originários da sagrada consciência indígena. Mensagem de um guia espiritual indígena

Em Roraima, há dois abrigos para indígenas. O primeiro, em Boa Vista, começou alojando cento e poucos. Passado um ano e meio, abrigava cerca de setecentos. A Casa de Passagem ou Janokoida, em Pacaraima, foi instalada dez meses depois. À medida que mais venezuelanos escapam do país caribenho, muitos apenas com a roupa do corpo, refúgios para não indígenas vieram a ser instalados na capital.

Grupos da Fraternidade viajam cinco mil quilômetros para se revezar. Determinados a socorrer minimamente indígenas e não indígenas, chamados *criollos*, a não naufragar no mar da desesperança, um sopro de paz os transporta. Os imigrantes chegam sem falar português, subnutridos, enfermos, doídos pelo que deixam para trás, tal como a jovem que assistiu ao esposo ser assassinado pela polícia no saque a um caminhão carregado de alimento, ato comum na nação faminta.

No início, os indígenas andavam desconfiados, não se abriam para receber ajuda missionária. Relatam que, no país de origem, toda ajuda é trocada por voto. E indígenas não têm a concepção do significado do voto político. Temiam o governo brasileiro por achar que seriam expulsos, presos, violentados. Liberaram-se do medo pouco a pouco ao verem os missionários prontos a orientá-los sem pedir nada em troca. Foram estabelecendo relações de confiança conforme diariamente cozinhavam juntos, brincavam, viam promessas serem cumpridas e eram escutados: Hoje a criança ficou assim, hoje meu marido...

O serviço a indígenas é uma tarefa nobre. Porém, nenhum convocado para a Missão Humanitária Roraima tinha experiência de como tratá-los.

Descobrir os povos originários é o maior desafio a ser desvendado olho no olho. Os missionários agem com o coração: Servir com o coração é contatar interiormente quem está ali, em frente a nós, tendo consciencia de que uma ponte invisível nos liga a mundos superiores.

A maioria dos grupos indígenas sofreu um distanciamento do próprio arquétipo. Desde a chegada dos europeus, são mortos, expulsos das terras, tiveram crenças destruídas. Restou um povo rejeitado, enfermo, temeroso. Os waraos dos abrigos não vieram da morada original em palafitas à beira do Rio Orinoco, em contato com a Natureza, como viviam há milênios. Passaram a conviver com o pior da civilização branca pelas ruas e periferias urbanas, sem regras nem limites.

Ao longo do processo de reconstrução do comportamento deles, a Fraternidade ampara e direciona esse povo que guarda o tesouro da pureza no sacrário interior. Oferta-lhe respeito, compaixão e impulsos de cura, irradiando-lhe códigos de harmonia e de vida grupal adquiridos nas Comunidades-Luz. Espera que sementes ocultas da consciência indígena aparentemente perdidas no interior de cada nativo sejam resgatadas. Por outro lado, assimila a vida coletiva neles arraigada. Durante a troca de aprendizagens, indígenas e missionários constroem a unidade.

Primeira semana no Centro de Referência ao Imigrante

Era 31 de dezembro. Havia dois dias que os trazidos da rua estavam no CRI, abrigo que veio a ser conhecido pelo nome do bairro, Pintolândia. Os missionários despediram-se deles ao anoitecer da passagem do ano para retornar na manhã seguinte.

No primeiro dia do ano, chegaram alegres. Justo ao entrarem, depararam-se com latas e garrafas atiradas por todo canto. Três quartos dos abrigados haviam usado bebida alcóolica. Por decisão do comando da Defesa Civil, os missionários retiraram-se, deixando comida suficiente para as horas seguintes. Saíram desanimados. Na outra manhã reentraram em silêncio e deram início à limpeza geral. Dois aidamos aproximaram-se arrependidos, pedindo nova oportunidade. Tivemos de trabalhar a paciência e o não julgamento e atender adultos abalados pelo excesso álcoolico, diz Clara, coordenadora por mais de um ano do abrigo. Passado mais outro dia, todos foram convidados para uma reunião geral sobre o tema Pacificação e Convivência. Tempos de tropeços e ascensões eram anunciados.



Chegada de refugiados ao Abrigo Pintolândia. Boa Vista, Roraima, Brasil, 28 de dezembro de 2016

O Ministério Público tinha o objetivo de salvaguardar indígenas em refúgios exclusivos; entretanto, ali se acolhiam cento e trinta *criollos*. A oportunidade surgiu ao ser aberto o Abrigo Tancredo Neves, para onde haviam sido levados cerca de cem indígenas assentados em torno da rodoviária. À vista disso, foi planejada uma troca entre os indígenas e os *criollos* do Pintolândia. Parecia uma ótima ideia, mas ao ser comunicado aos *criollos* o plano da realocação, entraram em pânico e caíram em choro coletivo. Tinham notícia sobre a qualidade da população remanejada para o Tancredo Neves, com histórias de roubo, violência, abuso infantil.

Foi difícil para a Fraternidade, que os havia acompanhado por dez meses e criado vínculos, mas o determinado oficialmente teria de ser cumprido. No dia seguinte, um ônibus chegou lotado de indígenas. Levaria os *criollos*, mas partiu para o Tancredo Neves com apenas dezessete. Uma semana depois, lá restavam cinco, mas foram saindo. Os outros tinham ido embora de madrugada para residências de conhecidos ou alugadas no entorno. Por um período, os missionários os ajudaram com doação de mantimento. Vários tinham documentos legais e já trabalhavam.

Abrigo Pintolândia

O abrigo passou por três fases: dez meses de entrada livre por portões estragados sempre abertos, quando os missionários enfrentavam duras situações. Sem morar ali, *criollos* vinham fazer refeições, vender drogas e houve roubos, facadas.

Após o acordo com o ACNUR, os portões foram consertados e certo controle teve início, diminuindo bastante os problemas. Um *aidamo* e um missionário, com troca de turno a cada duas horas, ficavam como guardiões da portaria, que se fechava entre 20h a 6h da manhã. Na terceira fase, chegou o Exército. De plantão 24 horas por dia, tanto o entra e sai quanto o ambiente se apaziguaram.

Na primeira fase, os *criollos* moravam nas arquibancadas de um lado da quadra do ginásio esportivo. Do outro lado, viviam seis agrupamentos indígenas. Os dois grupos se acomodavam entre colchões, mobiliário, sacolas e mais sacolas recheadas de itens doados por igrejas, escolas ou pegos nas ruas. Uma incrível desordem.

Por ironia do destino, coabitavam frente a frente, apesar de carregar uma rivalidade histórica. À noite, espalhavam colchões pelo chão pintado de verde e dormiam lado a lado. A convivência sempre gerou confrontos; contudo, ganhavam a oportunidade de, em nome de seu povo, romper preconceitos e resistências, liberando-se de miudezas humanas. Que alguns tenham aprendido a se perdoar para, em si, encontrar a paz.

Em torno do ginásio, dois outros agrupamentos waraos construíram um favelão. Encostaram barracos de lona azul ou preta nas paredes do ginásio e em velhos muros descascados. Não gostavam quando os missionários se aproximavam: *Que quieres, hermana?* Percebia-se, escondiam algo.

Logo após a Fraternidade se tornar parceira do ACNUR, aconteceu uma reforma, primeira grande ordem no caos reinante. Enquanto a Defesa Civil alinhava trinta e duas barracas bege na terra vermelha para aqueles dois agrupamentos viverem, foi feita uma força tarefa a fim de se desmanchar o favelão e retirar estacas profundas que sustentavam redes de dormir. Foi quando surgiu o galinheiro; criavam galinhas ali dentro.

A partir daí, por norma do ACNUR, não são permitidos animais em abrigos devido a questões de higiene e salubridade. Entretanto, um cão faminto entrou despercebido e abocanhou um pedaço de frango. Na vida



Indígena entre pertences. Boa Vista, Roraima, Brasil, 2018

coletiva, todos estão atentos a tudo. Vários alertaram em gritos a família que, de costas, cozinhava na fogueira. A mais jovem correu atrás do anima. Da boca faminta, caiu a carne no chão de terra.

A quadra de esportes foi reformada. Como os indígenas preferem dormir em redes, foi-lhes construído um redário com dezenas dependuradas em estacas de cimento. Mesmo durante o dia, a vida girando em torno, eles dormitam nas redes ou se recostam nelas, olhando o tempo passar. Na época da reforma, os agrupamentos indígenas foram consultados e decidiram, em consenso, que permaneceriam onde cada qual já estava, dentro e fora do ginásio.

Quando as Forças Armadas chegaram, ali moravam três etnias. Os waraos, originários do delta do Orinoco, vindos sobretudo da cidade de Tucupita, eram mais de quinhentos. Havia cerca de setenta moradores das montanhas do Oeste, das etnias e'ñepá ou panare, e um único representante pemon, provindo do Sudeste da Venezuela em busca de tratamento.

Além de assumir a segurança, a alimentação e o atendimento de saúde, os militares iniciaram nova reforma. Instalaram mais contêineres metálicos em acréscimo aos já usados pela Fraternidade - escritórios, escola infantil, depósitos, banheiros. Depois de terraplanar, construir um novo



Refugiados assistem televisão. Boa Vista, Roraima, Brasil, 2017

redário, área do fogo para indígenas cozinharem e área de varal, as barracas serão divididas pelos dois lados do ginásio. O comandante promete: *O abrigo vai tornar-se um parque*.

O primeiro olhar

Em qualquer das fases, ao primeiro olhar o abrigo impacta. Uma senhora vinda de Minas Gerais subia o corredor para entrar no ginásio cruzando por indígenas sentados ou transitando. Parou para conhecer o artesanato produzido com fibra da palmeira buriti, vendido por uma warao. Deu mais uns passos e, da entrada principal, ficou paralisada diante da algazarra do formigueiro humano.

No lusco-fusco do ginásio vibrava um frenesi infantil, correria e gritinhos misturados ao som de ventiladores que amenizavam o calor escaldante. Garotos sem roupa puxavam carrinhos de plástico, acelerados. De cada lado, arquibancadas cheias de gente, fogões, geladeiras, bicicletas, bagagem, sacos, malas, homens parados sem camisa, recostados, dormindo, vendo uma pequena TV. Em instantes, uma indiazinha linda veio voando até ela e abraçou-lhe as pernas. Que surpresa! Estava sem

sapatos. Nativos ganham sandálias, mas largam um pé aqui, outro acolá. A maioria tem os dedos dos pés bem abertos e prefere andar descalça.

Com um sorriso nos lábios e brilhantes olhos puxados, a indiazinha deu--lhe a mão para conduzi-la pela quadra. O burburinho de vozes em espanhol, português e sobretudo warao era entrecortado pelo eco de saques vigorosos de bolas lançadas por garotas com raro potencial para o vôlei.

Sem ter onde guardar as coisas pessoais, missionários transitavam com uma mochilinha nas costas, resolvendo questões e tensões. Atuavam no abrigo há cinco meses. Uma criança chorou. Sem demora, uma missionária acalentou-a: *Oh, que passó, que passó?* No fundo do ginásio, à direita, um grupo de homens preparava o almoço, movimentando panelões. À esquerda, artesãs teciam bijuterias com miçangas em uma longa mesa, umas amamentando os filhos.

A pequena guia cruzou com a senhora o portão lateral até lá fora, na luz ardente. Mulheres lavavam louça e roupa à sombra de uma pequena árvore e as penduravam para secar em um varal. A poucos metros, em duchas ao ar livre, homens se ensaboavam dando risada. Dois garotos brincavam com uma mangueira, e a água, sem ter para onde escoar, ficava empoçada no lamaçal salpicado de garrafinhas plásticas e quinquilharias.

Mais adiante, uma jovem monja-missionária vestida de branco e caramelo tirava piolhos com pentes finos de cabelos compridos, pretos, de meninas, que não gostam de cortá-los, assim como suas mamães. Crianças entregavam-se sem alarde ao corte de unhas e à lavagem de cabelos naquela manhã dedicada à beleza e à higiene. Outra monja recolhia mansamente, de um em um, o lixo espalhado pela terra.

Foi quando algo se abriu na senhora; a inocência infantil cravada em seu inconsciente renascia. Com o fogo da pureza aceso, descobriu-se unida à vida ruidosa. Tomou a indiazinha pelas duas mãos e giraram, giraram. Reaprendia a caminhar entre o certo e o errado, entre espinhos e pedras.



Missionárias dão banho ao ar livre em garotas indígena e não indígena. Abrigo Pintolândia, Boa Vista, Roraima, Brasil, 2017

A Fraternidade

O refúgio – evita-se a expressão Campo de Refugiados por ser negativa e estigmatizada – tornou-se um hospital para curar condições humanas ancestrais degeneradas. É maravilhoso estar com tantas pessoas, diz Clara. Nosso instrutor nos deu uma chave ao dizer para não termos a ilusão de que vamos mudar o mundo. Ele nos disse: "Vocês estão indo para mostrar o novo mundo". Para mostrar o novo mundo é preciso ser o novo, não apenas parecer. Ela se explica: Às vezes, percebo que aqui estamos no inferno. Nessas horas, preciso sentir o inferno como uma brisa fresca, mergulhar para dentro de mim mesma e de lá trazer soluções.

Atuando em outros abrigos desde outubro de 2017, no dia a dia os missionários têm compromissos semelhantes em cada um deles, apesar de particularidades, como alojar ou não crianças. Imprimem o espírito humanitário em refugiados, o calor vivo que acende o amor pela vida.

A Fraternidade serve as refeições – desjejum de 8h às 8h30, almoço de 12h às 13h e jantar, de 18h às 19h. Antes conta as marmitas trazidas pelos soldados. Se no final sobrar algo, avisa a outros abrigos. Se falta em algum, encaminham-lhe. O trabalho em rede funciona!

Organiza e orienta as equipes de limpeza diária de banheiros, pisos, áreas externas. Acompanha o entra e sai dos acolhidos. Registra a saída dos que trabalham fora mais de três dias. Dá as boas-vindas a cada ingressante, cadastra-o em uma planilha repassada pelo ACNUR e o acompanha até o local a ele destinado, informando-lhe as regras básicas de permanência: não brigar, não usar drogas. Presta assessoria na retirada de documentos – como protocolo de refúgio, carteira de trabalho, CPF – Cadastro de Pessoas Físicas – para os imigrantes receberem o status oficial de refugiados.

Também acompanha processos de saúde e a equipe de enfermeiros, faz o trabalho financeiro-administrativo e, caso o Exército solicite dados quantitativos, repassa-lhe o solicitado; por exemplo: a listagem de abrigados por idade.

Coordenadores de campo precisam estar presentes em cada canto e atentos a toda necessidade. Se há um problema, correm para lhes pedir soluções. Se for uma emergência de saúde, acionam a ambulância ou o Samu.

Acompanho uma coordenadora. Ela percorre a área externa, entra na quadra de esportes, passa junto ao redário, vai até a escola infantil tirando fotos para o site da Fraternidade, atravessa a cozinha reformada pelos mórmons verificando dados, sai pelos fundos, vai até a horta, passa por mulheres lavando roupa e crianças brincando, anda entre barracas, dá a volta em todo o ginásio e retorna para o contêiner.

Com um caderno nas mãos, conversa com um, com outro. Anota pedidos, ocorrências de briga, visitas de entidades autorizadas, entregas de doações, o que vê de estragado, a fim de dar conhecimento ao oficial do Exército que providencia reparos e o que for cabível. Faz a planilha de solicitação de transporte para a van da Fraternidade. O veículo atende demandas de todos os abrigos: leva indígenas para consultas pré-agendadas ou para audiências no Juizado da Infância e da Juventude; transporta crianças até escolas e as desnutridas ao programa de acompanhamento nutricional em regime de semi-internação da Ser Nutre.

Busca diária de gêneros alimentícios em feiras e verdurões para refugiados venezuelanos. Boa Vista, Roraima, Brasil, 2016 e 2017









Hora das refeições

Quando o Pintolândia alojava indígenas e não indígenas, o grupo corria diariamente pelo comércio a fim de captar alimento para preparar refeições para até quatrocentos abrigados. Alimentados, o restante funcionava com maior harmonia. Eram urgências desgastantes.

A primeira tarefa de uma missionária recém-chegada na cidade foi, com mais dois servidores, conseguir gêneros alimentícios para o almoço. Os venezuelanos comem carne todos os dias, arroz e carne, não feijão, como os brasileiros. E os missionários são vegetarianos: Aí eu fui pedir... relembra ela. Não conhecia o mercado, nem ninguém, e cheguei à área dos açougues. Olhava para o açougueiro e fechei os olhos pensando... "Meu Deus, achei que nunca na vida fosse precisar pedir, e estou aqui pedindo. Não para mim... O quê? Carne!". Engoli seco. Bem... esta é minha missão? Então, vamos lá! "Quem é o responsável desta banca?" Eu explicava que era para nossos irmãos da Venezuela que estão sofrendo, que não têm nada para comer... "Podem ajudar?" No terceiro açougue conseguimos ossos... bastante ossos! Levamos com todo o coração. Foram cozidos com o restinho de carne para dar gosto, eles acharam uma delícia...

Ela pedia frutas, legumes: Pode pegar ali. Ia contente: Oba! Olhava, apenas sobras quase podres. Abaixava-se para triar, e o comerciante ainda falava: Pode levar tudo. Não, não podia levar lixo; no abrigo havia o suficiente. Por vezes, pensavam que não conseguiriam muita coisa e, de repente, a caçamba da caminhonete lotava. Comerciantes começavam a tirar alimentos da banca para lhes dar e, com o passar dos meses, mais pessoas, o comércio e instituições vieram a doar. Um dia era a festa da banana, apareciam milhares; outro, a festa da melancia, um caminhão. Ainda hoje, fiéis doadores de alimentos doam-lhes frutas e legumes.

Três abrigados e um missionário preparavam o almoço. Os *criollos* se prontificavam mais a ajudar, já os indígenas tinham dificuldade. Na cozinha, tudo era precário, até mesmo a higiene. Não tinham facas e, quando foram adquiridas pela Fraternidade, sumiram dois dias depois. O calor tropical atraía moscas em abundância e passavam vinagre na mesa para espantá-las.

Os cozinheiros eram, em geral, homens e, apesar do fogão pequeno e da pouca água, por milagre saía alimento para centenas de pessoas. O jovem missionário Gabriel, de dezenove anos, regeu a cozinha por um período:

Exigia pulso mobilizar quem, cada dia, iria ajudar a descascar, picar, cozinhar. Tínhamos de ficar atentos, um olho aqui, outro lá. Esqueciam-se de pôr sal, deixavam a comida queimar. Pegávamos água em uma biquinha do lado de fora, no meio da lama. Picavam tudo em uma mesa velha. Convencê-los a comer legumes e farinha era difícil; só queriam carne. Mas quando chegavam doações de mandioca, beterraba, fazíamos um sopão e raspavam a panela.

A cozinha é um reflexo da situação conturbada em que vivem. Assim como em abrigos da Grécia e noutros, o comportamento humano se assemelha. Há os que não fazem fila porque amigos cozinham e lhes passam alimentos à parte. Os privilégios... Cabia ao missionário ensinar que o alimento é para todos e não deve ser reservado aos familiares, nem ao próprio grupo.

Chegava a hora de servir. No início, avançavam como uma manada de touros. Educá-los foi um processo árduo. Para fazerem fila, tínhamos de ser firmes, mas nos obedeciam e respeitavam. Em um momento eu exigia; em outro, conversava, brincava com eles. As tarefas eram divididas. Uns iam servir, um lavava as mãos infantis em dois baldes – um tinha água com sabão, outro só água. Organizavam cinco filas a certa distância da mesa – uma de crianças, uma de idosos, uma de grávidas, uma de mulheres e outra de homens. Então iam sendo chamados de cinco em cinco.

Um aidamo liberava primeiro as crianças. A missionária atenta dizia: Vai vestir roupinha, menino! Não pode vir para a fila do almoço nu. Ele ia correndo, todo feliz. Os waraos são um povo da água. Quando caem chuvas torrenciais de meter medo, a garotada vai jogar bola ao ar livre, andar de bicicleta e pula, pula na poça... e, na hora do almoço, estão puro barro.

Quem mais fazia doações eram os mórmons. Por meses, repassaram achocolatado e biscoitos para o desjejum, frango assado para o almoço. Sustentavam o abrigo com material de limpeza, assumiram a pintura interna, reformaram a cozinha e os banheiros. Fizeram outras contribuições: desinsetização geral do ginásio, computador e *desktop* para os missionários, material escolar e para artesanato, uma mesa rústica de madeira, que aguente curumins brincando em cima.

A partir de setembro de 2017, o ciclo de pedir alimentos se encerrou ao entrar uma verba para a alimentação e o gás, cento e vinte mil dólares repassados pelo Governo Federal – Ministério do Desenvolvimento

Social, através da Setrabes – Secretaria de Trabalho e Bem-Estar Social de Roraima. Previam alimentar duzentos abrigados, porém, até chegar, já havia quatrocentos. Com isso, mais uma vez foram socorridos por doações dos mórmons antes do ACNUR vir a lhes doar gêneros alimentícios. Além disso, a Setrabes contratou equipes multidisciplinares para cada abrigo indígena do estado: um coordenador, um antropólogo, dois agentes sócio-instrutores, uma psicóloga e uma assistente social.

Tudo se metamorfoseou com a presença do Exército, que se admirou da ordem implantada na hora de servir as refeições. Passou a fornecer as quentinhas que, nos abrigos para criollos teve boa aceitação.

Como indígenas desperdiçavam por não gostar de carne nem de feijão, optou-se por distribuir-lhes gêneros alimentícios, que os aidamos, dez no momento, repassavam a cada família para que ela elaborasse a própria refeição. Volta e meia surgiam reclamações de que o aidamo não estava sendo justo: Somos cinco, deu comida para três. Para encerrar a queixa, militares apoiados pela Fraternidade passaram a entregar eles mesmos para as famílias: gêneros não perecíveis, duas vezes por semana e diariamente o frango. A única refeição realizada em comum é o desjejum, preparado na cozinha pelos próprios indígenas: um panelão de leite com achocolatado, pão, fruta.

Brasílio, nascido no Brasil

O novo bebê warao certamente teria desencarnado se não morasse no abrigo. A mãe, quase uma criança, chegou desnutrida com nove meses de gravidez. Brasílio nasceu ictérico e esteve dias na incubadora. Os indígenas afirmam que na Venezuela não o teriam colocado na incubadora, que é somente para brancos.

Tocada pelo choro do bebê no colo da mãe inerte, o olhar perdido em algum ponto no chão, Clara tentou entender a profunda tristeza. O que se passava no coração dela, precisando aflorar o aspecto maternal de si mesma para conseguir amamentar? Abraçou-a dizendo que o filho era lindo, mas Jella se afastou assustada. Quando lhe perguntou quem é o pai da criança, prosseguiu vaga e desviou o olhar sem responder. Clara aconchegou o bebê no colo: Fiquei feliz ao pegar o bebezinho e sempre voltava à tenda para ver como estavam.



Jella Perez e Brasílio. Abrigo Pintolândia, Boa Vista, Roraima, Brasil, agosto de 2017

Jella Perez havia chegado com os pais, os avós de Brasílio. O primo dela, o *aidamo* Ramón, nomeou o bebê dizendo que Brasílio é quem nasce no Brasil. Clara resolveu procurá-lo. Um líder especial, educado, com cultura, que, tendo cursado a universidade na Venezuela, encarregava-se da escolinha do abrigo. Estava em intervalo de aula quando ela lhe perguntou se poderiam conversar. E se sentaram num canto mais reservado.

Explicou-lhe estar achando a mãe de Brasílio triste, algumas mulheres entram em depressão após os bebês nascerem. Ramón sorriu e disse que não, que é assim mesmo no estilo de vida warao; a mãe fica isolada na rede de dormir de quarenta dias a dois meses. As únicas pessoas que podem tocar nela e no bebê são a mãe dela e, neste caso, o avô, porque tem espiritualidade, é um xamã. Nenhum outro warao toca o bebê, pois o umbigo, para eles, é a casa de muitos olhos, e quando a casa de muitos olhos está aberta, coisas não boas podem entrar. Clara falou sobre ter pegado o neném no colo, se havia problema. Ele acalmou-a: *Não, a irmã, não. Fique tranquila*.

Clara insistiu: *Percebo uma tristeza diferente em Jella...* Ramón acrescentou: É porque ela é marimacho, pessoa de sexualidade especial, uma parte homem, outra mulher. Entre os waraos, há homens e mulheres assim. Ela

é o que vocês chamam homossexual. Clara sondou se a etnia despreza os marimachos, e ele respondeu que não. Quis saber como conseguem identificá-los. Em uma reunião de marimachos, eles mesmos os detectam, pelas atitudes. Acontece de mulher casar-se com mulher e viver com ela a vida toda ou casar-se com um homem e ao mesmo tempo com uma mulher. Com os homens acontece o mesmo.

Clara questionou a possibilidade de Jella rejeitar Brasílio, ao que Ramón afirmou que waraos não rejeitam filhos: Ela irá, sim, cuidar dele.

No outro dia, dirigiu-se ao avô para saber mais da história da neta, e pedir-lhe permissão para novamente se aproximar dela. Estava, como sempre, sentada na rede com Brasílio chorando no colo, o olhar menos triste.

Por fim, Jella se abriu e mostrou-lhe os seios feridos. Clara convidou-a a ir com ela até uma médica que estava no abrigo e lhe prescreveu um creme para abrandar a dor e mais um protetor de seio de silicone. Clara a levou de volta até a rede e foi à farmácia, retornando com o protetor, cremes apropriados, inclusive para a assadura de Brasílio, fraldas descartáveis.

Jella a recebeu com um sorriso, e juntas tiraram tudo das embalagens. Mais aliviada, conseguia amamentar. Estava pálida, e Clara ainda lhe perguntou se aceitaria um leite especial fortalecido. Foi pegar uma das latas doadas e orientou-a a tomá-lo de manhã e à noite. Jella voltou a sorrir e lhe agradeceu.

Brasílio e a mãe saciavam a fome e simultaneamente a relação mãe-filho foi sendo suavizada. Próximo, estava o avô. Grato pela atenção dada à família, contou que a esposa teve quinze filhos; contudo, dez morreram de enfermidades ainda crianças e um fora assassinado com vinte e poucos anos. Jella é uma sobrevivente. Todo warao carrega histórias semelhantes de muitas mortes em família.

Os missionários amparam cada vida. De tempo em tempo, Clara repete para Jella quanto, para a Fraternidade, é importante Brasílio crescer forte, saudável, ir à escola. Esse futuro para o filho se fortalece dentro da jovem mãe indígena.



Brincadeira com garoto indígena. Abrigo Pintolândia, Boa Vista, Roraima, Brasil, 2018

Normas e regras de convivência

O grupo está mergulhado em constantes fluxos de aprendizagem, seja durante a convivência entre missionários nas casas de hospedagem, seja em inter-relações no abrigo. Desenvolve a arte de distinguir o lado bom do lado ruim de cada ser humano, enfatizando o positivo. Assim, propaga a paz e cresce em consciência à medida que oferece aos assistidos educação básica sobre valores, o que amplia seu grau de amor.

Clara se perguntava: Como lidar com a cultura indígena, tão diversa em valores? Como agir quando um marido espanca a esposa com um pedaço de pau? Não posso estar diante desse homem e julgá-lo como todo mundo faria. No momento, ela é a vítima. Mas não conheço a história toda. O que posso fazer para salvar ao máximo a situação? Não fico em paz com minha consciência se não fizer algo por essa mulher. Já tivemos vários encontros com as indígenas sobre esse assunto recorrente. Elas desabafam, falam que os homens batem nelas por qualquer motivo, espancam-nas, e isso é cultural. Explico-lhes a lei Maria da Penha, criada em 2006 para ajudar a prevenir, punir e erradicar a violência doméstica e familiar contra a mulher. Elas querem sim viver sem violência contra si próprias.





Abrigo Pintolândia, Boa Vista, Roraima, Brasil, 2018

Para coibir a violência doméstica e familiar, a missionária conversa com o agressor, buscando que ele consiga compreendê-la. Explica-lhe que sua atitude vai contra leis brasileiras e as regras do abrigo. Após três termos de advertência, será expulso. E se ele insistir no costume? É expulso. O casal é levado à Delegacia de Polícia para fazer o boletim de ocorrência, e a esposa é submetida a um exame de corpo de delito e recebe a medida protetiva prevista pela lei. Caso o marido entre no abrigo, é preso.

Clara prossegue: Houve casos em que uma conversa resolveu tudo. Conseguimos milagres aqui dentro. Podemos ser aparentemente duros, até mesmo permitir que o agressor seja preso, pois sabemos que, com certeza, ele aprenderá algo e aquilo servirá de exemplo para os demais. Não dizemos que ele é um coitadinho. Ele é uma alma e precisa se transformar.

Os waraos do abrigo viveram nas ruas da Venezuela desde 1966. Não chegam da *Terra Bonita*, como chamavam o delta do Orinoco quando viviam em palafitas à beira-rio. Trazem hábitos da rua, bebidas e afastamento do caminho correto. Vários deles e também *criollos* tiveram de ser mandados embora.

Já outros começam a tomar decisões morais e éticas, sinal de que a missão surte efeitos positivos. Ao chegarem, as regras do abrigo lhes são

apresentadas: se um maior de idade usar drogas, bater na mulher ou brigar, terá de ir embora. Diz Clara: Não tenho medo, se tiver de acontecer alguma coisa comigo, está nas leis de Deus. Na primeira briga pública, pensei "se eu não fizer alguma coisa agora, acabou..." Entrei no meio de dois homens: "O que estão pensando? Vão ter de bater em mim primeiro antes de bater em alguém aqui dentro. Cada um para seu lado!" Um estava drogado, acelerado, os olhos vermelhos. Chamei a polícia, que nessa época ficava em uma viatura dentro do abrigo. Fomos até a delegacia fazer o boletim de ocorrência; os dois jamais retornaram.

Com a vinda do Exército, o trato direto com os indígenas permaneceu com a Fraternidade. Os oficiais sentem-se um pouco perdidos diante de situações de embriaguez e desavenças, que surgem assim que os missionários se retiram após o jantar. Acham complicada a lida com os indígenas. Disse um tenente: *Vocês dão as costas, tudo acontece.* Militares comentam que, entre eles, estão acostumados a dar ordens e serem obedecidos; todavia, essa não é a forma de tratar indígenas. *Falta-nos treinar mais o contato humanitário; estamos aprendendo*, ele explica.

Educar o corpo, as emoções, a mente, a consciência

Várias experiências educacionais vêm formando adultos e crianças. O grupo se mantém atento à educação grupal e individual. Almeja que os pequeninos corações se transformem. Cada mudança individual se reflete no comportamento geral. Crianças sem educação, mendigando e convivendo com pessoas de baixa índole, são facilmente envolvidas por desvios.

Logo após a abertura do abrigo, uma jovem sargenta criou a primeira escolinha. Cercou um canto do ginásio com tapume, listou os alunos, organizou as turmas da manhã e da tarde por idade e ela mesma dava aulas. Pediu, mesmo sendo evangélica, que aquele fosse um espaço neutro, em que as crianças entrassem em busca do saber. Uma professora voluntária fez uma campanha e conseguiu lápis de cor, chinelos, folhas de sulfite.

Para a maioria dos alunos, era a primeira vez que desenhavam letras, que viam o próprio nome escrito. Ávidos por aprender, os curumins tinham de se preparar antes de ir à escola: tomar banho, pentear o cabelo, organizar o material. Nascia certa disciplina. Não podiam estar rolando no chão e correr para a sala de aula.

Uma abrigada professora não indígena deu sua primeira aula. No outro dia, os missionários encontraram os aidamos em comoção. Tinham um discurso xenofóbico, não permitiriam que as crianças voltassem à escolinha porque uma criolla os instruía, pois só índio pode ensinar índio. Eles mais algumas indígenas foram convocados para uma reunião. A coordenadora destacou primeiramente os benefícios da escola, a oportunidade de ninguém enganar quem sabe ler. Ressaltou que as crianças do abrigo devem crescer aprendendo. Agora, se os pais não se abrissem para aceitar o outro, o diferente, como pretendiam ser aceitos pela sociedade?

Ela lhes perguntou: A professora maltratou um aluno, fez alguma ação que justificasse reclamações? Todos negaram: "No, hermana, no." Então, Clara enfatizou: A criolla é uma mestra e vai, sim, continuar dando aulas. Está aqui para ajudar! Pouco a pouco, os indígenas são trabalhados para se curarem de nuances internas violentas.

A infância do abrigo recebe atenção de órgãos oficiais que, em dado momento, cogitaram inseri-las no sistema escolar até compreenderem que, por diferenças culturais, crianças indígenas poderiam sofrer preconceito e nunca querer retornar. Faltam hábitos de higiene, de comportamento. Abaixam e fazem necessidades em qualquer cantinho.

Analisou-se quais tinham condições de frequentar escolas públicas. Oito ingressaram. O movimento se deu após um professor convidar o time de vôlei de garotas a participar de um campeonato com alunas de sua escola. Foram treinadas e, de onze partidas, as indígenas ganharam dez.

Aos poucos, mais voluntários e instituições aproximaram-se, impulsionando o mover da roda educativa. Foi instalada a escola em um contêiner doado pela Embaixada do Canadá, com sala de aula montada - quadro negro, mesas, bancos, cadeiras, armários, banheiro.

O abrigo tinha, em média, cento e setenta crianças em idade escolar - entre quatro e dezessete anos - em maio de 2018. Seus dias eram soltos, dedicados a brincar, até surgir a Escola Janela do Amor e da Amizade Entre Dois Povos, um projeto de educação intercultural bilíngue de Extensão da Universidade Federal de Roraima. O programa é protagonizado pela ONG Casa de los Niños, um braço da ONG Pirilampos.

Quatro turmas entre seis e doze anos funcionam das 9h às 11h e das 14h às 17h. Onze professores voluntários brasileiros dão aulas de alfabetização, arte, educação física, matemática, valores e novos costumes.



Mãe e filhos da etnia warao. Abrigo Pintolândia, Boa Vista, Roraima, Brasil, 2018

Aprendem normas básicas de convivência: como se comportar no abrigo, utilizar o sanitário, obedecer ao professor e nele ter um referencial a ser seguido, e não nos amigos. Onze indígenas – três e'ñepás e oito waraos – repassam seus saberes às crianças, firmando os laços culturais, as danças, o artesanato, as histórias e o idioma em aulas bilíngues de espanhol e warao ou espanhol e e'ñepá. Com a intenção de as crianças aprenderem brincando, aos sábados a Pirilampos oferece-lhes atividades divertidas, e o Kids Games, parte do grupo Coalizão Brasileira de Esportes, trabalha exercícios físicos, como aula de capoeira. O abrigo fez parceria com a Igreja Metodista que, três tardes por semana, leva quarenta crianças para atividades externas – recreação, aula de Português, esporte.

O jovem missionário Anderson coordena a área de Educação da Fraternidade e a escolinha; dá aulas e acompanha professores indígenas, alguns licenciados que antes ministraram aulas na Venezuela. Explica: Começar com a realidade é a meta. Vinculamos a educação não só à sala de aula. Acompanhamos os pais e seguimos um programa de formação para professores, no intuito de resgatar a consciência indígena, tirar a poeira que soterra sua riqueza, beleza, importância interna. Amanhã teremos um seminário de educação intercultural, como parte de nossa parceira com a UFRR.







O UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância – convidou a Fraternidade como parceira. O órgão, presente em cento e noventa países, defende o direito e a melhoria da vida infantil. Capacita agentes para trabalhar nas linhas de frente em "espaços amigáveis", oferecendo-lhes acompanhamento educativo e psicossocial. Toma ações para prevenir abusos contra a infância e a adolescência e distribui merendas para reforço nutricional.

Professores indígenas elaboraram juntos um desenho que se tornou símbolo da escola. Buritis representam os waraos; uma flecha, a etnia e'ñepá, e a bandeira venezuelana é retratada por uma garça, o Monte Roraima e um garimpeiro. Anderson se alegra: Pessoas que estavam nas ruas ganham a possibilidade de ser agentes de suas vidas e ânimo para acordar: "Hoje tenho de dar aula, algo depende de minha ação no mundo para se mover." Isso aciona o que estava estancado dentro de si mesmas.

Visitas ao Abrigo

Propriedade do do Estado de Roraima, o abrigo lida com representantes do governo federal e internacionais. Recebe todo tipo de visitas, inclusive de ministros e presidentes de órgãos vindos de Brasília, que lidam com questões referentes a imigrações e comunidades indígenas, entre outros. Algumas autoridades marcam dia e hora. Outras não. Algumas aparecem com simplicidade. Outras, acompanhadas por um séquito.

Uma visita desceu no aeroporto de jatinho e pediu proteção militar. Os missionários foram chamados com urgência, pois sempre acompanham visitantes para dar as informações necessárias.

Ao chegarem, a visita havia ido embora. Encontraram indígenas assustadíssimos pela vinda daqueles homens com armas pesadas: *Hermana, achamos que iam nos executar!*

No entanto, outra autoridade deu-lhes atenção, tratou-os com respeito e os convidou a escrever-lhe o que almejam do Brasil. Para surpresa geral, elaboraram uma ótima carta em português, com poucas palavras em espanhol. Via-se que, sem dúvida, fora escrita por eles. Nela, o principal: *Gostaríamos de ter nossas próprias terras*.

Missionários a serviço. Abrigo Pintolândia, Boa Vista, Roraima, Brasil, 2016 e 2017



Refugiados venezuelanos partem do abrigo em busca de trabalho. Abrigo Pintolândia, Boa Vista, Roraima, Brasil, 2017

Histórias de imigrantes

Um rapaz de olhar bondoso aproxima-se de uma missionária e lhe pede um sapato. Mostra-lhe o único que tem, um croc branco. Precisa de outro para arranjar emprego. Pleno de esperança, diz que conseguirá trazer filhos e esposa deixados na Venezuela.

Por estarem com os imigrantes no dia após dia, os missionários souberam responder a órgãos oficiais porque os venezuelanos não tiravam documentos legais para, saindo da irregularidade, serem inseridos em programas e então conseguirem trabalho: Olhe, eles não têm dinheiro para pagar as fotos nem os formulários. Por isso, foram suspensos o pagamento de protocolos e da taxa de cem dólares - ou seja, quase um ano de salário mínimo na Venezuela - para tirar o visto de residência temporária por dois anos.

Dizem que os venezuelanos são bons trabalhadores. Empresas especializadas os encaminham para trabalhos informais, como o de pedreiro, ou para fazerem pequenos serviços de manutenção, tendo o cuidado de anotar os dados do empregador, pois, com frequência, a mão de obra é

explorada. Pagam-lhes metade do que é pago a brasileiros ou nem pagam, e mesmo os abandonam em fazendas e os trabalhadores retornam a pé.

Essa realidade do mundo do trabalho não é pintada de belas cores. Aproveitam-se da necessidade daquele povo. O dono de uma empresa foi preso por manter sete venezuelanos em trabalho escravo. Como a maioria dos indígenas não tem formação profissional, são chamados para capinar. Já houve quem passou um mês em uma fazenda preparando o terreno de plantio e, ao final, recebeu 50 reais mais a desculpa: *Dei alimento...*

Uma das primeiras famílias de criollos a entrar no abrigo encantava pela educação e pela ordem. A avó conta sua biografia: Quero estar na eternidade com minha mãe, tão boa para mim. Sofri demais depois de ela partir; fui viver nas ruas. Eu me escondia pelos cantos e dormia pela metade para escapar e não ser tocada por homens que me ameaçavam com facas. Não podia banhar-me, não podia limpar-me, mas amigas às vezes me levavam para tomar banho e comer. Eu vivia com minha filha e netas, as três comigo nas ruas, mas depois meu genro nos alugou uma casa. Um dia, ele me disse que no Brasil eu poderia comer bem e recuperar a saúde. Ele e minha filha saem para trabalhar todos os dias e fico aqui no abrigo com as netas. Gosto de trabalhar. Vendia chocolate quente e aprendi a ser camareira em um hotel.

A avó demonstra habilidades. Faz sofisticadas dobraduras na colcha estampada que cobre o colchão de casal no topo da arquibancada. Ali a família montou uma espécie de *kitnet* impecável, sem paredes. Ela explica que sua família tem três raças, a mãe índia, as netas louras e negras. É católica: *Primeiro Deus. Quem não crê em Deus, não pode crer em mais nada. Sempre, ao deitar e ao levantar, converso com Ele em meu silêncio. É por Deus que estamos vivos, mas a maioria não sabe disso.*

Ela quer prosseguir no Brasil: É um mundo diferente, onde há comida, tranquilidade, paz. O presidente deixou nosso país em ruínas e quer comprar as pessoas com dinheiro, mas dinheiro não é tudo. Lá há discórdia entre partidos e perigo se falamos contra o governo. Aqui, graças ao apoio da Fraternidade, conseguimos emprego, alimento e enviamos uma parte do que ganhamos para a família que ficou lá. Temos de trazer benefícios para o Brasil e nunca fazer o mal.

Com simplicidade afetuosa e firmeza, Clara educa os assistidos dando exemplos de convivência: No abrigo, andamos de lá para cá resolvendo

várias questões. De repente, um venezuelano mal recostado na arquibancada grita: "Hermana, venha cá. Quero falar com você." Ou, quando estamos atendendo alguém, um deles passa na frente e interrompe: "Só una perguntita." Ela não cansa de lhes explicar: Hermano, você acaba de chegar e quer pedir emprego. Tem de mudar suas maneiras para sobreviver aqui. Para pedir um favor ou o apoio de alguém, vamos até ele e aguardamos que nos receba. Falamos em um tom de voz suave, usando as palavras mágicas: por favor, obrigada.

Sem ferir a dignidade, a conversa assume caráter instrutivo e transmite lições de boas maneiras e orientação profissional. Uns aceitam, os mais orgulhosos saem aborrecidos. Ela explica: Parte da má impressão que eles passam é a forma de falar no imperativo, com certa arrogância, dando ordem. Precisam ser mais humildes.

Clara se autoanalisa: Quando chego exausta em casa, tomo um bom banho e começo a refletir. Vejo que, óbvio, o erro para tanto cansaço foi meu. Certas características desse povo me colocam à prova e, quando abro a porta da impaciência, minha energia escoa. Preciso encontrar o caminho de Buda.

Tocante amor pela pátria

Imensa é a dor do povo afastado do próprio ambiente. Apesar de poucos imigrantes conseguirem emprego, a maioria permanece em Roraima para estar próxima do país natal. Guarda doces lembranças e sonha retornar, quando a vida normalizar-se. Antes do país entrar em crise, contam: A nação era uma tacinha de ouro com belezas naturais, música, arte. A expressão atual de certa amargura, certa tristeza não é a tônica desses caribenhos expansivos e alegres.

Olga Lorenzo, voluntária venezuelana do abrigo, dá um depoimento: A Venezuela é linda, com clima espetacular. Tem montanhas, tem neve, praias, desertos, planícies, bosques, a grande savana onde está o tepui de Roraima. Geologicamente falando, é dos lugares mais belos da Terra. Sou mestiça, meu bisavô era italiano, e minha bisavó, indígena. Quanta história, quanto amor, quanta dor, quanta fé e esperança impregnados nestas terras de imigrantes. Amo meu país, mas saí de lá em 2015 e nunca voltei. Já havia desemprego, desnutrição, ódio. A crise vem se agudizando. Houve um momento, em 2017, isso me foi contado, que em Caracas estavam

recolhendo pessoas mortas de fome pelas ruas. Por aqui, imigrantes vêm sendo rejeitados porque estão confusos. Com fome, cometem erros, fazem atos fora da lei e, depois, pagam justos por pecadores.

Um governo de verdade, que melhore vidas, tem de ser da paz. Os de lá manipulam, lavam o cérebro do povo com discursos agressivos, violentos. A verdadeira situação da Venezuela é espiritual, disfarçada de problemas políticos, sociais, econômicos. Fomos nos ligando demais a coisas materiais e esquecendo o mais importante, que é orar, que é servir ao próximo.

O país era devoto e tenho esperança de que um dia aconteça um milagre. Passamos por uma prova cármica, mas somos responsáveis por ela. Isso é para aprendermos quantas consequências sofremos ao tomar más decisões. Más decisões repercutem não só em mim ou em minha família, mas na minha nação, no continente... repercutem no planeta. Agradeço a ajuda recebida no Brasil, cada célula minha agradece. Qualquer nação que socorra outra em um cenário assim desesperador equilibra o próprio carma.

Sem prognóstico para o término da missão, a vida no abrigo avança, efervescente.

Com a população acima do sugerido, indígenas voltaram a fazer cabaninhas improvisadas de plástico entre uma barraca e outra. Por definição do ACNUR e do Exército, já não ingressa mais ninguém, pois não há espaço físico nem alimento suficiente.

Os abrigados vivem suas esperanças dentro de tendas enfileiradas ou balançando em redes armadas lado a lado. Estão protegidos, alimentados, tratados, têm conflitos e dores aliviados. Ganham a oportunidade de se transformar, enquanto percorrem a ponte suspensa entre o antes e o indefinível futuro.

Escritório da Fraternidade

Ser como um rio que deflui Silencioso dentro da noite. Não temer as trevas da noite. Se há estrelas nos céus, refleti-las. Belo Belo, de Manuel Bandeira

O êxodo venezuelano se intensifica. Sem acesso ao básico no país de origem, refugiados cruzam a fronteira norte do Brasil para iniciar uma jornada país adentro. Para acolhê-los integralmente, a Fraternidade, organização sem fins lucrativos, foi a primeira entidade a chegar a Boa Vista. Seus membros, de diversas idades e procedências, sendo a maioria deles brasileiros, são guiados pela esperança de construir um futuro melhor para os imigrantes. Ao mesmo tempo, cuidam da própria evolução interior. Em serviço abnegado, oferecem-se para minimizar a dor e plantar sementes pacíficas em indígenas e não indígenas.

Primeiro abrigo de Roraima, o Centro de Referência ao Imigrante foi aberto pela Defesa Civil e suas atividades tiveram o apoio da Fraternidade. Com esforço diário e dedicação compassiva, o órgão implanta uma ordem básica entre cada vez mais abrigados imersos em aflições. Além disso, o abrigo foi o ímã inicial para atrair respostas de entidades de boa vontade que, unidas, vieram a promover uma grande ação humanitária. Assim, a constante piora do cenário passou a despertar maior solidariedade internacional.

Quase um ano após chegar, a Fraternidade foi convidada a assinar um acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados – ACNUR, uma agência da ONU – Organização das Nações Unidas ou simplesmente Nações Unidas. A parceria teve início quando os missionários, em setembro de 2017, ajudaram o órgão a inaugurar a Casa de Passagem em Pacaraima. Posteriormente, vieram a trabalhar juntos em novos abrigos de Boa Vista.

O que chama a atenção de parceiros é a absoluta doação voluntária dos que, sem receber honorários, perseveram de segunda a segunda, mês após mês, sem horário para encerrar as tarefas. Simplesmente por amor. Não há poder maior que consiga mover criaturas com esse nível de doação de si mesmas. Só o amor. Nota-se quanto a presença missionária instala um campo vibratório mais harmonioso entre os assistidos. A ação de uma alma que diz sim a um chamado interno e se autoconvoca para um serviço desinteressado tem uma penetração desconhecida para os humanos.

Em missões anteriores na Ásia, África, Europa e nas Américas – Central e do Sul –, a Fraternidade apoiava sobretudo outras entidades altruístas. Convocado por seus superiores para a Missão Roraima, o grupo ingressou em outra etapa, mais organizada e profissional.

Sobre a nova fase, conversamos no escritório com os missionários matrizes Ricardo, Gestor de Emergências e Ajuda Humanitária, e Shen, Gestora de Relações Institucionais.

Ricardo: Servíamos na Missão Grécia ao sermos informados de que deveríamos todos vir para Boa Vista, após a assinatura do acordo com o ACNUR. Primeiro sentimos um impacto. Mas estamos escolados em mudanças, isso está impregnado em nós. Na verdade, gostamos de desafios.

Na primeira reunião com o ACNUR, explicaram: relatório disso, daquilo, prazo, comprovante... "Nossa! pensei, estou voltando à minha época profissional... Eu gosto tanto de cuidar das árvores, das águas..." A partir de então, a maioria dos missionários continuou a lidar diretamente com a labuta diária nos abrigos. Outros assumiram o trabalho no escritório recém-alugado.

O ACNUR começou a observar-nos analisando nossa capacidade de resposta. Saímos da informalidade, da simplicidade anterior de controles, para prestar conta de tudo. Habituado a trabalhar de forma mais solta, no início houve resistência do grupo para seguir um programa missionário desenvolvido com lógica, coerência.

Trabalhávamos de sete da manhã às onze da noite e chegamos a ficar no escritório até três da manhã. Montamos um manual de procedimentos internos e o traduzimos para o inglês. Aprendemos o rigor administrativo-financeiro para responder, por exemplo, a auditorias. Um auditor foi enviado por uma empresa de Londres para analisar o detalhe do detalhe de cada justificativa de compra, até mesmo checar cada item da listagem do

imobiliário. Somos fiéis depositários. Temos de prestar contas dos recursos que nos chegam e de uma série de bens - contêineres, equipamentos.

Por outro lado, precisamos desenvolver projetos novos com a metodologia aplicada a certo público, para responder, por exemplo, à proposta de uma embaixada: "Queremos financiar alguma coisa. De que precisam? "Junto a tudo isso, a vida rodando, administramos semanalmente a logística de nosso pessoal – qual missionário vai para qual abrigo, em que transporte, o que vai fazer. Cuidamos da aquisição de passagens aéreas, do abastecimento e dos aluguéis de veículos e de imóveis. Hoje contamos com uma estrutura de cinco casas montadas em Boa Vista para apoiar o trabalho: o escritório, o Núcleo Flor do Sagrado Tepui, a hospedagem feminina, a masculina, e duas casas da OGM. Em Pacaraima, alugamos uma casa mista de hospedagem.

Shen: Ao assinar o contrato, não sabíamos exatamente o que isso significaria em termos práticos. Soubemos durante a implementação do projeto, renovado periodicamente. Uma mudança significativa ocorreu em nossa estrutura administrativa. Montamos o escritório e nos preparamos intelectualmente para gerir o compromisso. Em sua função puramente administrativa, o grupo passou a cuidar de relatórios trimestrais, da parte financeira, dos documentos institucionais e contábeis, da prestação de contas dos recursos recebidos tanto do ACNUR como de projetos com grupos envolvidos na prestação de serviços. Logo nos chegou o aporte financeiro para diversas áreas dos abrigos - educação, saúde, artesanato, alimentação, higiene, tendas, contêineres.

Outra parte do imóvel é reservado para o estoque. Organizamos estoques de roupas, sapatos, acessórios, materiais de higiene, de limpeza, alimentos, materiais escolares, artesanatos, medicamentos. Ficam separados e identificados em prateleiras segundo quem os doa: ACNUR, Embaixada do Canadá, Mórmons, Médicos sem Fronteiras. Por sermos um ponto de referência no Estado, recebemos doações e as distribuímos nos abrigos.

Além desses doadores estáveis, tem crescido uma rede de amor entre o povo brasileiro. Um grupo de senhoras de Umuarama, Paraná, ao ler no jornal o que se está passando em Roraima, comprou tecido e confeccionou mais de mil peças infantis. O escritório acionou a rede da Figueira, estendida pelos quatro cantos do país, que entregou seis caixas com mais de cem quilos de roupinhas para um avião de carga da Força Aérea

Brasileira, FAB, nos trazer. A televisão da cidade soube da generosidade das costureiras e deu início a uma reportagem, que prosseguiu com a chegada da doação em Boa Vista e sua distribuição em abrigos.

Outra história: um colaborador de Figueira ligou avisando ter convidado um grupo de empresários, clientes e fornecedores para uma campanha. Alocaram uma carreta e, para enchê-la, ele nos solicitou uma lista de vinte e três toneladas de qualquer coisa que os venezuelanos precisem, que nos despacharão de Santa Catarina.

No caso do uso de recursos do ACNUR, nosso setor de compras foi submetido a uma série de procedimentos formais até sermos habilitados a fazê-las. Seguimos um processo complexo e rigoroso para cada compra – oito documentos montados em certa sequência, assinados, carimbados, com os orçamentos justificados. Os métodos são diferentes para cada escala de valor: até R\$ 100,00, de R\$ 100,00 a R\$ 300,00, e assim por diante. Acima de tantos mil é necessária licitação para contratar serviços ou fazer compras. No momento reformamos a Casa do Acolhimento para acolher quarenta venezuelanos em estado de fragilidade. Fizemos três orçamentos prévios à contratação, acompanhamos os trabalhos e efetuamos os pagamentos.

Diante da crescente gravidade da crise, a Fraternidade se viu desafiada a mudar um pouco seu perfil, contratando alguns profissionais por meio do projeto com o ACNUR. Esse é um desafio para um grupo que se doa sem esperar nada em troca. Antes de aprová-lo, o Conselho de Regência, que guia a obra, estudou-o profundamente por três meses até sermos autorizados a contratar especialistas para áreas que não estamos aptos a suprir. Admitimos enfermeiros e uma indígena perita em gestão de saúde indígena. Alguns chegaram por indicação, e duas enfermeiras haviam atuado em abrigos como voluntárias antes de ser contratadas. Sentimos identidade energética por todos. Foram instruídos, apresentamos-lhes vídeos sobre nossos valores e princípios para, assim, irem sendo inseridos na energia da Fraternidade para poder refletir a instituição que representam. Dessa forma, os missionários somaram, à sua tarefa, o acolhimento desses novos irmãos integrados ao grupo através de outra modalidade de atendimento ofertado a assistidos.

Antes do acordo com o ACNUR, realizamos um projeto financiado com recursos da Embaixada do Canadá por meio do Pan American Development Foundation – PADF. Foram comprados dois contêineres

montados com móveis, materiais e equipamentos para o Abrigo Pintolândia. Um serve para o atendimento médico, outro, para a escola infantil. O embaixador participou da solenidade e cortou a fita da inauguração. A Embaixada também doou cestas básicas para o Abrigo Tancredo Neves, na época um caos absoluto. Isso chamou atenção e abriu portas para outras embaixadas colaborarem.

Outras agências das Nações Unidas oferecem ajudas específicas. O UNICEF convidou-nos para sermos parceiros em razão do projeto de educação cultural e de transição que estávamos implantando no Abrigo Pintolândia e de nossa capacidade financeiro-administrativa. A Organização Internacional para Imigrações - OIM, bem unida ao ACNUR, está atuando no processo de interiorização de venezuelanos para outras capitais brasileiras. Paralelamente, dedica-se à inserção laboral dos refugiados e, no caso dos indígenas, à promoção do artesanato, o que lhes dá alguma renda. Já o foco do Fundo das Nações Unidas para Populações - UNFPA são os mais vulneráveis, especialmente crianças desacompanhadas e mulheres que vieram para cá sozinhas ou com filhos. Sem emprego, muitas acabam prostituindo-se.

Quinzenalmente, o ACNUR promove uma reunião a fim de articular as ações dos que trabalham no estado. O intuito é não haver mais de um órgão dedicando-se ao mesmo serviço, o que acontece quando falta comunicação. Em 2017, cabia todos em uma salinha. A última reunião, na Brigada do Exército, encheu a sala de operações. Havia tanta gente! Impressiona a quantidade de grupos aparentemente com genuína aspiração de servir. Certamente existem intenções ocultas, que desconheço. O discurso de todos é: "Estamos aqui para saber em que podemos colaborar".

Como parceiro implementador do ACNUR, recebemos juntos cada vez mais visitas. Somos incumbidos de responder perguntas sobre os abrigos a delegações e a representantes internacionais. Contatamos a comitiva da União Europeia trazendo diplomatas de vários países, além das Embaixadas dos Estados Unidos, de Israel, do Japão, da Itália. Também organizações internacionalmente conhecidas com interesse em colaborar. Fazem pesquisa de campo para identificar quais necessidades cada uma pode suprir: a Cruz Vermelha, os Médicos sem Fronteiras, a Organização Pan-Americana da Saúde - OPAS, Organização Internacional de Direitos Humanos - OIDH.

Tivemos reuniões com os Ministérios do Desenvolvimento Social e Agrário, o da Saúde e o das Relações Exteriores. E com o Ministro da Justiça, o ministro-chefe da Casa Civil, o Procurador da República, o presidente da FUNAI – órgão do governo brasileiro que lida com questões referentes a comunidades indígenas e suas terras. Além disso, temos dado entrevistas para jornais locais e americanos, japoneses, europeus. Jamais abordamos questões políticas; sempre enfatizamos o papel humanitário.

Após a Presidência da República a verba, o Exército chegou em março de 2018. Tudo melhorou rapidamente, esse é um consenso. No início, havia certo receio por sua presença. No entanto, a corporação surpreendeu e está sendo uma grande parceira. Seus membros são muitos, rapidamente puseram ordem nos abrigos, cuidaram da limpeza, da disciplina e trouxeram certa pacificação. Na presença constante deles, os abrigados mudam automaticamente de postura na hora de receber alimento e ao estar nas áreas. Com isso, a Fraternidade pode desenvolver seu trabalho humanitário de ampliação da consciência humana com mais serenidade e vem aprendendo sobre logística com o Exército.

Meses atrás, não víamos uma luz no fim do túnel. Recentemente, com a abertura de novos abrigos, acreditamos que o maior problema está praticamente resolvido: zerar os aglomerados de pessoas nas ruas e dar-lhes o básico que um ser humano precisa para sobreviver com um mínimo de dignidade – onde dormir, tomar banho, alimentar-se e ter cuidados médicos iniciais. É como se o incêndio tivesse sido apagado, e agora é prosseguir em ritmo de manutenção. Graças a todas as ajudas. Lógico, se o Exército não tivesse chegado, nada disso teria sido possível, porque ele e o ACNUR são os atores principais.

Eu só consigo realizar minha atividade como missionária se estiver constantemente aspirando à missão espiritual para a qual me convoquei. O grupo da Fraternidade atende, a meu ver, a um chamado vindo do Alto para realizar uma missão espiritual. Seus membros tentam ultrapassar barreiras do plano físico, do emocional e do mental, para estar conectados à luz de estrelas distantes. O que nos une de forma especial é a missão interna de cada membro que busca manifestar esta obra fraterna.

Abrigo Tancredo Neves

Senhor, tenho alma missionária, conduz-me à terra que tenha sede de Deus. Leva-me aonde falte a esperança, aonde falte a alegria simplesmente por não saberem de Ti. Alma Missionária, música de Enrique García Vélez

Há duas estações em Roraima, a das tormentas e a do feroz verão tropical de calor úmido. Pelas ruas planas inundadas por chuva incessante, as rodas do carro atiram longe altos jorros de água. Somos deixados em frente ao Abrigo Tancredo Neves. Saltando poças, cruzamos o portão semiaberto passando por policiais. Identificados pelas camisetas com a cruz de braços iguais, que representa os quatro Reinos da Natureza – mineral, vegetal, animal e humano –, não precisamos apresentar documentos, como faz cada abrigado para entrar. No antigo ginásio de esportes se alojam apenas casais venezuelanos sem filhos e homens solteiros, cerca de trezentas e trinta pessoas.

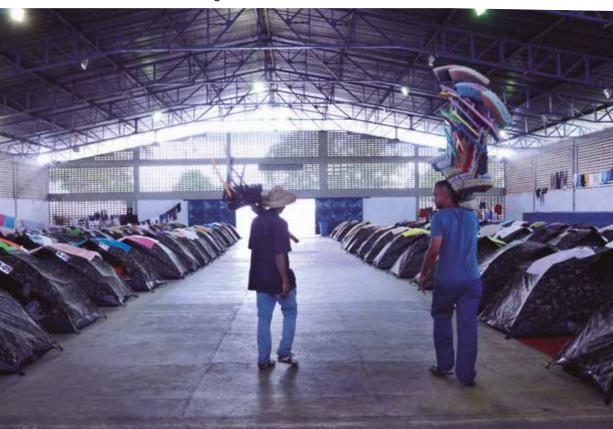
Meu olhar circunda a entrada. Sob uma alta cobertura de lona, há uma praça de convivência. À direita e à esquerda, contêineres metálicos coloridos servem de apoio ao Exército e à Fraternidade para escritórios, sala atendimento de saúde, depósitos e banheiros para quem trabalha. Alguns são refrigerados, como o que missionários realizam trâmites administrativos e recebem novos abrigados para lhes repassar instruções e as regras da vida grupal.

Sigo os passos da missionária que coordenava o abrigo naquele dia e que me mostrará o espaço. Professora argentina, por anos Angelica sonhou em participar do Médicos sem Fronteiras. Ao escutar, num programa da Misericórdia Maria TV, o convite para uma missão na fronteira da Venezuela, reascendeu-lhe o fogo da aspiração: *Orei muito e, no dia seguinte, escrevi me oferecendo. Em dois dias recebi a resposta e vim com o segundo grupo para socorrer indígenas vivendo em torno da Feira do Passarão.*

Ela me apresenta ao tenente responsável pelo turno, e nós três saímos andando. Passamos ao lado da praça de convivência onde uns cinquenta homens não despregam os olhos nem do filme de ação nem do jogo de dominó nem do celular. Seguimos pelo corredor lateral entre o muro, varais de roupa e o paredão da praça de esportes. No fundo do terreno, a Defesa Civil montou vinte e três tendas peroladas. Em cada uma se alojam dez homens solteiros ou mais de um casal. Próximo, há contêineres usados como banheiros masculino e feminino e a lavanderia.

O tenente lança a exaltação para dentro de uma barraca: Viva a Venezue-la! Vozes masculinas respondem com ardor: Viva o Brasil, viva o ACNUR, a Fraternidade, viva! Era sexta-feira, três da tarde. Senhores recostados em colchões nos olham. O militar os convida a virem conversar. Gosta de trocar informações sobre a história dos dois países com um deles, que anima-se: Povos hermanos, nossa origem latino-americana é bela. Correu sangue, mais da metade do povo morreu... mas conseguimos a liberdade, a independência. E canta um verso do hino nacional venezuelano.

Venezuelanos vendedores de vassouras no abrigo exclusivo para solteiros e casais sem filhos. Abrigo Tancredo Neves, Boa Vista, Roraima, Brasil, 2018



Um senhor de óculos escuros tinha urgência em desabafar a tristeza: Lamentavelmente nosso país está passando por uma situação crítica. Cheguei hoje e consegui permissão para ficar aqui. Minha mãe acaba de morrer. Não pude enterrá-la, não tive dinheiro. Meu irmão está deteriorado fisicamente, puro osso. Outro senhor se queixa: Chegamos fracos, os ossos visíveis. Levanta a camisa e mostra o ventre: O governo está deixando muita gente morrer de fome. Aqui ganhei três quilos. Os sete homens se calam, em choro silencioso.

Por fim, o primeiro senhor tenta animar-se: O tempo de Deus é perfeito até o final dos tempos! Isso disse Jesus. A cada dia me enamoro mais das palavras de Deus. Ganhei uma Bíblia e leio palavras santas. Aqui encontrei amor, gente mais que amiga, irmã. Agradeço. No princípio, desconfiei: o que querem de volta? Mas só nos dão, sem pedir nada em troca. Tirei fotos daquele instante e prosseguimos.

Havia mais para sentir, para ver. Foi espantoso entrar no ginásio, com a quadra de esporte coberta de barraquinhas individuais alinhadíssimas. Um estado de calma e melancolia cobria a tarde chuvosa. O ambiente ordenado e quieto pode fortalecer quem não tem casa para morar. Angelica comenta: No meio das manhãs e das tardes fica este clima; já no início do dia e de tardinha, o alojamento entra em ebulição.

Dois homens entram carregando um leque de vassouras coloridas que vendem pelas ruas. Para guardá-las, Angelica destranca o depósito onde os acolhidos armazenam com segurança o que não usam. Fotografo a cena. Ao se ver na foto, um vendedor observa: Engordei.

Mais adiante está uma esposa. Sem uma perna, do lado de fora de sua barraca foi colocada uma cadeira para se apoiar ao levantar-se do chão. Primeiro ela e o marido moraram em uma praça. Depois, no Latif Salomão, até serem transferidos para uma barraca coletiva do Tancredão, com mais casais. Mudados para duas barracas tipo iglus, ganharam privacidade. Independente e ativa, ela tece peças de crochê, que vende em locais públicos.

Finalizado o circuito, ouvimos um caminhão despejar brita fora do muro da entrada. Na pausa da chuva e sob o céu carregado, um animado vaivém de pás enche carrinhos de mão com pedrinhas cinza levadas para tampar poças d'água calçada afora. O tenente J. Lima observa: A manutenção é essencial, mas o Exército por si só não dá conta. Entra com a logística e o material através das ONGs, mas a mão de obra é dos



Acolhidos consertam a calçada. Abrigo Tancredo Neves, Boa Vista, Roraima, Brasil, 2018

venezuelanos. Tentamos orientá-los sobre a necessidade de limpar e manter a estrutura em boas condições. Tudo é para eles mesmos. Eu funciono como síndico. Ele alegra-se: Vejo o que é para ser feito e os chamo para trabalhar. Lógico, incentivamos aqueles que não gostam muito. Ao ver um arregaçar as mangas, os demais são atraídos por osmose. Estão ali dando um gás, mas são recompensados. Se trabalham, damos uma contrapartida. São os primeiros na linha para servir o jantar e, se sobrarem quentinhas, podem repetir. Isso atrai mais gente para ajudar da próxima vez. É divertido lá fora; eles brincam e lhes distribuímos suco e doce.

A pós-graduação do serviço humanitário da Fraternidade deu-se ali, em sua desafiante chegada meses após a abertura do Abrigo Tancredo Neves, chamado Tancredão.

A situação no entorno da rodoviária estava insustentável. Aglomerados em barracas improvisadas sob árvores ou ao relento, *criollos* e indígenas waraos e e'ñepás viviam em condições insalubres e à noite dormiam dentro do prédio. Inúmeros órgãos os ajudavam. Então, esses trezentos refugiados foram transferidos para o ginásio esportivo que se tornou horrendo e em quatro meses veio a abrigar quase mil *criollos*. Cerca de cem indígenas



Moradora de barraca exclusiva para casal. Abrigo Tancredo Neves, Boa Vista, Roraima, Brasil, 2018

passaram por ali, mas foram encaminhados pela Defesa Civil para o Abrigo Pintolândia, que se tornou exclusivo para eles.

Um ginásio não é construído para suportar tamanha população. As instalações sanitárias são precárias. A energia elétrica entrou em sobrecarga, o sistema de esgoto, em pane. No chão coberto de lixo, havia poças de lama sob barracos sórdidos e esgoto a céu aberto. Como cheirava mal! Com o portão aberto dia e noite, qualquer um entrava e saía a qualquer hora. O local tornou-se reduto de prostituição, de ações fora da lei, mas sabia-se que ali havia gente de bem acuada e com medo.

Desde o sábado em que venezuelanos foram transferidos, 28 de novembro de 2017, vários órgãos passaram a ajudar. A Fraternidade foi convidada a apoiar o ACNUR em ações pontuais, distribuir kits de higiene, cestas de alimentos, cadastrar crianças para matrículas escolares, acompanhar casos de saúde para atendimento médico na rede pública, entre outras.

A partir de março de 2018, responsabilizou-se com o ACNUR a ali estar de forma permanente. Clara, a primeira coordenadora, conta: Havia violação de todos os direitos. Recebemos denúncia de violência sexual, tráfico e uso de drogas, homicídio, todo tipo de agressão. Grupos que trabalham com refugiados, como a Pastoral e os jesuítas nos advertiam: "Não

entrem ali! Uma pastora evangélica foi ajudar, assumiu a cozinha, e recebeu ameaça de morte quando tentou organizar as filas".

Ainda assim, quatro missionários chegaram no espaço sujo e superlotado. Justo no momento em que entravam no ginásio, cruzaram com a polícia retirando os envolvidos numa briga. A força policial ficava ali. Uma semana depois, o Exército passou a estar presente dia e noite. Os quatro iniciaram o trabalho distribuindo cestas básicas recebidas da Embaixada do Canadá e material de limpeza.

Logo depois, as oitocentas e cinquenta pessoas vivendo nas piores condições foram cadastradas por três dias pelo ACNUR e por todos os membros da Fraternidade, inclusive os do escritório. Cada abrigado recebia sua carteirinha.

Um domingo foi o marco. Todos saíram para a rua, deram uma volta no quarteirão e reingressaram apresentando a identidade. A partir desse evento, terminou o entra e sai à vontade. Iam sendo educados, e quem não morava ali já não podia ingressar no abrigo.

Esses movimentos criaram uma aliança com as famílias aterrorizadas. Sem ter para aonde ir, faziam graves denúncias. Diz Clara: *Por causa deste meu jeitão*, *espalhou-se o boato de que eu era infiltrada do Exército. Isso foi positivo*, *no sentido de os abrigados olharem a Fraternidade com certo respeito*.

A ação missionária foi determinante, pois o Exército não pode dar a ordem, apenas executá-la. Explica Clara: Eu avisava ao militar responsável que todos de tal barraca deviam ser postos para fora porque foram pegos usando maconha. Ele cumpria a parte operacional. Diariamente fazíamos boletins de ocorrência, tirávamos drogas de barracas, mandávamos marginais embora. Com isso, outros, seguindo o caminho do desamor, preferiam retirar-se. Na saída, eles nos olhavam com expressões de ódio.

Quem são estes que ora abraçam, ora repreendem e expulsam segundo a lei de cada ação? Houve um casamento perfeito. A Fraternidade, com profunda energia maternal, e o Exército, paternal, uniam-se com o propósito de implantar normas grupais saudáveis. Protegíamos os moradores, Clara prossegue, porque marginais que queriam ficar faziam denúncias falsas contra certas famílias. Investigávamos com vizinhos e pedíamos: "Capitão, tenho uma missão para você. Foi feita a denúncia de tal barraca; por favor, investigue esta noite se é falsa ou verdadeira".

Aconteceu de tudo no primeiro mês. Uma semana antes de a Fraternidade assumir a tarefa cotidianamente, um rapaz muito querido pelos abrigados foi agredido com um pau na nuca. Caiu. Colocado em uma bicicleta, levaram-no para o hospital. Os missionários souberam do fato ao distribuir cestas de alimento às famílias. E que o agressor prosseguia ali.

Como lidar com esse tipo de situação de forma fraterna? Clara chamou o culpado até o contêiner da polícia: *Soubemos que houve um problema*. Ele disparou a se defender. Ela: *Não queremos saber quem está certo ou errado*. Houve uma agressão, e o rapaz está no hospital. Tomara que fique bom, mas você vai ter de ir embora. Se ele melhorar e disser que fizeram as pazes, poderá voltar. Sabia que isso não aconteceria, mas usava a diplomacia.

Durante a noite, o agressor reingressou pelo portão sempre aberto e ameaçou de morte quem julgava tê-lo denunciado, e nem eram aquelas pessoas. A situação estava séria, e Clara pediu para os policiais intervirem. Foi feito o boletim de ocorrência. Ele saiu algemado e nunca retornou nem foi preso, pois ninguém, dentre quem presenciou o ato de agressão, se dispôs a testemunhar, mesmo contando com o programa de proteção à testemunha e podendo fazer a denúncia anonimamente. Ninguém.

Nesse meio tempo, a mãe e a irmã do agredido chegaram da Venezuela. A Fraternidade ajudou-as com bolsa de alimento e algum dinheiro. Vinham diariamente dar notícia. O jovem faleceu um mês depois. A mãe chorava, e os missionários acompanharam essa dor fazendo o possível por ela, de chazinho de capim cidreira ao passo a passo do processo de liberação do corpo do hospital e a biopsia para enterrá-lo no domingo.

O cemitério fecharia às 17h, mas o coveiro se compadeceu da mãe que queria estar ao menos quinze minutos com o filho, e todos lá permaneceram até 17h30. A senhora queria justiça, fez denúncia no Brasil e na Venezuela. Caso o agressor cruze a fronteira, será preso lá, mas continua foragido. Os missionários proveram o melhor para aquele que desencarnou fazer uma boa passagem. Se a Fraternidade não estivesse ali, teria sido enterrado como indigente.

Isso ocorria durante a ebulição para elevar a energia do Tancredo Neves. O Exército determinara uma operação de limpeza e a reforma geral do abrigo. A estratégia era esvaziá-lo totalmente e, após renovado, nele reingressarem os mesmos moradores. O movimento coincidiu com o primeiro voo de interiorização, tendo dali partido cento e poucos abrigados.

Por dias, cada alojado foi sendo registrado e instruído a levar seus pertences consigo para um estádio de futebol a um quarteirão de distância, onde aguardariam três dias e duas noites até serem buscados de volta. O que fosse deixado para trás seria encaminhado para queima. Sobrou uma horrível favela de papelão e plástico, de onde foram retirados vinte e três caminhões de lixo. O período de translado gerou imensa confusão interna, medo de não poderem retornar. Contudo, a ansiedade foi sumindo ao constatarem que o prometido era verdadeiro. No intervalo teriam alimento e onde se alojar.

Grande força obscura ocupava o abrigo. As chuvas se tornaram parceiras para apagar velhas pegadas e purificar o plano etérico. No dia anterior à operação, o céu estava limpo. No correr da última reunião na brigada para os acertos finais, ouviram-se trovões e desabou um violento temporal. Caso prosseguisse, a operação teria de ser adiada. Porém, logo sorriram ao ver o sol dourando gotículas, e tudo transcorreu como planejado. Um meteorologista do Exército comentou que, além de a intempérie ser fora de época, foi a maior, em décadas, para aquele mês.

Na manhã seguinte, esvaziado o ginásio esportivo, a engenharia do Exército entrou para solucionar o caos. Impressionante a rapidez com que instalou nova forma de vida em um ambiente sub-humano. Os militares desinfestaram, lavaram tudo três vezes, converteram banheiros em salas de depósito, eliminaram a cozinha, pintaram o ginásio, levantaram o piso da área externa com areia e brita para evitar poças, esticaram fios, instalaram tomadas para carregar celulares, reformaram a parte hidráulica, construíram os banheiros, a lavanderia, criaram áreas comuns e tomaram outras providências.

Ao mesmo tempo, os missionários lançaram-se a dias de intenso esforço. Saíam de casa às cinco e meia da manhã e retornavam à meia noite ou mais tarde, por vezes sem almoçar. Ficaram exaustos, mas enxergaram o resultado: *Trabalhamos demais, demais, mas valeu a pena, foi lindo ajudar a dissolver o sofrimento deles!* Finalizada a obra, os venezuelanos começaram a retornar nos primeiros raios de um amanhecer. Cada saco, embrulho e mala eram minuciosamente revistados para não entrarem com bebida alcoólica, drogas. Foram confiscadas armas, facas grandes, espada. Os desabrigados haviam saído de um local horrendo e voltavam para o inimaginável. Olhavam perplexos, os olhos brilhando. Angelica sorri: *Faziam expressões de espanto, sem crer no que viam: barracas*

perfeitamente alinhadas, limpas. Clara acrescenta: Que emoção dar dignidade a estas pessoas!

Com o ritmo básico estabelecido, o ambiente ficou tranquilo. Agora, as almas poderiam repousar. Hoje, os moradores vivem limpos, alimentados e colaboram na manutenção de sua grande casa. Muitos casais recebem duas barracas individuais, chamadas iglus, com portas voltadas para a do par. Têm autorização para colocar seus objetos em uma e estar juntos na outra, se assim desejarem. Um está contentíssimo. O marido mora no refúgio há três meses, mas como a esposa imigrou depois dele, entrou na fila de espera. Acaba de chegar. Ligaram seus iglus com um tapete, símbolo de união e aconchego do lar provisório.

Determinado a conseguir emprego para ajudar a família, um senhor de setenta e três anos veio de El Tigre pedalando a bicicleta durante dezenove dias. Onde parasse, pedia água, ganhava comida. Não consegue trabalho, mas está grato por ter a fome saciada. Repete a própria história: *Meu filho está há um mês em outro abrigo; fez trinta e dois anos, e a Fraternidade me conseguiu uns doces para eu lhe dar de presente de aniversário.*

Certos órgãos e certos moradores do estado afirmam, raivosos, que os venezuelanos são todos iguais e não merecem apoio. O preconceito xenofóbico é difícil de transcender. Alguns até creem que a Fraternidade os ajuda por receber alto pagamento da ONU. Poucos conseguem compreender que os missionários doam a si mesmos, sem receber pagamento em troca.

Por outro lado, para equilibrar a balança do amor-ódio, há roraimenses de compaixão. Uma paramédica foi contratada após trabalhar dois meses como voluntária da Fraternidade. Diz que abrigados ficam retraídos, fragilizados ou indecisos em procurar a equipe de saúde: Para atrair pacientes, fazemos uma busca ativa pelos abrigos, damos apoio fraterno, atenção. Uns chegam ao contêiner com a desculpa de dor de cabeça mas, depois de uma boa conversa, esqueceram-na. Outros estão em depressão por terem estudado e não conseguir empregos para se expressar.

Os enfermeiros fazem a triagem do grau de necessidade de cada paciente e transferem os casos de apoio psicológico ou médico para serem

Abrigo Tancredo Neves, Boa Vista, Roraima, Brasil, 2018







atendidos por equipes médicas das Forças Armadas e da Secretaria Especial de Saúde Indígena, SESAI. Acompanham internações e o controle de diabéticos, hipertensos, grávidas e de vacinas para efeitos do programa de interiorização – rubéola, caxumba, sarampo, controle de hepatite B, composto de vitaminas para reforçar a imunidade.

Quando estudava na Venezuela, uma enfermeira de Boa Vista ia e vinha de barco da ilha Margarita. Nas viagens, a brasileira conheceu uma jovem venezuelana que trabalhava no ferry. Assim que a enfermeira retornou para casa, pressionada pela situação do país vizinho, ofereceu-se como voluntária da Fraternidade. Certo dia, foi com missionários a uma praça levar doações e lá reconheceu a jovem do ferry com dois filhinhos, bem magros. Seus olhos marejam ao se lembrar: Foi chocante, viviam bem, comiam à vontade... Minha mãe e minha avó aceitaram os três para morar conosco, conseguiram matricular as crianças na escola e ajudar a jovem a tirar documentos.

Milhares de migrantes venezuelanos experimentam a materialização da irmandade viva, real. Algo invisível e profundo impactou centenas dos que presenciaram a tarefa de melhoramento do refúgio. O vórtice energético se elevou, um novo visual e cerimonial foram implantados, e o abrigo tornou-se modelo.

Conclui Clara: Até para a alma de Tancredo Neves, presidente brasileiro que desencarnou antes de assumir o posto, prestamos um serviço. Imagine alguém morrer e ficar com o nome ligado a tanta coisa errada. Deve ter encontrado alívio com a nova realidade.

O exemplo de quem se doa silenciosamente imprime altruísmo em quem é servido. Acontece uma química oculta durante as atividades cotidianas, que leva à superação do nacionalismo e da separatividade.

Abrigo Nova Canaã

Como ficar em paz agora? Fazendo as pazes com o momento presente. Este momento é o campo em que o jogo da vida acontece. Não vivemos a vida, é ela que nos vive. A vida é a dançarina, e nós, a dança. O Despertar de uma Nova Consciência, de Eckhart Tolle

Em Roraima tudo é galopante, afirmam missionários, e acrescentam: O trabalho é forte, o amor é forte, o crescimento é forte, a dor é forte, tudo no mesmo grau. Acima da linha imaginária do Equador, o sol arde mais. Porém, uma sombra obscureceu o povo caribenho. Pleno de energia, o venezuelano foi posto em prova pela lei do carma. O que fez no passado para estar passando por isso? O que precisará aprender?

Organizações nacionais e internacionais unem-se em rede para suprir a carência. Cada qual contribui para os vizinhos transporem obstáculos materiais e psíquicos. A Fraternidade cuida de assuntos práticos, porém, seu foco são as almas. Todas as ações ficam nelas registradas, e por elas os missionários estão ali.

Observam características do povo turbulento, vindas à tona durante o stress gerado por perdas e incertezas. Um missionário colombiano constata: O clima tropical influi no temperamento. Embora tragam o medo de quem foge, a angústia dos sem esperança, os venezuelanos carregam em si um modo de ser vibrante. Eles se mantêm acesos, mas precisam encontrar o equilíbrio básico para superar traços negativos. Acredito que o principal é manterem as almas ensolaradas. Na Grécia vimos olhares turvos voltados para o chão, almas se apagando.

Por meio da Força-Tarefa Logística Humanitária, foi implantado o abrigo Centro de Recepção, mais conhecido por Nova Canaã, nome do bairro onde se situa. Em três dias, o Exército Brasileiro preparou a infraestrutura e a terraplanagem, antes de instalar contêineres com banheiros e chuveiros e as barracas do ACNUR vindas da Dinamarca, de material

leve e janelas com mosquiteiro. Em frente às barracas, foi reformada a construção com dois corredores em forma de L. Deles saem salas que vieram a ser usadas como escritório, cozinha, lavanderia, depósitos de itens alimentícios e de produtos de higiene e limpeza. Há salas de artes, artesanato, aulas de português e espanhol e uma destinada a costureiras. Em outra se fazem papinhas e mamadeiras para crianças até dois anos, pois não se alimentam das marmitas trazidas pelo Exército. Enfermeiros da Fraternidade e médicos do Exército atendem em um consultório.

Após terminar de pintar as paredes de branco e as portas e janelas de verde, o Exército partiu para uma ação humanitária junto ao ACNUR. Contaram com o apoio do Centro de Referência de Assistência Social São Francisco, da Polícia Militar, do Detran, da Guarda Municipal, da Secretaria Municipal de Gestão Social e da Fraternidade.

Foi assim que, no alvorecer de uma terça-feira, uma ação-surpresa, como sempre é feita, retirou seiscentos venezuelanos da praça Capitão Clóvis, das mais antigas praças de Boa Vista e mais alguns da praça Simão Bolívar. Ignoravam para onde iriam. Tomaram o café da manhã doado pelo Exército, antes de serem transferidos em ônibus para o Posto de Triagem do Palácio Latif Salomão, no centro da cidade, onde passaram a noite.

Ali foram imunizados, cadastrados e, após ser definido em que abrigo morariam, ganharam a carteirinha de acesso a ele. Como na praça havia muitas famílias com filhos, ficou definido que o Nova Canaã seria para sessenta e cinco núcleos familiares, com trezentos e cinquenta pessoas. A quantidade de jovens grávidas chegando ao Brasil é surpreendente.

Quando os refugiados cruzaram o portão de ingresso do abrigo controlado por militares atentos, foram recebidos pela Fraternidade. Na área cercada por muros, depararam-se com sessenta e oito barracas brancas perfeitamente alinhadas. Com dois cômodos cada uma, famílias de até quatro pessoas que não se conheciam vivem lado a lado. Ainda assim, surge-lhes o vislumbre de um cotidiano mais amável.

Marcados por penosa jornada entre suas casas venezuelanas e as praças, pela insegurança e por chuvaradas que inundaram o que possuíam, os recém-abrigados ainda vivenciaram três mudanças em vinte e quatro

Migrante recebe oferta de interiorização, destino voluntário para outros estados do Brasil. Abrigo Nova Canaã, Boa Vista, Roraima, Brasil, maio de 2018



horas. Estavam zonzos quando, na segunda noite, sofreram outra tormenta na madrugada. Em algumas barracas a água chegou à metade das pernas, encharcando pertences e documentos.

No outro dia, o Exército trouxe tratores e subiu o nível do solo, enquanto acolhidos levavam carrinhos de mão cheios de brita de lá para cá. Dedicaram-se com afinco a manter o local em ordem e também escavaram valas para evitar novos alagamentos. Foi avisado que ainda chegariam tendas, overlays, para proteger as barracas de chuvas, da incidência de raios solares e para diminuir o calor dentro delas.

Passados dias, entraram mais cinco famílias no Nova Canaã. Como sempre, os missionários levaram-nas até as barracas, deram-lhes colchonetes e kits de higiene pessoal e limpeza. Horas depois, uma delas - marido, esposa e dois filhos pequenos - jogou o que havia ganhado pelo muro e foi embora. Os pais haviam perdido a noção de responsabilidade. Tudo, no abrigo, precisa ser guardado, trancado, para não desaparecer.

Diz a coordenadora: São esses os seres humanos que temos de amar sem medida. Devemos ser corretos, justos, passar-lhes padrões de conduta, não calar se vemos uma atitude errada, pois a não ação é uma ação contrária. Há necessidade de colocar-lhes limites. Essa é uma função dos coordenadores e, segundo cada personalidade, de cada missionário. Às vezes é difícil e entramos em crise existencial.

Aquela família fugiumas a vida enviou outra - pai, mãe, cinco filhos, a menor em grave desnutrição. Estavam imundos dos pés às cabeças. A surpresa da mãe ao ganhar os kits foi tocante. Olhava os sabonetes, incrédula: É um para cada? Olhava a barraca com sete colchonetes, perplexa: Vamos ficar sozinhos aqui?

Assim que chegam, às 8h, cada missionário segue para sua tarefa. Dois vão distribuir o desjejum com o Exército - achocolatado, doce, pão, fruta. Mais tarde servem o almoço e o jantar. Mal chega no escritório, a coordenadora recebe notícias da noite: drogas, roubos.

Para evitar discussões na fila, tipo eu cheguei primeiro; não, fui eu!, combinou-se que apenas um membro de cada família iria pegar alimento para os demais. Primeiro o familiar passa por uma mesa de controle onde um missionário checa seu documento com o número da barraca e pega



Abrigado observa a chuva cair. Abrigo Nova Canaã, Boa Vista, Roraima, Brasil, maio de 2018

a página de um carnê referente àquele dia. Só então o libera para pegar as devidas porções. Passada uma semana, os abrigados enganavam os missionários. Iam ao escritório dizendo ter perdido o carnê. Em confiança, ganhavam um novo carnê escrito segunda via. Descobriram a fraude quando começaram a faltar marmitas; pegavam-nas duas vezes! Tiravam as carnes e jogavam o restante do alimento fora. Em uma ação surpresa, foram pegos todos os carnês e postos sobre a mesa. Vários estavam duplicados. Depois disso, mudou-se o método de controle para o de carteiras plastificadas, mais difíceis de serem reproduzidas.

Antes do desjejum, a coordenadora pega o microfone e dá um recado ao grupo que aguarda atrás da corda: Quem já ouviu falar do UNICEF? Ninguém? É o órgão das Nações Unidas que cuida de crianças. Neste sábado, estará aqui para jogos e brincadeiras. Vamos inaugurar o Espaço Amigo da Criança. Virão crianças indígenas da escolinha do Abrigo Pintolândia. Assim todos "los niños" podem interagir. Nossa ideia "és que, nosotros," venezuelanos e brasileiros, não tenhamos fronteiras. Criança é criança, não importa se é indígena ou criolla. Vamos brincar e aprender a conviver juntos. Clara disse mais: Se alguém aqui quiser trabalhar com crianças, venha reunir-se comigo. Expressões, sobretudo femininas, alegram-se. Alguns aderem à proposta e levantam as mãos.

Clara acolhe com bom humor quem vai chegando meio desconfiado. Brinca, e todos se animam, riem. Sentam-se em círculo. No intuito de montar o quadro de professores da escola infantil do abrigo, ela faz uma introdução antes de cada pretendente se apresentar: Queremos que os talentos e as capacidades de cada abrigado sejam colocados em prática. Que vocês transformem este abrigo em uma grande casa. Claro, como em toda família, há problemas, um irmão briga com outro; mas isso passa. No geral, precisamos estar unidos! Vamos mostrar às crianças que aqui é sua casa. Lágrimas rolam em uma jovem face.

A descontração vai tomando conta da roda. Os presentes se manifestam. Já deram aula de Ciência, Matemática, Línguas, Desenho, Educação Física. Uma professora universitária afirma: Estamos aqui para nos ajudar entre nós. Sentem-se irmanados. Alguns anseiam por falar, ser ouvidos e valorizados pelos trinta em torno. Clara explica-lhes: O UNICEF irá capacitar voluntários monitores em um curso na UFRR. Vamos dar um treinamento geral para os adultos ficarem atentos para crianças não se machucarem.

A cabeleireira está convidada a montar um salão, cortar cabelos e fazer lindos penteados. Ninguém pode cobrar, mas trabalhar como voluntário, sim. A senhora que trouxe uma máquina de costura ficará na sala das costureiras. A especialista em festas de aniversário planejará comemorações mensais para as crianças aniversariantes. Por favor, depois nos passe a lista de enfeites do salão, prossegue Clara.

Enfim, Clara acrescenta: Vamos ajudar as crianças a não perderem o aprendizado anterior. As escolas de Boa Vista estão lotadas, mas devemos ensinálas aqui. O Exército instalou uma TV no salão, e os professores podem solicitar filmes para ver com os alunos. Alguns passam mensagens positivas, são ótimos para ser vistos em família. Temos de resolver juntos a programação, para não haver risco de as crianças lutarem entre si imitando o que viram na televisão. Precisamos estar despertos, estar de olhos bem abertos, analisando o que mostrar a nossos filhos. Vocês podem sugerir o que os adultos querem ver. Novela brasileira não, por favor! Ensinam tudo ao contrário do que deveria ser! Riem novamente. Não vamos proibir, vocês resolvem a que assistir, mas observem que princípios estão por trás das cenas!

A esperança ressurge: *Para adultos que quiserem prosseguir os estudos, há um caminho. Não é fácil, mas é possível revalidar o diploma universitário.* Terminada a reunião, todos estão animados. Clara avisa-os para irem ao escritório pegar uma folha de papel A4 e uma caneta para cada um escrever



Desjejum no Abrigo Nova Canaã, Boa Vista, Roraima, Brasil, maio de 2018

seu projeto para o estudo infantil. Vindos de um país que os excluiu, chegam massacrados. O poder de construir algo, de colaborar, reacende a faísca do trabalho. Voltam a confiar em si mesmos como cidadãos e a fortalecer aspectos positivos. Ninguém é feliz só com comida e colchão, condição mínima para estar no planeta, ela completa.

A lei do eterno retorno incidindo sobre este povo traz-lhe a oportunidade de amadurecer. O carma tanto pode ser familiar quanto coletivo, nacional ou mundial. Almas venezuelanas escolheram a tensão extrema para recuperar qualidades e crescer como grupo. Em verdade, pedem socorro para se definir pelo caminho do amor. São chamadas a dar passos para reverter tendências negativas arraigadas.

A vida coloca venezuelanos diante de órgãos humanitários nos quais podem encontrar novas referências, valores altruístas para que aprendam a ser generosos, a enxergar e a servir o próximo. Estimulados a expressar suas qualidades, os abrigados devem respeitar regras grupais que assegurem a paz coletiva. Recebem educação básica sobre comportamento, ordem, limpeza, vida comunitária.



Cadastramento. Abrigo Nova Canaã, Boa Vista, Roraima, maio de 2018

Por não poderem tomar certas decisões pessoais, alguns abrigados sentem estar perdendo o livre-arbítrio. Isso os irrita e contraria. Insatisfeitos, revoltam-se contra quem os faz sentir não serem únicos. Os egos sequer conseguem aceitar o que lhes faz bem, porque algo não foi escolhido por eles próprios. Alguns reclamam sem parar, dizendo que estão sendo maltratados. Sentem-se profundamente vazios, e nada os preenche.

Aproximam-se impondo. Comentários irônicos instigam conflitos no ambiente, o que torna as tarefas mais pesadas. Por exemplo, ao ser feita uma distribuição de leite e fraldas, ficam zangados exigindo certa marca. Estão no fundo do poço e mantêm a arrogância. Inúmeros perderam a ética, a empatia. Estão emocionalmente enfermos, até mesmo no sentido moral: mentem, enganam. Pensam apenas em si e não enxergam o todo.

Outra questão usual é a impetuosidade. Enquanto missionários atendem alguém, um ansioso interrompe: É só uma perguntinha. Repetidamente explicam de um em um: No Brasil não é assim, quem chega depois espera quem está na frente terminar. Alguém está morrendo em sua barraca, alguém se machucou, uma criança está nascendo? Não? Então, aguarde.

Diversos estão perdidos na promiscuidade. Um marido teve de ser mandado embora. Saíra do lado da esposa para ficar com outra. Furiosa, a





Missionários e abrigados. Abrigo Nova Canaã, Boa Vista, Roraima, maio de 2018

recém-casada o feriu superficialmente com uma faca e só não foi afastada por ter um bebê.

Mães deixam o filho sozinho em banheiros. Ele suja o chão; elas chegam, pegam a criança, não limpam, e saem. E largam fraldas em qualquer lugar do abrigo.

No Abrigo Tancredo Neves, mulheres tomavam banho e andavam cinquenta metros enroladinhas em uma toalha pequena no meio de trezentos e cinquenta homens, quase todos solteiros. Era preciso chamá-las para explicar que não podiam fazer aquilo. Na fila para tomar o café da manhã, iam de camisola transparente. Clara lhes perguntava: Hermana, isso é roupa íntima? Riam. Não pode tomar desjejum assim, precisa ir trocar de roupa. Não deem alimento para ela. Devagarinho, após fazer isso com três, elas compreenderam.

Durante as provas cotidianas, em menos de meia hora acontecem dois casos expressivos. Clara repete para um descontente: *Precisam aprender a compartilhar com outros venezuelanos*. Daí a pouco, explica para uma jovem que, sem avisar à coordenação, foi morar sozinha em uma barraca após discutir com os pais: *Estamos recebendo muitos pedidos de quem está nas ruas com crianças de meses, nesta chuva, e você está ocupando*

o espaço de uma família. A jovem não se comove, sai irritada, o rosto deformado pela raiva, dizendo que irá embora. Reações grosseiras são comuns. A maioria cai em si e fica. Logo a coordenadora dá novo recado no microfone: Por favor, devolvam os cestos de lixo que pegaram dos banheiros, senão todas as barracas serão revistadas.

Há quem se pergunte o que viria à tona no povo brasileiro e no de outras nações caso estivessem passando por conjunturas semelhantes. Diz uma monja missionária: No corpo a corpo do serviço humanitário em Roraima, sentimos estar expandindo-nos. Ao ver a dificuldade do outro, crescemos em consciência, isso nos leva a rever nossas próprias atitudes. Acabamos descobrindo que cometemos os mesmos erros, apenas em grau menor.

Quase no final da manhã, a coordenadora recebe um telefonema e segue para dar mais um aviso geral no microfone: Casais sem filhos interessados em ser levados para outras capitais do Brasil podem procurar-me agora em frente ao escritório. De imediato, ela é cercada por rostos tensos, olhos questionadores sobre um possível futuro. Um alívio aceitarem a interiorização; assim esvaziam o estado.

Os missionários servem o almoço e em seguida entram no automóvel para irem alimentar-se no Núcleo-Luz Sagrado Tepui de Roraima. Riem lembrando-se de um querido bombeiro do bem que conheceram em outro abrigo. No Nova Canaã encontraram um militar semelhante. Ele começa falando com toda severidade com o abrigado que comete um delito mas vai amenizando o tom: *Bem, podemos repensar...* Depois chama a coordenadora à parte, compassivo: *Quem sabe é melhor não mandar o fulano embora...*







O serviço aproxima

Diante do que se passa com os demais, evitar que a vibração da curiosidade, oposta à da caridade, molde nosso discernimento e nos conduza às vias do julgamento, dos comentários, da condenação.

Silêncio, Ó Amado Silêncio, de Frei Luciano

Em tempos sofridos, grupos humanitários unem esforços para construir a paz entre homens e povos. Quando alcançam cooperação mútua integrada e harmoniosa, semeiam amor, ordem.

Boa Vista foi palco de atores de uma ação humanitária envolvendo oitocentos e setenta e sete imigrantes da Venezuela e mais de quatrocentos servidores. A nota que os uniu foi o serviço fraterno.

Com os abrigos locais superlotados, venezuelanos maltratados pela jornada dura viveram meses na praça Simón Bolívar, nome do líder que levou seu país à independência. Aglomerados sob copas de árvores antigas, armavam barracas de *camping* ou as improvisavam com plásticos azuis e pretos, dormiam a céu aberto, em redes ou sobre papelões. Com a chegada de intempéries, corriam para baixo de quiosques. Uns tinham febre, outros asma.

Habituados a morar em lares e a ter seu trabalho, a vida em praças é inquietante e repercute no corpo emocional. Ao ar livre, cozinham em fogareiros à lenha, vendem café da manhã, comercializam produtos, cortam cabelos, consertam sapatos. O estar nas ruas fragiliza e abala consciências e pode incitar desvios. Incansavelmente buscam emprego.

Em dado momento, a praça foi cercada por tapumes, o que dificultou receber as já escassas doações de alimento. Então viram *drones* sobrevoá-los, mas não sabiam que eram monitorados pelo Exército, que estudava o número de moradores a ser deslocados em breve – de oitocentos a mil. Num domingo, às três da manhã, foram surpreendidos. Soldados isolavam e dividiam a praça redonda em quadrantes. Estaria desocupada

em horas. Iniciava-se o primeiro passo de uma ação coordenada em conjunto, com maestria, pelo Exército Brasileiro e o ACNUR. A equipe de militares, apoiada pela Guarda Civil Municipal, instalava quarenta banheiros químicos. Três ônibus iam estacionando para a transferência dos moradores e três ambulâncias para emergências.

Para cada imigrante era servido pão com manteiga, achocolatado, maçã e biscoito. Alimentados, foram sendo retirados por etapas. Primeiro, as famílias, por ordem do quadrante um, dois, três e quatro. Depois, mulheres e crianças. Por fim, os homens.

Os militares revistavam bagagens, item por item. Os pertences eram embalados e identificados em frente a seus donos, para lhes serem entregues mais tarde. Uma parte ia para o lixo, tipo armas brancas, brinquedos imitando revólveres, colchões velhos e sujos. Antes de os venezuelanos embarcarem, a equipe de humanização da Secretaria Municipal de Gestão Social punha uma pulseirinha de identificação no pulso de cada um.

A coreografia precisa, regida por admirável logística, prosseguia ao entrarem no abrigo temporário Latif Salomão. O fluxo humano percorria um circuito de acolhimento, passando em fila por mesas dispostas sob uma estrutura de tenda.

Servidores da prefeitura o recepcionavam, checavam cartões de vacina, documentos e preenchiam um questionário sobre como cada pessoa planejava o próprio futuro. Caso não estivesse com vacinas em dia, era atendida pela equipe da imunização. Logo depois, a fila movia-se até os agentes do ACNUR, que tiravam o retrato de cada acolhido e, na hora, imprimiam e plastificavam sua carteira com dados básicos e o nome do abrigo onde se hospedaria.

O espaço fora devidamente ordenado com banheiros químicos, água filtrada, assentos em linha. O Exército, que supre todos os abrigos com três refeições diárias, a certa altura distribuiu lanches para quem estava chegando da praça e almoço para os quase quinhentos imigrantes que se instalayam no Latif Salomão.

Após ganhar a carteirinha, a Fraternidade os encaminhava de um em um. Ali presente, Frei Luciano, gestor geral dos missionários, diz: *Nossa pauta é o apoio a necessitados, não é religião*. Vestidos com hábitos compridos brancos e castanhos, os monges arregaçam as mangas e empenham-se tanto quanto os missionários para cumprir com as orientações

repassadas por coordenadores do ACNUR, um órgão laico. O serviço dissolve barreiras. No correr do dia, uma química acontece. Ninguém os distingue ou exclui devido às vestes.

A Fraternidade conduzia cada venezuelano. Uns até a sala de espera, aqueles que pegariam o ônibus ou vans para os respectivos destinos. Famílias iam para os abrigos Nova Canaã ou Jardim Floresta. Para o Santa Teresa, aberto naquele dia, seguiam somente homens solteiros. Cada imigrante levava sua bagagem. No destino, eram aguardados por outras equipes da Fraternidade. Tudo fluía em paz.

Para quem ficava no Latif Salomão, os missionários distribuíam kits de higiene e os acompanhavam até as barracas ou as camas beliches, mostrando-lhe os sanitários, a lavanderia, a sala de televisão.

Iam conversando um pouco, a salientar algo positivo. No curto contato direto em que era acolhido com respeito e serenidade, desarmava-se o código de reclamações e críticas, e nele ocorria um choque de valores: Começam a ver que existem outras coisas na vida, a igualdade, o doar sem esperar nada em troca. Não querer nada, nada deles, nem que sejam do nosso grupo, nem que orem em troca, traz-lhes uma inquietude positiva. Afinal, quem são esses que ajudam sem nada pedir, que acolhem mesmo se ofendidos? Que é isso assim tão voluntário? Esse é o trabalho no "front", sem mistérios, que transcorre de forma impessoal e bondosa, completa Frei Luciano.

Aqueles indivíduos entram pela fronteira tateando na penumbra, carentes de amor e precisando de cura. Trazem desespero, medo e incertezas nas auras e no mundo interno. A maioria carrega ódio, rancor. Além de embates pessoais, neles se fixa o que ocorre em seu país de origem.

Naquele domingo, os venezuelanos percorreram uma corrente compassiva de servidores humanitários. A princípio, demonstravam a velha desconfiança que habita entre os homens, a qual ia sendo desarmada durante a assistência educada e permanente: o alimento, a vacina para evitar doenças e epidemias, o ser olhado nos olhos, pequenos diálogos e sorrisos, ganhar um toque de mãos, um kit, um teto.

Tudo tem prós e contras. Na praça, se chove, alaga, mas comem o que querem, dormem onde querem. Nos abrigos há alimento provido pelo Exército, mas precisam seguir normas. Por exemplo, os portões abrem e fecham com horários fixos.

Ao final da operação, os servidores batiam palmas comemorando: *Praça vazia! Praça vazia!*

Após o desmonte da recepção, os militares varreram imediatamente o espaço. O ambiente ficou limpo, alinhado, como se nada houvesse acontecido ali. *Um espetáculo*! Exclama a missionária Shen, encantada. No início do dia, achavam que iriam varar noite adentro com a desocupação da praça; porém, às cinco da tarde, todos os venezuelanos haviam sido encaminhados.

No percurso de volta para as casas, rodando por avenidas e ruas dominicais, os missionários iam tomando consciência do desenrolar do trabalho. Sentiram-se felizes por ser brasileiros e foram unânimes ao declarar: *O Brasil está de parabéns*. Estavam gratos e plenificados.

A meta da prática fraterna é profunda, interna e visa ampliar o amor de quem serve e o de quem é servido. Com maior ou menor sentimento de irmandade, mil e trezentos seres humanos estiveram envolvidos no processo, cada qual com seu papel e sua lição a aprender. O resultado demonstra que o planeta peregrina para um novo ciclo, gestado na unidade entre entidades e corações em prol de necessitados.

Há décadas vem sendo profetizado que o Brasil será o celeiro de uma nova humanidade, pacífica, elevada. A experiência uniu nações, impulsionando o florescimento da compreensão entre os homens.

Mediadores e pacificadores

A brisa fria das serras, teu canto lendas de ouro, diamante brilhando ao sol, gloriosa Pacaraima, meu lar, futuro, meu chão. Anjos voam nos céus revelando mil segredos do Universo. És estrela em turva noite a iluminar a fronteira. Venezuela tão linda, querida irmã; nações unidas em um só canto, juntas num só coração. Canção dos Canarinhos Embaixadores da Paz de Míriam Blos

Trinta voluntários do Sudeste, Nordeste e Norte brasileiro, com o lema *Só o amor pode curar a dor* soando em si, aterrissaram em Boa Vista. Desde a manhã da chegada, empenharam-se em aliviar a fome de indígenas e *criollos* acampados em uma feira pública. Estabeleceram um ritmo de oferta de alimento e outros serviços. Passados quatro dias, deslocaram-se até Pacaraima para compreender o cenário da principal porta de entrada do êxodo venezuelano e apresentar-se ao Poder Público.

Os missionários saudaram os waraos em situação de rua. Suas mãos lhes doaram amor, caridade, roupas, frutas e mantimentos. Desde o primeiro contato, nasceu-lhes a aspiração de que pudessem contar com uma base da Fraternidade em Pacaraima. Durante aquela visita, foram convidados a participar de uma reunião no salão paroquial com entidades governamentais e religiosas, que refletiam sobre como colaborar com o crescente número de ingressantes.

Grupos missionários continuaram a ir e vir estreitar vínculos com indígenas. A cada vez, viam maior número de viajantes silenciosos de toda idade e camada social. Entre malas, caixas, bolsas e sacolas, aguardavam o futuro sob marquises de lojas ou sentados pelo chão da rodoviária lotada. Tendo perdido o passado, sem o que fazer e sem saber se um dia retornarão à pátria, o desespero corre entre os passos fugindo da escuridão. Em uma rua de terra paralela à estrada que une as duas nações, alguns cozinhavam em uma fogueira ao lado de um ônibus abandonado.

Chamados para mais reuniões, em uma, o prefeito questionou diante da comissão oficial da Presidência da República, vinda de Brasília: *Quando*

a Fraternidade virá para cá? Precisamos de um grupo como o de vocês. Faltava-lhes quem aceitasse amar os povos originários como irmãos. A resposta ficou no ar e tornou-se real quando a FFHI firmou o termo de cooperação com a ONU. Existia a verba, a planta arquitetônica de um abrigo exclusivo para duzentos indígenas, denominado Casa de Passagem e, em breve, a estrutura do galpão, uma antiga vidraçaria, seria adequada a padrões mínimos de emergência utilizados pelo ACNUR.

O trabalho humanitário fornece abrigo, alimento, saúde, mas é diferente do serviço humanitário. Explica um missionário: Podemos dar comida, matar a fome, aliviar a dor, mas como o amor surge em tudo isso? O amor se aprende na convivência diária. A parte mais bela de uma missão é conhecer pessoas. Algumas situações requerem nossa presença por causa desses laços. Somos pacificadores, mediadores entre refugiados e organizações.

Da Cordilheira Pacaraima sobe um dos picos mais altos do Brasil, o Monte Roraima, formação da era pré-cambriana que deu nome ao estado. A palavra se origina do idioma indígena pemon e significa monte verde azulado – *roro-imã*. Entre serras frescas cobertas de árvores, a cidade de Pacaraima era considerada por habitantes da capital um relaxante ambiente de férias e fins de semana. Turistas também vinham com a intenção de fazer compras na Venezuela.

Doze mil pacaraimenses viviam tranquilos na cidade apelidada Polo Norte de Roraima devido ao clima tropical chuvoso. Até que dez, quarenta vizinhos ao dia começaram a se refugiar nela a partir de 2015, com tudo o que isso implica: questões de saúde, saneamento, segurança, educação. Passados três anos, a cidade decretou estado de calamidade pública. Centenas de refugiados alojam-se em um condomínio abandonado ou em um palco de festas protegido por plásticos pretos balançando ao vento, a metros da fileira de marcos caiados de branco a perder de vista, que delimita os dois países. Do palco avista-se o posto da fronteira e, diluído entre brumas do horizonte, o sagrado tepui Roraima em forma de mesa. Uma viatura da polícia chega distribuindo alimento. Dali de dentro começam a sair dezenas de pessoas, jovens mães, crianças.

A partir de outubro de 2017, dois missionários percorriam as ruas para se aproximarem de indígenas. Aguardavam a reforma da estrutura básica do abrigo exclusivo para os nativos. Nos primeiros dias, alojaram-se na



Venezuelanos recém-chegados aguardam debaixo de marquise. Pacaraima, Roraima, Brasil, 2018

casa do padre espanhol Jesus, que, desde o início da imigração, oferece desjejum diário na paróquia às cinco da manhã. Ali o ajudavam a servir quatrocentos refugiados, número que dobrou em seis meses. O padre dá assistência religiosa a waraos, evangelizados e apoiados por missões católicas no estado Delta Amacuro, de onde provêm.

Dias depois chegaram mais dois missionários da Fraternidade. Até alugarem uma casa, instalaram-se em um hotel próximo a um assentamento warao de calçada. Puseram-se a avaliar questões de saúde e iam fotografando enfermidades de pele advindas das condições de sujeira de onde dormiam e cozinhavam, o que deixava passantes constrangidos. Levavam as fotos para serem analisadas pela Secretaria de Saúde, que daria início a vacinações e atendimentos primários de emergência.

A vida da cidade havia-se alterado velozmente. Centenas de venezuelanos transitavam por ela e cresciam os índices de criminalidade, de roubos, e houve um assassinato. Pacaraimenses ressentidos estavam desfavoráveis à ajuda humanitária. Interpelavam-nos nas ruas, no comércio, achando que vínhamos ganhar dinheiro e não atendíamos necessidades de brasileiros, diz Imer, o primeiro coordenador do grupo. A queixa era a primeira voz. Reclamavam que os refugiados geravam lixo em área pública, usavam

bebida alcoólica. Os missionários os escutavam e tentavam pacificá-los: Sim, a situação é realmente crítica – crianças pedem nas ruas, a prostituição aumenta, há questões de saúde, mas... Durante o diálogo, os moradores iam compadecendo-se da dura realidade dos vizinhos. À medida que foram conhecendo a ação missionária, vieram a aceitá-la: Viemos colaborar apenas com o lado humano, não entramos em questões políticas. Viemos buscar soluções para dignificar a vida dos imigrantes.

Conseguir documentos é o primeiro passo no processo de reconstruir em vidas no ambiente novo. Assim, foi realizado um mutirão de cadastro segundo o padrão do ACNUR. Dele participaram a Pastoral do Migrante, representantes do Instituto de Migrações e Direitos Humanos e seis missionários da Fraternidade. Em cinco dias, registraram cerca de oitocentas pessoas, com fotos e impressões digitais. O censo também apontava quantos indígenas e *criollos* optavam por permanecer em Pacaraima.

Na terceira noite do cadastro, uma jovem missionária recém-chegada de São Paulo sonhou após orar pela consciência indígena, antes de adormecer: Encontrava-me dentro da oca de uma comunidade indígena, e eles me entregavam artesanatos pedindo em desespero que eu guardasse tudo – cestos, chapéus, tapetes de palha. Eu abraçava os objetos, achando-os lindos!

A jovem nunca antes tivera contato com indígenas. Passada uma semana, foi encarregada do setor artesanato do Abrigo Pintolândia. Pela primeira vez conheceu o que tecem, semelhante ao visto no sonho. Ela diz: Então eu soube que estão entrando nas casas deles na Venezuela para roubar o que criam. E que, mesmo em Boa Vista, passaram a ter receio de vender artesanatos em sinais, porque param carros e levam tudo. Em um minuto, perdem o que levaram meses produzindo.

Foram inteirando-se da vida da cidade. Participaram de reuniões com grupos altruístas, entre eles um espírita que lhes oferecia verduras da horta orgânica e lhes facilitou o ingresso em certas vias da comunidade. Firmaram parceria com a Prefeitura, que lhes cedeu uma antiga maloca para organizarem o depósito de doações repassadas pelo ACNUR, um estoque pequeno e bem provido de material de limpeza e escolar, de artesanato e de costura – agulhas, linhas, lantejoulas, micangas, tecidos.

Conheceram ensaios do coral infantil Canal Humanitário dos Canarinhos da Amazônia, que resgata a alegria infantil e de adultos. Assim fora com um casal venezuelano de músicos. Psicologicamente abalada, a

esposa andava desanimada, triste. Perdera a esperança. Ao ser acolhida, a jovem flautista voltou a tocar, a cantar, a sorrir. Junto ao esposo maestro, ensinam música a crianças venezuelanas, algumas vivendo nas ruas. Ela conseguiu retomar a beleza do trabalho de mãe, de esposa, de professora.

Diz Míriam Blos, a brasileira que criou e coordena o coral: *Tentamos fazer daqui*, *desta casa*, *um momento menos doloroso para crianças venezuelanas do atual fluxo migratório*.

Plena de responsabilidade pela infância, Míriam prossegue: Elas continuarão a jornada de seu povo. Escolhemos a música para transmitir a elas a mensagem sobre a evolução da consciência. Temos conhecimento de que no plano etérico dos tepuis da fronteira há colônias espirituais que são educandários infantis. São eles que emanam para nós as energias, os sentimentos que expressamos em nossos encontros musicais. Têm acontecido incríveis transformações nas vidas dessas crianças e de suas mães, o público mais vulnerável que está vindo para o Brasil. Chegam desestabilizadas emocionalmente, sem perspectivas, e lhes ensinamos a reencantarem o olhar e o coração. Usamos esta ferramenta maravilhosa, a música, para fazê-las voltar à condição do amor, que gera o milagre da doação de si.

Quinze dias depois de a Fraternidade estar em Pacaraima, a prefeitura aceitou que os indígenas se mudassem para o abrigo mesmo antes de estarem concluídos os banheiros e a área do redário – estruturas de ferro para pendurar redes.

Diz Imer: A cidade é fim de linha, onde termina o país. Tudo demora, material de construção, caminhões, a logística. Iniciamos os mutirões para o translado de uns duzentos indígenas e seus "corotos" – objetos, alimentos que ajuntam na intenção de levar de volta para as famílias que deixam para trás. Após serem retirados da zona central próxima à rodoviária, um caminhão do Corpo de Bombeiros limpou e lavou as calçadas onde se haviam alojado.

Assim nasceu a Casa de Passagem ou Janokoida, casa grande, em warao. Passou a ser visitada por comitivas e pela imprensa nacional e internacional, sempre recebidas pelos missionários guardiães. Diferentemente do abrigo de Boa Vista – que começou a funcionar em um ginásio esportivo sem qualquer estrutura – no de Pacaraima houve certa pré-organização e mais experiência grupal.



Jovens recém-chegadas da Venezuela, na rodoviária da fronteira. Pacaraima, Roraima, Brasil, maio de 2017

O pequeno time missionário é trocado sempre que o coordenador geral solicita que se encaminhem para outro abrigo ou sigam para restauro. Isso acontece com grupos que trabalham em emergências humanitárias. São tão flutuantes quanto os indígenas. A toda hora revezam-se para reciclarem e restaurarem. Apesar disso, quem os substitui dá continuidade ao propósito e aos projetos.

Quando visitei Pacaraima, havia quatro missionários – duas mulheres, uma de trinta e cinco anos e a outra de cinquenta e seis, e os dois homens tinham vinte e um anos e quarenta e sete. Trabalhavam no abrigo de oito da manhã às seis da tarde, em dois turnos, saindo para almoçar e fazer orações na hora do almoço. Para se nutrir espiritualmente, oram toda manhãzinha e antes de se recolherem à noite.

Caso alguém precise descansar ou trabalhar no computador – registros, documentos administrativos – permanece na casa. A sinceridade entre nós, as conversas, fazem a diferença. Assim somamos energias positivas para atender ao mundo de fora. Nossa força está na união. Se alguém fica ríspido, pergunto-lhe se quer ficar em casa descansando, diz Débora, coordenadora na época.

Na casa simples no alto de uma serra cercada de matas, falta luz, falta gás, a internet cai sem parar. A cidade ficou sem gasolina e água por um mês. Com o carro parado, subiam e desciam morros a pé. O único posto da região fica além da divisa, na Venezuela. Tem filas longuíssimas.

Como a Fraternidade precisa de notas fiscais brasileiras para justificar abastecimentos, pediram ao Corpo de Bombeiros para trazer-lhes um galão de gasolina de Boa Vista. De tanque cheio, enfim puderam ir comprar água mineral. A situação é recorrente, e não se regulariza nem na época da chuva. A cada dia, em dado horário, só sai ar de torneiras.

No desjejum, enquanto elaboravam sucos naturais e tapioca, os missionários iam contando com bom humor: A um quarteirão e meio daqui há uma biquinha com água escoando de um cano, onde indígenas lavam roupa. O jovem Gabriel ri: Ficar um mês sem água foi uma experiência interessante para não deixar a peteca cair e estar feliz do mesmo jeito. A gente ia buscar água e lavar roupa, e se divertia com os indígenas. A vida é bonita independentemente da situação. Temos de perseverar. Desde que ficamos sem gasolina, só quero ir e voltar a pé do abrigo; é um bom exercício. Ninguém é indiferente à água. Quando volta, celebram: Querida Pacaraima, cidade que me seduz, de dia falta água, de noite falta luz.

Uma missionária exclama: Tudo é trabalhoso, forte, temos mil problemas. Mas, quando vejo as carinhas das crianças mais lindas, mais doces, mais puras do abrigo, nossa, meu coração se derrete! As senhoras fazem artesanatos lindos, dançam para as visitas. Incentivamos os homens: "vamos lá!" e nos ajudam nisso e naquilo. A missionária tem a doce faculdade de ler um poema em cada face indígena, de perceber meiguice em todo olhar. De encantamento em encantamento, sorri e puxa a fila de curuminzinhos nus e vestidos entre barracas: Lá vem o trem, piuí-tictac, piuí-tictac.

Pacaraima é um portal de entrada da região do Caribe para o Brasil. Nela refugiados e quem os socorre diretamente estabeleceram uma família unida. Se há uma apresentação musical do Coral Canarinhos, todos vão; à missa, também. Funcionários da Assistência Social, da Secretaria de Saúde e o próprio Prefeito transferem os excedentes de doações. Fazem o bem sem olhar a quem. Diz um missionário: Assumimos dificuldades em conjunto. Alguém avisa: "Foram achadas três crianças em tal lugar". Saímos juntos para lhes prestar socorro. Na rua do comércio, indígenas trabalham carregando pacotes ou procuram por biscates, e a cada vez que nos encontramos é uma alegria.

A visão da cidade sobre os missionários mudou. Quando quatro homens altos, brancos e barbudos vestidos iguais chegaram, corriam boatos de que eram gringos espiões, mas o tempo e o serviço acalmaram dúvidas.



Refugiados venezuelanos a cem metros da fronteira. Pacaraima, Roraima, Brasil, maio de 2018

É um bálsamo jantar na varanda da casa missionária. Cantos noturnos de grilos e aves embalam o sono dos homens madrugada afora. Energias sagradas emanam do Monte Roraima, misteriosa morada de monjas guerreiras e um patrimônio da humanidade. Antes de o sol despontar por trás de montanhas cobertas de matas, uma luz rubi incandesce as nuvens e doura os marcos da fronteira ilusória criada por homens.

Correntes ocultas de elevada energia projetam uma armadura invisível nas fronteiras. Protegem as vidas venezuelanas violadas e as consciências que batalham pela paz dia após dia. O poder da união de grupos locais, interestaduais e internacionais guia os passos de refugiados rumo a uma vida mais amena. Em parceria e com a mesma meta, os servidores são peças preciosas na construção da cura planetária.

Grupos fraternos em serviço abnegado têm os pés bem fincados na terra, mas formam constelações de estrelas irmãs que piscam fogo alto. Por amarem a vida apesar das dificuldades, irradiam cura e amor para almas perdidas em conflitos e desordens. Poucos braços valem por muitos quando a consciência se esforça na busca do ouro impalpável e sabe que o Sol brilha no fundo de cada essência humana.

Janokoida, Casa Grande

A influência do Sol sobre os vários níveis de consciência está-se ampliando, e o impulso espiritual proveniente desse astro é muito importante para a fase atual da Terra, fase que a colocará em sintonia com vibrações mais sutis. A Cura da Humanidade, de Trigueirinho



Os seres humanos são extraordinariamente heterogêneos, e os missionários não almejam mudar nenhum deles segundo visões pessoais. Buscam ajudá-los a solucionar situações adversas e derramar paz sobre quem pede socorro. Por acreditar na glória profunda das criaturas, que elas são maiores que seus erros, amam cada essência de vida, sem se influenciar por fatores externos, cor, nacionalidade, status social ou cultural.

Em um ano e meio, os membros da Fraternidade contataram cerca de três mil indígenas da etnia Warao. Um amplo aprendizado e respeito mútuo crescem entre os dois grupos que se tornaram mestres um do outro. Indígenas são puro coração, emocionais, e não mentais como nós, observa uma coordenadora. Sinto que nosso papel é dar um pouco de paz para eles, é acalmá-los. Quase todos estão doentes – um dente estragado, uma ferida –, e como têm parentes morrendo na Venezuela, querem voltar para levar-lhes remédio e comida. Procuramos mantê-los em atividade, organizar a vida escolar das crianças, artesanato para as mulheres, trabalho para os homens. Nossa tarefa é essa até uma alma ou instituição abençoada doar um terreno com água e palmeiras buriti, onde possam dar continuidade ao que são como etnia.

Houve uma troca de ciclo. A responsabilidade dos processos básicos de sobrevivência – higiene, alimentação e saúde – foi garantida pelo governo e por órgãos internacionais. A Fraternidade permaneceu na tarefa profunda, erguer a consciência indígena enquanto compartilha de seu

Interior e exterior do Abrigo Janokoida. Pacaraima, Roraima, Brasil, maio de 2018







cotidiano. Com simplicidade, transformações internas e externas ocorrem descomplicadamente. Várias ações ajudam a solucionar o maior problema dos refúgios, qual seja o cotidiano ocioso em um local confinado. Isso provoca múltiplos conflitos. As pessoas precisam focar a energia e o pensamento em atividades inteligentes.

A vida indígena é dinâmica. Vinte, trinta podem chegar ou sair ao amanhecer. Vão e voltam entre Pacaraima, Venezuela, Boa Vista, Manaus. Porém, com a piora da conjuntura no país natal, tornam-se mais estáveis.

Na fervilhante janokoida, o Exército está presente dia e noite, em turnos. Guarda o portão e o abrigo e dá segurança aos missionários. Às 21 horas já não entra ninguém, salvo exceções avisadas com antecedência. Sua chegada promoveu alimentação, ordem, limpeza, além de terem aumentado o depósito de água e de instalarem seis contêineres: um para si mesmo, dois dormitórios para soldados pernoitarem, um de recepção para a Setrabes e a Fraternidade, um ambulatório e banheiros, feminino e masculino. Foram montadas duas grandes tendas no pátio: uma para reuniões, palestras e entretenimento; outra, para distribuir doações.

Militares e missionários resolvem juntos várias questões diárias, como conversar com famílias sobre alguma desavença. Firmes, mas maleáveis, amoldam-se aos acordes que a vida traz. Coordenar o abrigo Janokoida é mais tranquilo que o de Boa Vista por ser menor, ter menos abrigados e o clima ameno contribuir.

Instalaram jogos de lazer, o que acalmou demais o ambiente: ping-pong, vôlei, futebol infantil, queimada, dominó, baralho. É comum ver-se um capitão entrar em brincadeiras com crianças, jogar dominó, ping-pong.

Pouco após a abertura do abrigo, funcionários da Setrabes iniciaram seu apoio aos indígenas. Oferecem suporte psicológico, sobretudo a crianças e adolescentes, e estimulam a educação infantil. Os alunos já tiveram aula e atividades lúdicas na escolinha Caminho de Luz da Casa de Passagem, até serem convidados pelo padre a frequentar aulas com outros venezuelanos na Pastoral da Criança que, como a Fraternidade, tem caráter ecumênico, atendendo pessoas de todos os credos e etnias.

De manhã, dez professores waraos do abrigo organizam em filas cento e sessenta alunos entre quatro e dezoito anos, por grupos de idade,



Indígenas catam lenha para cozinhar o almoço no abrigo. Pacaraima, Roraima, Brasil, maio de 2018

tamanho, sexo. A menorzinha dá as mãos para o professor que as conduz. Limpas, arrumadinhas e com as mãos nos ombros da logo à frente, vão sorridentes pelas ruas da cidade até a paróquia, onde recebem aulas trilíngues de warao, espanhol e português. As duas educadoras da Setrabes participam do movimento diário.

Em dia de chuva, a meninada junta-se em grupinhos compactos e caminha sob uma lona. Quando as crianças entram de volta no lar *janokoida*, dispersam-se em júbilo. Gritando felicíssimas, alegram o ambiente. Adultos correm para brincar com elas.

Às tardes, a garotada vê filmes educativos, participa de jogos ou de um novo projeto entre a Fraternidade e o UNICEF, que dá continuidade às aulas matinais. Dele participam dez professores waraos e mais três contratados, uma musicista, uma pedagoga e um educador físico.

Visando resgatar raízes do povo, a Setrabes promoveu um festival cultural para jovens, que aprenderam com idosos uma dança warao típica. Segundo o coordenador da Fraternidade naquela época penosa: Foi o momento mais alegre e suave do denso contexto atual. Prosseguimos na fé de que existe um sentido mais profundo e oculto para o que vem acontecendo.



Cada família prepara a própria refeição no fundo do abrigo. Pacaraima, Roraima, Brasil, maio de 2018

Quando os indígenas chegaram ao abrigo, não se oferecia ainda alimento, o contrato de fornecimento estava em vias de ser assinado. Por fim, o Exército veio a entregar os itens de um cardápio equilibrado segundo o padrão alimentício do Fundo Mundial de Alimentação, que os envia por meio da ONU. Contudo, em cinco meses a Casa de Passagem superlotou - hoje hospeda cerca de quinhentos indígenas, cento e vinte famílias em média – e a quantidade precisou ser dobrada.

A proposta é respeitar a cultura warao, e o método alimentar adotado funciona muito bem. Em vez de as refeições serem elaboradas em panelas gigantes de uma cozinha comunitária, o que nunca os satisfaz, os missionários, na presença de aidamos e militares, distribuem os produtos dia a dia: frutas, legumes, peixe, frango, ovos, farinha de mandioca, óleo, sal, açúcar, espaguete, arroz, flocos de milho, leite em pó. Como as famílias são chamadas de uma a uma, segundo foram cadastradas, ao mesmo tempo atualiza-se a flutuante contagem diária.

Antes da distribuição, os missionários conversam um pouco, dão recados, recomendam para jamais jogarem restos de frutas e plásticos no chão - costume arraigado neles -, alertam os pais de que os filhos estão fugindo pela cerca ou que há odor de urina em certo canto. No processo



No pátio do abrigo, indígenas aguardam a distribuição de farinha. Pacaraima, Roraima, Brasil, maio de 2018

de educá-los, convidam-nos a serem vigilantes e, se houver algum problema, avisar os missionários. Os indígenas os escutam, respeitam, mas de repente, esquecem de fazer fila e avançam sobre o alimento. Se um vai, os outros o imitam de imediato.

Vários nativos saem às quatro da manhã para tomar café com leite e pão na paróquia do padre Jesus, ritual neles implantado antes da abertura do abrigo. Assim como nas terras de origem, cedinho os nativos vão catar lenha nas matas em torno. Recolhem galhos secos com respeito e conhecimento da Natureza, que nunca danificam, e retornam com enormes feixes nos ombros, seguidos de algum parente. As mulheres preparam o prato lado a lado, cada qual em sua pequena fogueira, e sentam-se em família conforme o costume para se alimentar. Amassam *domplina*, pão venezuelano emblemático, tipo *arepa*, ou mesmo compram o vendido em frente ao portão de entrada, trazido de Santa Helena, cidade do país vizinho mais próxima da fronteira.

Com o passar do tempo, os problemas de saúde iniciais diminuíram. Três voluntários, um médico e duas enfermeiras, vêm da Venezuela um dia da semana fazer atendimentos por puro amor e sem qualquer recompensa material. Antes, além de pequenos atendimentos habituais feitos

no abrigo, como curativos, os missionários encaminhavam casos mais difíceis para postos de saúde: desnutrição, diarreia, verminose, febre noturna, gripe, catapora, cefaleia, infecções dentárias. Para o hospital da cidade: problemas respiratórios, surto de sarampo, infecções graves, soro positivo. Em casos graves devido à desidratação e a precárias condições nutricionais, os doentes eram direcionados para um hospital em Boa Vista. Houve época em que a Rede Municipal de Saúde de Pacaraima entrou em colapso, tal a demanda de medicamentos e de anestésico para o atendimento odontológico. Ainda assim, os necessitados nunca deixaram de ser atendidos.

A chegada do Exército em abril de 2018 apaziguou a Casa de Passagem, mas nos meses anteriores aconteceram processos difíceis. O primeiro coordenador dos missionários era argentino, o que facilitava a comunicação em espanhol, apesar de muitos indígenas só falarem warao.

Imer constata: Todo indígena traz a consciência da vida em comunidade bem implantada em si. Tem condutas similares, o modo de agir, de pensar, os mesmos hábitos. E outra visão da vida. Por exemplo, o tempo, para eles, é diferente. Vivem no eterno presente. Fazem-nos perceber quanto somos apressados. Chamamos isso de prontidão, mas eles não creem que fazer rápido traga benefícios. Se toda ação se perpetua, se precisa ser feita uma e outra vez, por que se apressar? Começam a fazer algo e deixam pela metade, atraídos por outra coisa. Para que terminar? A vida é eterna e flui como a água do rio... Essa simplicidade é um desafio para nós, educados para viver de outro modo.

Um indígena aprende a conviver com quinhentos outros no mesmo espaço, sem privacidade. O que um faz ou fala outros observam e escutam. Precisam adaptar-se a regras do novo estilo comunitário. Por exemplo, não fecham torneiras. Por milhares de anos viveram à beira de rios e têm a concepção de que a água escoa e nunca se acaba. Por que fechar torneiras se ela vem de algum lado e corre para outro? Como fazê-los entender que na cidade é preciso fechá-las, que água em caixas acaba?

Os missionários insistem sobre a limpeza do ambiente, a conservação e a manutenção do patrimônio. Já que a Natureza tudo recicla, vão jogando embalagens pelo chão, e crianças fazem necessidades no cimento, assim como era na mata. Além disso, produzem lixo extra porque ajuntam



Cotidiano no abrigo exclusivo para indígenas. Pacaraima, Roraima, Brasil, maio de 2018

latinhas de alumínio e peças com cobre para vender a recicladores. Objetos espalhados pelo chão têm ferido sobretudo crianças. Plenas de energia, lançam-se por todo lado sem precaução. Imer reflete: *Realmente não sabemos quem está certo, quem está errado. Nós? Eles?*

Nos abrigos e pela cidade, contam-se histórias sobre a crueldade, os erros, a autodestruição que ocorrem no país vizinho. E que o governo tudo nega, mascara a realidade dizendo que outras nações querem denegrir sua imagem. Indígenas relatam que no delta do Orinoco cultivam um tubérculo. Com o peixe, é a base de sua sobrevivência. Quando levam essa espécie de inhame para ser comercializado, acontece de serem interpelados por policiais dizendo que têm de pagar impostos e que estão fazendo tráfico.

Um indígena se pergunta: *O que fazer se nossa única fonte de troca é essa?* Ao retornarem do Brasil para suas casas, são parados em três postos, e os policiais lhes tiram alimento e dinheiro.

Missionários matrizes e auxiliares experimentam um modelo de vida criativa em harmonia nas comunidades-luz onde vivem. Encontram semelhanças no padrão pacífico de certas famílias indígenas vindas do interior, como as e'ñepás. Elas não reclamam, nunca dão problema, são







silenciosas. As crianças ficam sempre junto da mãe, enquanto o pai sai para conseguir trabalho.

Apesar de viverem em diversas comunidades mais ou menos distantes umas da outras, os waraos se identificam sobretudo pela etnia e pelo idioma. Quando se desentendem à beira-rio, movem-se para uma nova casa de palafita metros adiante. Já nos abrigos, a proximidade causa pequenos surtos, ficam confusos. A comunidade inteira participa e opina sobre os problemas. Os líderes *aidamos* se posicionam diante de atos de vandalismo, brigas entre mulheres, separações de casais, homem que bate em esposa grávida, mulher que bate no homem.

Abertos a mudar de ponto de vista, chamam missionários para que opinem sobre conflitos e se sentem com as famílias. Nas redes ou no chão, chegam a decisões conscientes e não impulsivas. Se um parente reclama: A mãe sai, a avó não quer ocupar-se, um tio cuida do menino... juntos tentam descobrir como proteger a criança com ajuda de vizinhos.

Há famílias waraos difíceis. Deixaram-se permear por padrões de conduta viciados, álcool, drogas, brigas. Travam guerras nos próprios lares. Com cautela para não serem envolvidos nas agressões, missionários alertam-nas de que não podem infringir leis brasileiras, dialogam para que compreendam as consequências de atos destrutivos e tentam resolver as questões com discernimento.

Antes de o Exército chegar ao abrigo, quando os missionários, à noite, iam para casa, indígenas ficavam alcoolizados e ali podiam instalar um caos. Já no dia seguinte estavam tranquilos, como se nada tivesse acontecido, e nem tocavam no assunto. Indígenas têm facilidade de perdoar, não são de guardar remorso, rancor. Contudo, surgiram casos recorrentes e escandalosos, que geravam tensão coletiva e perigo – briga, lesões com faca, surras em mulheres, roubo. Para algumas situações, realmente foi preciso se chamar a polícia.

Um conflito envolvendo roubos se generalizou logo após a abertura do local. Famílias e *aidamos*, uns contra outros, afetavam o todo. Imer convocou uma reunião geral para, mediante o verbo, reparar chagas abertas e trocarem o escuro pelo claro, a desordem pela ordem.

O sol caíra. No céu estrelado, Órion podia ser visto, e seu cinturão aberto derramava fortes energias para a região. Cem pessoas fizeram um círculo de reconciliação ao ar livre, no pátio.

Imer baseou a conversa em um símbolo. Como analogia da unidade, pegou o charuto de Paulino, o ancião mais idoso, que colhe e seca casca da palmeira açaí e nela enrola tabaco. Combinou que falaria um por vez, apenas quem tivesse o charuto nas mãos. O missionário foi o primeiro. Colocou-se no lugar deles, disse que compreendia que estavam em uma situação difícil de coexistência, que o alimento não estava garantido, mas que temos de nos educar para levar o convívio adiante.

Lembrou-lhes que, quando moravam na rua, olhavam para o ginásio no alto do morro e o chamavam janokoida, janoku significa casa, e ida, grande. Ali era a casa deles, fora feita para eles. Eu lhes disse que ia colocar o charuto à disposição para quem quisesse dialogar, mas ninguém deveria interromper. Normalmente, quando um fala, os ânimos se exaltam, todos movem os braços, opinam ao mesmo tempo, um caos. Aos poucos, quem quis foi expondo sua posição. Uns se emocionavam e nem conseguiram depor.

As auras se interpenetravam durante a conversa fraterna envolvida pela beleza da vista e estrelas cintilantes. Mulheres e homens iam revezando--se. O jovem filho de um aidamo refletiu sobre o que é ser um aidamo. Ponderou ser aquele que se interessa pela paz na comunidade e busca soluções, mas que nenhum estava agindo assim, nem mesmo o pai.

Ao terminarem, permaneceram em silêncio. Voltaram os olhos para Imer, à espera do veredicto. O charuto retornou para ele. Com calma, refletiu: Nós nos respeitamos e escutamos uns aos outros; isso é importante na vida comunitária. Mas, caso haja uma nova reunião, cada qual deve falar dos próprios erros sem apontar os dos outros. Devemos compreender as diferenças e tentar nos ajudar. Aplaudiram com entusiasmo, e o conflito se dissolveu. Ao mesmo tempo, uma reconciliação oculta ocorreu ali, um sofrimento foi apagado da ampla consciência indígena.

Pacificadores agem em prol da unidade grupal. A presença, o olhar, a atenção e as atividades missionárias conseguem transmutar situações de conflito em paz. Trabalhar com almas enquanto se desenvolve a própria alma é a maior oportunidade para quem serve e para quem é servido.

PARTE VI

Missões Regionais Recorrentes

A Rede-Luz busca saciar a sede de amor, de perdão e de paz entre os povos.

Para isso, serve descendentes indígenas, portugueses e africanos em Alagoas, nordeste do Brasil. No Chaco argentino, vai ao encontro de indígenas da etnia qom. No Paraguai, abraça povos avá-guarani, yvú porã rendá e mbya-guarani.



Amparo a sertanejos

A verdadeira comunidade entre os homens deve ser baseada em interesses universais. I Ching

Fim de semana às vésperas de Natal. Cinco senhoras e um senhor enfrentam voos de avião e horas de automóvel para levar esperança a comunidades solitárias do agreste alagoano. Soltam as rédeas das próprias vidas e entregam-se ao destino. Doam cestas básicas, lanches, roupas, brinquedos. E bolos para a comemoração natalina. O povo passa a convidá-los para batizados e celebrações eucarísticas. Crianças e jovens preparavam uma apresentação com música e coreografia e pediram que os doadores de si encenassem a história dos Reis Magos. Assim como os personagens bíblicos, eles percorreram grandes distâncias para ali estar. Após três dias, voltaram domingo para casa; na segunda retomariam a semana de trabalho.

Membros da Rede-Luz Norte e Nordeste do Brasil davam continuidade à Missão Sertão de ajuda humanitária, liderada por missionários consagrados cerca de um mês antes. A partir daí, retornam duas vezes ao ano para a cercania da cidade de Palmeira dos Índios, em Alagoas, com cada vez mais servidores. Dezoito a vinte e cinco chegam de seis estados para borrifar fraternidade na vida árida de Baixa Fria, Bem-Te-Vi, Quilombola da Tabacaria, aldeias indígenas como Fazenda Jarra e Cafurna de Baixo – uma comunidade com muita prostituição.

Desde 2014, o vínculo com os moradores e a região se aprofunda. São acolhidos com alegria por representantes religiosos e pelo povo, sempre gratos pelo esforço deles em efetuar melhorias na vida cotidiana e na saúde geral. A notícia se espalha e, a cada vinda, novas comunidades solicitam sua presença. Lançam sementes de conhecimento e inspiram o povo, que se sente animado a cuidar melhor do Planeta.

Dezenas de habitantes reúnem-se em escolas, paróquias e galpões para estar com os missionários regionais. Lições enfatizadas a cada encontro vêm sendo levadas a sério e postas em prática pelos sertanejos, que pouco a pouco mudam a consciência. Observa a coordenadora Celina: Apoiamos a Cáritas local, e seus agentes prosseguem algumas ações humanitárias executadas por missionários da Rede-Luz. Começam a cultivar hortas e ervas medicinais. Hoje existem comunidades desidratando frutas e legumes, e moradores buscam alimentar-se de verduras para melhorar a saúde física. Além disso, melhoraram os cuidados e a atenção aos animais domésticos.

Os servidores conhecem provações das zonas rurais. Quando noticiários anunciaram a seca mais rigorosa dos últimos cem anos em todo o Nordeste, presenciaram açudes e barragens vazios e mais de trezentas mil pessoas com sede e fome, pois a água distribuída por carros pipas não é suficiente para abastecê-los. Já no tempo das chuvas, têm de reprogramar as visitas em razão de estradas barrentas e esburacadas. Em Palmeira dos Índios, formaram um grupo que prepara e distribui mudas de moringa, cujas folhas, vagens verdes e flores têm rico valor alimentar. Já as sementes purificam a água contaminada, tornando-a clara e potável.

Permanecem três dias em cada missão. Da manhã até o fim da tarde em comunidades maiores e meio período nas menores. Antes da primeira atividade diária fazem uma breve sintonia para alinhar as energias. Então iniciam o atendimento a centenas de famílias. Trabalham incessantemente pelas crianças, pelos adultos, pelos Reinos da Natureza.

Sempre em dupla para se apoiarem, fazem visitas domiciliares a idosos e a doentes acamados. Promovem oficinas que utilizem material de baixo custo: preparo de farinha enriquecida como complemento alimentar multimistura -; desidratação de frutas e legumes; construção de fogão solar. Doam ferramentas agrícolas solicitadas, além de vestuários, objetos de higiene pessoal, roupa de cama e banho, enxovais para bebês, utensílios de casa. Assistem e vermifugam animais domésticos e deixam medicamentos para eles, orientando tutores sobre cuidados com os bichos. Compartilham almoços e lanches sem carnes. Sabendo que são vegetarianos, os atendidos trazem-lhes frutas e verduras.

Os missionários regionais caminham firmes, mas com leveza. Sorriem. Dispostos a suprir qualquer pedido, a Cáritas e representantes das comunidades encaminham-lhes solicitações. Em uma vila orientam acerca do desenvolvimento de uma horta; em outra, ensinam a construir banheiros secos, conforto que ali não existe. Um engenheiro aconselha como distribuir melhor a água de uma nascente.

A cada missão, profissionais da área de saúde – médicos, farmacêuticos, enfermeiros e estudantes de Medicina – oferecem centenas de atendimentos gratuitos. Distribuem remédios fitoterápicos e uma cartilha sobre o uso de ervas medicinais existentes na região, ambos produzidos pela Rede-Luz. O livreto *A Farmácia Viva* indica plantas oficialmente reconhecidas e utilizadas pelo Sistema de Saúde do Brasil. Devolve ao povo o que veio dele. E o povo aplica o indicado. Famílias praticam procedimentos simples de terapêutica externa como a ventosa de água para dor de cabeça, pressão alta e tensão emocional.

Os atentos reconhecem os missionários pelo fulgor dos olhos. São mansos, são simples. Gradualmente seguem o ensinamento: *Deves ter o coração puro como o de uma criança, porém sábio como o de um ancião*. Enquanto treinam vencer limites que separam um ser humano do outro, restauram feridas profundas em si mesmos e no atendido.

Vivendo em um planeta-escola, os seres humanos estão em troca constante. Somos igualmente mestres e alunos uns dos outros. O grupo recebeu a lição de uma dona de casa sertaneja. Ao doar-lhe alimento, ela lhes pediu que o repassassem para a família vizinha, mais carente do que a dela.

Os moradores os denominam missionários da paz. Não os esquecem. Recordam-se de cada um com carinho e se perguntam: *Quando voltarão?*

Fortalecido pelo serviço, que constrói a unidade entre os homens, o grupo despede-se. Leva consigo o impulso encontrado no exercício da solidariedade, além de outro desafio: encontrar soluções relativas à água salobra da comunidade quilombola, cujo alto nível de sal provoca casos de hipertensão, inclusive em crianças.

Chegam ao aeroporto. Missionários não percorrem lojinhas enquanto aguardam a saída de voos. Recolhem-se no espaço ecumênico onde confirmam, no íntimo, o compromisso de doar-se infinito afora.

Visitas ao povo qom

O serviço altruísta é o modo pelo qual a Alma divina contata a alma humana e nela se manifesta como consciência grupal. Albertina de Castro Fernandes

A cada nova missão, reúnem-se para a fotografia oficial. Em pé ou agachados, voluntários passam braços em ombros vizinhos. Uma carrega um cãozinho. Olham para a câmera e abrem sorrisos honestos. Eles são os que, por bondade, não vacilam e partem dos próprios lares sem olhar para trás. Como um único coração, avançam lado a lado de indígenas qom, durante a longa viagem de retorno aos planetas de origem.

A etnia qom – com sessenta mil indivíduos segundo censos – habita sobretudo no Chaco do nordeste argentino. Suas comunidades são das mais pobres da América do Sul. O primeiro serviço a cinco delas, ofertado por missionários da Fraternidade durante a Missão Chaco, suavizou a carência material e emocional desses povos. Antes mesmo de a missão encerrar-se, percebeu-se quão importante seria prosseguir o atendimento tenaz à comunidade rural de Costa Iné – a quarenta e cinco quilômetros de Resistência; ao Bairro Mapic, em Resistência; ao Bairro Cacique Pelayo, em Fontana, e a outras duas comunidades em Porto Tirol e Margarita Belén. Assim sendo, nasceram as Missões Recorrentes Chaco, sob a responsabilidade da Rede-Luz Argentina Região Norte, coordenada por Mabel.

Desde 2016, a cada dois, três meses, trinta a sessenta inscritos viajam – alguns quase vinte e quatro horas. Não para *tours* por museus e restaurantes. Levam a si mesmos, aquilo que são, e mais seus talentos.

Um ou outro vem do Brasil ou Paraguai, mas a maioria procede do norte, centro ou sul da Argentina – Bahía Blanca, Buenos Aires, Capilla del Monte, Córdoba, Corrientes, Eldorado, Formosa, Garuhapé, General Roca, Mendoza, Necochea, Neuquén, Paso de Los Libres, Posadas,

Resistência, Río Cuarto, Salta, San Luis, San Rafael, Santa Fé, Tucumán, Villa Giardino. Nem todos são membros da FFHI. A diversidade chama a atenção de uma voluntária de Córdoba, participante pela primeira vez. Conhecera o grupo horas atrás, e apreciou: Há pessoas de variadas culturas e lugares, mas todos se entendem porque falam um único idioma em prol de nossos irmãos indígenas, o do amor.

No decurso dos últimos dois anos, Mabel vem assistindo a transformações ocorridas devido à presença persistente e ritmada da rede de serviço: À medida que as missões se sucedem – já foram realizadas dez – os indígenas vão abrindo-se, ficam mais confiantes e acessíveis. No início, eram bastante desconfiados, estudavam-nos, observavam-nos. Depois se convenceram de que não viemos por interesses escusos nem com a intenção de pregar nem de impor-lhes algo. Temos cuidado especial para respeitar seus costumes, credos ancestrais e pensamentos. Estamos aqui com o coração, interligados ao Uno para viver a irmandade. É isso que nos vivifica e nutre.

Ao término de uma missão, é marcada a data da seguinte e iniciam-se os preparativos. O programa dos três dias de encontro é minucioso. Alojam-se nas cidades de Resistência ou Porto Tirol, onde observam com rigor o horário da abertura dos trabalhos, de cada refeição, da atividade orante, da reflexão e da síntese no fechamento das tarefas. Todavia, nas comunidades, nem sempre conseguem seguir o programa impresso em uma folha de papel. É uma aprendizagem de flexibilidade e entrega. Nunca sabemos como as coisas vão fluir. Aprendemos a ter fé e a nos adaptar à realidade do momento, reflete Mabel.

No alojamento, após a primeira sintonia espiritual, os servidores classificam as doações e o material a ser usado no outro dia por cada equipe. Subdividem as tarefas entre grupos: músicas e histórias sobre os Reinos da Natureza, jogos e trabalhos manuais com crianças, confecção de lençóis junto a mães indígenas, serviço de cabeleireiro, desparasitação de animais, preparação de almoços, visitas domiciliares, plantios, entrega de doações, incluindo as recebidos de toda a nação durante a Campanha do Colete.

Quem não pode comparecer pessoalmente dedica-se como é capaz. Em grupo ou individualmente, tricota meias e casaquinhos para agasalhar bebês e crianças. Suas mãos puras entrelaçam sentimentos de caridade, beleza e primor a novelos coloridos de lã.

Mesmo com 50° à sombra no verão ou temperaturas baixíssimas no inverno, os transmissores da paz regressam às comunidades. Os reencontros acendem a alegria de viver nos visitantes e nos visitados. Olham-se com a suavidade de flores, dão-se as mãos e se abraçam com corações ardentes de quem revê os entes mais queridos. As mulheres indígenas sabem recebê-los. Anfitriãs perfeitas, levam almoço para os que trabalham. São bem diferentes das nativas paraguaias que, tímidas, apenas olham de longe sem emitir um som. Assim como as mães, crianças qom saúdam em um bom espanhol. E com júbilo, ofertam-se para colaborar.

O poder grupal começa a se manifestar quando, com carinho de vovós, algumas servidoras preparam toalhas macias, um ambiente quentinho, sem correntes de ar, e com delicadeza introduzem bebês na água morna. Aproveitam o banho terapêutico para examinar de que os corpinhos precisam. Gotículas escorrem das peles tênues dos indiozinhos e salpicam mamães atentas aos cuidados. Embrulhados em delícias, os pequeninos repousam em braços quentes, mamam, cerram os olhinhos e sonham com asas maternais.

Mais adiante, um grupo faz doações de vestuários, alimentos, sabão, escovas de dente, artigos de higiene pessoal, material de primeiros socorros e medicamentos vindos de várias províncias argentinas. Serve à fila de dignos senhores e senhoras qoms, que humildemente aceitam os gestos de amor. Durante o ritual, há um rumorejar de escassas palavras. O quase silêncio espelha a beleza do momento. Dele ascendem verdades não registradas por sons.

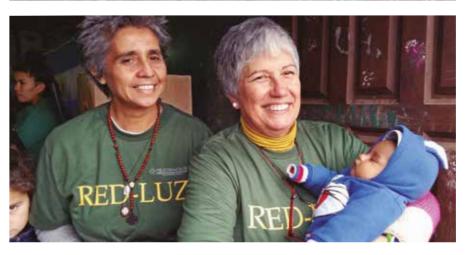
Visitar e servir qoms é cursar uma escola de amor altruísta, que cura egocentrismos, intolerâncias, rejeições. O respeito mútuo amadurece durante as pequeníssimas ações que constroem a obra de paz.

Ao ar livre, por estar o sol poderoso encoberto por nuvens pesadas, crianças e adolescentes calmos têm os cabelos negros cortados, lavados, e piolhos removidos. Sentam-se em cadeiras ao lado de um grupo de árvores em um gramado a perder de vista. Em torno deles, senhores e senhoras de cabelos brancos curvam-se manejando tesouras e pentes. A cena matinal é enternecedora. A pureza do vínculo entre jovens e os cabeleireiros

Missões Recorrentes Chaco, da Rede-Luz Argentina, servem comunidades indígenas nos arredores de Resistência, de 2016 a 2018









Voluntária brinca com crianças. Resistência, Chaco, Argentina, dezembro de 2016

emana cores. As auras se mesclam com emanações vegetais. A paisagem translúcida oculta aos olhos é real e não uma imagem poética.

Da casa próxima ao corte de cabelos, chegam risinhos infantis. O lúdico se mistura a origamis e a jogos de bola. Crianças e voluntários em círculo fazem brincadeiras ao som de uma flauta de bambu e das cordas do violão. Entoam repertórios de cantigas de roda e giram, giram. Outros pintam o céu, a terra e as faces de meninas. Marionetes dramatizam animais ensinando sobre a cooperação e a irmandade.

A onda de energia fresca espanta o mormaço. O vento sopra na hora do almoço, preparado pelo próprio grupo no local. Uma qom pousa na mesa tortas feitas por ela mesma. Um nativo abraça o violão e canta em qom l'aqtqa. As vozes silenciadas da América profunda se expandem pelos éteres, em busca de acarinhar os famintos de justiça. O líder Dom Hilário bendisse a mesa, e compartilhamos os alimentos como uma grande família. Os laços com os qoms estão se estreitando com o correr dos anos. As comunidades têm se tornado mais unidas entre si desde o início das visitas da Rede-Luz, disse Patricia Sánchez, coordenadora das missões recorrentes Chaco.

De comunidade em comunidade, profissionais da saúde bucal realizam próteses dentais em adultos. Há oficinas de escovação de dentes, corte de unhas e lavagem de mãos infantis. Ao mesmo tempo, outro grupo vai pelas ruas e casas. Alimentam e desparasitam, interna e externamente,



Coordenadora da Rede-Luz paraguaia corta unhas de vovó indígena. Resistência, Chaco, Argentina, 2017

centenas de cães e gatos desnutridos, com sarna, carrapatos, perfurações e feridas infectadas nos corpos.

Os qoms apreciam ser visitados, convidam os missionários a ingressar em seus lares precários, a compartilhar sua intimidade. Invariavelmente bem recebidos, ficam escutando-os, entendendo fragilidades, buscando decifrar o estado manso dos moradores apesar do histórico cruel de insegurança e exclusão. De certos lábios podem brotar relatos cheios de dor e ressentimento por massacres sofridos pela ação do homem branco, que dizimou antepassados. Todavia, uma anciã desprovida de rancor recorda memórias da infância.

Duas coordenadoras, uma argentina e outra paraguaia, haviam-se esforçado para chegar à comunidade. A argentina viajou dez horas de ônibus. A do Paraguai seis, de carro.

Foram juntas visitar uma vovó: Apesar do vento gélido e cortante, ela estava sentada fora da casa ao lado de uma fogueirinha quase se apagando. Tinha necessidade de falar. Contou, em espanhol claro, que era filha de um cacique, mas, quando o pai se ligou a outra mulher, a mãe fugiu com ela, ainda bebê. Rodaram daqui para lá buscando um novo horizonte até chegarem ali, a oitocentos quilômetros da aldeia onde nasceu. Foram muito bem recebidas, e a mãe se casou de novo com um indígena, que sempre a tratou bem.

Quando a visitante pediu permissão à vovó gom para lhe cortar as unhas, ela ficou eufórica. Os joelhos inchados doíam, por isso mal andava. A paraguaia tirou uma pomada anti-inflamatória da bolsa, com a qual a argentina untou e friccionou os joelhos inflamados. A avó, pasma. Na despedida, deu-lhes uma benção em gom e acrescentou: Gostei demais de compartilhar com vocês. Somos irmãs, e Deus é nosso único Pai.

Povos originários guardam relíquias em si. Vivem histórias pessoais, alegrias e dores semelhantes às de qualquer família de qualquer região do mundo, pois temos a mesma natureza humana. Almejam ser escutados e contribuir com seu conhecimento do mundo e da Natureza.

No Conselho Qom, no qual anciãos educam jovens de forma oral, e os pais transmitem condutas e valores culturais aos filhos. Machucados, há séculos, pelo desprezo e pela exploração, aguardam o dia em que consigam terras comunitárias para manter a cultura, em que recebam educação bilíngue e participem da vida nacional.

Antes da chegada dos espanhóis, eram falados cerca de trinta e cinco dialetos no território argentino. Hoje são catorze, com mais ou menos falantes: avá-guarani, chorote, guarani, mapuche, mbya, mocovi, nivaclé, pilagá, qom – com muitos falantes –, quéchua, tapiete, vichí e tehuelche - com um único recordante. Pesquisas recentes fizeram reviver o vilela, quase extinto desde os anos 1960, e o chaná, oculto por quase duzentos anos.

Poucas décadas atrás, uma criança que se comunicasse em língua indígena na escola tinha de lavar a boca ou era colocada de castigo. Cada nativo clama por respeito e por ressurgir em um futuro inundado de amor, no qual ninguém falará ou agirá com violência e ódio.

Etnia de caçadores e pescadores com espírito nômade, a agricultura dos goms sempre foi escassa. Por vezes, plantam sementes nativas – abóbora, milho, mandioca. Lado a lado com eles, participantes da missão pegam enxadas para escavar a terra, capinar e prepará-la para a semeadura. Sob o mesmo sol, visitantes e qoms plantam, entendem-se e evoluem em compreensão mútua.

As visitas atenuam a vida dos goms. Semeiam o porvir de paz entre os homens, a esperança, mistérios fraternos. Missionários colhem encantamentos daqueles que um dia irão recuperar o dom de comunicar-se com o mundo natural sagrado.

Aguyje peeme cheirukuera: obrigado, companheiros

...minha língua, minha alma voam qual aves. As nuvens desenham flores, levando meu sopro à borda do bosque. O acompanham minha língua e meu canto, e partem qual aves até meu povo ancestral. Alba Eiragi Duarte

Há que voltar a ser puro, há que voltar a ser fraterno. Há que estar atento à chuva e às aves migratórias, ao movimento das árvores e das águas. Há que caminhar em direção ao Sol.

Para reencontrar a sabedoria, vinte, trinta voluntários deixam suas casas a cada três meses e se dirigem para sete aldeias de povos originários, todas recicladoras de lixo. Esquecem-se de suas cidades, deixam seus pertences e partem para os arredores de Cidade do Leste e Presidente Franco, ao leste do Paraguai. Viajam centenas de quilômetros, de carro, ônibus, avião, vindos de diversos pontos do país anfitrião, da Argentina, do Brasil e por vezes do Uruguai. O serviço multinacional tem metas definidas. Almeja aflorar a paz entre os homens e cicatrizar feridas históricas abertas na consciência das nações.

Membros da Rede-Luz se reúnem para saciar a sede de amor que habita em si mesmos e nos povos originários. Nunca haviam trabalhado juntos, mas o parentesco espiritual os une. Desde o primeiro encontro, reinou tanta alegria entre nós! Parecia que nos conhecíamos desde sempre. Isso é o mais lindo, encanta-se Faustina, coordenadora da Rede-Luz Paraguai. Assim é porque o trabalho grupal altruísta acende o fogo do coração. O corpo pode ficar fatigado, mas a energia ígnea cresce de forma incomum.

O território paraguaio, ocupado no mínimo há mil e quinhentos anos, guarda imagens de padecimentos, que se perpetuam. Diversas etnias indígenas estavam em guerra entre si quando, no século XVI, os espanhóis começaram a nele se estabelecer. Dois séculos depois, chegaram missões jesuíticas com o intuito de convertê-los ao catolicismo. Até serem expulsas, catequizaram cem mil nativos por mais de cento e cinquenta anos.

O passado da nação se fez ainda mais sangrento quando guerras com os vizinhos Brasil e Argentina resultaram na morte de dois terços da população masculina, parte dela indígena.

Os nativos lutam para preservar a própria cultura e seus valores. Compreendem o que é viver em comunidade, e valorizam a vida familiar ligada às aldeias.

Hoje, no Paraguai, há cerca de cento e quinze mil indígenas, em diferentes graus de desamparo e pobreza. Estão subdivididos em dezenove povos com belos nomes: ache, angaite, avá-guarani, ayoreo, ayoreo totobiegosode, enlhet norte, enxet sur, guarani ñandeva, guarani occidental, manjui, maka, maskoy, mbya guarani, nivacle, pai tavytera, qom lyk, sanapana, tomaraho, yshir ybytoso.

Para decidir quais apoiar, uma equipe da FFHI visitou aldeias. Conversou com os líderes, com indígenas pedintes de esmola nas ruas, com os que trabalham como pedreiros ou plantam mandioca e milho em comunidades bem estruturadas. Por fim, optou por atender sete comunidades que sobrevivem de reciclados de lixões.

Durante os catorze dias da 15^a missão - Missão Paraguai, Despertando Sementes, os missionários da Fraternidade ativaram o contato com uma realidade esmagadora. Em habitações paupérrimas, os originários passam fome e frio. Estão enfermos, tristes, com sintomas de desânimo.

Daí em diante, foi formada a Missão Regional Recorrente Paraguai, cujo compromisso é o de amparar avá-guaranis em extrema carência. Com fé inabalável, os servidores fazem campanhas a fim de recolher as toneladas de alimentos não perecíveis que distribuem: arroz, macarrão, óleo, sal grosso, feijão. Doam panelas e conchas grandes, colchões, kit de primeiros socorros, escovas de dente, ferramentas de trabalho e vestuários, incluindo botas de chuva e pares de luvas de couro para proteger os povos originários durante a coleta de lixo. O grupo leva lápis de cera, papéis, miçangas para brincar com as crianças. Como o artesanato com sementes e fibras extraídas da Natureza faz parte da cultura guarani, filhos e mães mergulham nos fios e contas multicoloridas, entrelaçando cordões de pulseiras e colares.

Duas casas de oração e cura, opys, foram erguidas e inauguradas com material e parte da mão de obra missionária. Para uma, os servidores deixaram o valor da compra de instrumentos musicais de sopro e



Voluntárias servem almoço na comunidade Yvú Porã Rendá, junto ao lixão. Cidade do Leste, Paraguai, março de 2018

percussão usados em cerimônias. A pedido do líder de outra comunidade, apoiaram a abertura de um poço d'água no pátio da escola. Sempre oferecem cortes de cabelo para homens, lavagens e penteados para mulheres e crianças. Certa vez, um argentino coordenou o atendimento veterinário de cachorros e gatos em situação miserável.

Contudo, o que mais agrada aos indígenas é receber visitas demoradas. Quando os missionários chegam, abrem sorrisos nos rostos acobreados. Os de primeira vez ficam surpresos com o respeito pela lei da hospitalidade. De aldeia em aldeia, a Rede-Luz lida sem pressa, por um ou dois dias inteiros com eles. Na despedida, perguntam quando os visitantes irão retornar. Dizem que a maioria dos doadores chega rápido, entrega os objetos, dá as costas, pega os veículos e vai embora.

Os líderes se expressam em uma mescla de guarani e espanhol, mas a maioria dos nativos fala apenas o idioma original. Há locais onde nem sequer entendem uma palavra de espanhol. Para facilitar o contato, fizeram um minidicionário com termos guaranis básicos. Bom dia – *Mbae'ichapa nde koe'*. Você está bem? – *Mbae'ichapa*. Obrigada – *Aguyje*.

A energia gerada pelo serviço atrai colaboradores leais que não pertencem à Rede-Luz, mas lhe ofertam ajuda. Médicos e odontólogos paraguaios se entregam por inteiro, gastam do próprio dinheiro e tempo e, com excelência profissional, dão consultas clínicas e serviços de saúde bucal, pois indígenas estão a perder dentes.

Um casal da Cidade do Leste guarda o material utilizado a cada missão e até mesmo adquire o que o grupo precisar. O chofer que traz os voluntários da capital, a trezentos e cinquenta quilômetros, cobra bem menos do preço de mercado, e ainda faz um trabalho pesado ajudando a distribuir fardos de alimentos para as sete comunidades.

Pagam um mínimo ao dono do hotel onde se hospedam, e que lhes empresta a cozinha quando chove, a fim de levarem o alimento pronto para ser servido nas comunidades descampadas, com ruas enlameadas, onde não se consegue acender a lenha úmida.

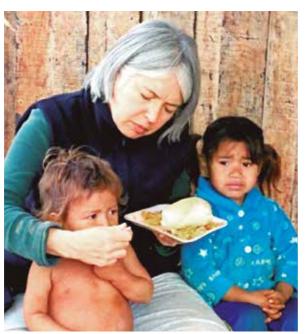
Em certa visita, compadeceram-se de avá-guaranis dispersos por ruas após terem sido despejados do terreno que alugavam ao lado de um dos lixões. Homens e mulheres, idosos e crianças deixaram de ter qualquer proteção da inclemência dos elementos. Estão sofrendo demais. Assim, vieram a ser incluídos na rede de proteção do grupo, que sentiu imediata empatia por tanta dor. Busca ajudá-los, interagir com mães e filhos, deixar-lhes mantimento para melhorar a dieta frugal.

Tempos atrás, eles mesmos, os atuais servidores, viravam o rosto para nativos. Graças à clara compreensão de quanto estavam cegos e iludidos por antiquados preconceitos, entraram em outro estágio da evolução, regido pelo amor, não pelo egocentrismo.

A transformação é um processo de despertar para o trabalho coletivo harmonioso. Sentíamos indiferença quase total para com os povos indígenas. Agora, abraçamos crianças, aprendemos seus nomes, olhamos em seus olhos, sorrimos, cantamos, conversamos com adultos, preparamos o almoço para nos alimentarmos juntos. Com certeza, temos nos aperfeiçoado e polido nossos egos, conclui Faustina.

Missões Regionais Recorrentes Paraguai servem a comunidades indígenas. Cidade do Leste, entre 2016 e 2018











Voluntários do Paraguai, Argentina e Brasil com indígenas. Puerto Barreto, Presidente Franco, Paraguai, julho de 2017

O constante e diligente serviço abnegado tanto é um símbolo de reconciliação entre os representantes de três países, como de concórdia entre os brancos e os povos originários. Cria um protótipo do bem que se irradia e expande por todo o planeta: Que o homem branco aprenda a compartilhar para trazer esperança aos indígenas, diz uma colaboradora paraguaia. Os caminhos de interação abrem-se à medida que velamos amorosamente uns pelos outros. Tornam-se um campo de desafios, de provas pessoais e de aprendizagens grupais.

Durante seis encontros, foram gravados comentários de alguns voluntários. Tecem um vivo panorama de memórias. Eis uma seleção:

Ederlene, brasileira: Tudo foi sendo extraordinariamente conduzido. O que mais me impressionou foi a sincronicidade entre os mínimos fatos e gestos. Até o clima deu sinais. Chovia a cântaros um dia antes de as visitas começarem. A previsão era não parar. Mas o céu começou a limpar, e quando chegamos à aldeia, no sábado, um sol radiante secava a lama vermelha. Cada voluntário parecia saber o que fazer e sentia uma alegria fora do comum. Pessoas que nunca tínhamos visto e participavam pela primeira vez de uma missão pareciam velhos amigos. Todos estavam integrados, e tudo funcionava perfeitamente. No momento em que terminamos o último trabalho e a refeição, o céu voltou a se fechar. Só tivemos tempo de recolher as coisas e entrar no ônibus. A chuva caiu e não quis mais parar.



Voluntários da Rede-Luz atravessam a comunidade Yvú Porã Rendá, Cidade do Leste, Paraguai, outubro de 2017

Nilda, argentina: Primeiro tive temor de que as coisas fossem precárias demais, mas era tal o amor, companheirismo e dedicação, que minhas questões se dissolveram. Tudo ia sendo solucionado, passo a passo.

Míriam, brasileira: Havia uma pureza tão grande nos indígenas e nos servidores, um silêncio, uma doçura... isso me encantou. Os missionários transmitem uma energia linda, divina.

Alicia, argentina: Sou enfermeira há trinta e quatro anos e tive uma experiência espetacular com o doutor. Nunca tinha visto um médico trabalhar com tanto amor, com tanta dedicação, descendo ao nível de cada criança.

Adriana, paraguaia: Conectar-me com a consciência indígena é uma dádiva do universo. Sinto a unidade entre irmãos, a unidade entre almas, acima e além de qualquer diferença. Compartir com eles me provoca um sentido de plenitude. Noto que, a cada missão, recompensamos um pouquinho o mal que lhes fazemos e a discriminação que existe contra eles.

Azucena, paraguaia: Cabe ressaltar a presença amorosa e a entrega de argentinos e brasileiros que nos ajudam a levar as tarefas a cabo. A simplicidade, a humildade e a união dos indígenas de Puerto Bertoni são exemplos a seguir para crescermos espiritualmente.

Leandro, argentino: Naquele lugar abençoado pela Natureza, encontramos uma comunidade cheia de virtudes, que agradece com amor o pouco que lhe fazemos. Mara, brasileira: Quando estávamos reunidos na mata, foi comovente ver um casal de senhorezinhos. Não tinham nada, nada, nada, mas abriram as portas da casinha para nos receber. Nada esperavam de nós, e quando alguém os presenteou com alimento, mesmo estando com fome, não o comeram. Ficaram com aquilo na mão, apenas nos olhando com tanta doçura. Já os curumins queriam carinho, toque. Quando lavávamos seus cabelos fazendo massagem, fechavam os olhinhos, amando.

Elsi, argentina: O intercâmbio entre nós, que viemos de fora, e os indígenas enriqueceu a todos. São encontros de almas. Fomos chamados a aprender com o que é simples, percebendo a abundância que a vida nos dá, mesmo na pobreza. Acima de tudo, fomos convidados a aprofundar nossa conexão com o que não vemos, com o todo.

Teresita, argentina: O que mais me impactou foi a beleza do fogo aceso pelo líder, sua técnica perfeita.

Faustina, paraguaia: Na verdade, o trabalho missionário facilita uma descoberta de nós mesmos, e a cada missão saímos mais fraternos e renovados para seguir participando de outras.

Márcia, brasileira: O ponto mais tocante foi quando fizemos orações pedindo perdão em nome dos brancos, que dizimaram populações originárias nos quatro cantos do mundo.

Pelos assentamentos precários dos avá-guarani, dos yvú porã rendá e dos mbya-guarani, o grupo doa bens, sopra uma brisa fresca e deixa um brilho a mais nos olhos. Em uma despedida, um garoto de oito anos quis ir embora com eles e ficou aos prantos, inconformado. O grupo saiu tocado; alguns, de coração partido.

Os servidores tecem parte do manto de paz que um dia se estenderá sobre todos os povos de todos os continentes. Tornam-se antenas para o Alto dissolver dores. A compreensão e o compartilhar são meios de abrir portas para os planos invisíveis resgatarem a consciência indígena, que resguarda a pureza original e protege os Reinos da Natureza.

PARTE VIINos bastidores

Coordenar missões da Fraternidade

Nossa imperfeição é o sinal de um estado transicional, um crescimento ainda não terminado, um esforço que está buscando seu caminho. Sri Aurobindo

Ricardo, você é coordenador desde a primeira missão, em 2011, no Nepal. Conte um pouco sobre sua responsabilidade neste serviço grupal voluntário, que rapidamente atinge horizontes mais amplos.

Primeiro preciso ter a visão do todo. Coordenar é interessante, mas não é fácil. Quando me coloquei para ser missionário, nunca imaginei ser o coordenador. Fui pego de surpresa para fazer esta tarefa e a partir daí me dedico para que ela se concretize.

No início, o trabalho tinha uma linha de simplicidade, despojamento, disciplina, certa austeridade. Fomos instruídos a preparar o grupo para superar dificuldades em momentos cruciais de emergência como falta de alimento, de água. Caso tivesse de andar cinquenta quilômetros, um missionário não pensaria muito, apenas se colocaria a caminhar. Também não hesitaria em se lançar, com cautela, a atividades mais perigosas.

Vim de uma vida oposta a isso, mas me encaixei rápido na proposta da prontidão e de fazer custe o que custar. Mas isso tira as pessoas da zona de conforto. Umas aderiram às regras, outras se afastaram.

Muitas forças são postas em movimento durante cada missão. Aprendemos a fazer bem as de trinta a sessenta dias em diferentes países, com grupos e demandas diversas. Adquirimos a habilidade de estar sintonizados para atender as necessidades de cada momento. Por outro lado, a Missão Permanente Roraima, de longo prazo e sem previsão de terminar, exigenos aprofundamento.

Coordenar é uma tarefa difícil porque temos de olhar tudo, por todos. Nos detalhes. Não devemos pecar no pequeno para não pecar no grande. Primeiro precisamos ser pontuais, precisos no horário. Se devemos sair às 8h, não é às oito e três, senão o portão de embarque fecha e perdemos o avião. Precisamos parar com pequenas negligências. Mesmo aqui no escritório, o papel da impressora ou o rolo de papel higiênico termina e não é reposto. Alguém sai deixando a luz acesa, o ar condicionado ligado, a cadeira fora de lugar. Em contextos maiores, distrações podem ser fatais. O esforço diário do coordenador é o de repetir, insistir para cada um estar atento. Isso cansa um pouquinho.

Temos a imagem da Fraternidade a zelar, a de ordem, de beleza e de harmonia construída durante quarenta anos de instruções dadas por Trigueirinho. Para isso, precisamos unir esforços e tomar um conjunto de providências, desde andar com vestimentas alinhadas, carros limpos e identificados até reabastecer os tanques quando o combustível chega na metade.

A missão tem etapas bem distintas: o antes, o durante e o depois. A do planejamento me encanta. O antes cuida de um mar de previsões. Quem irá? Esta pessoa se encaixa, vai aguentar o ritmo, ela se dá bem com a outra? E ainda emitir passagens, tirar vistos em embaixadas, levar cópias impressas dos passaportes, lista de telefones e pontos de contato, organizar o dinheiro, o alimento, a hospedagem, o transporte no Brasil e aonde chegarmos. O que levar: roupa de frio, de calor, tamanho dos uniformes, material de segurança. Pesar as mochilas e as malas – chama fulano para tirar tantos quilos, trancar as malas e as etiquetar com os quilos.

Logo antes de sair, verificamos: pegou o passaporte, o crachá, deixe-me ver. Já aconteceu de alguém estar sem o passaporte na hora de viajar. Entramos na van, ufa, relaxamos um tempo. Chegamos ao aeroporto. Fulano e fulano, peguem as malas - temos especialistas em cuidar de malas. Fulano, pegue os carrinhos. Você, recolha todos os passaportes. Fulano, vá fazer o check-in.

Então chegamos ao destino: só fulano pega as malas nas esteiras e checa tudo. O dia a dia da missão inicia: é preciso fazer contatos, cuidar de cada um ao longo dela. Alguém começa a adoecer... Temos medicamentos? É o caso de mandá-lo de volta? Até hoje não precisamos enviar ninguém de volta, mas tivemos de tudo.

Coordenar é estar lá executando e ao mesmo tempo atento ao que cada um faz para ninguém se ferir. Por exemplo, em Katmandu nos pediram para lavar, descalços, uma ala de câncer infantil. Havia agulhas no chão.

Ou a lavamos de botas ou não a lavamos, respondi. Aceitaram, mas pediram para, antes de entrar, lavarmos bem nossas botas.

No retorno para Figueira encerramos o processo: recolher o material, contar, guardar, fazer relatório, prestar contas, organizar as fotografias. Enfim: Acabou! Normalmente é assim um mês antes, um depois. E em seguida chega nova missão e retomamos a marcha.

Colocamos em prática nosso aprendizado teórico e acadêmico, em circunstâncias totalmente diversas. Planejamos a fim de problemas não nos pegarem no contrapé; por isso pouca coisa sai fora do previsto, porque sempre temos o plano B.

Sempre valorizei o trabalho em conjunto, desde meus tempos de escoteiro. Porém, tenho uma deficiência. Sou da ação, tocador de tarefa, não de pessoas. Deixe comigo o que precisa ser feito, e faço. Mas custo a perceber que alguém não está bem, que não gosta de executar aquilo. Não enxergo.

Haja paciência! Ainda não tenho muita... é um processo. Estou aprendendo a trabalhar a paciência, a soberba, a humildade. Tirando as dificuldades, situações construtivas vão transformando aspectos de nossa consciência antiga e nos inspiram a ser melhores seres humanos.

Conversas sobre Etiópia, RD Congo, Ruanda e Uganda

Mais vale uma gota de ação do que oceanos de resoluções teóricas. Mirra Alfassa, a Mãe

Cinco missionários refletem, com feições pensativas e eventuais sorrisos, sobre a quarta Missão na África Central. Lembram sensações, aprendizagens, intuições pessoais e grupais vividas na Etiópia, em Ruanda, Uganda e República Democrática do Congo/RD Congo.

Vinte anos antes de você ser convidada para a quarta Missão África, havia trabalhado com as Missionárias da Caridade e comunidades carentes no interior de São Paulo, certo?

Rosi: Minha aproximação com a atividade missionária começou em 1990, quando o Instrutor Trigueirinho explicava que o serviço era uma nota importante do caminho espiritual, que ninguém chega a lugar algum se não renuncia a si próprio e busca encontrar Deus no outro, servir a Deus através do outro. Citava o exemplo da atividade missionária de Madre Tereza de Calcutá, que eu desconhecia. Com o impulso de atender àquele Ensinamento, encontrei em São Vicente, cidade próxima de onde moro, uma base das Missionárias da Caridade. Fui fazer alguma coisa lá, ajudar em situações difíceis com enfermos, que é a rotina delas. E fiquei indignada ao ver uma pintura sagrada de Cristo no banheiro! No lugar do espelho, estava a imagem de Jesus Misericordioso. Fui direto perguntar-lhes, bem sem graça, sobre minha inquietação... Morreram de rir e responderam: "Você não entendeu? Temos de nos espelhar n'Ele. Por isso Sua imagem está espalhada por todos os cantos." Apaziguei me, a resposta confirmava a instrução que Trigueirinho vinha semeando em meu coração.

O serviço na África era semelhante ao realizado no Brasil? Rosi: Sim. Foi minha primeira viagem, super intensa, com os Missionários da Fraternidade. Com frequência encontrei os quadros humanos que via no Brasil. O povo nasce na pobreza, na miséria, jamais tem recursos, alimento e atendimento suficientes. Mas tem gratidão por cada coisinha que lhe fazemos. Já na missão da Turquia era diferente. Ficamos com refugiados a quem, um dia, nada faltara, e haviam perdido tudo. Observei mais gratidão nos africanos.

Um missionário acrescenta: Encontramos vários congoleses na Turquia. Ficaram impressionados por termos ido a seu país. Lembro-me das crianças do Congo. Quando nos aproximávamos, assustavam-se e gritavam. Éramos uns extraterrestres brancos, de barba. Imagine, todos os missionários usavam barba. Depois iam chegando, abraçavam-nos e eram extremamente amorosas.

E o que mais chamou sua atenção, Shen?

Shen: De forma geral, foi o crescendo de impactos. Terminado o episódio do genocídio, Ruanda recebeu verbas de reconstrução da ONU e de outros países para sua reconstrução. Kigali é bonita, ordenada, as praças bem tratadas. Há silêncio. Foi o melhor país dos cinco africanos em que estivemos na época. Da capital, viajamos quatro horas para o interior, por uma estrada empoeirada de terra, apreciando a vegetação, as casas simples, tudo limpo, arrumadinho. Cortam árvores com facões imensos; não usam ferramentas modernas. O hotel de Kigali era um padrão de ordem e gentileza, e a casa dos padres onde ficamos em Kibeho, tipo um seminário, também. Lindo, todo plantado, com construções novas. Comentamos que estávamos sendo preparados para o que viria. Foi dito e feito.

Você ficou impactado, Elamed, com a diferença entre Ruanda e o Congo. Elamed: Ruanda é silenciosa. Passava muita gente pelas ruas, mas havia calma, não se escutava o ruído incessante como no Congo. O Congo é ruidoso demais. Tudo se agita de forma impressionante.

E sua impressão sobre Uganda e o Congo? Outro dia uma missionária soltou a frase: *Congo é um inferno* e saiu caminhando...

Shen: Kampala, a capital de Uganda, é desordenada, meio suja, mas há trechos razoáveis, avenidas com asfalto. Uma multidão transita pelo comércio misturado com bancas nas calçadas, mas há negócios em lojas. Como no Brasil, há bairros melhores e outros piores, mas limpos e não superpovoados. Não vimos esgoto a céu aberto como no Congo, que é um inferno porque... O que imagino ser um inferno? Um estado de consciência, que pode ser mental, emocional e chegar a ser físico. Mas, existem





Kinshasa, República Democrática do Congo, abril de 2015

ilhas de relativa paz em Kinshasa. Hospedamo-nos em um oásis. No Congo tudo acontece na rua. Até a padaria é alguém carregando cestas de pães na cabeça. Por onde andamos faltava beleza, ordem, harmonia, silêncio. Vimos desordem e feiura... A degradação humana é extrema. A miséria é extrema. Tudo de ruim é extremo pelas ruas, a olhos vistos, comum! O esgoto emana mau cheiro. O comércio, um mundo de camelôs vendendo uma infinidade de quinquilharias e alimentos, joga toda espécie de dejetos pelas ruas de terra. O povo vive numa lixeira, perdido de si mesmo, e, pior, achando isso quase normal.

Há muitos moradores de rua?

Shen: Demais. Debaixo do viaduto, sem nenhuma condição de higiene. Passamos por lugares horrendos. Pessoas perderam inteiramente a consciência do equilíbrio. Para entrar no Congo, tiramos visto em Brasília. Lá não se entra sem visto, como em outros países. Mesmo assim, arrisca-se a não entrar. A decisão sobre a entrada ou não no país só acontece na hora do desembarque. Entramos pela ajuda de uma senhora superinfluente.

Nas missões, vocês conhecem realidades nunca antes encontradas... Shen: Nenhum dos missionários havia passado por situações de extrema

carência como as que contatamos ao longo dos trabalhos. Na África, a falta de alimento é comum, a atenção médica, raríssima. São só eles e Deus, pelo menos na faixa de pessoas que atingimos. Não dá para saber se os moradores de rua, supermagros, têm vinte ou quarenta anos; já nascem

carentes e só conhecem esse tipo de vida. Quem tem um bom prato de comida por dia está bem. Quem tem dois, está ótimo. Falta higiene. Água na torneira é difícil de se achar. Usam balde para pegar água em certos locais, encher galões; por todo lado tem gente transladando água. Mesmo dentro das casas das Missionários da Caridade havia lugares com água não potável, que as pessoas bebiam.

Em Uganda vocês compreenderam melhor os dois lados das missões... Luiz: Descobrimos o que fomos fazer na África. Não só pôr a mão na massa; mas descobrir o outro lado da mesma moeda. O serviço material mais a oração são um casamento perfeito! Chegávamos da tarefa matutina, almoçávamos e engrenávamos na oração grupal. Até oito horas seguidas em alguns dias. Hospedar na casa de retiro foi fundamental para sustentar isso.

Os missionários fazem um trabalho visível e outro invisível, o material e o imaterial.

Shen: Antes de viajar para a quarta missão, recebemos a orientação de equilibrar o serviço com a oração. Saímos do Brasil sem saber como colocar isso em prática. Ao chegar a Kigali, o próprio ritmo diário estabelecido pelas Irmãs nos mostrou como. Tínhamos de sair ao meio-dia da casa delas, pois a fecham para se recolherem em oração. Como gastávamos mais de meia hora de van para ir e voltar, resolvemos passar as tardes no hotel para orar. No início, três, quatro horas. No santuário de Kibeho, participamos de muita oração e missas. Quando fomos para Uganda, tínhamos ancorado um ritmo orante superforte na pauta diária, sempre com cantos e violão. Foi assim até o final.

Você toca violão desde criança?

Shen: Toco desde a África. Tive de aprender porque ninguém tocava. Rezávamos e cantávamos tanto que acabei aprendendo.

Diante da devoção encontrada em Kibeho e do povo guerreiro de notável pureza interna, missionários afirmam que Ruanda é o coração da África. Elamed: Os ruandeses hoje vivem um caminho de reconciliação. São convocados para trabalhos comunitários mensais, tais como construir estradas ou casas para necessitados, limpar uma praça, tudo com a intenção de aumentar o arrependimento de uns, o perdão de outros, a dignificação de todos. Em Kigali, fizemos uma parada no Memorial do Genocídio, onde está retratada a história de Ruanda. Estruturado em tribos antes do período

colonial, o povo era unido, forte e vivia em paz. As duas etnias principais eram os tutsis – a classe governante, com reis, princesas – e os hutus, trabalhando mais no campo. Quando os colonizadores perceberam a força e a organização do povo, viram que a única forma de conseguir poder era desunindo-os. Começaram a classificá-los segundo dados bastante superficiais - o hutu é mais baixo e tem o nariz mais chato, o nariz do tutsi é mais alongado e ele é mais alto - e a acrescentar a etnia nas carteiras de identidade. A fim de jogar uma etnia contra a outra, semeavam a intriga: "Você é hutu? Por que se deixa dominar por um tutsi?" Usando os meios de comunicação, conseguiram gerar a separação, até o ódio desencadear-se no genocídio de 1994. Em cerca de cem dias, hutus radicais, instigados pelo governo e por meios de comunicação, massacraram quase um milhão de tutsis, hutus moderados e tvás, outro grupo étnico. Hoje, Ruanda encontra-se unida sob uma mesma bandeira. Famílias e vilarejos profetizam um tempo de paz. Uma das lições mais importantes que a nação dá ao mundo é conseguir perdoar o que cremos ser imperdoável. Conhecer a história de Ruanda nos fez compreender melhor a importância da unidade grupal, o valor do perdão para se chegar à paz. Ali há seres que buscam o caminho de reconciliação consigo mesmo, com o semelhante, com a própria essência, com o Divino.

Convencer o negro de que a cor da pele comprovava sua inferioridade foi uma estratégia perversa no processo de dominação. Esse preconceito nos traz sérias consequências até hoje.

Bento: Ainda assim, as camponesas ruandenses nos acenavam com total alegria. A influência europeia não tinha alterado os costumes de cortesia. A simplicidade, a gentileza e a humildade são atributos superiores. Quantos males lhes temos feito, quanta falta de afeto! Apesar disso, percebi o amor divino nos rostos sem mágoa nem rancor daquelas agricultoras. Para mim, a síntese da missão foi entender como qualidades divinas vivem nos mais simples e humildes.

Em Ruanda você viveu um momento de revelação...

Bento: Íamos para Kibeho pela estrada do país das milhares de colinas, tão lindas, e senti, por um instante, uma síntese do conhecimento, uma compreensão bem viva. Eu observava as mulheres com enxadas e crianças nas costas plantando batatas e legumes. Ao ouvir o motor, paravam e se viravam para acompanhar o movimento da van passando com gente branca. Abriam largos sorrisos e acenavam até nos perder de vista. Que encanto!



Missionários organizam depósito de lenha. Nairóbi, Quênia, maio de 2013

Um momento, fixei o olhar em uma das que nos saudava e fui penetrando num mistério. Enxerguei a Virgem Maria negra nela. Diante de meus olhos encontrei a mesma pureza virginal materna, apesar do passado tão sofrido. Os brancos têm uma dívida pesada em relação aos negros, mas aquelas mulheres nos haviam perdoado.

Você viveu um *insight* no trabalho com as lenhas.

Luiz: Nunca vou esquecer as lenhas. Na casa das Irmãs em Nairóbi, havia um grande pátio de terra lotado de tocos, lenha para cortar, paletes amontoados de qualquer jeito. Assim que o coordenador propôs ordená--los, o grupo se dividiu; parte rachava, parte empilhava. Algo começou a acontecer... Os negros começaram a se impressionar por estarmos fazendo um trabalho que brancos não fazem, um trabalho considerado menor. Naquele momento, houve uma mudança de paradigma. Levantei os olhos, e seus rostos em volta sorriam. Se fazíamos o trabalho que eles fazem para as Irmãs, nós os estávamos servindo. E me aconteceu um "déjà vu". Veio--me à mente um dos desenhos de Debret, que ilustra livros de História do Brasil, de um grupo de negros trabalhando, enquanto, ao redor, senhores bem vestidos observavam. Acontecia o oposto. Foi forte. "Isso eu já vivi! Teremos sido aqueles que olhavam?" Havia um motivo para a alegria

deles: estavam sendo libertos das cadeias de preconceitos! Quando fizemos tarefas de pintura e jardinagem na frente da casa, aconteceu de negros pararem para ficar olhando aquele monte de brancos trabalhar. Até tiramos uma foto com um deles.

Você sempre quis ser missionário na África...

Luiz: Desde jovem me identifiquei com a cultura africana, queria ser missionário lá. Quando estudava com jesuítas e com franciscanos, um frade contava histórias da época em que fora missionário na África, e aquilo mexia comigo. Um ano antes de ir, li o livro de Immaculée Ilibagiza - Sobrevivi para Contar – e chorei demais. Depois o reli sem jamais imaginar que estava prestes a chegar a Ruanda, onde ela viveu uma história impressionante. Quando fomos entrando na zona rural a caminho de Kibeho, senti que ingressava em outro espaço e tempo. O que me surpreendeu foi ver homens de camisa de manga comprida, apesar do ápice de calor. Por que estão assim? Retrocedi séculos, parecia visitar um momento antigo da história... A pureza, tudo me tocava profundamente. Em Kibeho, desligavam a energia elétrica às 20h. Enquanto eu contemplava a imensidão estrelada, ouvindo murmúrios de conversas distantes, entrava em outro tempo dentro do tempo.

O grupo viveu uma experiencia extraordinária...

Clara: Foi impressionante. Fomos à Etiópia três vezes. Na primeira missão, guardamos certa memória do hospital das Sisters, da claridade. Uma casa enorme, com mil e quinhentos enfermos, e enorme taxa de mortalidade. Na terceira missão nos pareceu ter bem menos gente e que tinham pintado o hospital. Fomos perguntar para as Missionárias da Caridade e responderam que não. Havia a mesma quantidade de enfermos, não tinham pintado... A impressão de cada um do grupo era real: o lugar estava mais claro, mais limpo, as paredes mais brancas, havia menos gente. Perguntamos a Trigueirinho o que nos estava acontecendo. Ele explicou que fizéramos um trabalho no astral do lugar, e muita coisa fora liberada. Se isso aconteceu lá, pode repetir-se em qualquer local. Podemos mudar o astral de qualquer lugar. Esse é o trabalho invisível, e quem o faz não somos nós. "O que fizemos?" Curativos, lavamos roupas, varremos o chão; aparentemente, isso. Mas, nos outros planos... é obra de um mistério...

Conversas sobre Grécia e Turquia

Hoje, esta é a condição do planeta: a escuridão ainda reina no mundo das aparências enquanto, ao mesmo tempo, o homem vindouro desabrocha. Esse homem futuro, em incubação, já convive conosco, já mora em nosso íntimo e destina-se a perdurar definitivamente.

Juan Mihovilovich

Não fechemos os olhos ao que acontece nos quatro cantos do mundo.

Missionários relatam sobre consequências da crise e do caos global em vidas que encontram pelos caminhos, realidades sem retoques do brutal egoísmo humano.

Uma guarda na memória: Como são corajosos aqueles de tantas nacionalidades e falas desconhecidas! Só conhecem a própria língua e entram em outro país deixando tudo para trás. As prisões de Atenas estão lotadas deles. Não fizeram nada de errado e aguardam documentos ou ser deportados. Sem saber seus idiomas, nós os olhávamos colocando a mão no coração. Eles respondiam com respeito, as mãos no coração, abaixando lentamente a cabeça e fechando os olhos... É isso que falam... e isso toca... e lhes dávamos roupa, almoço, pão. Mas o olhar vale mais do que qualquer coisa material. Rostinhos de países diferentes, sabe, cada qual parecia um filho... muitos jovens, muitos. É triste... Vê-se que têm fé porque fazem a saudação mulçumana "As-Salamu Alaikum – Que a paz esteja contigo! – ou "Salamaleico", em versão aportuguesada.

Perigosas máfias seduzem estrangeiros ingênuos, geralmente pobres, mal esclarecidos e com pouca instrução. No centro de detenção, encontraram um haitiano que falava espanhol e português. Quando reconheceu a bandeirinha do Brasil na roupa dos missionários, arregalou os olhos: Estou há mais de um mês entre tanta gente e não falo com ninguém! Nem os policiais sabem inglês. Chorava de felicidade, ele dentro da grade e os missionários do outro lado. Contou sua história. Não era criminoso: Em São Paulo, paguei dois mil euros, e me prometeram arranjar um emprego

de mil euros por mês. Cheguei aqui, e era tudo mentira, fiquei ao Deus dará e acabei sendo preso porque passou o tempo de renovar os documentos, e não tenho dinheiro para isso.

Outro missionário discorre sobre como se conectar sem falar o idioma. Esteve com os homens quando o grupo passou a distribuir roupas masculinas: Não falávamos o idioma dos que faziam fila, estabelecíamos vínculos com os olhos, com gestos. Era uma conversação silenciosa, mas o sangue latino, do trópico, permite uma dinâmica calorosa. Começamos a dar-lhes atenção mais personalizada. Sentiam que não estavam sozinhos, já não iam lá somente por uma roupa, mas para ganhar um sorriso, um toque de alegria. E se não houvesse roupa no momento, havia o afeto. Que voltassem na semana seguinte, mas, sobretudo, que mantivessem a esperança; a vida continua. Algumas vezes meu coração doía. A carência de um necessitado gerava reflexos nas minhas...

Ante tantas misérias, loucuras e impurezas acontecendo na Grécia, os missionários constatam: As almas estão se apagando, esfriando. O contexto de um país que já esgotou suas forças e cujas fronteiras se fecharam leva os imigrantes estrangeiros, e mesmo gregos estacionados na mesma situação após dois, quatro ou mais anos, a andar abatidos pelas ruas, sem ânimo, infelizes por causa das calamidades passadas e pela falta de perspectiva futura. A prostração deles potencializava o impulso de encorajá--los: Mova-se, vamos, irmão, não perca a esperança! Ainda que apenas se possa colocar um grãozinho de alegria na vida desses seres, os servidores se esforçam. A atividade missionária não existe para oferecer um teto ou uma forma de sobrevivência. Isso está nas mãos de dirigentes e de órgãos majores. A atividade missionária oferta amor incondicional.

Reflexiva, uma missionária cala-se por um átimo e abaixa o tom de voz: Encontramos olhares tristes, amargos, revoltados. É impressionante, parece que todos têm a vida enrolada. A Grécia é dura. Não se percebe isso de imediato, mas seu campo psíquico está profundamente contaminado, saturado de energias capitais, como preguiça, luxúria, gula. Ninguém passa fome. Há muita oferta de alimento, distribuído por igrejas e outras instituições. Uma das misérias é o descontrole da energia moral; as pessoas envolvem-se demais com isso. Há quantidades de "sex shops" na capital, droga e prostituição, tudo misturado com a beleza do país. É um lugar perigoso; é preciso cuidado para não negligenciar valores elevados e perder-se na ilusão.



Barcos na marina de Bodrun, Turquia, fevereiro de 2016

Existe um contraste gritante entre as condições dos moradores do pequeno país. Há quem more em casas suntuosas de resorts na praia, sem ter verba para comprar o que comer, pois perdeu com rapidez suas fontes de renda. Com a dissolução de parte da classe média, sobrevive de doações, mas já teve mesa farta e desperdiçava. A poucos metros, vizinhos jogam comida fora.

Perante a súbita queda social e econômica, uma rede solidária vem sendo formada. Por exemplo, o que uma padaria produz em um dia e não lhe é permitido, por lei, vender no dia seguinte, antes era jogado no lixo. O proprietário aceita repassar as sobras para missionários distribuírem.

A discrepância também se dá no país vizinho, Turquia. É descrita por outro servidor: No litoral turco, estivemos em um balneário turístico de alto nível, Bodrum, de onde refugiados saem em balsas pelo Mar Egeu. Passamos por joalherias belíssimas, restaurantes finos em bulevares fechados ao trânsito. Na marina lotada de megaiates, clientes tomavam chá em "decks" à beira-mar. Era inverno e, a duzentos metros, levas de refugiados árabes tentavam cruzar em frágeis botes infláveis para Kos, ilha grega a 4 km. Estavam ilegais, e a municipalidade pedia que se escondessem no mato para não serem vistos, evitando-se constranger turistas. A cegueira e a indiferença humana estavam estampadas ali. O coração da humanidade está doente.

Conversas sobre crianças refugiadas na Turquia, abandonadas na África

Não faças de ti um sonho a realizar. Vai. Sem caminho marcado. Tu és o de todos os caminhos. Sê apenas uma presença. Uma invisível presença silenciosa. Cântico XXIII, de Cecília Meireles

Tudo acontecia para que, vendo além da aparência negativa, os missionários aprendessem a comungar com profundezas do padecimento de meninas e meninos árabes e africanos. Estiveram com eles em salas de atividades infantis da ASAM, órgão turco de apoio a refugiados, e em casas das Missionárias da Caridade.

A cada entrevistado fiz uma mesma pergunta: *Que história pessoal mais te tocou durante as missões?*

Bento: A coordenadora do escritório em Ancara apontou-nos uma sala para as oficinas infantis. Abrimos a porta do cubículo três por quatro, lotado de crianças dançando ao som altíssimo da música techno, pápápá. Nem tínhamos como nos mexer ali dentro. Quando vi aquilo, pensei: "Deus do Céu, o que está acontecendo? Viemos fazer um trabalho e estamos nesta loucura." Em um lapso de tempo voltei à infância; saía de minha cama e ia dormir entre meu pai e minha mãe para senti-los bem perto de mim. Então, entendi as crianças assim juntas, em movimento de catarse para tentar esquecer. Muitas tinham visto os pais serem decapitados e a maioria era órfã. Olhei para uma, e ela veio correndo me abraçar. Eu a abracei de volta longamente e compreendi que a Divindade estava ali cuidando das almas, mesmo em meio àquela loucura, que nos provoca tanta repulsa. Entendi que a Luz trabalha das mais diferentes formas, bem além de qualquer formato ou regra.

Alexandrina: "O que estou fazendo aqui? Qual a minha missão?" Eu repetia e repetia essas perguntas. Temos relações ancestrais com os países e, desde que pisei na Turquia, senti-me inadequada, estranha, até ter meu primeiro contado com uma refugiada, uma menina síria de uns cinco aninhos.

Enquanto brincávamos de bonecos para as crianças se entrosarem conosco, ela mantinha as mãos no bolso do casaco sem fazer nada nem se enturmar. Algo foi atraindo-me até ela. De mansinho, coloquei minhas duas mãos por fora de seus bolsos, sobre as delas. Ela olhou para mim, eu para ela; aí tirou as mãozinhas e as colocou sobre as minhas, tombou a cabecinha linda para o lado e disse em português: "Mãe?!" Aquilo me tocou fundo. Acho que me viu como mãe, não sei... acho que perdeu a mãe, não sei... tantas crianças perderam a família. E a abracei, e ela me abraçou. Foi um reencontro, encontrei uma filha, ela encontrou uma mãe. Senti a Mãe Divina pulsar em meu peito junto ao dela e entendi: "É isso que você veio fazer aqui, doar o coração. Não precisa falar a língua, não precisa de nada. Basta olhar, sentir." Eu a pus no chão e ficamos de mãos dadas... outras crianças vieram... brincamos de roda, ela se integrou à turma. Faz dois anos e nunca a esqueci. Todos os dias eu me lembro daquele olhar meigo, do cabelinho preto. No íntimo, batizei-a como afilhada espiritual e oro por ela, oro por todas as crianças do mundo, principalmente pelas que perdem os pais e estão nas guerras. Foi o momento mais inesquecível de tantas missões. Que dádiva ser chamada de mãe! Ela não sabia português e disse: "Mãe." Parei de perguntar o que estava fazendo ali. Temos de distribuir nossos códigos de amor para esses seres. Assim foi. E a partir daí tudo fluiu.

Rosi: Não sei desenhar nem uma casinha e me vi na sala de um professor e artista plástico sírio, que ensinava desenho a crianças de Aleppo. Falava inglês e árabe e lhe pedi: "Pergunte para esta menina como posso ajudá-la?" Aisla, com uns doze anos, respondeu: "Faça uma oração!" Fiquei surpresa... Que oração? Comecei a escrever em inglês a invocação pelas crianças na guerra: "Pelo Anjo da Paz, imploramos a Deus, acalma o sofrimento dos pequeninos; pelo Anjo do Amor, sacia a fome dos órfãos; pelo Anjo da Cura, restaura as feridas dos inocentes." Fui escrevendo, e o professor traduzia em voz alta. Um menino foi cochichar em seu ouvido, pegou o papel em que eu escrevera e saiu correndo. Quis saber aonde ia... Ao escritório imprimir cópias para distribuí-las aos amiguinhos. Enquanto isso, Aisla terminou um desenho e me mostrou. De um coração transpassado por uma flecha saíam gotas de sangue e, dentro dele, escreveu: "I love Aleppo." Abaixo das gotas, desenhou uma vela acesa. Pedi ao professor para lhe perguntar o sentido; cheguei a pensar que ela havia deixado um namoradinho na Síria. Aisla explicou que era o coração dela, partido pela guerra. A lança e as gotas de sangue eram o sofrimento que sentia por aquilo. "E a vela acesa?" O sangue jorrando na chama sem apagá-la representava a esperança de que Alá iria

encerrar tudo aquilo no dia em que Ele resolvesse. Disso ela tinha absoluta certeza. Fiquei sem chão!

Pensamos que a guerra é do outro lado do mundo, no Oriente, que o tornado é nos Estados Unidos... Não vemos que é aqui também, que nós somos um. Se eles sofrem, uma parte de nós sofre. Se vivem dores, somos causadores diretos ou indiretos. Somos cúmplices, coparticipantes. O núcleo de desordem na consciência da humanidade é continuamente alimentado por pequenos núcleos de discórdia dentro de nossa própria familiazinha. Desavenças com um irmão, com o pai, com familiares saem em ondas ecoando pelo mundo e resultam em guerras. Se algo negativo vibra em nós, gera consequências, conflitos, desigualdades. Cada um de nós tem participação no desamor porque, se cada um vivesse a plenitude do amor, com certeza não haveria espaço para o caos existir. Que consigamos reconhecer isso e colaborar para a paz agindo como as Missionárias da Caridade ensinam: "Ser o espelho de Cristo em cada movimento, em cada ação".

Cristiane: Em Ruanda, na Casa das Missionárias da Caridade, fomos divididos em grupos. Fui trabalhar com crianças em uma sala simples e bem organizada. Um cheiro ácido e forte impregnava o ambiente. As crianças tinham paralisia cerebral em diferentes graus. Algumas estavam amarradas em cadeiras por panos, outras se arrastavam sobre colchões no chão. Babavam e, quando aproximávamos, agarravam-nos com força. Por um momento senti uma rejeição enorme, algo que desconhecia em mim, que jamais imaginei ter. No mesmo instante, um aroma delicioso de flor infiltrou-se pelo ambiente. Não tive dúvida, era a resposta poética da presença de Nossa Senhora! Grata, fechei os olhos orando e tive uma visão do nosso grupo apoiando-me em irmandade. Daí em diante algo mudou em mim. Passei a sentir tanto amor por todos, a perceber a irradiação dos olhos, a entender as crianças sem precisar falar a língua delas, e elas a mim. Com o passar do tempo, essa comunicação foi se desenvolvendo. Na República Democrática do Congo, minha transformação se intensificou. Fomos para uma casa masculina com meninos abandonados de formas trágicas. Da primeira vez que abriram o portão, eles nos receberam com festa. Abraçamos a todos e nos reunimos para cantar. Adoraram. Uma das crianças, Nathan, ficou o tempo todo segurando minha mão. Começou a conversar comigo, mas no início eu não o compreendia. Ele fala congolês; eu, português. Continuava falando, falando... De repente, comecei a compreendê-lo além das palavras e da mente. Ele também me entendia. Foi tão natural. Todos os dias éramos





Uma menina que nunca sorri. Kampala, Uganda, 2015 Refugiada síria. Izmir, Turquia, 2016

recebidos com júbilo, ficávamos brincando, cantando, conversando. O último encontro foi especial. Quando descemos do carro, Nathan desviou-se de todos e veio correndo até mim. Demos abraços bem fortes de despedida, de um em um, entregando-lhes a energia amorosa que pulsa no grupo.

Missionário: A alegria e os sorrisos que vemos em filmes e fotos de crianças africanas não são apenas esfuziantes; vêm de uma pureza e profundidade genuínas. As Irmãs nos contavam a realidade crua delas, e vivi momentos dramáticos. Um menino bem objetivo afirmou: "Você vai me levar para sua casa." Ele não perguntou: "Posso ir para sua casa? Mas tenho dois irmãos..." Correu e chamou-os, como se o sonho fosse concretizar-se naquele exato momento. Tive de dizer: "Não, vocês não podem ir para a minha casa." O garoto quis saber: "Por quê?" Respondi: "Porque a sua casa é aqui." Ele apostara tudo naquilo. Foi difícil, muito difícil. Como as crianças achavam nossos nomes engraçados, durante uma brincadeira de criar músicas com eles, meninos começaram a me dizer: "Quero ir com você, mas sei que não tem como me levar." A carência mora dentro deles e temem o futuro... Querem salvar-se daquele lugar, sair da insegurança e da ansiedade eterna. Não há perspectiva, de trabalho, de dinheiro. A tensão acerca da política é constante. Vive-se um paradoxo. As pessoas têm alegria, energia, mas carregam o

medo da fome, da maldade, de um mundo fora de controle e que pode tornar-se pior. Lá, é fácil ser empurrado para abismos.

Shen: As crianças africanas são supermusicais, afinadas, aprendem rápido as canções. Em Uganda, recebiam-nos cantando: "Paz, paz, en la Tierra paz." Mas quem mais me tocou foi uma garotinha do Congo. Ali, as crianças acolhidas pelas missionárias têm histórias terríveis, as piores das piores. O povo lida demais com feiticaria e carrega uma superstição, a crença de que as famílias são amaldiçoadas quando nascem bebês com más-formações ou até com uma mancha na pele. Como a desnutrição é altíssima, nascem muitos assim. Os pais os abominam e rapidamente se desfazem dos filhos, abandonando-os pelas ruas e em florestas, ou os amarram em linhas de trem para serem mortos. Passantes salvam alguns, levando-os para as Irmãs cuidarem. Chegam feridos e com marcas de surras para retirar maus espíritos. Fui tocada por uma sobrevivente. A garotinha tinha dificuldades motoras devido a um problema mental. Ficava em uma cadeira de rodas. Apesar das deformidades, era lúcida, bastante lúcida. Um dia, ouvindo--nos cantar, começou a reger. Regia perfeitamente. Ela vivia a música. Daí em diante, aonde eu ia tocando, ela ia. Se me visse, começava a reger com as mãozinhas. Criei uma canção para ela. Sorria, os olhos brilhavam, inocentes como se não houvesse drama... Havia candura naquele olhar. Havia música. Era maravilhosa. Brincávamos, ríamos uma para a outra, era só alegria. Até tiraram uma foto de nós duas juntas... Mas lá morava outra menininha, Maria, com uma tremenda história de maus-tratos e abandono. Recebeu atenção de cada missionário; mas nenhum conseguiu ganhar um único sorriso dela...

Rosi: Durante as missões, descobrimos quanto somos impotentes para resolver misérias do mundo, doenças, guerras, mas conseguimos, de alguma forma, plantar sementes de paz. Uma força vivifica nossas almas, aumenta nossa percepção e nos traz sabedoria para plantá-las silenciosamente em nossas famílias, em nossos amigos, em nossos vizinhos. Hoje, só nos resta orar e plantar sementes invisíveis.

Conversa com Frei Luciano

Um discípulo de hoje bebe direto de sua fonte interna. Um discípulo de hoje caminha seguro, mesmo sem saber para onde se dirige. Um discípulo de hoje transcende o conceito de fronteiras, pois reconhece em todos, de todas as nações, flores cuidadas pelo mesmo Jardineiro. Um discípulo de hoje sabe que não cruzará a Porta enquanto não ceder a vez a outro irmão. Um discípulo de hoje vigia em atenção e ora em segredo, permeando os espaços de luz. Palavras ao Coração, de Frei Sivanum

O trabalho missionário é acompanhado de perto por Frei Luciano, monge consagrado da Ordem Graça Misericórdia, uma das vinte e três associações civis nacionais e internacionais filiadas à Fraternidade – Federação Humanitária Internacional. Todas prestam serviços gratuitamente. Ele é um dos quatro membros do Conselho de Regência e Guiança Permanente da Fraternidade, obra que promove e sustenta as missões. Desde dezembro de 2017, tornou-se o responsável por coordenar o movimento missionário. Viaja regularmente a fim de resguardar *in loco* o desenrolar das tarefas e participar de reuniões com parceiros e outras instituições da rede humanitária tecida para apoiar refugiados venezuelanos.

Em maio de 2018, na sala de reuniões do escritório da Fraternidade em Boa Vista, ele discorre sobre tópicos relativos ao serviço grupal.

A Fraternidade – Federação Humanitária Internacional vem expandindo-se. Pouco a pouco descobre novas formas de expressar-se.

Sim, a FFHI trabalha em vários planos, inclusive no espiritual. Duas de suas filiadas são instituições religiosas: a Associação Maria e a OGM, organização autônoma, cristã, de relacionamento inter-religioso com grupos ligados ao catolicismo, ao islamismo, ao judaísmo, ao budismo ou a outras crenças. Além das duas, a FFHI tem outras facetas. Uma é a expressão missionária. Aberta em 2011, é assistencial. As missões da Fraternidade têm uma raiz espiritual, porém não realizam nenhum trabalho dogmático nem religioso. Mas fora das horas de trabalho, atrás dos muros de nossas casas, os missionários fazem um exercício profundamente interno e praticam horas de oração.

O ACNUR e a Fraternidade são parceiros e trabalham arduamente, ombro a ombro, para proteger refugiados da Venezuela. Uma vez que as Nações Unidas é um órgão laico, como se relacionam com os monges? Como tudo na vida, nada como o convívio e um diálogo transparente para que a situação se esclareça. Colocamos de uma maneira bem clara e precisa para o ACNUR, assim como para o UNICEF - que recentemente nos convidou para uma parceria em atividades com jovens, adolescentes e crianças dos abrigos - que a presença dos monges é como a dos demais missionários, a de residentes das comunidades ou a de colaboradores da Rede-Luz. Não é religiosa; está no nível serviçal para fazer o que for necessário. Eles sabem que não estamos teorizando, nem catequizando, nem arrebanhando devotos. Inclusive o Conselho de Regência proíbe o exercício, dentro de abrigos, de qualquer das práticas espirituais que desenvolvemos e até mesmo referência a elas.

No entanto, as vestimentas causam uma indagação. De onde saem estes homens e mulheres com hábitos, limpando o chão, alimentando crianças e brincando com elas, carregando caixas e sacolas, sem nenhum traço de atividade religiosa? O que é isso afinal? Sobretudo monges masculinos são incomuns nos dias atuais. Provocamos um impacto aonde quer que cheguemos – filas de aeroportos, shoppings. Algumas situações são constrangedoras, pessoas às vezes riem, comentam e costumam ser irreverentes diante de nossa presença. Outras ficam interessadas, aproximam-se para fazer perguntas.

Há poucos dias, fomos recebidos para uma reunião com o Ministro-Chefe da Casa Civil da Presidência da República e o Comando Maior do Exército para a Missão Roraima, mais trinta e cinco oficiais, além de representantes de outras entidades. Todos nos respeitam porque, ao longo da tarefa, observaram que somos tão missionários como quaisquer outros. Monges da Fraternidade servem em Boa Vista desde a primeira missão, quando indígenas viviam no Passarão, uma feira pública com esgoto na rua, uma sujeira. As autoridades e a população já se acostumaram conosco e, quando nos encontram, fazem questão de trocar uma palavra e reforçar a admiração por nossa disponibilidade para o serviço.

Mas há aqueles que demonstram preconceito, dificuldades. O capitão de um abrigo me disse que o hábito, por si, implica um aspecto dogmático. Respondi que a presença de uniformes do Exército é associada a guerras, conflitos, imposição. Que assim como o Exército está em abrigos promovendo



Frei Luciano. Abrigo Pintolândia, Boa Vista, Roraima, Brasil, agosto de 2018

ações humanitárias, também estão os monges. Que, como viram, nunca falamos a respeito de Deus, de Jesus, porque isso não faz parte da nossa atividade nos abrigos. Ele ficou um pouco sem graça...

No Brasil, país de diálogo inter-religioso, há inúmeras nuances espirituais, da Umbanda à Igreja Católica. Hoje, a intolerância religiosa põe uma pessoa atrás das grades. Não é uma questão ética apenas; é uma questão legal, grande conquista da nação. Por lei, qualquer manifestação religiosa pode expressar-se. Ninguém é obrigado a aderir a alguma, mas a respeitar, sim. Podemos não ser aceitos, mas aceitamos as demais e devemos ser respeitados.

Nosso trabalho é realizado mais através do coração, do convívio fraterno do que com o verbo. Os valores que representamos são compartilhados no dia a dia, sem nenhum mistério, e nossa obra vai sendo conhecida pelo serviço voluntário abnegado.

O propósito das missões da Fraternidade vai além do assistencialismo. Missionários em missão suprem várias camadas de necessidades, das mais periféricas e superficiais - relativas às necessidades básicas materiais, como dar roupa, alimento, remédio, fraldas, berço, barraca, bicicleta - até as abstratas, que são as emocionais, as éticas, as humanitárias. Buscamos

fazer um trabalho silencioso de resgate da dignidade do ser humano em si, de sua consciência, a fim de educar as almas, ajudar os Reinos da Natureza e a vida no planeta. Buscamos atingir o âmago do ferimento provocado pela perda do amor-próprio de famílias com crianças sem saúde, sem cuidados de higiene e sem alimentação adequada, de mulheres sem assistência preventiva, de homens sem educação.

Tudo pede socorro. A desigualdade está na base de todos os conflitos, e a consequência de tantos erros pode chegar a ser uma missão, onde se inicia o processo de atendimento. O mais importante é que o servido - seja ele um nepalês, um africano, um sírio ou um indígena - reconstrua a consciência de seu próprio valor, respeite suas características singulares, seus sentimentos, sua história.

Aos poucos os refugiados percebem que a Fraternidade não está ali apenas para dar objetos, marcar consultas. Durante o trabalho de campo, os princípios que tentamos desenvolver em nossas próprias vidas e no mundo interior de cada um de nós lhes chegam junto com as atividades assistenciais. Os atendidos observam ausência de competitividade, de busca de poder e da necessidade de ter razão. Ao mesmo tempo, somos disciplinados e marcamos presença quando algo não vai bem. O exemplo e as atitudes promovem a reeducação, ativam valores correspondentes dentro deles.

Qual a situação atual dos venezuelanos em Boa Vista?

Além dos que vivem em grupo em casas alugadas, há uma estimativa de mais de quatro mil acolhidos pelo trabalho conjunto do ACNUR, da Fraternidade e da força-tarefa Operação Acolhida do Exército. Os três órgãos estão a lhes oferecer um leque de atendimentos diretos, desde curativos em indígenas até atividades de socialização e de inclusão, e chegam até mesmo a colaborar na interiorização de abrigados.

A presença do Ministério da Defesa, através do Exército, tem sido bastante positiva. Os militares estão tirando as pessoas das ruas, ainda que seu foco seja a segurança nacional - solução de questões ligadas a tráfico de drogas, tráfico de pessoas, prostituição, e adoção de medidas para regular um pouco a fronteira. O Exército deu a logística mais consistente nos últimos meses, com uma força-tarefa que permite aos abrigados ter barraca, alimentação, banho e ser vacinados, cadastrados. Por outras vias, seria bem mais lento. Temos de deixar claro que os militares proporcionam agora o recurso humano e financeiro e um volume de ajuda de que não dispomos

para bancar. Além disso, eles promovem certa proteção para os missionários nos abrigos.

Sem marcar qualquer posição partidária, foi a partir do esforço e da experiência em trabalhos humanitários do Exército que milhares de venezuelanos hoje recebem água filtrada, alimento, documentação, atendimento odontológico, vacinas e não mais vivem abandonados em praças, sob fortes chuvas e acuados pela polícia municipal. Aqueles que faziam necessidades atrás de um poste têm agora contêineres onde tomar banho quente, lavar roupa e estão protegidos.

Chama a atenção do UNICEF e do ACNUR, que têm contato com missões em diversos países, o exemplo de cordialidade e de amabilidade do Exército brasileiro diante do grau de prepotência militar no tratar com pessoas de outras nações. Aqui, os oficiais caminham entre os acolhidos e os respeitam, trabalham juntos, conversam, riem.

Quais as orientações dadas a um missionário?

Fazer um serviço neutro, simples. Neutralidade é, espiritualmente, um aprofundamento do que humanamente chamamos imparcialidade. Os missionários devem abordar as situações com neutralidade. Caso se envolvam com qualquer questão externa, caso tomem partido ou achem que há algo errado na Venezuela, a missão não ajuda a construir o encaminhamento de vidas. Devemos conhecer profundamente a realidade de cada país, mas nosso trabalho não é o de avaliar o que neles acontece nem tratar disso com seus habitantes. Acolhemos todos sem alimentar suas inquietudes; tentamos escutar sem estimular críticas. Quando nos perguntam algo, respondemos, esclarecemos, aprofundamos. Quando nada nos perguntam, calamos. Devemos tratar cada situação em si: "Vocês querem voltar para a Venezuela? Buscar um emprego? Ir para outros estados do Brasil? Ir para outros países da América Latina?"

Nossa meta nos abrigos é promover uma melhor qualidade de vida e um processo educativo. O caso dos indígenas é um capítulo à parte. Eles provêm de um histórico de abandono na nação de nascimento. Lá mendigavam e pararam de preservar ou buscar suas origens. Chegaram ao Brasil em processo de deterioração, com a intenção de prosseguir com o mesmo estilo de vida anterior. Contudo, deparam-se com a Fraternidade, cujo propósito é promover atividades que lhes permitam, caso aceitem, retomar sua cultura, a vida interior baseada em suas próprias crenças.

E sobre perspectivas futuras de indígenas abrigados?

Sobre a questão do assentamento deles, a esperança da Fraternidade é de que órgãos responsáveis se sensibilizem e cedam alguma área para atividades acompanhadas, onde a consciência indígena possa ser trabalhada com o artesanato e plantios para, ao longo do tempo, eles mesmos gerarem uma aldeia legalmente estabelecida segundo leis brasileiras. Na Venezuela suas terras vêm sendo apropriadas pelo governo e estão sem ter onde viver com dignidade. Esse seria um caminho para as crianças do abrigo crescerem em outro ambiente, junto à Natureza, em melhores condições.

É a primeira vez que o Brasil vive este tipo de situação.

A legislação brasileira reconhece aos refugiados o direito ao trabalho, à educação, à saúde e à mobilidade no território nacional. Permite que reconstruam suas vidas. A missão humanitária não tem a tarefa de substituir essas ações governamentais. É uma oferta para completar lacunas não estruturais com atividades preventivas e pontuais em casos de saúde, educação, discórdias.

Uma estatística recente feita na Venezuela afirma que a situação tende a piorar, e mais três milhões de cidadãos, além do milhão e meio que já imigrou, pretendem deixar o país. Porém os abrigos são temporários, e o contrato da Fraternidade com o ACNUR, bem como a atuação do Exército, vão sendo renovados segundo a situação do país vizinho e a forma como o governo brasileiro decide implementar ações humanitárias.

O Brasil não tem o histórico de ser transgressor, de atacar, de criar inimizades. Espiritualmente, isso é um respiro positivo e representa uma proteção para a alma da nação. É um país devoto, que reconhece Nossa Senhora Aparecida como padroeira. Esse "background" espiritual concede um respaldo para toda a atividade missionária.

Para concluir, pode explicar como são definidas as missões?

O Conselho de Regência e Guiança Permanente segue as pautas sinalizadas pelos Mensageiros Divinos, através dos videntes da Ordem Graça Misericórdia. Por exemplo, Eles acabam de indicar uma missão no Egito. Quem determina cada movimento da Fraternidade é a Hierarquia Celestial, e um dos papéis do Conselho é de efetivar e amparar cada uma das missões designadas.

Um chamado para jovens

Você bem sabe que o caminho mais certo é o caminho do altruísmo. O coração guarda o testemunho de que precisamente a boa vontade é que ajuda nas horas difíceis. Morya

O Universo fala e nos faz lembrar do infinito. A luz eterna pisca no cosmos convidando jovens a sair da ilusão material para ir conhecer a dor do mundo, pois a enorme energia deles ajuda a curar essa dor. É mágico ver um jovem irradiando alegria pelos abrigos. O espírito primaveril contagia e transforma servidos e servidores. Ninguém sai esgotado no fim do dia, as forças sugadas; ao contrário, sai sentindo-se até melhor.

A juventude traz um impulso renovador e, se decide fazer algo, muda a vida ao redor para aquilo acontecer. Jovens atentos a sinais dos céus e que almejam treinar a fraternidade têm respondido ao chamado de partir para a aventura em Roraima. Levam valores universais: servir ao bem geral e emanar amor. Expressam o novo tempo florescendo no lar-Terra, tempo de transcender diferenças e resistências culturais, étnicas, religiosas.

A tarefa missionária se renova a cada dia. Por que atrai os jovens? Proporciona um ambiente de descobertas constantes. O grupo acorda sabendo que viverá algo inusitado com pessoas diferentes, receberá alguma instrução inédita, participará de um movimento singular.

A energia criativa do jovem pode ser abafada pelo sistema institucionalizado e desperta quando ele tem a oportunidade de trabalhar em equipe sendo respeitado ao expressar seu sentir e saber. Nisso, ganha fôlego para transformar vitalidade em ações positivas. Apesar de essa fase da vida ser considerada de rebeldia, o jovem observa a importância de obedecer ao comando do coordenador. Reconhece-o como aquele cujo conhecimento abarca a amplitude da tarefa e torna-se um bom parceiro do adulto que, com bom humor e entusiasmo, trabalha ombro a ombro com o aprendiz.

Há jovens de doze a setenta anos. Há crianças velhas e velhos crianças. Não é a idade física cronológica que conta. Uma ativa senhora de oitenta e um anos participou da primeira Vivência Missionária com entusiasmo chamejante. Mentes jovens são flexíveis, abertas a mudanças. Se um dia só tem pão e banana em casa, não se queixam e ainda dizem: Olhem que banana maravilhosa! Vamos fazer um doce. O jovem tem a característica de estar em permanente elasticidade e aplaudir alterações: Hoje vamos almoçar só às três da tarde, por isso e por aquilo. Ele acha até bom, olha a situação como mais uma aventura.

Quebrar programações para atender urgências é uma das regras missionárias. Certa vez, um grupo deslocou-se para a cidade vizinha. Tinha planejado passar lá a tarde e logo chegou a prova através de um telefonema: Está acontecendo tal coisa aqui! A missionária respondeu com ligeireza: Estamos voltando agora! Caso alguém reclame, resmungue, sofra pelos programas alterados... ah, esse não suporta ser missionário. Quem cria resistência, torna-se uma célula rígida, um bloco inflexível dentro do eterno fluxo da energia.

Em Boa Vista tivemos conversas francas com jovens aprendizes vindas de longínquas regiões brasileiras ou do exterior. Entre voos e escalas, viajaram horas para partilhar com refugiados venezuelanos. Também ouvimos jovens voluntárias da própria cidade, que semanalmente doam alegria, beleza, entusiasmo e fé aos abrigados.

Diz uma aprendiz: Levo mais do que trago. É incorreto dizer: estou ajudando. Com certeza somos mais ajudados do que ajudamos! Durante as missões, curei-me de coisas que nem sabia ter. Como são invisíveis nossos defeitos e erros! Há questões que precisamos resolver, mas ficamos travadas, inconscientemente bloqueadas. Já tinha ouvido dizer que o problema está sempre na gente, e que, a partir do momento em que nos transformamos, nossa relação com o outro se transforma, mas eu nunca tinha entendido essas afirmações. Isso é verdade, tudo está conectado! Se liberamos uma crítica, uma culpa ou um medo, aquilo libera nossos passos futuros.

Segundo ela, de início deixava de dizer não a refugiados por acreditar que apenas o sim suaviza a vida dura deles. Não dava o sim por amor, mas por comparar sua vida à deles. Na verdade, respondia sim para amenizar a própria culpa. Com o passar do tempo, aquilo ficou pesado.

Ajudava por obrigação, não por amor. Um dia, alguém acompanhava com violão um grupo que orava, e a jovem viu nitidamente um raio rosado penetrar o próprio coração. Lágrimas começaram a escorrer. Sentia tanta clareza. O amor incondicional por todos os seres, por aquele lugar, pela família, por tudo, explodiu dentro dela. A partir daí, vem aprendendo a ouvir o outro e permite-se trocar pontos de vista. Compreendeu que pessoas tanto aprendem com um sim, como com um não. Sabe dizer um firme e cordial não, um não pedagógico, explicando o porquê. Enfim, melhorou moral e intelectualmente. Ela completa: Como agradecer por tanta aprendizagem? Dando de volta!

Diz uma fisioterapeuta que trabalha com auriculoterapia: Meu coração pede para servir. No passado, quando assistia a documentários sobre os Médicos sem Fronteiras ou sobre a Cruz Vermelha, meus olhos marejavam. Sentia que tinha de estar lá. Então, inscrevi-me para participar de Vivências Missionárias, e minhas atitudes e vida mudaram. Passei a ver o mundo de outra forma, a me importar com o outro, a observar a dinâmica dos moradores de rua, a olhar em seus olhos, a conversar com eles. Fiz uma vivência, outra, mais duas: quatro ao todo. Participei de encontros da Rede Missionária Planetária. Aquilo foi me puxando... e estou aqui, em Boa Vista. No início estranhei... o calor, a energia, o ritmo do dia a dia, estar todo o tempo me dando ao outro. Sentia-me exausta, pesada. Agora o serviço tem fluído bem.

A terceira jovem se lembra: Durante certa Vivência Missionária, fomos à APAC, onde estão os presos com bom comportamento. Nunca tinha entrado em um presídio. Pensei: Não tenho nada para falar, mas vou entregar-me e pedir que Jesus me ajude e, seja o que for, eu faço. Fiquei parada, observando em volta. Durante uma oficina, pediram aos detentos para criar um desenho para ser enviado a suas famílias. Um preso então me chamou; achou que eu era estrangeira. Começamos a conversar e lhe propus desenharmos mandalas. Falávamos sobre o que sentíamos ao colori--las. Foi mais que uma terapia, mais que um encontro assistencialista; eu me sentia unida a ele. Outras pessoas foram sendo atraídas e se agregaram a nós. Sou meio desconfiada, certinha, gosto de planejar tudo: vou fazer isso, falar aquilo. Coloco objetivos. Tenho medo de me soltar. No trabalho funciona, mas no serviço acontece algo mais, e as situações fogem do controle. Aprender a confiar não é fácil, mas sei que preciso viver o aqui e agora. Fico me ensinando: entregue-se, fique à disposição, o que você tiver



Jovem missionária faz curativo. Abrigo Pintolândia, Boa Vista, Roraima, Brasil, setembro de 2017

de fazer vai chegar, permita-se e se solte como a água de um rio. Deixe-se levar. Não sei elaborar o que ocorreu, mas, naquele dia na prisão, uma parte subjetiva aprisionada em mim se liberou.

Outra aprendiz, voluntária de uma cooperativa de catadores de lixo, conta como chegou à Comunidade Figueira. Quando procurava veterinários veganos para seus animais, indicaram-lhe um casal. Ela admirou-se com a generosidade dos dois: ganham bem, mas estipularam um teto para si mesmos e doam o restante para campanhas e ações humanitárias. A esposa indicou-lhe ir a Figueira e, agora, ela recém-chegava na missão em Boa Vista. Entre outras tarefas, a jovem oferecia essências florais para mães e filhos indígenas e não-indígenas se reconectarem entre si. A vida desenha o futuro.

Uma missionária matriz orienta os jovens de primeira vez a se ligarem exclusivamente à tarefa e filtrarem informações dadas pela imprensa e pelas redes sociais. Inexperientes, relatam histórias arrepiantes e notícias desencontradas e, se permanecem nessa onda obscura, suas mentes e emoções não conseguem contribuir com o restante do grupo.

As atitudes de cada missionário são observadas pelos coordenadores. Caso um demonstre ser uma consciência-problema durante a missão, não recomendam sua participação em outra até que amadureça. De início, chegam com a mesma intenção de servir, mas, dias mais tarde, os diferentes pontos emocionais se revelam durante a convivência e tribulações.

Em situações difíceis, voluntários com excessiva sensibilidade e os que se envolvem sentimentalmente no trato com servidos ou servidores podem colocar o grupo em risco. Atitudes individualistas e imprudentes desestabilizam o todo. Há aqueles de comportamento retraído demais, que se mantêm em atitude reclusa e não atentos às necessidades da equipe. Tendo de ser instigados para a ação, retardam o grupo. No entanto, para alegria geral, acontecem revelações promissoras.

No Abrigo Pintolândia, uma jovem cercada de curumins tocava violão e cantava com duas irmãs e uma amiga. Cursam Gestão Ambiental, Farmácia e o Ensino Médio. Com cerca de vinte anos, são voluntárias há seis meses. Envoltas pelo ambiente vivaz com centenas de abrigados de toda idade transitando, correndo, deitados em colchões, sentados pelas arquibancadas, conversamos sobre ajudar o próximo no que seja necessário:

As pessoas daqui não precisam só de comida e roupa, mas de conversar, de receber um abraço. Acabo de dar banho em uma menina; se não fosse eu, quem se aproximaria dela? Ajudar o próximo é papel de todo ser humano, não só de missionários. Por isso, nós quatro viemos às terças e quintas. Interagimos com as crianças, ensinamos o alfabeto, a formar palavras. Às vezes falamos com pré-adolescentes sobre prevenção e sobre atitudes que vemos aqui e as jovens precisam ter cuidado de não permitir. Ajudamos em qualquer coisa. No início, na cozinha. Depois, montando kits de roupa e de material de higiene no depósito da Casa Verde, hospedagem dos missionários. As missionárias nos ensinam a identificar os recém-chegados para acolhê-los e dar-lhe os kits, pois nunca tivemos formação para serviço voluntário ou para relações interpessoais. Aprendemos a olhar nos olhos dos abrigados e dizer que a gente está aqui para lhes dar apoio, entende?

Sobre como chegaram no Abrigo:

Conversávamos com colegas na Igreja Católica sobre quanto havia a ser feito pela crise humanitária. Uns frades nos haviam contado sobre o Abrigo, e resolvemos montar um bazar. Divulgamos nas redes sociais, arrecadamos roupas da comunidade, separamos, lavamos. Achamos que nem íamos vender nada, e acabou tudo em quinze dias! Com o lucro,

compramos material de higiene pessoal para os refugiados e viemos conhecer o espaço. Não sabíamos que a Fraternidade cuidava deles e resolvemos dar-lhe assessoria. Foi impactante descobrir que não iríamos mudar a situação deles, não podíamos levá-los para casa, arrumar emprego, pôr crianças em escola. No início foi assustador e chegamos a sentir uma energia ruim. Conforme fomos convivendo com venezuelanos, isso mudou. As crianças veem nos abraçar naquela alegria! Os pais conversam conosco. Agora é muito bom.

Sobre colocar-se no lugar do outro:

Tudo o que não queremos para nós, não queremos para o próximo. Nós nos colocamos no lugar dos refugiados. Ficamos chateadas e os defendemos se alguém fala deles com preconceito. Viemos de um trabalho dentro da igreja voltado a doar cestas básicas mensais e a ajudar quem precisa. É difícil sentir a dor do outro, imaginar o que sente alguém fugindo do próprio país onde um dia teve casa, comida, emprego. Está às vezes sozinho, sem a família, e fica em um lugar deste ainda não corretamente estruturado... É um abalo físico e psicológico. Temos de manter sua esperança, dizer-lhes que vai dar certo! Se alguém está passando por uma situação difícil, não quer dizer que deva ficar triste. Tem de se animar, tem de criar soluções para conseguir melhorar.

Sobre a alegria de fazer o bem:

Estar aqui nos deixa alegres! As pessoas são cheias de vida. Em casa há tanto a fazer e aqui esquecemos de tudo. Se nosso voluntariado fizer alguma diferença, está bom demais, as almas se engrandecem. Esta semana ajudei uma criança a escrever o próprio nome. Como foi gratificante! Há quem pergunte: "O que vou fazer aqui? Estou perdido!" Mas os abrigados querem aprender e estão abertos para mudar, principalmente porque precisam descobrir algo novo.

Sobre um coração voluntário:

É aquele que não quer nada em troca, nenhum reconhecimento. Basta os venezuelanos terem confiança em nós quando lhes oferecemos ajuda. Basta um sorriso, um olhar carinhoso. Eles têm olhos lindos, brilhantes; nunca os vimos com o olhar apagado.

Sobre a música:

Músicas energizam e têm um papel importante aqui. Acho tão bonito monjas cantarem com crianças! A garotada se anima, às vezes grita, pula,

e os adultos acompanham alguns cânticos. Eles nos ensinaram letras musicais em warao, nem sei se canto certo ou errado, mas comungamos da alegria. Acho bacana. A música nos une, acontece algo além do material, sabe... Não estamos aqui para consolar ou coisas deste tipo, mas para estar perto de quem confia em nós.

A aventura atrai jovens, que mergulham em filmes e leituras e sonham estar nessas histórias. Não gostam de situações paradas, sentem-se incompletos dentro de salas de aula tradicionais... Assim como o planeta gira, preferem rodar pelo mundo, tão vasto lá fora. Uma missão os motiva, tanto por conhecer a realidade dos discriminados como por ser uma aventura do espírito. Diz uma missionária matriz: Neste trabalho grupal ninguém precisa competir com ninguém, mas simplesmente deixar-se levar pelas correntes de vida.

O jovem se pergunta com ânsia: Que faculdade vou cursar? Em que vou trabalhar? Durante a experiência missionária, pode nascer-lhe um lampejo de esperança vindo do fundo da alma. Uns conseguem externar o que sentem, gratos por enxergar a carência humana. E se plenificam quando perdem o receio de cooperar e se entregar à atividade voluntária.

Dedicar-se exclusivamente a ser missionário pode não ser sua tarefa. Mas o jovem recebe o convite de vir por um mês, dois, ou anos. A oportunidade de trocar atividades cotidianas e comuns pela vivência sincera de doar-se reverbera no âmago de suas células e as nutre.

A caridade é um meio poderoso de influir em uma consciência e levá-la a abraçar fé crescente naquilo que ainda não é visível. Assim, o jovem fortifica seu ardor e ama mais. Olha ao redor com esperança de que um futuro glorioso se aproxima da Terra.

Reuniões dominicais

Tudo tem sua época, e há um tempo determinado para todo o objetivo sob o céu.
Eclesiastes

Três de setembro de 2017, domingo, meio-dia. Em Boa Vista, doze missionários entoam mantras de proteção enquanto aguardam um chamado via *Skype*. Até: *Olá! Estão ouvindo bem?* A coordenadora de Roraima responde: *O jardim aqui da Casa Verde está florido de servidores*.

Um riso surpreso soma-se ao riso digital vindo do celular encaixado na pia da lavanderia, onde doze missionários sentam-se em fileiras ordenadas. Mais quatro na base da Grécia e dez em Carmo da Cachoeira participam da reunião geral que acontece todo domingo. Formam um pequeno exército de jardineiros que em si cultivam flores do espírito.

Sem demora, Ricardo conta a maior notícia: A coordenadora-geral da nossa obra vai indicar novas tarefas que, em uma semana, serão apresentadas aos mil e quatrocentos participantes do Encontro Geral da Figueira, EG. Preparem-se, prepare-se! Nossa vida vai mudar. O coordenador dos missionários guia as consciências: Temos de nos manter firmes, fiéis e obedientes a tudo o que for sendo indicado. Assim, sempre estaremos no lugar certo.

Atenta, a equipe escuta o comunicado prévio: A Fraternidade mudou de ponto. Foi sendo preparada nos últimos quarenta anos pela instrução de Trigueirinho e, desde 2011, procura responder da melhor maneira a cada missão proposta e realizar uma integração ecumênica com entidades laicas e religiosas. Sem falar de religiões nem esperar nada em troca, faz o serviço movida pelo coração. Devido à ampliação das frentes de trabalho, bem como ao engajamento com outras instituições em Boa Vista e na Grécia, a Fraternidade alcançou a maturidade que lhe possibilita expandir a tarefa.

No que Ricardo pergunta sobre Boa Vista, Clara sintetiza acontecimentos dos últimos sete dias: Aqui estamos no "fuego ardiente de la ascención". Tudo dinâmico, uma aprendizagem contínua. A cada dia, sua ocupação. Nesta semana foi firmado o acordo com o ACNUR, da ONU. Avançamos bem com os termos de cooperação com a Defesa Civil e a Universidade Federal. No abrigo entram refugiados todo dia, ontem foram nove; no total, quase seiscentos. Estivemos em Pacaraima sexta à noite, reunidos com o prefeito. Ele disse que venezuelanos não indígenas serão enviados para Boa Vista, que lá vivem uns duzentos waraos nas ruas e será aberto um abrigo só para indígenas. Depois encontramos um grupo warao acampado sob uma marquise; foi a maior festa. Boa Vista está lotada de refugiados não-indígenas. A situação está tensa. É bom, pois quando fica complicado, chegam ajudas. A organização Médico sem Fronteiras enviará mais doações; também venezuelanos que moram há anos no Rio de Janeiro vão enviar muita coisa para os compatriotas por um avião da FAB. Hoje faxinamos a casa alugada para ser o escritório da logística e da organização financeira da Fraternidade. Um achado, perfeita para receber as autoridades e ser o depósito do estoque e do fluxo de entrada e saída de doações.

Da base grega chegam notícias sobre a continuidade dos trabalhos. Tudo corre tranquilo. Sobre a Missão Permanente Carmo da Cachoeira, o coordenador Imer explica o envolvimento integral dos missionários com



Reunião de missionários via skype. Boa Vista, Roraima, Brasil, setembro de 2017

a comunidade e que, em uma hora, conduzirão um comboio de Kombis e carros com peregrinos para orar na colina do Centro Mariano de Figueira. Acrescenta que em ambas as casas missionárias há um contínuo entra e sai de pessoas: chegam com problemas e saem melhor.

Quem vai ser o voluntário da oração de encerramento? pergunta Ricardo. Como ele mesmo é o indicado, prossegue: Unidos aos trabalhos missionários da Grécia, de Carmo da Cachoeira e de Boa Vista, vamos fazer três vezes a Oração da Sagrada Unidade, para que possamos, de fato, viver a unidade interna e externamente: "Sagrada Unidade de Deus, unifica nossas vidas, unifica nosso Ser, unifica-nos em profunda fraternidade. Amém." Para encerrar, a Oração do Missionário: "Em Deus todos estamos, a Deus todos respondemos, nas Mãos do Altíssimo descansamos, no Coração de Cristo nos transformamos, sob o manto da Mãe Universal nos protegemos, do Espírito Santo nos alimentamos por toda a eternidade. Amém." Irmanados e sob a luz dos três Sagrados Corações, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Ele encerra a reunião: Vamos ficar coligados às notícias do EG, que mudarão os rumos de nosso trabalho. E acolher tudo com os corações em paz. Bem, estamos preparados para o que vier! Domingo que vem teremos mais informações e detalhes de como a mudança vai se dar. Tenham uma boa semana, bastante movimentada. Fiquem com Deus!

No final da tarde, aves tropicais de vozes metálicas e asas enormes passam voando sobre os oito missionários sentados em um círculo de cadeiras no fundo do quintal. Os rostos tranquilos refletem as cores quentes do crepúsculo tropical rajado de tons solares.

Como ponto de partida da reunião em portunhol, Clara dá um sorriso: Gostaria de ouvir cada missionário. Como estão se sentindo e vendo a tarefa das missões? Ao que o gentil argentino sorri e percorre o círculo com as mãos e os olhos: "Primero las damas. ¡Ha que ser educado, no?"

Uma senhora argentina, repassa o quadro da situação de saúde recolhido no Abrigo Pintolândia durante a semana: Fizemos duzentas e sete fichas com dados de crianças e adultos listados por doenças. Apresentam dor de cabeça, dor de garganta, diarreias, desânimo, problemas de pele, de vista, etc. A doutora que acompanhará o tratamento de cinco casos de sífilis leves pediu que expliquemos o tratamento aos infectados.

Clara comenta: Bem, a pergunta era sobre o que sentiam, mas já que entraram no campo prático, vamos prosseguir nele. Dentro de uns dias, a FFHI, como instituição, passará por um treinamento com um especialista da ONU, vindo de Genebra para dar o curso baseado na realidade de Boa Vista. O que for determinado pelo ACNUR para não fazer, não faremos. Sinalizaram que estamos indo além do indicado, assumindo assuntos atribuídos a órgãos governamentais.

Os participantes dialogam sobre ações que transformem hábitos pouco saudáveis de higiene. Com a explosão de moradores no abrigo, dois agrupamentos familiares construíram uma espécie de favela no entorno do ginásio. Há focos de doença em um deles. No calor e na poeira permanentes, dormem em redes sob lonas plásticas. O local entulhado de objetos precisa de uma grande faxina. Como prevenção, os missionários combinam: Vamos nos reunir amanhã e pedir permissão ao cacique para nosso grupo ajudá-los a limpar o lixo? Caso ele permita, isso começará a resolver problemas de saúde que explodem.

A coordenadora prossegue: Precisamos fazer um trabalho mais profundo de cura em todos. As mães levam as crianças para mendigar nas ruas, e elas estão castigadas pelo sol, desidratadas e nem sabemos o que comem. Depois chega a mãe para nós: "Hermana, ellos tienem fiebre!" E as levamos para o hospital, tutelando-as por horas, como foi ontem. A febre passa e, na manhã seguinte, as mães voltam a levar os filhos para pedir esmola. Tivemos épocas de haver missionários dentro do hospital diariamente, das sete da manhã até nove, dez da noite.

Com a assinatura do acordo, uma equipe será estruturada para fazer acompanhamentos externos – principalmente de casos de saúde. Como o serviço atinge a alma, os missionários sentem ter chegado a hora de dar um passo mais maduro para lidar com males como HIV e sífilis – doenças espirituais graves.

O que são essas doenças para o povo indígena? Como trabalhá-las com eles, que nem sequer têm noção da gravidade delas e continuam a se contaminar? Quais questões relativas à saúde compete ao estado ou ao município resolver?

Alguém relata a cena vista no dia anterior: *Uma mulher fazia fogueira para cozinhar um peixe*, outra molhava farinha ao lado; então, uma criança se queimou no carvão aceso, e ela lhe jogou a água com farinha...

Uma jovem de dezoito anos, vinda de uma recente Vivência Missionária, passa a contar seu sofrimento ao testemunhar a condição dos indígenas: Estou sabendo reconhecer e agradecer as coisas simples, mas vitais, que tenho? Antes eu pensava que obrigatoriamente todos as pessoas tinham um alimento para comer, uma roupa para vestir. Ela lacrimeja: Uma coisa é saber que há seres humanos que nada têm. Outra coisa é estar com eles diariamente. O que fazer para que saiam do estado em que estão?

Clara responde: Na presença de tantas situações negativas, devemos pensar: "Isso vai mudar. É assim agora, mas vai mudar!" Tem de haver uma grande transformação no abrigo. É difícil ver homens com tanta força de trabalho parados o dia inteiro, sem fazer nada. A ociosidade atrai energias negativas para eles.

Outra jovem acrescenta: Acredito que a educação é uma porta de saída. O que eles são agora é o resultado do que não tiveram até hoje como formação. É maravilhoso e mágico ver as crianças se expressando na escolinha do abrigo, tendo a oportunidade de aprender. Ali temos um contato mais profundo com elas e as entendemos melhor.

Para finalizar a reunião, Clara agradece aos presentes por compartilharem da vida na casa, da cozinha, do serviço aos abrigados. Agradece por quanto se enriquecem mutuamente quando somam reflexões. Fazem uma oração e levantam-se, cada um indo empilhar a própria cadeira. Aqueles que plantam flores de luz elevam o olhar para as estrelas, trocam um pensamento com elas e reiniciam a atividade doméstica. O argentino canta com ardor: "Cambia, todo cambia".

Aprimorar o olhar para os waraos

Como o amor desabrocha em uma ajuda humanitária? Quando os corações de quem serve e de quem é servido se conectam em fraternidade. Depoimento de um missionário

Os waraos, ou seja, povo das canoas ou das águas, acreditam ter origem solar e que, em sua gênese, desconheciam a Terra. No Sol, o grande líder possuía um arco e uma flecha que abria um portal onde fosse arremessada. Mesmo sendo proibido, atirou-a em um pássaro sagrado em voo e, como jamais poderia acertá-lo, a flecha atingiu a Terra. Essa foi a primeira desobediência. Quando o arqueiro veio conhecer onde o portal fora aberto, comungou com a Natureza e as águas, sentindo que o povo de fogo deveria fazer uma experiência aqui. Portanto, solicitou autorização a seu superior e a recebeu sob a condição de nunca trazer uma mulher grávida. Waraos iam e vinham livremente entre as duas esferas até o portal ser fechado ao nele ingressar uma gestante. Ficaram presos e aguardam este ciclo planetário terminar para retornarem para casa.

Desobediências espirituais como a do líder warao deram origem a erros históricos e geraram carmas cósmicos. Muitos vêm sendo equilibrados durante a estadia desta humanidade no planeta azul.

Em 2016, uma estrela aproximou esse povo e a Fraternidade para juntos traçarem um novo destino. Conheceram-se entre grãos, sementes, farinhas e goma de tapioca de uma feira pública. Famílias que aí improvisavam acampamentos, mais outras vivendo no entorno da rodoviária, em terrenos baldios ou que atavam redes em casas abandonadas vieram a morar lado a lado no Abrigo Pintolândia. Provindas de diferentes comunidades venezuelanas, algumas já se conheciam. Outras haviam se encontrado no trajeto até o Brasil. Outras, no abrigo. No princípio, os acolhidos eram cento e poucos. Passado um ano e meio, setecentos e cinquenta.



Preparo do almoço. Abrigo Pintolândia, Boa Vista, Roraima, Brasil, fevereiro de 2019

Em uma missão humanitária permanente, como a de Roraima, servidores e servidos aprofundam relações enquanto vão abrindo o coração um para o outro. No cenário vibrante do abrigo, repleto de um infindável leque de ocorrências, amadurem. Ainda assim, é desafiador administrar a rotina e prestar cuidados a indígenas.

Desde o início, membros da Fraternidade buscam conhecimento antropológico sobre os waraos a fim de lidar melhor com eles. Dois monges missionários estudam informalmente conceitos de sua cultura, seus hábitos, sua história, seu modus vivendi. A Irmã Maria Auxiliadora, que os acompanha desde 2017, esclarece: O povo warao é heterogêneo na forma de ser, mas, apesar de diferenças internas entre suas comunidades, mantém a unidade linguística. Tem valores e costumes bem diversificados dos brancos, como nos chamam. Transitam em outro universo mental e emocional. Percebi que eu tinha de tomar extremo cuidado para não incorrer nos mesmos erros históricos, vendo-os a partir da minha formação e querendo que se adequem a ela. Senti uma inquietação profunda. Assumimos o papel de manter a harmonia dentro do abrigo e certamente devemos corrigi-los, orientá-los sobre higiene, afastar os que insistem em ter comportamentos que afetam o todo, porém, analisando com quem estamos lidando.



Criança warao na barraca. Abrigo Pintolândia, Boa Vista, Roraima, Brasil, fevereiro de 2019

Hoje existem quarenta e nove mil waraos. É o segundo maior grupo étnico da Venezuela, após os wayúu, que vivem no oeste da nação. Tem profunda conexão com as águas, o que torna esse povo amigável e pacífico. Nômade, sobe e desce rios. Move-se entre longas distâncias por canais navegáveis, tendo formado centenas de pequenas comunidades nas Guianas e em três estados caribenhos do delta do abençoado Rio Orinoco, que deságua no Oceano Atlântico.

Por milhares de anos, os waraos habitaram em palafitas. Comungavam com a exuberante flora e fauna das florestas de buritis, pântanos, mangues, uma caverna pré-histórica com petróglifos. A Natureza lhes oferecia frutas, palmitos, mel, caranguejos, peixes, madeira para canoas. Levando o estilo de vida tradicional de caçadores-pescadores-coletores, eventualmente cultivavam bananas e raízes, como a mandioca.

Da palmeira buriti, que conhecem como moriche, aproveitam tudo. Acompanham a coleta de sua matéria prima com cerimônias em gratidão à árvore sagrada. Utilizam as folhas como telhados. O broto maduro gera a fibra para tecer cestas e redes. De seu talo fabricam arpões para a pesca. Do cacho da planta feminina colhem mais de trezentos quilos de frutos; já a masculina não os produz. Obtêm a farinha do interior do

tronco e ainda, do moriche, formulam medicamentos para problemas na garganta, gripe, febre e contra piolhos.

Um warao narra: Meu avô, agora em outro mundo, contou sobre o buriti. Nosso povo tinha fome de pão. O homem saía para caçar à noite e voltava sem trazer nada; a mulher chorava de fome. Então o mundo obscureceu, já não existia o dia. Um xamã falou com o grande espírito. Orava e cantava, orava e cantava, pedindo para amanhecer. Quando a luz voltou, tudo era diferente. Trinta waraos tinham sumido. Um garoto, indo pescar no rio, viu os buritis e soube que os homens e as mulheres desaparecidos tinham virado palmeiras, e não faltaria mais o pão de cada dia. Todos comemoraram, cantaram, riram.

Exímios construtores de canoas, o povo possuía conhecimento sofisticado sobre embarcações. Conta-se que Cristóvão Colombo admirou-se ao encontrar canoas levando até cem pessoas no delta do Rio Orinoco. Em 1499, o primeiro explorador europeu deu nome para aquela extensão de verdes e águas. Chamou-a de Venezuela porque palafitas indígenas à beira-rio faziam-lhe lembrar a cidade italiana de Veneza.

Pela dificuldade de acesso à região, o povo da água resistiu por séculos desde a chegada dos colonizadores espanhóis. Até a onda de monoculturas ir tomando conta de seu território histórico entre 1920 e 1940, quando as florestas de buritis começaram a ser desmatadas. O governo resolveu transformar o local em uma enorme granja, onde bovinos e búfalos foram introduzidos. Em 1966 construiu um dique-estrada, e o novo empreendimento fez o povo perder a autonomia de sobrevivência. No mesmo ano, a maioria dos indígenas abandonou as aldeias, trocando--as por espaços urbanos, ribeirinhos, litorâneos e rurais. Por último, na década de noventa, o setor petroleiro ali se implantou. Hoje, os poucos waraos ainda pela região recebem estrangeiros, como a espanhola que lhes compra artesanato para vendê-lo em seu país.

A Natureza respondeu à ganância. Uma irresponsabilidade ecológica causou a acidificação do solo e salinização do rio matando peixes. O nível das águas subiu. Estranhas enfermidades surgiram. Sobre isso, os waraos têm uma explicação cosmológica baseada no poder criativo feminino. A Mãe das árvores tem a potestade de, caso uma árvore seja colhida de forma indevida, retirar-lhe as propriedades curativas. Se alguém pesca além do que necessita, a Mãe das águas e dos peixes diminui os cardumes.



Senhora da etnia Warao. Abrigo Pintolândia, Boa Vista, Roraima, Brasil, setembro de 2017

Há cinquenta anos, a etnia experimenta a dor do contato com o "homem branco". Foi obrigada a se tornar dependente da sociedade tecnológica. A monja prossegue: Eles se instalam nos piores lugares das cidades sem conseguir ser o que são nem se adaptar ao que somos. Há gerações se misturam e assimilam o pior da nossa cultura. Assim como a maioria das etnias venezuelanas, sobrevivem em zonas urbanas em estado de pobreza, desamparo social, desnutrição e sofrem doenças que desconheciam. Epidemias, como o cólera nos anos noventa, geram a morte de centenas deles.

Menosprezados e marginalizados, desde 2014 intensificaram a entrada no Brasil em busca de recursos e de acesso à saúde. Vindos do nordeste da Venezuela, deslocam-se quase mil quilômetros em canoa, ônibus, carona ou táxi até a fronteira do Brasil. Sempre em agrupamentos familiares, raramente trazem seus idosos. Muitos atravessam a divisa pela mata, a pé. Todavia, mantêm um forte vínculo com a área de origem, para onde sonham retornar levando dinheiro, alimento e roupa para os parentes.

Liderados por um aidamo, que chefia a unidade familiar, homens e mulheres têm papéis específicos. À beira-rio, cabe ao homem pescar, caçar, tirar a matéria prima do buriti. A mulher recolhe o mel, frutos, produz artesanato, elabora a farinha, cozinha para a família. De tal forma ela é



Waraos. Abrigo Pintolândia, Boa Vista, Roraima, Brasil, setembro de 2017

o eixo da organização social que, caso um pai veja o filho brigar, ele não interfere; chama a esposa para resolver a peleja.

Afastado da vida natural, o homem tenta fazer pequenos serviços, engraxar sapatos, vender picolé, trabalhar em plantios e fazendas de gado, ser caseiro, o que lhe é extremamente difícil. Nos abrigos, trabalha quando quer, se chamado e estimulado.

Buscando sair do ponto de vista preconceituoso, que aponta principalmente os homens mais velhos como folgados que passam o dia deitados na rede enquanto a mulher sai para pedir esmola, os missionários recorreram a estudos. Antes, o avô contava histórias antiquíssimas em rodas noturnas para instruir, curar e embelezar a vida da família. A prática espiritual lhe transmitia crenças e valores e formava a geração.

Já a mulher trocou a atividade de coletora de frutos e mel em florestas pela de coletora de esmola, tática praticada em Tucupita, cidade venezuelana com maior concentração de waraos. Mesmo aquela que se sente ameaçada pelos riscos urbanos recorre ao mecanismo. Elas não encaram a mendicância como algo depreciativo, mas como uma solução e um trabalho como qualquer outro, que as faz sentir valorizadas por conseguirem prover a família. Administram o que ganham, e os maridos vêm



Missionária com indígenas preparando-se para apresentar dança warao típica na Universidade Federal. Boa Vista, Roraima, Brasil, 2017

pedir-lhes dinheiro. Saber dessa postura diante da prática do pedir mudou o olhar missionário, tornou-o mais sensível ao dialogar com elas sobre a questão sem incutir-lhes sentimentos de inferioridade.

Estando no abrigo, saíam mês após mês para pedir esmola ou para vender artesanato levando bebês e criancinhas, mesmo as com febre, diarreia, doenças de pele devido ao sol causticante das vias públicas. Tocados pelas consequências da mendicância na saúde dos pequenos, os servidores insistiam na mudança do hábito. Quando conseguiu-se suprir o necessário para os abrigados viverem bem, explicavam aos pais que a lei brasileira de proteção à infância e à juventude proíbe levar crianças para mendigar. Foram parando aos poucos. A prática deixou de ser atrativa quando a população parou de lhes repassar esmola ao saber do abrigo exclusivo para indígenas, e que os criollos estavam mais necessitados,

A lógica indígena é viver no aqui e agora: Preciso de alimento para nos suprir hoje. Amanhã é outro dia; então resolverei. Têm outra percepção do tempo, não planejam o futuro e agem a partir do coração. Uma artesã, após ganhar quatrocentos reais na venda de uma rede de buriti que gastou três meses para tecer, retornou no dia seguinte para a Venezuela para levar o ganho para familiares.

Passada a época da amamentação, mães deixam os filhos soltos, correndo de cá para lá. Professores comentam que lhes faltam regras, limites, referência dos pais. A irmã missionária não concorda: Não tenho a visão completa do processo pelo qual o povo está passando, mas com certeza ele tem regras e limites bem demarcados, porém baseados em valores diferentes dos nossos. Há algo importante a lembrar. As crianças ficam confinadas entre a confusão do abrigo, somadas à energia própria da idade e à carga de sofrimento por sair da pátria e ver o estado da família. São bem conscientes. Sentem a dor pelos que lá ficaram, a dor de verem o pai batendo na mãe, o que acontece mais no Pintolândia e praticamente terminou no abrigo de Pacaraima. Que esperamos dessa criança? Além do mais, é indígena, não está acostumada a uma sala de aula tradicional. Essa é uma adaptação a longo prazo.

A monja prossegue: Como crianças imitam os adultos, podem ter brincadeiras violentas umas com outras. Quando ia ensinar-lhes que isso não é correto, eu adotava um tom duro. A partir do momento em que mudei a estratégia e passei a falar-lhes com carinho, olhando para dentro do coração delas, começaram a me obedecer, a fazer o que eu pedia. Aprendi demais a amá-las, demais. Com voz suave e olhos reflexivos, ela pondera: Fazemos o possível para lhes dar nosso melhor, mas sempre me pergunto: Do que precisam além das necessidades materiais?

No correr do ano, a garotada e os missionários brincam, riem livres, causando surpresa a quem os observa à distância. Quando alguns entram no abrigo, crianças correm para abraçá-los. Três, quatro envolvem-lhes a cintura com os bracinhos. A troca de ternuras comove.

Compartilham o cotidiano desde 2016 e insistem: limpe isso, mantenha a ordem naquilo. Observam a dificuldade que os waraos têm em varrer, deixar o espaço organizado. Vindos de territórios naturais, lidavam apenas com material degradável, e tudo era naturalmente reciclado sem provocar poluição. Em seu idioma nem sequer existe a palavra lixo nem automóvel. Usam os termos espanhóis bassura, coche. Vão jogando embalagens pelo chão, plásticos, latas, roupas, tudo, e crianças fazem necessidades na frente de barracas.

Roraima é um estado brasileiro jovem, criado em 1988. Tem quatrocentos e cinquenta mil habitantes, dos quais cinquenta e seis mil é de nativos, a maior população indígena do país. Muitos são esclarecidos,



Caderno com listagem de palavras do idioma warao. Abrigo Pintolândia, Boa Vista, Roraima, agosto de 2017

compreendem o próprio processo dentro da sociedade, sabem dialogar e se autorrepresentar. As lideranças se reúnem através do Conselho Indígena de Roraima. Formalizaram entidades como a Organização das Mulheres Indígenas de Roraima - OMIR, que batalha para elas terem os direitos reconhecidos pela sociedade e por questões a serem transformadas dentro das próprias culturas, como o combate ao alcoolismo nas aldeias, a saúde da mulher, a violência doméstica, a educação indígena, a demarcação de terras.

A educação e a capacidade de dialogar é uma forte carência dos waraos. Poderão fortalecer a autoestima se aceitarem interagir com os povos indígenas de Roraima. Há espaços bons para se reconstruírem. O Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena da Universidade Federal de Roraima, UFRR, em Boa Vista, é a primeira universidade brasileira a implantar cursos de formação profissional voltados para a realidade indígena.

Em 2018, o Instituto, em parceria com a Fraternidade, organizou a 1ª Feira Internacional de Cultura, um encontro dos povos originários de Roraima com os waraos e os eñapas venezuelanos. Dançaram e expuseram artesanatos. Houve espaço para cada um contar um pouco de sua história e seus saberes. Missionários os acompanharam para ajudá-los a se inserir com indígenas brasileiros. Além disso, inicia-se maior aproximação com a FUNAI, que lhes conseguiu permissão para coletar a matéria -prima do buriti no território dos Ianomâmis. As portas vão-se abrindo.

Combinei uma conversa com o aidamo Ramón. O sol ofuscava quando me abaixei para entrar sob a longa barraca de lona azul encostada à parede do ginásio esportivo, onde morava com parentes. Apontou-me uma rede, sentei-me. Ele, na cadeira. A um passo, a tia deitada em um colchão sobre plásticos parecia alheia à minha presença. Mais adiante, um primo adolescente balançava na rede entre pilhas de sacolas abarrotadas.

Passei-lhe o gravador. Falou livremente, em português entrecortado de espanhol. Pronunciava cada frase com clareza e calma, ganhando tempo para raciocinar em busca de palavras. Enfatizava um termo, repetia outros com esforço:

Bom dia. Meu nome é Ramón Gomes. Sou um indígena warao venezuelano. Tenho trinta e dois anos e duas filhas. Cheguei no Brasil dia 14 de dezembro de 2016 e vivo com a Fraternidade.

Antes, o povo warao morava nos morichales, o buritizal, que para nós é a fonte da vida. Do buriti conseguimos alimentos e vários tipos de artesanato. Nossas viagens eram por via fluvial. Somos pescadores e artesãos; na comunidade não existia agricultura porque a água do rio ficou salgada. Isso até o warao ter contato com o branco. E ele foi nos trocando, foi nos trocando e trocou.

Nos anos sessenta, políticos nos contataram, e o povo começou a ter mais conhecimento da política, mas nossa consciência foi sendo dominada pelo dinheiro, pelo salário, pela bebida alcoólica. Waraos não pensam como antes. Pensam de forma individual, egoísta. Originalmente eram unidos e comunitários, saíam juntos para pescar. Isso foi rompido pelos brancos até o dia de hoje. Lamentavelmente trocaram nossa consciência. Agora, os waraos moram na cidade buscando sobreviver.

Quero falar também do que afundou a Venezuela. Para seguir o modelo do partido, políticos precisaram tocar em organizações privadas. Como indígenas, não notamos logo que desde o ano 2000 a alimentação, a saúde, a educação e o trabalho estavam baixando, baixando. E subia o preço da comida. Eu trabalho na educação e na pedagogia, e meu salário não conseguia mais manter minha família. Agora, lá tratam indígenas com ameaças político-partidárias. A polícia nos ameaçam. Antes levávamos dinheiro e alimento do Brasil para nossas famílias, mas agora vão nos tirando tudo e apontam armas para nos matar. E matam. Estão muito violentos nos dias de hoje.

Waraos sempre viajaram para vender artesanato e mel pelo país, mas ganhavam pouco. Então começaram a vir para o Brasil. Falar e compreender português é difícil, o dinheiro é diferente, mas ficamos melhor aqui, é mais fácil conseguir comida. Pegamos a família e viemos. Aqui é um mundo novo, bem diferente. No início, vivemos na Feira do Passarão; era perigoso, e eu ficava preocupado em proteger minha família. Continuando na luta, chegamos ao abrigo e agora estamos aprendendo como essa experiência, que nos fortalece.

Agradeço com todo meu coração ter encontrado a Fraternidade. Os missionários apoiaram demais para fazer nascer este abrigo, com transporte, com alimentação, com tratamentos médicos. Eles dizem que todos somos iguais como uma família, como irmãos.

Descobri que o brasileiro é carinhoso, gosta de compartilhar e ajudar voluntariamente. Trazem brincadeiras e cantos para nós, orientações novas. Gosto de trabalhar como professor voluntário imigrante da Fraternidade na educação da escolinha, para fortalecer as crianças. Multiplico o que sei dando para elas e para o futuro delas. Ensino warao como língua materna, espanhol e português, três línguas para terem a nova experiência. Estou fazendo um dicionário do idioma warao. É importante não deixar a língua materna se perder. E falar a segunda língua, o espanhol, para se comunicar com o homem branco. E português para comunicar o que somos. Para Deus somos iguais, mas aqui no abrigo é interessante conviver e intercambiar essas línguas. Obrigado.

Ramón, ele mesmo, encerra a conversa.

Os waraos são frágeis e suscetíveis a influências. Por outro lado, a força de vida neles presente clama por encontrar a raiz perdida e assim valorizar a própria história – aquilo que sabem, que são e em que acreditam. Possam eles retomar seus saberes e transmiti-los de geração em geração. Principalmente, que reergam a alma ofendida e unam-se à essência latente em seu interior, mantenham-se em fraternidade com a família, com a própria etnia, com outros grupos étnicos e todas as criaturas.

O respeitoso vínculo entre a Fraternidade e os indígenas ajuda a saldar a imensa dívida que o "homem branco" tem com os povos originários. Do contato entre os dois grupos ecoa um mistério, cujo sentido oculto um dia será desvendado.

Estar no caos sem ser parte dele

Os grilhões se rompem não pela força, mas pela rendição ao Supremo. Trigueirinho

Por vezes um missionário fica no centro de fogos cruzados. Passa por momentos de intenso esforço para expulsar o cansaço, mover o desânimo, até reacender o impulso do serviço. Tem a impressão de que não vai sobreviver às dolorosas situações internas e externas. Pode acordar em mau estado, tomado pela inércia, por um mal físico ou ainda por pensamentos de reclamação trazidos de batalhas travadas durante o sono.

O corpo físico tenta tornar-se um empecilho. Uma onda negativa se arremessa do próprio subconsciente para seu ego, buscando submetê-lo ao caos que pretende assolar o mundo. *Os missionários têm corpos mais esfolados*, isso eles bem dizem, mas não cedem ao se defrontarem com os próprios estados turvos. Para se salvarem, põem em prática o ensinamento: *Estar no caos sem fazer parte dele*. Não fogem da dor. Colocam o sagrado dever na frente até conseguirem reverter a desordem interna. E se fortificam após vencer o embate.

Certa manhã, um grupo de servidores a caminho de um abrigo assistiu a um valoroso combate de uma missionária matriz contra a própria letargia. Segurando o volante da Kombi com firmeza, na primeira curva ela deu a ordem valente e alta para si mesma: Sai pra lá preguiça, sai pra lá apatia que se encostou em mim hoje! O que é isso, não pode! Estou aqui para servir a Deus! Não posso me dar ao luxo de ficar cansada, tenho isso, tenho aquilo. Hay que dar todo! E depois de dar tudo, descobrir que não deu nada!

Lança o comando e apela para o vigor do canto expulsar suas fraquezas. Convoca o restante do grupo para soltar a voz e decreta com ímpeto poderoso: Vamos chamar o Fogo Santo! "Fogo Santo, vem e arde, de meu barro faz uma nova criação." Determina o cântico seguinte: "Mãe Sagrada, estabelece Tua porta de Paz em Roraima."

De cântico em cântico, as vozes animam-se: Agora vamos pedir que São José traga paz para este planeta. "Com Teu poder, desperta os missionários do amor. Paz para este Planeta, paz. Paz para Roraima, paz". Vamos, gente! Agora vamos cantar para o Rei do Universo: "Sagrado e glorificado Coração de Jesus, misericórdia, misericórdia para as crianças, para os doentes, misericórdia!" Agora vamos cantar em homenagem à Consciência Indígena: "Sagrado Sol, Sagrada Lua, Sagrada Unidade, façam-se presentes nestes corpos e dissolvam para sempre a ilusão que neles habita."

Seu extraordinário entusiasmo cresce, a Kombi vibra. Súbito, a obscura barreira da prostração é ultrapassada. A história vira outra. Vencido o marasmo, a alma perturbada se realinha.

A vida esplendorosa e dolorosa salta quando, em um sinal, ela vê um cão atravessar na frente dos veículos: *Que cachorro magrelinho! Dá pra ver as costelas dele, ô dó. Há muitos abandonados.* Já não olha para si mesma, nem está em contenda. Fica apaziguada quando os olhos se voltam para o outro. Em cooperação mútua, o grupo ajudou-a a vencer mais esse duelo.

Meus olhos ficaram mais velhos

Falas de serviço. Porém, só poderás realmente servir a Deus após cessares de servir ao eu. Paul Brunton

Clara havia sido convocada para uma reunião.

Enquanto eu a conduzia por um estrada de terra entre alamedas e portais de árvores com copas entrelaçadas, ouvi seu depoimento corajoso. Fui sendo transportada pela voz sincera até paisagens internas. Revelou-me o início do despertar na África e como, ao retornar à terra natal, trouxe na bagagem o inadiável desejo de se superar a fim de iluminar os passos de quem encontra. Contou-me sobre a luta para reconstruir o próprio ser.

Estacionado o automóvel, observei-a atenta. O amor e a fé transbordavam de cada frase, centelhas do generoso vigor missionário brilhavam vivas e ternas em cada poro e em cada palavra. Sempre intensa, ela reflete:

Entendi melhor o que é ser missionário quando mergulhei na África. Ali aprendi a doar minha vida. Tinha tanta certeza de que morreria lá... até deixei uma cartinha para meus filhos dizendo que não ficassem tristes porque morria fazendo o que mais gostava. Quando voltei para o Brasil, tive de rasgá-la e jogar fora.

Conheço a mínima parte da dor do mundo. Mas fico imaginando os Seres Divinos observando o calvário pelo qual o planeta passa. Então, faço o possível para eliminar um pouquinho do sofrimento do coração d'Eles. Acho que essa é a missão da minha vida, ser um lápis para escrever alguma coisa diferente na trilha dos necessitados. Não é fácil.

Eu sei que não sou eu quem ama, é algo muito maior que ama em mim. Às vezes me pego refletindo sobre a passagem bíblica em que o profeta Simeão prevê que uma espada de dor transpassaria o coração da Mãe de Jesus Menino. Amo meus filhos tão profundamente e, apesar de saber que

faz parte do aprendizado da vida deixar que eles passem por momentos difíceis, eu seria infeliz demais se soubesse com antecedência os males futuros que os aguardam. Mas Ela, um Ser Divino, sabia tudo que Seu filho passaria e, ainda assim, deixou Jesus expressar-se como uma criança, com alegria. Peço esta sabedoria quando estou na frente da angústia humana de um dos filhos d'Ela. Durante as missões, isso é determinante para mim.

Por que a vida quer que eu veja tanto mal? Só vejo dor. Tenho estado em várias missões. Assisti a tanta agonia que meus olhos ficaram mais velhos. Com certeza, isso é para meu amadurecimento. Hoje percebo melhor o significado da compaixão. Claro, sinto um milésimo da compaixão ensinada por Buda. Por exemplo, agora estou em Roraima: tento entender os refugiados cada vez mais para ajudá-los com amor e sabedoria. Procuro fazer o máximo e o melhor por eles, mas sem me envolver com as situações. Isso faz parte do meu aprendizado.

Ruanda foi um divisor de águas. Simbolicamente, morri ali. Internamente, ali entreguei a vida. Nem o grupo missionário entendeu meus problemas físicos e internos. Passei mal demais, e um missionário doente atrapalha a missão. Eu a atrapalhei em vários momentos, tinha ânsia de vômito, subia a pressão e tal... Ruanda me jogou no chão quando ouvi histórias do massacre. Lá, a coisa mais maravilhosa foi ir a Kibeho, o coração da África. Um presente para esta existência. Voltei para o Brasil como se tivesse sido sugada, como se não tivesse sobrado nada de mim. Precisei lentamente ir ressurgindo como outro ser.

Ali descobri muitos defeitos sutis e devagarzinho tenho me curado deles. Porque voltam. Por exemplo, quando julgo pessoas em pensamento. Então digo para mim mesma: "Vou melhorar, calma."

Vivemos em constante doação, e quando alguém chegava para servir e adoecia, minha mente julgava. Não com palavras, mas com o pensamento. Esse defeito precisava ser detonado dentro de mim, ou entrar em coma, ou pelo menos iniciar seu processo de morte. Como seres planetários, acho que nunca vamos liberar-nos completamente de julgar o outro. Sempre julgamos, ou bem ou mal, mas julgamos.

Além de julgar, vi em mim o defeito de querer impor. Sou impositiva, perdão, já não sou. Eu era. Eu achava assim: "A tarefa tem de ser cumprida desta forma, e pronto!" Aí chegava um fulano e queria fazer de outro jeito, melhor do que eu tinha pensado... Esse era um defeito para a vida grupal,

estamos aqui para expressar a unidade. Eu era inconsciente, encontrava desculpas, caía em ciladas mentais... Comecei a trabalhar isso a partir da experiência na África. Quando comecei a enxergar meus defeitos, foi uma fase das boas! Uau! Eu fazia algo e ficava me olhando como observadora: "Você fez uma coisa horrível." Mas não podia cair no fundo do poço. A vida estava me dando uma oportunidade de mudar.

O termo Fraternidade está escrito na minha blusa, no casaco, na calça. O que é ser fraterno? Comecei a olhar a cruz impressa neles, a analisar o sentido disso. Ando com esta palavra junto ao corpo e não sou fraterna?

O missionário primeiro assume a missão. Assume como uma verdade e sai pelo mundo para expressar esta verdade. Tenho de incorporar em mim tudo de melhor que recebo e aprendo. Tenho de viver sinceramente o Ensinamento.

Nós mesmos, os primeiros missionários, criamos uma ideia meio torta da tarefa: achamos que temos de ser uma mistura de "superman" com mulher maravilha. Isso entrou na consciência do grupo, ser um faz tudo que come pouco, dorme pouco. Mas somos humanos, sentimos fome e frio, adoecemos.

Temos de ser profundamente sinceros, verdadeiros. O que eu posso dizer para uma mãe cujo filho tem fome? Sei que o filho dela vai morrer de fome. Então, não posso dizer uma coisa por dizer.

O que dizer a quem está diante de mim e sei que só vou ajudar por dez, quinze dias? E quando eu for embora? Não adianta, nem internamente, eu dar desculpas para aquilo. Tenho de viver essa crua verdade. Eu não digo nada. Converso com aquela mãe somente com o olhar. O olhar é forte. Tive profundas trocas de olhar. Nunca olhei tão profundamente para as pessoas como olhei na África.

PARTE VIIICrônicas pulsantes



O terapeuta e o monge

A mão que dá nunca estará vazia. Helena Roerich

Um terapeuta e um monge estavam prestes a presenciar a recuperação, no mínimo anormal, de uma grande ferida. Que o trabalho de cura não se restringe à restauração física dos sofredores eles sabiam, mas foram tomados por perplexidade ao testemunhar a ação da Providência Divina.

Em Katmandu, no Nepal, as Missionárias da Caridade pediram-lhes que avaliassem internos do Asilo, o que desencadeou um processo de terapias alternativas em dezenas de idosos. Entre os casos, havia o de uma senhora com uma lesão apodrecida na perna. Era larga e profunda, enxergava-se a musculatura interna.

O terapeuta e o monge deram início ao atendimento. Dia após dia lavaram a chaga com soro e passavam pomada de própolis. Durante nove sessões aplicaram cromoterapia na paciente, prática que atua do nível físico aos mais sutis. Nas primeiras consultas lhe projetaram luz verde; nas posteriores, a misteriosa luz violeta. Nesta última aplicação, pois deixariam o país no dia seguinte, o pus e o mau cheiro haviam desaparecido, e metade da lesão cicatrizara.

Ao acomodar a nepalesa na maca, trocavam olhares e sorrisos com ela. Haviam decidido banhá-la com luz violeta que, ao incidir no chacra coronário, possibilita a conexão com energias universais. O terapeuta colocou-se de um lado da senhora, o monge do outro. Os três cerraram os olhos, eles orando baixinho em profunda reverência ao mundo interno.

Em dado momento, o terapeuta olhou para a ferida: *Isso é ilusão, não é verdade!* pensou, fechando rápido os olhos para se recuperar do impacto. Entreabriu-os lentamente. A chaga cicatrizava a olhos vistos. Ele e

o monge entreolharam-se. Com redobrado vigor, repetiam a prece clamando à Fonte.

O que levaria dias, dava-se em vinte minutos. Como se assistissem a uma cena acelerada de filme, o terapeuta e o monge viam a carne se refazer, a pele sarar. Presenciavam um milagre!

As limitações da matéria foram transcendidas porque eles servem ao outro sem qualquer interesse pessoal. Isso somou-se à entrega incondicional da senhora de mente e coração puros. E o milagre da cura se refletiu na consciência da nação, ajudou-a a cicatrizar uma chaga ancestral que o povo leva em si.

O terapeuta e o monge compreenderam o verdadeiro serviço. Por meio do canal de compaixão formado entre ambos, fluiu a alta voltagem do impressionante maná de cura espiritual, mais poderoso que qualquer técnica criada por mentes científicas. Diante do inexplicável, os curadores entraram em quietude e silêncio. A vida lhes ensinou a lição da graça oculta, pronta a se manifestar sempre que o amor vence a escuridão.

Socorrer a fome, o grande desafio

Pois tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era estrangeiro e me hospedastes; estava nu, e me vestistes; estive enfermo e me visitastes; preso e fostes ver-me. Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes. Bíblia Sagrada, Mateus 25:35-40

Foi no Congo, o fato. Um dos milhões de esquecidos que sofrem mundo afora bateu à porta. Todo o alimento preparado naquele dia já fora distribuído para internos e visitantes. Nada mais havia para doar. O senhor tinha uma muleta e as pernas extremamente inchadas com feridas abertas, elefantíase. Vinha por um prato de comida, como tantos pedintes que diariamente batem às portas das Missionárias da Caridade.

Duas missionárias foram atendê-lo. Uma recorda: Ele era muito, muito carente. Perguntei-lhe como chegou ali, o que tinha acontecido... Falava inglês e disse que andou três dias sem comer, em busca de alimento. Aquilo feriu meu coração, não havia mais nada na cozinha...

Misericórdia, ele representava o sofrimento do mundo! Um elo de amor uniu as duas ao filho de Deus diante delas: *E agora*, *o que fazemos*?

Nas mochilas, missionários levam um kit de sobrevivência, do qual faz parte o *tsampa*, bolinho oriental supernutritivo usado por nômades e outros viajantes. É feito pelo Grupo Rede-Luz de Brasília, com ingredientes substanciais como frutas e folhas secas, raízes, sementes como grão-de-bico, amendoim. Uma bolinha nutre o corpo por um dia. Usado como complemento alimentar é, em geral, consumido aos pedacinhos com um gole-d'água ou de chá. Ela diz: *Eu e a outra missionária pegamos as comidinhas que tínhamos e fizemos um pacotinho. E não havia mais nada.*

Foram levar-lhe. O senhor, apoiado na muleta, tirou o chapéu, colocou as mãos como quem vai receber uma hóstia, um alimento consagrado, cerrou os olhos, curvou-se ante as duas, que lhe colocaram o alimento nas mãozinhas. Ele fez o sinal da cruz, guardou o embrulhinho no bolso.

Uma insistiu: Coma. Ele explicou que não, levaria para os seis filhos deixados em casa. Aquilo cortou o resto de coração que eu tinha. Foi bastante... foi superdifícil. Ele agradeceu, virou as costas e partiu lentamente de volta para casa. Levava uva-passa, tsampa, banana-passa e pacotinhos individuais de "snacks" dados em aeronaves. Tão pouco, e ele tão grato!

A situação teve um detalhe. O senhor bateu na casa fora do horário de atendimento. As duas missionárias entreolharam-se, e uma perguntou: Se a Madre Teresa estivesse aqui, o que ela faria? A outra respondeu: Iria atender. E foram. Nisso, as Missionárias da Caridade se agregaram, buscando medicamento para as pernas infectadas pela doença tropical.

O senhor saíra banhado pelo bálsamo do amor sem fronteiras. Todavia, as missionárias sentiam-se profundamente impotentes diante do drama da fome, mesmo sabendo que, por meio da união ao Infinito, estavam unidas ao senhor em essência. Ela sussurrou: Nas missões, a falta de meios para socorrer melhor o semelhante provoca uma sensação dolorosa. A extrema impotência é nosso maior desafio.

O idioma universal dos sinais

Quanto mais profundo é o homem, mais autêntica é sua comunhão com o outro. White Eagle

A instrução espiritual ensina que o medo é inimigo do amor. *Vocês assumem os riscos? Podem não retornar, talvez morrer.* O grupo missionário disse: *Sim, assumimos*, e partiu para a Etiópia.

Enorme quantidade de pessoas magras sobrevive pelas ruas da capital Adis Abeba. Ali se organizam, cada qual em um cantinho, e dormem nas calçadas cobertas por sacolas plásticas. No país, a expectativa de vida é de trinta e cinco anos; entretanto, com vinte, trinta, as pessoas parecem ter cinquenta.

Recostados em um leito ao lado do outro, sessenta homens aguardam em um dormitório das Missionárias da Caridade.

Trazido para falecer, um jovem em quadro terminal de tuberculose ficava sentado na cama tentando respirar. Com febre altíssima, não conseguia deitar-se. Da primeira vez que Clara o encontrou, ofereceu-se para cortar-lhe as unhas das mãos. Sempre com um cortador de unhas na mochila, aparou-as com delicadeza. Ela conta: Então lhe perguntei se eu poderia fazer uma massagem em seus pés. Ele disse sim. Tirei as meias e vi unhas bem compridas; apontei para o cortador, e ele aceitou. Tudo era conversado por meio de sinais, porque ele falava um idioma tribal. Cortei as unhas e fiz a massagem. Saí do quarto e voltei no dia seguinte. Ele ainda se encontrava ali, e uma Irmã avisou-me que estava no fim.

O jovem chamou-a com um sinal de mão, e Clara aproximou-se bem perto. Ele fazia sinais, e um enfermeiro, que falava inglês, traduzia-os. Primeiro estalou os dedos, e o enfermeiro disse que ele a conhecia há muito tempo. Depois apontou para o próprio coração, para o dela e

indicou o céu. O enfermeiro explicou que se encontrariam no céu. Horas depois, faleceu.

À noite, na área de hospedagem, Clara recolheu-se. O acontecido voltava-lhe à mente com intensidade: Precisei atravessar o oceano, pisar no continente africano para ter o encontro com esta consciência. Sem conseguir falar, quase sem respirar, com poucos gestos, disse o suficiente para uma vida inteira.

No país é comum uma enfermidade parecida com a lepra. A pele descasca, feridas abertas por todo o corpo e pela cabeça atingem tecidos profundos e não cicatrizam. Um dos enfermos tinha, além dessa doença, problemas mentais, o que dificultava a lida das Irmãs com ele. As chagas recebiam curativos, mas exalavam mau cheiro, e ele rejeitava tomar banho, revoltava-se quando elas tentavam carregá-lo. À vista disso, a coordenadora pediu ajuda ao missionário Imer e ficou ao lado, assistindo-o.

De início, Imer fez o convite e tentou convencer o paciente. Em vão. Insistiu, quis levantá-lo, mas o enfermo debateu-se. Imer é alto, forte. Súbito lhe desceu um raio imprevisto: levantou a criatura no colo em um só impulso, como se faz com uma criancinha. Passado o susto, o homem pequeno e magro - talvez pesasse quarenta quilos - abraçou-o com força. E deixou-se carregar docilmente.

O inesperado se fez presente. A Irmã, bem baixinha, seguia-os fixando os olhos na expressão do rosto deitado no ombro de Imer. Comentou: He likes, he's smiling, ele gosta, está sorrindo. Chagas supurando encostavam no pescoço, no rosto do missionário. Sentindo a secreção tocar-lhe a orelha, lançou para si mesmo uma ordem destemida contra o asco: Vamos lá, vamos lá! Assim caminharam os três pelo corredor até o pátio de banhos.

O homem foi sentado em uma cadeira e olhava para Imer sorrindo, a visão meio perdida pelo bloqueio mental. Ele se comunicou com a linguagem universal do gesto, que todos entendem: Fica aqui, vou te dar um banho. O homem, tranquilo. Ensaboou-o todo, jogou-lhe água no corpo, secou-o bem e levou-o nos braços de volta à cama recém-arrumada. O homem, feliz. A Irmã e Imer, sorridentes.

Anastasia

Verdadeiramente, para quem é bem-intencionado e compreende sempre a partir de Deus, todos os sofrimentos e ocorrências transformam-se em bênçãos. Mestre Eckhart

Uma onda positiva se expande pela Terra. De Leste a Oeste, de Norte a Sul, seres-talismã trabalham pela paz. Mesmo ao atravessar obscuros períodos de graves conflitos, desenvolvem qualidades e tornam-se ainda mais lúcidos. Na Grécia, os missionários somaram forças e energias às de uma senhora, Anastasia, que há quase quarenta anos formou e coordena um grupo voluntário. Ela conta a história familiar: *Com meus avós e pais aprendi a amar, respeitar, criar. Nada funciona sem amor. Minha família foi e permanece generosa em ofertar amor.*

De ascendentes refugiados em ambos os lados, Anastasia cresceu ouvindo relatos sobre as dores e dificuldades enfrentadas pelos avós maternos vindos da Rússia para Atenas em 1922, a fim de escapar da fúria da guerra civil instalada no país natal. Já os avós paternos haviam fugido nos anos trinta da Turquia, que passava por mudanças violentas, e se instalaram no campo grego. Os dois ramos familiares eram cristãos ortodoxos. Sofreram e trabalharam muito até conseguirem se estabelecer na Grécia.

Durante os anos quarenta, o horror e a secura vaguearam pela nação, espalhados por aqueles tomados pelo ódio, pelo fanatismo e pela cobiça. Primeiro, foi ocupada por nazistas e, logo após o término da Segunda Guerra Mundial, uma guerra civil a assolou.

Uma avó de Anastasia era enfermeira da Cruz Vermelha, e a outra, voluntária em uma igreja. Contam que a vida da família foi salva graças à ajuda que prestaram e à que receberam, somada ao respeito que sempre tiveram pelos trabalhadores. Em virtude da troca de bondade com conterrâneos, mantiveram-se vivos. O alimento era escasso na cidade e

queimado ou roubado no campo. À vista disso, o pai de Anastasia, com oito anos na época, caminhava horas até Atenas para conseguir um pouco de comida, servida para crianças por voluntários da Cruz Vermelha, por igrejas ou pela ajuda americana. O garoto levava o que podia para os pais e, graças aos voluntários, a família sobreviveu. Com tenacidade e a consciência expandida pelas experiências positivas vividas durante as guerras, ele veio a servir a Grécia como cônsul em virtude de um propósito maior, ajudar o outro, atributo que ensinou à filha.

Anastasia Ioannidis enviou uma carta para dois missionários: Eu poderia escrever um livro sobre como a crueldade das guerras e do ego humano destroem a existência, mas essa não é a forma como vejo a vida. Prefiro falar das boas coisas que me fazem ser o que sou e fazer o que faço.

Consultora educacional e coordenadora do Young Volunteers in Action, que atua no município de Saronikos, ela explica: O grupo é relativamente pequeno, mas dinâmico e em constante processo de adaptação a mudanças do mundo em torno. Atua em várias frentes: distribuição de roupas e de alimentos, cadastramento dos doadores de alimentos, proteção de golfinhos e de corais junto a mergulhadores, combate a incêndios, resgate cultural de uma antiga cidade portuária.

Do mesmo modo, apoia causas sociais, como a de refugiados, e presta atendimento psicológico. Promove aulas práticas para limpar o mar, as praias, os morros. Também seminários e recitais, teatros, apresentações musicais, de dança, de vídeos. Organiza exposições de pintura, grafite e bazares. Inspira professores e bibliotecas com contação de histórias, encadernação de livros. Oferece oficinas e cursos variados, desde como fazer portfólios e ensinar idosos a lidar com tecnologia até os de culinária, costura, decoração, xadrez, jardinagem, primeiros socorros e como proteger a si mesmo e ao outro.

Tendo vivido em diversos países da Europa, África do Norte, América do Norte e no Japão, Anastasia, que é professora, aprendeu a apreciar a beleza de cada um e de cada povo. Ela prossegue: Enquanto servia refugiados adultos e crianças, dentro e fora de campos, com a Cruz Vermelha, com o International Schools, as Nações Unidas, o International Social Service e muitas outras organizações, aprendi a importância da bondade, da alimentação, da segurança e da educação. São direitos que cada ser humano merece.



Anastasia e o pai. Sofia, Bulgária, 1938

Tanto o marido quanto o filho dela, agora um jovem líder do grupo, acreditam e trabalham para isso. A beleza da vida esconde-se nas coisas grandes e nas pequenas. Tudo se interconecta e é importante para a harmonia em família, entre cidadãos, com o meio ambiente e os animais. É o que tento ensinar a quem se aproxima das atividades do grupo. Aprendemos, agimos, ensinamos e, assim, avançamos, Anastasia completa.

Convidados por essa senhora, a Fraternidade se encarregou de organizar um depósito lotado de roupas enquanto esteve na Grécia. Após separá-las por tipo e gênero, montava kits e os distribuía em hospitais, asilos e onde houvesse necessidade.

Um dia, três missionários foram chamados por Anastasia para um recital beneficente de ópera em homenagem a uma famosa cantora grega. A renda ajudaria os projetos. Como raramente vão a eventos sociais, que não se afinam à disciplina missionária, resistiam. Decidida a levá-los, ela contatou o coordenador geral, que estava no Brasil, e ele enviou-lhes o recado: *Claro que têm de ir à ópera!* Uma amiga de Anastasia pegou-os em casa e, pelos caminhos de ida e volta do teatro, refletiram e filosofaram sobre o viver.

Os semelhantes são atraídos pelo magnetismo interno. Como imãs, aqueles que compreendem o mundo por meio do fogo sagrado do coração atraem-se mutuamente. Os autoabnegados da escola espiritual do coração conversam de forma simples sobre o amor, que se estende a tudo e a todos. Conforme servem ao próximo, são impulsionados por uma expressão usada por Anastasia ao final de sua carta para os missionários: *Let's all do our best!* Façamos todos o nosso melhor!

A família é grande

Efêmeros! Que somos? Que não somos? O homem É o sonho de uma sombra. Mas quando os deuses lançam Sobre ele a sua luz, Claro esplendor o envolve E doce é então a vida. Píndaro

Quem é minha família? Aqueles com quem estou no momento.

Desafiante é a missão e a prática de tratar todos como iguais! O treinamento, bem atual, para desenvolver a irmandade se dá quando um membro da humanidade já consegue não distinguir o que sente por seus parentes de sangue – a própria mãe, filho, irmão – do que sente por aqueles com quem vem a conviver no decorrer da vida.

Como atingir a consciência da fraternidade? Como perceber todos como irmãos? Ao compartilhar alegrias e dificuldades durante a convivência íntima e intensa com cada pessoa que encontramos, que chega, que fica, que vai.

Refugiadas europeias, africanas ou orientais com filhos ou sozinhas, em duras condições de rua, são convidadas a morar em uma das casas das Missionárias da Caridade em Atenas até ser reencaminhadas. Lá serviu um missionário da Fraternidade ajudando-as em trabalhos de manutenção. Era o único homem adulto e sentia-se como um irmão de todas as mulheres e crianças.

Naquele momento, elas eram sua família, e o amor fraterno era sua felicidade. Ele relembra: Todos os meninos queriam mexer na chave de fenda, no martelo, na furadeira. Era até difícil trabalhar com eles vindo atrás. Eu era algo diferente. Não conhecíamos os idiomas uns dos outros, mas nos entendíamos fazendo coisas, trocando uma ou outra palavrinha em inglês.

Ele dividiu a dor de uma mãe cujo bebê estava hospitalizado com pneumonia adquirida ao atravessarem o Mar Egeu de barco, e que veio a falecer. Da mesma forma, estabeleceu laços com Abdul, de cinco anos, e



Imer alimenta Abdul e Fátima. Atenas, Grécia, 2017

a irmãzinha Fátima, de um ano e meio. Estavam com a avó, cujo semblante era tristonho por causa da filha usuária de drogas pesadas. A mãe optara por viver como adicta em um parque onde o consumo é liberado pelo governo. Às vezes vinha tomar banho e trocar de roupa em um banheirinho no hall de entrada.

Um dia, a jovem apareceu, o aspecto decadente, o corpo em ruína, sem alguns dentes da frente. O missionário foi dialogar com ela e conta: Abdul e Fátima preferiram ficar no meu colo olhando-a, acompanhando a situação. Ela chorou demais dizendo que não conseguia trabalho. Imagine, conseguir trabalho com aquele aspecto!

Naquela tarde, Abdul perguntou se o missionário era seu pai, em grego papà, como em italiano: Eu nem sabia o que responder. Primeiro não disse nada, depois respondi que não. Aí quis saber: "brother"? A mãe falava inglês, e Abdul, um pouco. O pai era um imigrante argelino. Morara com ela na rua, com as drogas. Tiveram os dois filhos e nunca mais se viram.

Desde a chegada, o missionário havia adotado Fátima, que chorava sem parar, mas foi melhorando. Subia a escada engatinhando atrás dele. O laço de amor fortalecia os irmãozinhos, e a madre superiora também lhes dava toda atenção. A tarefa era compartilhada entre a energia feminina e a masculina: Os dois não aceitavam o desjejum se não estivessem comigo. Eu ensinava-lhes inglês e apontava "fagitó", comida em grego. Pedia para Fátima ficar quietinha e, quando ela chorava porque eu ia embora, explicava-lhe que voltaria. Nem eu sabia grego nem ela aprendera a falar, porque tinha apenas um ano e meio, mas nos entendíamos.

A estadia de três meses do missionário na Grécia terminava. Quando foi despedir-se, encontrou-os passeando com a avó, os dois em um carrinho de bebê: Foi uma festa, mas voltei para casa com o coração apertado. A mãe dependente, a avó deprimida, as crianças revoltadas dando um pouco de trabalho... Fui para a sala de oração da base missionária conversar com a Mãe Divina e mergulhei em um estado como nunca conhecera antes. Fiz-Lhe um pedido ardente e senti algo inexplicável...

O missionário retornou para o Brasil. Logo soube que a mãe fora pega e estava na cadeia, mas iriam deportá-la com a família de volta para a Sérvia, sua terra natal, da qual fugira com a própria mãe durante a guerra da Bósnia. A avó estava em júbilo, certa de que lá a filha se livraria das drogas. Em uma semana, os quatro partiram.

Ele sente claramente que a oração e seu pedido ativaram esse movimento, o melhor que poderia acontecer-lhes. Perdeu o contato com a família, mas ficou marcado pela força da compaixão por Abdul e Fátima, dois pequeninos membros da grande família chamada humanidade.

Uma visita inusitada

Os atos de amor são atos de paz. Madre Teresa de Calcutá

Originários da América do Sul, os Missionários da Fraternidade convivem desde 2011 com as Irmãs da Ordem das Missionárias da Caridade, congregação fundada por Madre Teresa de Calcutá. Vem apoiando-as no Nepal, na Nicarágua, na Etiópia, no Quênia, em Ruanda, em Uganda, na República Democrática do Congo e, em 2018, no Egito.

Durante a Missão Grécia, trabalharam meses seguidos com elas. Vínculos crescentes de respeito e confiança mútua foram sendo criados no período em que juntos esparramaram caridade sobre Atenas.

Um dia, elas sinalizaram querer visitá-los. Uma boa surpresa! Enfim anunciaram o dia, no aniversário da congregação, data em que fazem passeios especiais.

Com certeza algo se passou dentro das Irmãs, pois raramente visitam residências não católicas. Perceberam que a relação de serviço dos dois grupos ia além de regras religiosas, cujo rigor dogmático é positivo por sustentá-las, torná-las firmes na disciplina e, em consequência, transmitirem poder a quem delas se aproxima.

Meses antes elas haviam ficado impactadas ao saber que o grupo da Fraternidade é vegetariano, dado que uma das normas para se consagrar na Ordem é alimentar-se de carne. A Índia, onde a congregação nasceu, é, de longe, o país com maior número de vegetarianos do mundo. Como muitas Irmãs são indianas, a fundadora instituiu que teriam de se alimentar de carne pelo que enfrentariam nas ruas.

Na manhã da visita, todos transbordavam de alegria. Elas subiram as escadarias admirando a mansão ensolarada. Ao entrar na cozinha, fizeram

festa: Melancia! Além do café brasileiro, degustaram sucos de frutas frescas e pães doados por uma padaria.

Em torno da mesa, os servidores do Bem celebraram a riqueza da união. Haviam-se irmanado por intermédio do serviço altruísta. Ambos os grupos, mesmo sabendo-se imperfeitos, entregam-se à ajuda humanitária a fim de suavizar e elevar a vida da inacabada natureza humana.

Em seguida ao desjejum, foram assistir a uma projeção de fotos de missões da Fraternidade, onde elas os viram atuando com outras Missionárias da Caridade ao redor do mundo. Pura alegria! Ao terminar, as Irmãs se mantiveram quietas, como querendo mais.

Estavam sentados diante de banners de Cristo Jesus, da Mãe da Divina Concepção da Trindade e de São José. Então, os Missionários da Fraternidade e as Missionárias da Caridade - vestidas de sáris brancos com barras azuis da cor dos tatames da sala - oraram o Terço. Espiritualmente unidos, contemplaram os Mistérios Gloriosos. Fizeram a saudação angélica em inglês: Hail Mary, full of grace, Ave Maria, cheia de graça. Juntos, aqueles corações de puro diamante atraíam um melhor futuro para a Grécia. E cantaram, com as almas fundidas na virtude do amor.

Na manhã resplandecente, os guerreiros da Luz repousaram e se fortificaram mutuamente durante as horas de interações serenas. Com o ânimo renovado, prosseguiriam a assistir o vizinho de mesma nacionalidade, o estrangeiro, o detido, o morador de rua.

O mundo dá voltas

Ricos são os que sabem nada possuir. Trigueirinho

Três homens, sem endereço, sem morada, conheceram-se em circunstâncias curiosas. Trilharam ruas e estradas, percorreram cidades e abismos até se reencontrarem anos depois na Casa do Acolhimento, em Carmo da Cachoeira.

Decidido a iniciar sua caminhada espiritual, um dos três chegou à Toca de Assis, em São Paulo. Ajudaria a atender moradores de rua na fraternidade católica cujos membros seguem o franciscanismo primitivo de pobreza radical. Vestia roupas do mundo, tênis colorido. Um dos acolhidos, tatuado nas mãos, braços, pescoço e usando botoque nas orelhas, logo se aproximou: Olhe, de agora em diante você vai usar chinelo de dedo. Não precisa deste tênis. Por que não me dá? Ele concordou: Está bem. O acolhido prosseguiu: Também não pode mais usar relógio. Você me dá? Ele acedeu. Assim, os dois se encontraram pela primeira vez.

Anos se passaram quando o terceiro homem, Peterson, conheceu o buscador espiritual na casa para abrigados em Campo Belo, cidade no interior de Minas. O buscador a estava coordenando. Não era rigoroso e aceitava mesmo quem não possuísse os documentos exigidos pela assistência social, ou seja, a maioria. Mas Peterson, o recém-chegado, apresentou-lhe todos os papéis, carimbados, assinados, perfeitos.

Passados três dias, sentindo-se bem tratado, Peterson contou: Aquela história de que eu tinha brigado com meus pais não é verdade. Eu coordeno o tráfico de drogas na capital, tenho quarenta anos de condenação e estou aqui porque estamos tendo uma briga entre facções. O coordenador pôs a mão na cabeça: Mas isso é tragicômico, você nos pôr no meio de uma confusão dessa!

Peterson disse o nome verdadeiro. Os papéis eram falsos, até mesmo seu nome. Em uma semana, partiu.

O mundo deu voltas, e o buscador espiritual tornou-se missionário. Coordenava a Casa do Acolhimento em Carmo da Cachoeira, quando viajou por uma semana com o grupo-matriz para um Curso de Resgate em Áreas Remotas. Ao retornar, encontrou os acolhidos sentados em torno da mesa de jantar. Exclamou surpresíssimo: Você é o Peterson! Foi corrigido: Não, não sou, esse era meu nome falso! Meu nome é Camilo.

Os seres humanos têm múltiplas faces. Camilo havia aprendido em um vídeo a criar objetos de bambu, luminárias, candelabros, e passou a decorar a casa até o dia em que o missionário observou: Você está sempre confinado dentro da oficina, vamos construir alguma coisa lá fora?

Assim, no quintal, teve início o projeto da Sala de Oração em bambu ao lado de um jardim florido e canteiros verdes da horta. Por seis meses, todos os abrigados, inclusive o tatuado usando botoque nas orelhas, que tinha vindo morar na casa há tempos, ajudaram a construí-la. O altar do templo foi montado pelos três homens, que se reencontravam com o coordenador depois de anos.

Cada abrigado deixa uma contribuição. No chão do centro da sala, entalhava-se uma estrela de seis pontas, símbolo de mundos cósmicos que atuam segundo o Plano de Deus. Camilo não viu a estrela ficar pronta. Não tolerou a disciplina da casa por mais tempo. Da última vez foi visto vendendo canetinhas na praça de uma cidade vizinha.

Que sabemos nós? Que irradiação encontrada na aura do trabalho espiritual Camilo levará pelas ruas? Magnetizado ao doar-se à construção do pequeno templo de bambu e por orações ali realizadas, que energias positivas irradia pelos caminhos?

A luz do sol penetra as frestas entre os bambus da Sala de Oração, formando desenhos etéreos no ambiente e nos orantes. Pelas aberturas avistam-se serras, nuvens, o pôr do sol. As paredes semitransparentes levam o orante para dentro e para fora de si. Permitem-lhe almejar seguir caminhos intangíveis além do horizonte.

Asilo – acolher o outro

Se as coisas são intangíveis... ora. Não é motivo para não querê-las... Que tristes os caminhos, se não fora a presença distante das estrelas! Das Utopias, de Mario Quintana

Como fica o coração de uma garota chamada Ângela, que sai de casa com doze anos para trabalhar como doméstica, atende três gerações de uma mesma família do nascer do sol à noite, adoece e é imediatamente abandonada em um asilo, pois já não a querem mais?

Ninguém ouve o que ela tem a dizer sobre sua história, a rejeição sentida até dois missionários começarem a visitar o asilo para interagir com os internos. Ângela encontra espaço para falar da decepção, da perda de referência da família que tanto ama. Ao ser ouvida, vai transformando-se.





Os dois convidam-me para visitar o asilo. Sorriem ao abrir o portão de grade, os rostos acesos pelo sol das quatro da tarde. Como a maioria dos idosos fora colocada nos leitos, andamos até os quartos. Paramos na primeira porta do corredor observando uma sonhar alto: Vem cá, Antônio, vem, não se esconda de mim. Ficamos atentos por um minuto, imaginando a cena onírica antes de seguir até o dormitório seguinte.

Ângela e outra senhora estavam deitadas em leitos encostados nas paredes verdes. As duas e os dois entraram em júbilo ao se verem. Riam, docemente riam! Eles chegavam da Grécia de passagem para o norte do Brasil. Cada um foi sentar-se no colchão junto a uma delas.

Fui apresentada a Ângela. Logo contou para ele: Pararam aquelas coisas que eu tinha. Então lhe pergunto: O que você tinha? Ela se volta para ele: Fala com ela o que eu tinha! Ele volta a rir: Você tinha maluquice! Ângela gargalha fartamente: Falando sério, nem vou dormir direito de felicidade pensando em você.

O regozijo do reencontro prossegue no quarto iluminado pelo sol deitando-se atrás das colinas.

Ângela e o missionário, de mãos dadas, relembram: Passamos um ano trabalhando. Conversamos e oramos bastante. Você estava triste demais e foi aprendendo a aceitar o que tem. Hoje está alegre, Ângela! Ela concorda: Foi sim. Obrigada! De coração, eu mesma me sinto feliz por mim. Deprimida porque fora rejeitada quando parou de caminhar, ela ouvia dele: Ser feliz não tem a ver com ninguém nem com coisa alguma; tem a ver com o nosso próprio coração. Você pode ser feliz mesmo sem andar.

Ele a contempla fraternalmente: Lembra do que você me contou na época em que estava mal? Acordava de noite e me via ali, ao pé da cama. Ângela confirma: Era você direitinho, no meio de um cartaz bonito, grande, azul. Vi sim, mais de uma vez.

O segundo missionário aproxima-se perguntando se Ângela quer mais um travesseiro nas costas. Os dois levantam-na, acomodando-a com carinho: Um, dois, três, que chumbo! Na despedida, ela declara: Minha cabeça é só felicidade. Juro por minha santinha que eu amo vocês dois.

Saindo do quarto para visitar mais idosas, ouço o missionário murmurar com seus botões: O que fez com esta mulher, Senhor? Era tão deprimida!

Respaldo para a alma

Só é puro e autêntico o serviço que nada pede em troca. Paul Brunton

Entre dores e belezas que alargam a consciência, a vida missionária é uma escola. Treina o vencer a si mesmo pelo bem do outro. Para fazer um bom trabalho, o missionário deve estar por inteiro, totalmente doado. Ao mesmo tempo, precisa observar as próprias ondas internas.

A despeito de a benevolência estar impregnada nele, pode ser tomado por amargura, mágoa, mau humor, impaciência ou cansaço durante a contínua lida com a gritante injustiça para com os que não têm pão para saciar a fome, nem para onde ir, nem calçado, nem emprego. Se sentimentos não positivos começam a emergir dele, anunciam-lhe a hora do restauro, de reciclar-se, de converter a crise em ainda maior compaixão.

Os missionários são poucos, o serviço, enorme. O primeiro pedido de quem os encontra é que lhes resolvam alguma necessidade. Passam o tempo tratando questões individuais ou grupais de centenas de pessoas. Como têm em si o impulso ardente de ajudar, respondem com bondade e empatia, mas, para manter a essência do espírito da caridade acesa, precisam ser diariamente sustentados pela unidade grupal, pela fraternidade, pela oração e por gestos inusitados de ternura. Como o da indiazinha de seis anos que cativou um senhor missionário.

A cada manhã, dois segundos após ele entrar no abrigo, Tamira aparecia a seu lado e tomava-lhe a mão como uma filha. Tinha o brilho do céu sem nuvens nos olhos. Sempre colada comigo, virou minha secretária, ele recorda docemente. Eu entrava no contêiner para atender alguém ou fazer curativos, ela atrás. Quase não falava, só me olhava com pureza e devoção! Quando ele tinha tempo, brincava com ela.

Certa tarde, receberam a visita de uns nove funcionários da embaixada americana. O missionário dava-lhes atenção, com Tamira no colo sorrindo a desfazer formalidades. Essa relíquia de amor ficou gravada em meu coração. Passado um mês e meio, ela foi embora com os pais e nunca voltou. A suavidade de Tamira banhou meu ser; lembrar dela é um respaldo para minha alma.

Durante ocorrências que se apresentam a um missionário, ele deve aprender a se observar de modo amoroso e constante para não ultrapassar limites físicos e emocionais. Pode, eventualmente, não reagir às mesmas circunstâncias com a clareza de antes. Caso, ao acordar, já não tenha o impulso de servir, caso se sinta pesado, cansado, caso comece a se impacientar e a perder-se em meio a conflitos internos consigo mesmo ou com o grupo, precisa de métodos que dissolvam essas energias de conotação negativa.

Diz o missionário: Ao deitar na cama depois de meses servindo diariamente um abrigo indígena, passei a ver imagens disparadas na minha mente, rostos, cenas do dia, conversas, lugares. Uma seguida à outra, incessantemente. Eu estava totalmente envolto por aquilo. Percebi o abalo. Havia chegado a hora de parar por um tempo, de esvaziar-me antes de prosseguir. Isso faz parte da caminhada. Nunca perco a aspiração, mas preciso afastar-me para manter a luz do serviço acesa.

Logo viajou para a Comunidade-Luz e entrou em um retiro espiritual. A sós consigo mesmo, fez uma síntese e restaurou-se da pressão de meses em redemoinho.

Anjos trabalham unidos. Partiu com Tamira gravada na memória do coração. De modo sutil, a indiazinha e o missionário prosseguem pelo mesmo caminho. Lançam sementes de paz e de amor, que germinarão na nova Terra dando flores e frutos.

Um parto warao

Quebra o teu corpo em cavernas Para dentro de ti rugir A força livre do ar. Amplia-te. Sê o grande sopro Que circula... Cântico V, de Cecília Meireles

A vida colocou dois grupos humanos tão diversos – um racional e prático, outro simbólico e mágico – a caminhar juntos, por aspirar a que aprendam um do outro.

Os missionários demoraram a entender a resistência das índias para fazerem o pré-natal. Seguem outros ritos, valores e métodos relacionados ao nascimento e à preservação da vida infantil. Durante a gravidez e o parto, a gestante se recolhe e não tem relação sexual, enquanto o marido se mantém circunscrito à sua imediação. Não pode caçar distante, pois o pai deve proteger o filho em desenvolvimento contra espíritos negativos.

Acreditam nos *rebo*, espíritos da Natureza bons ou maus. Quando a criança nasce, a mãe faz um ritual para enterrar a placenta, já que parte da energia do bebê permanece nela, e um espírito mau poderia prejudicar seu filho. Um pássaro sobrevoa aldeias diariamente. Ora apresenta uma cor na plumagem, ora outra, uma masculina, outra feminina. Canta para proteger os recém-nascidos, e os indígenas cantam de volta.

Na época não havia equipe de saúde com que contar; apenas a Fraternidade atuava no Abrigo Pintolândia. Débora, a jovem coordenadora, conta a intensa experiência:

Passei o maior apuro. "Hermana, hermana", fui chamada. Corro e uma indígena estava para dar à luz. Falo: pega teu documento; e a levo para o contêiner próximo à entrada. Chamo duas ambulâncias. Ocupadas, só viriam dali a uma, duas horas. A grávida passando mal: "Hermana, chama minha mãe". Ligo para o bombeiro, estava apagando fogo em um posto

de gasolina. Um líquido começa a escorrer entre as pernas dela. Arrasto a mesa, pego um banner do mapa do abrigo e o desenrolo no chão. Bem, está novinho, é limpo. Deita aqui. Doía mais deitada. Levantou. A mãe dela chega e começa a direcionar a cabeça da criança. Eu olho para uma, para a outra, para o celular. Do lado de fora, um monte de gente curiosa se junta: Sai, sai, e fecho a porta. A mãe a coloca de pé, ela tremendo toda, escorria sangue, misericórdia, não vai aguentar... Nem eu... Ela agarra a mesa com a mão, sustento-a pela outra para não cair. Começa a nascer! Corro para o portão, ninguém. Olho para o celular, olho para Deus. Falo: Jesus, vou ter de fazer este parto e não sei! Volto correndo para o contêiner. A cabeça saiu. Ajudo a índia quase caindo a ficar de pé, a avó puxa, sai o ombro, o nenê escorre, e sangue, e água, ai Senhor. A avó pega o neto no colo, o cordão umbilical esticado me pedindo: "Hermana, cuchillo". Faca? Nunca! Batem na porta, a ambulância está chegando. A mãe faz movimentos ondulantes com o ventre e ploft, cai a placenta, nossa! guerreira, expulsou a placenta de pé ainda. O motorista veio sozinho! Traz instrumentos: "Você me ajuda?" Ajudo. Ponho a luva e pego a criança no colo, aquela coisa molenga, escorregadia, viscosa. Eu nem sabia segurar direito, ai minha Nossa Senhora! Ele pôs a máscara de oxigênio nela. Fiquei ali. Nem a mãe nem a avó conseguiam se levantar do chão; a avó, com dor na coluna; a mãe, desfalecida. Nisso, o médico chega, faz os atendimentos, ajudo-o, a mãe é colocada na ambulância tomando soro, a criança em cima do peito para se esquentar. Entro junto e vamos todos para o hospital. A mãe põe o nenê no seio para mamar. Oh, pegou, está tudo bem.

Outra missionária complementa: Sem saber de nada, entrei no contêiner e me deparei com aquilo e ninguém! Muito, muito sangue pela mesa, pelo chão, em cima do banner. Era o primeiro dia de trabalho missionário do venezuelano que entrou comigo. Ele caiu do céu como um anjo de asa e tudo! Técnico de veterinária, foi me orientando, fiz o que me dizia. Deixamos tudo limpo, impecável.

Débora desfecha: Depois, fui levar-lhe roupinha, fralda. Um dia, a família veio sorrindo me visitar, a avó, o pai, o bebê nos braços da mãe. Eu soube que ajudar uma alma a nascer cria um dharma positivo, vai nos conectando ao universo através do serviço ao outro. Pensando assim, de fato. Passado o sufoco, é gratificante. O que vier está bem. Obrigada, Senhor, por esta prova!

Artesãs e missionárias

Carregamos conosco a aura do que somos.
Deixem cada jardim ser diferente e peculiar.
O homem deve tender para a unidade, não
para a uniformidade. Cada qual com seu talento.
Dorothy Maclean

Há tanto a se resolver nos abrigos, tantos problemas, mas, quando artesãs tocam em miçangas coloridas, atraem a paz. Parecem tecer um portal que leva ao longínquo. Desligam-se de tudo quando unem fios e contas, imperturbáveis ao zunzum e a gritos infantis. Muitas haviam esquecido a prática e, ao retomá-la, reconquistam a memória ancestral coletiva, mantida ao trazerem filhas de três a doze anos para entrelaçarem juntas.

O artesanato perpetua o sagrado. O fazer abrange mais do que apenas o gerar renda; está profundamente relacionado à história da etnia. As artesãs intuem, enxergam internamente o que será tecido, sempre relacionado à vida e à Natureza, antes de criar desenhos em coleiras e colares como amuletos para se protegerem e à família. Sem saber disso, clientes banalizam a atividade ao pedirem que elas escrevam nomes próprios e fiem bandeiras.

Mal conhecendo significados simbólicos, certa missionária presenteou uma artesã com um guizo que havia ganhado. Abaixada para enlaçá-lo em seu tornozelo, foi envolta pelo silêncio que urge se expressar. Todas haviam parado de tecer, as fisionomias consternadas observando a cena. Aos poucos, explicaram que o guizo pode chamar espíritos malévolos e só deve ser utilizado em cerimônias sagradas para fins específicos. A missionária pediu-lhes desculpas, retirou o guizo e o levou para enterrá-lo bem longe e bem fundo, na terra.

Mate sanuka, ou seja, espera um pouco, foram as primeiras palavras em warao aprendidas por uma jovem missionária, enquanto observava a distribuição de miçangas e fios. Artesãs esticavam as mãos, ansiosas por



Artesãos indígenas preparam folhas de buriti para tecer cestaria. Abrigo Pintolâdia, Boa Vista, Roraima, Brasil, 2017

iniciar a tecedura. Viu umas desanimadas e tristes se apaziguarem enquanto enfiam cordões. A jovem comenta: Podem tirar tudo delas, mas o artesanato, nunca. Aquilo as equilibra, recuperam sua autoestima; o fato de a beleza produzida por elas ser apreciada lhes toca a consciência.

Algumas missionárias recebem a tarefa de lidar com as artesãs. Inicialmente organizavam a confecção em uma longa mesa onde as mães, inseparáveis dos menores, mal conseguiam amamentá-los. Um passo foi dado quando as convidaram a tecer no chão, como originalmente faziam.

Ao fazer o controle de qualidade das peças, para casos de venda, a encarregada quis saber: O que aconteceu com esta pulseira? A artesã, aflita: Olha, Irmã, estou angustiada, meu marido saiu, tenho medo de estar bebendo. Elas criam quatro, cinco filhos no local ruidoso e ainda conseguem ancorar um ritmo de trabalho diário. É uma conquista. No começo, o marido ainda vinha chamá-las para cozinhar.

Clara, coordenando o abrigo na época, reflete: Se ficamos focados no mundo externo, que nos abala tanto e sobrecarrega nossos pensamentos, nunca encontramos saídas. Porém, se agimos com a pureza do coração, surge outra energia, e as coisas mudam sem sabermos como. Não é real nos sentirmos impotentes diante da questão visível dos indígenas, há o espírito detrás de tudo. Na parte física, o que fazemos parece pouco, mas nossa presença e doação constantes dão resultados incríveis em outras dimensões.





Artesanato indígena. Abrigo Pintolândia, Roraima, Brasil, 2019 e 2017

No correr do tempo, missionárias puxam assunto com o grupo de artesãs para ajudá-las a pensar. Em diálogo terno, mas vigoroso e sincero, perguntam sobre sua perspectiva para o futuro sustento familiar: O que fazer a longo prazo em um país que não é o delas, em um abrigo de onde podem ser tiradas a qualquer momento? Como viveriam dali para frente? Caso não ganhem miçangas para tecer bijuterias, teriam de guardar uma parte do que ganham para se suprir do material?

Cresce o contato de alma para alma entre as artesãs e as missionárias. Em dezembro de 2017, comemoraram pelas indígenas estarem há cinco meses sem vender ou pedir esmolas nas ruas. Planejado o encontro no bosque do Parque Estadual Anauá, fizeram arepa e partiram. Sair da barulheira e respirar harmonia, diz a monja missionária, foi como colocar um peixe de volta na água.

Cada artesã saiu caminhando sozinha para alimentar-se da Natureza, os pés na terra religando-a com a vida. Aspirava aromas olhando folhas, passando as mãos em troncos. Fechava os olhos para sentir a brisa.

Depois, artesãs e missionárias se sentaram longo tempo lado a lado para contemplar o rio em silêncio, para ir ao encontro da pureza. Nele lançavam a secura das ruas, do abrigo, do desterro, e se tornavam o que são, fluidas como águas, unas com a Criação.

Dança sem fim

Filha da Luz, busque a luz porque você é luz. Falo a partir do Sol... toco em você com meus dedos... Toco miríades de outras vidas, e elas são parte de nós. Dorothy Maclean

O momento palpita. A hora se aproxima. Ensaiaram dias e dias e dias. As mulheres warao estão para entrar no palco. Em breve iniciarão um bailado em louvor ao país que as recebe. Daí as faces e testas pintadas com listras verdes e amarelas para celebrar o Brasil, e azuis e vermelhas em homenagem à Venezuela, país de onde vieram.

Entram em fila. Levantam de leve os pezinhos descalços e os pousam no chão. Costuraram à mão, ponto a ponto, as longas vestes de cetim verde e amarelo doado pelo comandante do Corpo de Bombeiros. Seguem em corrida até o centro da quadra de esportes, os tecidos brilhantes a flutuar. Lado a lado, passam os braços nas cinturas umas das outras.

Agora!

A um sinal, os pés nus batem forte no chão. Perfeitamente sincronizados, soam como percussões. As batidas ecoam pelo ginásio. O ritmo reverbera nas paredes e nas almas missionárias. O impacto faz o olhar da plateia correr para elas. Indígenas, *criollos*, voluntários, representantes do governo, da sociedade e de grupos religiosos reúnem-se para vê-las.

Unidas e ordenadas, as dançarinas aproximam-se, recuam. Os longos cabelos negros esvoaçam, sedosos. Reluzem e balançam como folhas de palmeiras.

Elas entoam um hino de amor ao Nino Porê, o Rio Orinoco. Imaginam-se a bailar sobre águas frescas refletindo o céu celeste. A memória percorre o curso d'água, e canoas deslizantes sulcam seus olhos úmidos. Elevam as vozes e cantam: *Perdi o remo enquanto navegava pelas águas do Orinoco e agora viajo até o infinito*.

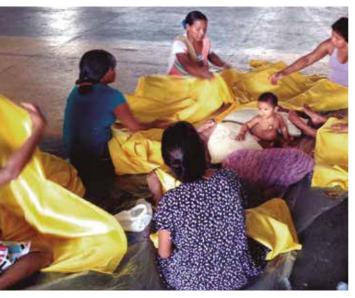
Giram e giram. Atravessam minutos ardentes, quinze, trinta. O Sol da tarde se infiltra por largos portais do abrigo, e elas persistem, incansáveis. Nuvens de pingos d'água cobrem as dançarinas. Por ainda meia hora narram a existência milenar.

Os apressados da plateia se afligem com a demora, falta-lhes ingressar no espaço sem-fim. A cada batida de pés, as índias rompem o futuro e reconstroem a vida ancestral. A repetição cria força. O voo é alto. Sulca o imensurável, o inacabável, o vasto fora do tempo.

Um pranto solene e risos límpidos nascem de quem assiste ao espetáculo das mulheres encontradas nas ruas com piolhos e feridas. Clara revela: Chorei e ri demais naquele dia, a mãe toda orgulhosa aplaudindo as filhas deslumbrantes.

Ainda hoje, o perpétuo bailado de pezinhos leves retumbam, eternizado.

Confecção de vestes; dança típica feminina warao. Abrigo Pintolândia, Roraima, Boa Vista, Brasil, 2017





Nomes sagrados e nomes humanos

Trabalhem de tal forma que evitem o ócio, inimigo da alma, sem contudo perder o espírito da santa oração, ao qual devem subordinar-se as coisas temporais.
Santa Clara

A missionária estava de partida para uma nova missão quando, na van, recebeu um gentil telefonema. Perguntava se aceitaria chamar-se Clara. A palavra desceu como um raio e, em júbilo, ela disse um decisivo sim.

Novos valores vinham brotando nela e, ao retornar da segunda Missão África, percebeu ser hora de mudar o nome pessoal, o de batismo encerrara o ciclo. Contudo, temia ganhar um complicado, com letras hs e ks, como o de outros moradores das comunidades. Assim, escreveu para Trigueirinho e contou-lhe o receio: $Minha\ lida\ \acute{e}\ com\ os\ pobres,\ eu\ gostaria\ de\ que\ logo\ entendessem\ meu\ nome.$

Um nome pode revelar certa verdade interna do indivíduo e suas tarefas mais ou menos ocultas e elevadas. Som criador relacionado a números e a figuras geométricas, o nome reverbera nos éteres, desenhando estruturas energéticas transformadoras.

O novo nome, Clara, cria um fio de luz até uma elevada consciência: Recebi o nome por causa de Santa Clara de Assis, pela qual tenho profunda devoção, e espero ter merecimento de usá-lo. Ela encarnou a Divina Pobreza, é a companheira interna de São Francisco de Assis. Atualmente ele é o Senhor do Mundo. Representa a Vontade Sagrada para a raça humana que vive na superfície deste planeta. Essa consciência excelsa responde por este mundo diante da Irmandade Branca Confederada. Um mundo tão cheio de desigualdades, tão desolado e desmazelado, tem um Senhor como esse, de infinita misericórdia. Parece uma dicotomia, mas a Misericórdia só pode descer em um campo de dor como o daqui. Não precisa descer em um mundo sagrado, onde a humanidade faz a vontade do Pai, onde a vida

está de acordo com Leis Eternas. Aqui deve ser o melhor planeta para a experiência da Misericórdia. Não existe equívoco, está tudo certo.

Temos de ser mais humildes para descobrir a vida cósmica, para retirar o véu que a própria humanidade colocou diante de si e a faz sentir-se tão só, tão autossuficiente, tão perdida.

Clara afirma: Sem a vida cósmica pulsando dentro de nós, não suportamos a corrente de sofrimento que nos atinge durante as missões. Ficamos diante de tanta miséria, de tanta injustiça! Precisamos nos conectar aos Irmãos Maiores que estão neste planeta desde o início dos tempos conduzindo e zelando pela humanidade. Vivem a Lei do profundo sacrifício. Renunciam à própria evolução cósmica para caminhar entre nós, como Madre Teresa de Calcutá e o Santo Papa João Paulo II.

No cosmos, as Grandes Vidas não possuem nomes, porém aqui usam aqueles que simbolizam uma parcela do incomensurável trabalho que Elas conduzem. Essas Vidas ancoram suas consciências em Centros Planetários e Retiros de Amor espalhados pela Terra, mas, como presença, são onipresentes, estão em nosso entorno.

Quatro anos após renomeada, Clara se deparou com uma nova visão sobre nomes próprios de pessoas.

Durante a Missão Roraima, encontrou waraos adultos e crianças sem nome. Para agradar aos missionários, inventam algum, mas, se novamente lhes for perguntado, já o esqueceram. Até pelo menos um ano de idade não nomeiam crianças, porque tantas morrem, e a dor é maior se tiverem nomes, dizem.

Indagaram a um casal: *Qual o nome do seu filho?* O marido e a mulher se entreolham indecisos. Aconteceu de pedirem o nome do esposo a uma indígena, e ela não conseguir responder. Lembrava o nome do anterior, já falecido, e foi perguntar ao *aidamo*, retornando meia hora depois com a resposta.

Os responsáveis pelo abrigo constantemente preenchem formulários e elaboram listas dos moradores. Registram a entrada e a saída de indígenas, repassam-lhes certidões e o cartão do SUS, além de oferecer esses dados tanto para o sistema burocrático da sociedade como para pesquisas acadêmicas sobre a etnia.

Vitorica del carmen Rivero 25.372492-le Elisa del Valle zapata 22116 181 Yorana deles Antolos zarate as Jos 6 6 6 6 6 6 6 6 7 10 10 34 19 12 10 10 10 10 10 10 10 10 10 10 10 10 10	02 2,2 06.
Yorkura deles Anticks Rakate in Jor 60 600 600 Rivers 34349180	2,2
21122176	
Eracela Racticco 25978861 72 tose Perito avitade 10.195313	15.
Ereits de Valle Packes _ Aurica Zapato Rosa 21.679.198	160
Euflide Paral Para	01.0
5 Neuclis del Valle 2020to 25978912 & Melnin Roja, Zarala	29.07
New francis del valle zarata s Alex Reja zurata	
You mar Rajor Inhita	03/0.
1 () 1 () 2/32/-20	10.02
1 - 41 CP - 0//0/200 C Aul in CP - 1 0.00	0802
Linda Zarate Rosas 26691.778 Andrina Reies Zarata	24.61
17 Joses Alloro to indo 20 256.666 15 " Zonia Maria Pachelo 25936 03	0
Mint Va Rivero 26676.173 12 1 100 Anthe	-
tscald dialo (240 28.016.217 0)	
Mardeline Elgret 31.62.043. 2.9. Yonaira del Valle zarata 25978911	1
Young River Livade Noises Jox, 20 Pate Witada	06
	19
Daisi de inda Rivero to Bamon Zarate 7 852 108	-
21/2/2/2 9 Mills Divers	15.
18 NOS Rivero 21671218 2 Abeling Rivero bundon 7874 843	210
Ez Peranta from 25672038 & Daniela Maria del Valle Zarata	20.
Vine Co Folgres Vivero 5	
	672.0

Listagem feita por um aidamo, de indígenas sob sua guarda. Abrigo Pintolândia, Roraima, Brasil, agosto de 2018

Encarregada de um cadastro, uma jovem surpreendeu-se com a organização de um aidamo. Combinou fazerem juntos a listagem dos membros do seu agrupamento no dia seguinte. Assim que entrou no abrigo pela manhã, o aidamo trouxe-lhe folhas de um caderno com as famílias ordenadas por nomes, cédulas de identidade, números de filhos, de grávidas.

Uma ocasião, certa abrigada aproximou-se arranhando o espanhol: *Mi*nha mãe chora há dois dias porque perdeu o cartão do SUS. A jovem percebeu a causa ampla para o choro da senhora derrotada; não chorava pelo cartão, mas por perdas incessantes. Acalmou a filha e a mãe limpando lágrimas: Vou te conseguir novo cartão. Por isso, no escritório guardam cópias de documentos indígenas, pois os recebem, e no dia seguinte já não os acham. A maioria até mesmo desconhece quando nasceu.

A voluntária aprende com eles e se questiona porque damos tanta importância a nomes próprios, a datas de nascimento e à comemoração de aniversários. O desvio de um cartão, o não nomear filhos nem saber o nome do marido representam uma desordem neles instalada? Ou espelha uma visão diversa na lida com a vida? Há curiosos mundos planeta adentro e outros, com certeza ainda mais extraordinários, cosmos afora.

PARTE IX Vidas inspiradoras

Ser outros

Sê como o oceano, que recebe todos os rios e riachos. A calma imensa do oceano não se perturba. Recebe-os e não os sente. H. P. Blavatsky

Algo acende nossa alegria ao estarmos com missionários matrizes, todos voluntários e decididos a dar as mãos aos mais vulneráveis e desprotegidos seres humanos e a ajudar os Reinos da Natureza. Conversei com quatro na sede da Fraternidade, base das moradas por onde transitam, o refúgio de paz dos guerreiros. De cada um guardo a imagem vívida e exemplos que reajustam átomos e tocam almas.

Em busca de penetrar segredos de si e de tudo, em dado momento ouviram um gentil sussurro interno, que os atraiu para a Comunidade Figueira. Conforme mergulhavam em reveladoras instruções filosófico-espirituais, acrescidas de treinos práticos e orantes, suas mentes, seus sentimentos e seus corpos físicos foram refinando-se, tornando-se mais compassivos.

Anos se passaram até ingressarem na atividade missionária. Missionários matrizes têm em comum a criatividade para servir aos demais. Avançam lado a lado partilhando sorrisos mais amplos que os desafios superados pelas esquinas do mundo. E almejam formar um único coração servidor guiado pela presença eterna.

Seguem episódios biográficos dos mais antigos, duas mulheres e dois homens. Um, vindo da Argentina. Os outros três, brasileiros, de São Paulo, do Paraná e de Minas Gerais. Sem qualquer reserva, deixaram-me ingressar na crônica de suas vidas para que fossem doadas aos leitores.

RICARDO

Mudar não foi sofrido

Ser fonte de auxílio para o Plano de Resgate. Ação abnegada, Atributos do Monastério

Um clarão avançou das profundezas da consciência. Trazia a certeza urgente: *Quero ir para a Missão Nepal*. Nunca pensara nisso antes, mas, ao primeiro chamado, a alma missionária de Ricardo foi acionada. Sem dúvida o impulso existia nele antes de aflorar. A semente oculta veio à tona com a velocidade e o esplendor de um raio. Em um mês o grupo deveria estar na Ásia, e ele já se via desembarcando entre escombros do recente terremoto.

Na época era diretor da Irdin Editora. Ainda assim, finalizada a reunião com mais de mil pessoas em que a missão foi anunciada, dirigiu-se à instrutora, Madre Maria Shimani de Montserrat: *Quero ir.*

Como estava fora do limite de idade, afastou-se avaliando: *Passou o tem- po, vamos deixar isso para a próxima encarnação...* Surpreso, soube dias depois: *Você vai para a Missão Nepal. E vai coordená-la.* Ele, com sua interjeição típica: *Nossa!* Passados anos, Ricardo prossegue como coordenador das missões.

Marcamos e desmarcamos encontros até enfim nos sentarmos um em frente ao outro. Riu surpreso: *Nossa!*, quando lhe pedi para contar histórias da própria vida que, desde a infância, moveram o caudal de aprendizagens mais tarde aplicado à prática missionária.

Em plena São Paulo dos anos cinquenta, vivia em uma chácara com os pais, avós, gatos, cães, patos, galinhas. Ele, menino, em cima de árvores dos arredores. Gostava de estar junto da avó, neta de índio, de longos cabelos brancos e pretos em trança. Ela fazia de tudo: rachava lenha com



Ricardo, coordenador dos Missionários da Fraternidade. Carmo da Cachoeira. Minas Gerais. Brasil. 2014

marreta, processava sabão em um fogareiro na terra, assava pão no forno a lenha, criava, matava e cozinhava galinhas, cuidava da horta enorme. O avô, aposentado, bebia. Os pais eram severíssimos. Se o filho único aprontasse, a mãe tirava as folhas de um galho da cerca viva e plaft nas pernas finas. Ele lembra, sem mágoa: *Apanhei bastante. Acho que merecia... aprontava muito*.

Havia a enorme bicicleta herdada do tio. Havia o rolar pelas ruas com amigos no carrinho de rolimã montado pelo pai marceneiro. Havia reuniões de família no fim de ano, a vida correndo. Foi indo, fazendo tudo sem saber bem o porquê.

Devido a dificuldades com matérias escolares e, ainda mais, com continhas de somar e diminuir, repetiu um ano. Foi até bom. No período seguinte, novas amizades lhe desvendaram o entusiasmo por aprender. Começou como *office boy* aos 15 anos. De trabalho em trabalho, pagou o curso de Administração, a faculdade de Ciências Contábeis, os créditos do mestrado de Finanças. Ficara amicíssimo dos números, e veio a ser gerente financeiro e sócio de algumas empresas.

Casou cedo, teve filhos e ia com a família para o mato, a Natureza. Convidado por um amigo para velejar, o casco rompendo a vastidão de águas doces e salgadas o conquistou. No entanto, o que mais o atraiu na navegação foi a oportunidade de iniciar-se em habilidades da marinharia, o engenho no uso de nós, cabos, cordas.

Certo fim de dia, saindo do trabalho, descia uma rua quando viu um menino de bermudas, camisa, boné e lenço de escoteiro. Quisera ter sido um na infância, mas faltavam recursos ao pai para comprar-lhe o uniforme azul. Interpelou o garoto: Onde são os encontros? Rápido engajou-se com a esposa e os três filhos na experiência voluntária: Vou realizar o que não fiz quando criança!

O método de ensino pedagógico do escotismo é baseado no respeito a Deus, ao próximo, aos animais. E em destrezas, adestramentos. Os escoteiros acampam, treinam ao ar livre, até irem sendo aflorados valores e habilidades: estar alerta para ajudar o outro, técnicas de resgate, atendimento a emergências. Como os pais devem participar do grupo, com eterno entusiasmo Ricardo veio a dirigir aquela unidade. Sem demora, tornou-se chefe do escotismo da região e, depois, do estado.

Entre o vaivém cotidiano, outras buscas levaram a família a mudar-se da metrópole para uma cidade mais calma, a caminho de Minas Gerais. Foi quando o casal descobriu Figueira, que a esposa passou a frequentar fielmente. Mesmo tendo-se casado na Igreja Católica, já que o catolicismo era a religião das respectivas famílias, haviam sido atraídos para o espiritismo, onde atuaram no atendimento aos pobres. Mas, agora, abria-se uma nova senda espiritual.

A vida material ascendeu rápido. Anos depois, houve uma queda para o casal aprender a contar migalhas. Já vendera o automóvel e nem tinha como pagar uma passagem de ônibus, quando encontros e convites surpreendentes indicaram-lhe outros rumos.

Ricardo inspirou-se na técnica do escotismo para escrever um ousado projeto de três dias de treinamento ao ar livre para executivos. Apresentou-o a um consultor de pequenas empresas, que se ofereceu para ser seu sócio. Ao mesmo tempo, um amigo solicitou-lhe cuidar por um tempo de sua papelaria. Outros o levaram a dar aulas em duas universidades, a finalizar um inovador mestrado sobre custos aplicados a hospitais e a fazer palestras pelo país e fora dele.

Com um sócio, abriu mais outro empreendimento, por meio do qual veio a ser convidado a dar consultorias para o Ministério da Saúde de Angola. Ele explica: O país no pós-guerra estava destruído, uma sujeira. Não tinha hospitais nem médicos. Então, ele passou a se relacionar com ministros e lideranças locais.

Na capital africana à beira-mar, ele e o sócio montaram um escritório com trinta funcionários e articulavam a abertura de uma representação em Lisboa. Criaram cursos de especialização e administração hospitalar com intercâmbios e convênios entre hospitais angolanos e brasileiros. Vieram a acompanhar a reforma de quase todos os hospitais públicos do país e também treinaram médicos.

Ao saber quantos moradores das aldeias morriam por falta de assepsia e cuidados de saúde, passaram a convidar os mais aptos de cada localidade para cursos de primeiros socorros em Luanda, fazer pequenos curativos, auxiliar partos, prestar atendimentos básicos.

O projeto estava em um ponto bom. O tempo corria entre voos internacionais, avenidas urbanas, corredores hospitalares, números e mais números, além da construção de uma bela casa em um sítio com araucárias, no topo de uma montanha mineira.

Uma vez, ao voltar de uma viagem, encontrou caixas empilhadas na sala: O que é isto? A esposa: Livros. Na Figueira, pedem para você doá-los na África. Ele resistia: É complicado passar pela alfândega, controlam tudo. Por fim, duas viagens depois, levou meia dúzia para uma biblioteca pública. Já na viagem seguinte, decidiu. Encheu a mala, mas esbarrou com o autoritarismo alfandegário e a descrença dos agentes. Não acreditaram que os exemplares seriam doados. Com isso, Ricardo passou o dia retido no aeroporto preenchendo fichas, pagando impostos.

Durante a época, começou a ler os livros de Trigueirinho e a assistir a suas palestras, aproximando-se mais e mais da Comunidade Figueira. Ele explica com inabalável bom humor: O que me atraiu foi a Equipe de Ação Imediata. Fomos limpar um riacho, e aquele que só andava de terno com caneta Montblanc no bolso se molhava catando folhas de árvores, carregava toco! É isso que eu quero, pensei!

A aproximação se acelerou quando ele veio a envolver-se com a construção de uma nova área da comunidade: Fiquei com um pé na Figueira, outro na África. Estava desiludido com a corrupção em Angola. Por exemplo, se um projeto custasse cem, quem o contratava exigia trinta para si. Ricardo contestava: Mas o professor doutor tal custa tanto, não daria para trazê-lo. Retrucavam: Traga um estagiário. Ele: Mas não vai dar certo...

Resolveu tirar as dúvidas com o instrutor da comunidade, que o advertiu: Saia de lá antes que você se corrompa. Ricardo então decidiu fazer um retiro espiritual na comunidade, em um trailer na beira de um lago: Um gelo! Dirigi de volta para casa pensando no que fazer; não me ajustava

mais na outra vida. Era uma quinta-feira quando cheguei ao escritório. O sócio quis saber: E aí? Ele: O retiro foi muito bom. Mas... olhe... não me encaixo mais aqui. Vou parar de trabalhar. Não quero nada.

O sócio não compreendeu: Você está doente. Ricardo tornava a afirmar: Estou indo embora. Vou mais uma vez até Angola despedir-me da equipe e entregar o apartamento. Enfim, deixou tudo, e o passado vai sendo dissolvido no lusco-fusco da memória. Tornou-se voluntário e nunca voltou a ser remunerado.

Férias para esquiar em Bariloche e outros luxos haviam acabado. Passou a dirigir sua vigorosa energia para a Fraternidade. No início morou de terça a domingo em uma barraca para acompanhar a construção de três módulos e doze iglus de uma das fazendas. A esposa e os três filhos chegaram a morar na comunidade, e ainda hoje a filha de sorriso franco como o do pai ali permanece, entregue, dedicada à vida altruísta.

Dois anos depois tornou-se diretor da Irdin Editora servindo-se de alguns recursos trazidos do passado, o know-how de executivo. Ainda trabalhou no setor da Administração de Figueira. Também com o Grupo das Árvores, onde aplicou a perícia para escalar rochas com segurança, aprendida no escotismo. A partir da nova prática, o grupo veio a ousar mais, subindo até galhos altos ou mudando para outros sem ter de descer.

Nesta altura, indago-lhe: Como explica a mudança para um estilo de vida tão estranho para a maioria das pessoas? Ricardo reflete: Não sei se é estranho... A mudança não foi sofrida. Antes estava no lugar e no movimento errado, perdendo tempo com esta coisa de consultoria, vida profissional, acadêmica. Acredito que existe um grupo de autoconvocados. Em um momento do passado remoto, eu levantei a mão e disse: "Quero estar preparado para fazer o que tiver de ser feito durante a transição do Planeta para a nova era. O momento chegou. A hora é agora." Se eu tiver de voltar à vida antiga, morro! Falei tanta besteira, ensinei tanta coisa errada...

Ao conversar sobre as distintas fases de sua vida, ele reflete: Às vezes as pessoas acabam escolhendo outras rotas porque as que estavam trilhando não deram mais certo: perderam o emprego, tiveram uma grande desilusão ou viviam dificuldades que as forçaram a buscar a vida espiritual. No meu caso foi bem ao contrário. Estava no auge da carreira profissional, superbem financeiramente, superbem em tudo, tudo. E aí, puft. Realmente

aconteceu assim, poxa. É diferente porque, enfim... deixar tudo assim... Para meus filhos foi um impacto. Nas férias eles viajavam para a Europa ou iam esquiar; sempre em viagens... Aí, chegou um momento em que eu falei: acabou! "Como assim, acabou?" Já não tinha sentido eu vir para Figueira e, em julho, dizer: agora vou para Bariloche. Não me via mais fazendo turismo. Hoje viajo, mas com outra visão, completamente diferente.

Ricardo teve a rara coragem de aceitar outra forma de andar mundo afora. Peço que a explique: Quando na vida normal, fazemos o que todo mundo faz: vou provar tal comida, vou a tal lugar, vou ao museu, até para dizer: conheci tal lugar, comi num restaurante assim, tomei um vinho assado. Agora viajo com toda simplicidade. Antes só viajava de classe executiva e agora, de classe miserável, apertadinho no meio das quatro poltronas, mas supertranquilo. Passei a ver outro lado da vida. O mundo da ilusão vê tudo bonito... porém, é ilusão. Comecei a ver necessidades por onde passo, não apenas a fachada de hotéis, os locais turísticos. Comecei a ver o que há por detrás da aparência.

Em um aeroporto, o destino quis que ele encontrasse um antigo conhecido. Trocaram um aperto de mãos, umas frases. O senhor, analisando-o meio perplexo, falou pausadamente: Seu sócio diz que você está doente... mas está bronzeado, alegre, parece ótimo... Ricardo ouviu-o calado e respondeu com o riso solto: Pois é...

CLARA

Loucura de amor missionário

O amor de Deus está em toda parte; todavia, vemos ao nosso redor a destruição, a miséria e as desigualdades. Se armazenarmos as coisas belas dentro de nós, seremos capazes de suprir a falta de beleza em qualquer lugar usando o suprimento de beleza que temos dentro de nosso coração. A Mensagem Sufi, de Hazrat Inayat Khan

Tudo começou debaixo daquele pé de jatobá de trinta metros de altura. A árvore sagrada para indígenas segue ciclos da vida de Clara. A polpa da semente era servida antes de rituais de meditação de povos originários pois favorece o equilíbrio mental, efeito recém-comprovado em pesquisas científicas. Frutos saltam das alturas e rolam por pedras do jardim florido no quintal da sede missionária onde, sentadas em um banco sob a galhada alta, Clara evocava fatos e reflexões que moldaram sua vida:

Na verdade, tudo começou como uma oferta missionária. Eu conhecia Figueira há anos e ficava naquilo: "Nunca vou morar lá, passo no máximo uma semana. Mas admiro quem mora."

Antes do chamado missionário, achava minha vida tão bem resolvida! Pensava até que ia para o céu por ter passado situações difíceis como Vânia de Fátima. Agora vejo que não eram nada difíceis. Hoje sou Clara. Mudei de nome, mas o de nascimento, acho-o lindo. "Por que este nome?" fui perguntar para minha mãe. Ela disse que nasci por volta das 15h, quando uma rádio transmitia a novena de Fátima. Daí minha ligação forte com Nossa Senhora de Fátima.

Tive uma infância pobre; conheço bem a face da pobreza. Por isso, lutei demais com medo de voltar a ficar pobre. Aliás, quando criança achava tudo ótimo, nem sabia que era pobre; só mais tarde minha mente considerou a diferença de classes sociais. Diferente de meus filhos, que sempre tiveram noção do que é ter ou não ter.

Cresci no campo rodeada por galinhas, gado. Meu avô era administrador de uma fazenda de café, e fomos morar em uma casinha próxima. Sou a



Clara, missionária matriz. Adis Abeba, Etiópia, 2013

segunda de oito filhos. As primeiras quatro eram mulheres, o quinto nasceu homem. Tenho algo de homem, essa coisa de decisão, porque provavelmente meus pais esperavam tanto um! Vem da vontade de ter nascido homem para agradar-lhes.

Meu pai, só ausência. Era aéreo, artista, queria tocar moda de viola, fazer shows. Arrumava empregos, mas não duravam. Minha mãe é ligada à terra, trabalhava para os filhos estudarem: "Não podem ter a vida que tive." Óbvio que a relação dos dois não deu certo. Eu tinha catorze anos quando ele foi embora; achei a maior crueldade, interpretei como rejeição. Fiquei mal demais, fui até internada em hospital e tomei calmante para dormir. Éramos sete crianças, minha mãe grávida do oitavo e tão envolvida no próprio sofrimento. Neste abandono, fui conhecendo mais aspectos da dor humana. Só vi meu pai depois de vinte anos, e passaram-se mais vinte até vê-lo de novo.

Casei-me com um ser ciumento, mas de bons princípios. Eu trabalhava em um escritório, tinha independência, mas ele pediu para eu deixar o emprego e parei de trabalhar por mais de doze anos. Eu pensava: "Vou cuidar para ele ser presente como pai e nunca vamos nos separar." Descobri que não controlamos essas coisas.

Não quis ter tantos filhos quanto minha mãe, para estar mais com eles. A Mãe do Amor cuidou disso. Tive um menino, e depois nasceu a menina. Transformei o tempo com os dois em pura alegria. Brincava de pique esconde, rolava na grama, revivia a infância; tinha essa carência de mãe. Quando minha filha fez catorze anos, meu marido se separou de mim.

Mesmo com tantos cuidados, enamorou-se de outra e se atrapalhou todo. A traição foi a maior surpresa. Ele tão ciumento... eu me achando a mulher mais amada do Universo Confederado e, de repente...

Tinha de ser assim, tinha de doer, porque comigo as coisas têm de ser intensas. Ouvia brigas entre meus pais, muitas, chegava a cobrir a cabeça com travesseiro para não as escutar. Para minha própria família, tinha preparado uma historinha bonita, a casa arrumadinha, dois filhos, tudo ajeitadinho. Chorei por um ano pedindo a meu anjo da guarda que não me deixasse entrar em depressão nem fazer o que acontece com tantas mulheres: "Ele arranjou outra, então arranjo um melhor." Chorava, chorava.

Acordei um dia para trabalhar e me vi tão feia... Dois anos antes da separação, tinha conseguido emprego na melhor escola particular da cidade, fato inexplicável na época, um milagre da Mãe Divina. Foi um choque olhar-me no espelho. Deus me deu uma qualidade, o bom humor. Falei comigo mesma: "Sua boba, você não foi enganada, foi liberada. Agora pode fazer o que sempre quis, ajudar as pessoas. Está deixando de ajudar para ficar olhando o próprio umbigo", e me dava tapinhas no rosto.

Cinco anos antes da separação, acho que em 1996, fui com o povo da família a Figueira. Eu nem sabia quem era Trigueirinho. Morávamos no interior de São Paulo e partimos em dois carros para um lugar no sul de Minas, porque nos disseram que lá desciam naves e conheciam métodos para chamá-las. Sempre tive fascínio por naves, vi várias durante a vida no campo. Acordava de noite com a casa envolta em luz. Como adulta nunca mais as vi, talvez por ter perdido a pureza infantil.

Primeiro passamos pela secretaria da comunidade para saber em que área nos hospedar; diferente de hoje, em que os hóspedes são avisados por e-mail. Queria ir para uma fazenda, e disseram: "Vai ficar aqui na cidade." Tentei negociar: "Como assim? Viajo quilômetros para ver naves e vou ficar na cidade?" Falei quantos quilômetros... Fiquei aqui. Debaixo do jatobá. Olhando para o céu a noite toda, e nada de naves.

Quando voltamos para casa, falei com meu marido: "Quero conhecer mais Figueira, ir atrás da busca espiritual. Lá tem grupos de estudos." Ele negou: "De jeito nenhum!" Tinha os receios normais: "Se entrar nesse grupo, você vai abandonar a casa, os filhos e tal." Naquela noite, chorei. Tive de escolher: ou Figueira ou a família. Escolhi a família, os filhos, duas joias preciosas que Deus me deu.

Mas recebia o boletim "Sinais de Figueira". Eu ficava atenta à época de chegarem; e guardava todos. Um ano depois da separação, comecei a fazer uma síntese da vida e relembrei. Voltei a lê-los de outra forma. Depois do vácuo de anos, liguei para cá e retornei. Era 2003.

Hospedei na mesma casa, aqui na Fraternidade, mas não a reconheci. Não era assim antes, a construção totalmente diferente... Da primeira vez tive tanta dor de cabeça que me prestaram atendimento em uma sala circular... "Onde ela está? Era clara..." andei procurando. "Não existe?" Descobri que fui tratada em um nível sutil, não no concreto, uma revelação!

Então me avisaram que havia um grupo de estudos em Jaú, onde eu morava. A coordenadora passou a ser minha melhor instrutora: quando eu chorava por um drama humano, repassava-me um CD gravado com a instrução certa de Trigueirinho, e comecei a ler livros dele, a compreender Figueira. Convivi anos com ela, agora Madre María del Salvador. Desde o início até ela ser monja, acompanhei sua entrega. Pensava: "Deixou a vida profissional, era superreconhecida, estava tão bem estabelecida, tinha tudo e deixou. Admiro gente assim. Nunca vou fazer isso, nunca.

Então, ela veio viver em Figueira, e eu assumi a coordenação do grupo de estudo da cidade. Além das reuniões em minha casa, prosseguimos os serviços abertos por ela: visitar presídios e bairros pobres, levar roupas. Isso foi minha escola básica de formação.

Eu já tinha recuperado a alegria de viver. Trabalhava com jovens em um cursinho pré-vestibular. Amo trabalhar com jovens. Saía de casa contente às seis da manhã e voltava para casa feliz às vezes às dez, onze da noite. Tinha um bom salário, fazia meus horários, era dona da minha vida, do jeito que eu gostava.

Todo semestre vinha ao Encontro Geral de atualização em Figueira até, em 2011, ser surpreendida pelas primeiras aparições públicas de Maria, Mãe de Jesus, para um vidente da comunidade. Foi um impacto, porque tenho um amor forte pela Mãezinha. Como as manifestações iriam prosseguir por dezessete dias, voltei para minha vida normal para retornar de São Paulo no final da semana com o grupo de Jaú. Aconteceram percalços pela estrada e chegamos em cima da hora. Ameaçava chover, e a aparição foi transferida para o grande salão de F2. Estranhei demais, a mente jogando ideias, eu achando um absurdo: "Como a Hierarquia Maria Santíssima vai caber dentro de um salão?"

Quando entramos, todos já oravam. Eu procurava onde sentar quando meu coração pulsou fortíssimo. Parecia saltar, a pele do peito tremia. Aquilo girava em sentido horário, e eu me perguntando o que era. Sentia um fogo, nem frio, nem quente. Não sei explicar, não há ciência que explique. Só sei que não era deste mundo. Um movimento rapidíssimo, como reencaixando engrenagens. Nunca mais senti aquilo.

Fiquei olhando para o palco. Tanto aroma de rosas, devem ter colocado essência de rosas nas velas... Então a Virgem Maria chamou uns membros do grupo para perguntar se aceitariam ir para a África. Explicou que fazia um pedido de socorro.

Passados uns dias, soube que Ela pedira a formação de um grupo de missionários. Pensei: "Missionários, que pesado! Tenho aversão por esta palavra." Estudei História. Onde os missionários chegavam, a cultura dos povos era destruída. Colonizavam, doutrinavam, catequizavam e tal. Enfim, faziam um estrago.

Mas o pedido d'Ela e meu coração girando ressoavam em mim. Missionários... Tenho de ir! Vou para a Missão África, já me via lá. Levei um susto quando recebi o cadastro via e-mail para ser preenchido por quem sentisse o apelo. Tinha imaginado isso só no mundo dos sonhos. Tínhamos o prazo de trinta dias para responder. Tirei foto, anexei exames de saúde, respondi os quesitos. Todo dia ia clicar e, não, vou pensar, tem tempo.

Precisei encontrar uma saída mental, um esquema tão perfeito quanto o que planejei para a vidinha de casada. Adianto as férias, vou para o treinamento e volto para casa. Depois, quando sair o chamado para a África, tiro mais trinta dias de férias. Vai dar certo! Cliquei enter e... seja o que Deus quiser!

Adiantei mesmo as férias benditas e encontrei muita gente, uns cento e vinte candidatos em uma fazenda da comunidade. Alugaram-se tendas coletivas para hospedarmos, e o processo teve início. Conversas com psicólogas, exames de saúde. Da primeira peneirada ficaram quarenta, desses foram selecionados catorze.

Soube que o treinamento prosseguiria nas serras cariocas da Comunidade-Luz Nova Terra, na época chamada Crer-Sendo. Opa! Isso eu não planejei. Expliquei a quem estava à frente da missão: "Vou dar o salto, mas antes preciso avisar ao patrão que vou parar. Gosto de sair pela porta de entrada e não pela porta de trás." Conversei com os filhos, que moravam comigo. Meu filho é professor. Minha filha ficara desempregada, mas me deu o impulso, senão eu não teria conseguido: "Mãe, vá, fique tranquila, sou bem formada, envio currículos e logo consigo trabalho." Em quinze dias pedi demissão do trabalho, demissão da escola, e soltei o passado.

Do Crer-Sendo, os grupos se subdividiram em três. Parte foi ser treinada na Casa Luz da Colina, parte foi para a Comunidade-Luz Fraternidade, no Uruguai. Fui coordenando o terceiro grupo para a Granja Viana, Núcleo-Luz de Figueira em São Paulo. Ficamos lá três meses. Foi uma escola maravilhosa de missionário, a de domar a vida. Cruzei uma prova dura: só podia telefonar uma vez por semana para meus filhos.

A realidade do processo missionário foi descortinando-se. Era um passo muitíssimo maior do que imagináramos. Não era o treinamento para uma missão; estava sendo pedida a entrega total de nós mesmos. Por isso, os candidatos foram saindo aos poucos. Dos cento e vinte sobraram sete, os sete que foram para Etiópia. Ainda tivemos outra prova enorme: demorou um ano para a Missão África sair. Fomos escovados!

Depois de São Paulo, passei um mês com os filhos. Eles estavam no início da carreira. Eu tinha deixado o dinheiro do acerto do trabalho com eles e o meu seguro-desemprego. Minha filha ainda não tinha conseguido trabalho; encontrei-a preocupada: "Faço entrevistas e nada!" Meu coração de mãe apertou, mas voltei para a Fraternidade obedecendo à data para me apresentar; a obediência ao prazo era um quesito fundamental.

Aqui, não sabiam direito o que fazer com a missionária que chegava. Fiquei uns dois meses em um quartinho cuidando deste jardim junto com uma senhora japonesa. Catava matinho, via gente ir e vir. E nada de anunciarem a data da missão. Nem se falava mais nisso. Eu pensando: "Vou enlouquecer se ficar aqui, meu corpo precisa de movimento."

Um dia fui cedinho verificar o saldo deixado no banco para meus filhos. Saldo zero! Voltei, sentei aqui sob o jatobá, pensando. Veio vontade de chorar, fui ali para o quarto. Era uma prova de fé.

Sentei na cama, peguei uma imagem da Mãe Divina e falei: "Mãezinha, você sabe da minha oferta, da minha história, da minha loucura de amor por Ti. Você sabe a história de meus filhos e nem preciso falar que no banco não tem dinheiro. O diretor da escola sempre me liga fazendo propostas mirabolantes para eu voltar. Posso retomar o trabalho a qualquer momento e prover os filhos. Para meu desespero, estão passando necessidade. Eu passei tantas! Mas você prometeu cuidar da família de quem se entregasse. Eu acreditei, Mãe."

Naquela tarde minha filha ligou. Acabava de saber! Tinha conseguido o trabalho que queria, como queria, com um bom salário. E, melhor, na mesma empresa e cidade onde o noivo trabalha. Moravam distantes um do outro e estavam perdendo sua história de amor. Hoje estão casados. A Mãe escolheu tudo a dedo. Combinamos fazer cento e cinquenta contas da oração Mãe Universal para agradecer ao mesmo tempo, apesar de estarmos a centenas de quilômetros uma da outra.

Nunca mais posso duvidar de nada. Tudo foi guiado, fico emocionada. Aí chegou minha primeira missão. Ainda estou descobrindo o que é ser missionário, ainda não sou completamente porque é muito misterioso.

Durante a loucura de amor missionário, às vezes me pego perguntando se estou deixando os filhos. Sempre cuidei para que nossa relação fosse intensa, mas sem apegos. Soltei-os para o mundo. Fico meses sem vê-los, mas não há cobrança.

Hoje recebi a resposta pelo celular. Mal pude acreditar no que ouvia: "Mãe, estou fazendo um curso. Uma das atividades foi escolher sete mentores que deram sentido à nossa vida. Temos de mandar um áudio para cada um. Aí vai: Mãe, você é meu primeiro mentor, a pessoa mais importante. Sinto--me totalmente grata pela educação que me deu. Sou o que sou porque sou sua filha. Ver sua felicidade hoje me faz ser feliz. Gratidão por me ensinar o mais puro sentido da palavra amor, por estar presente, por me ensinar que o amor está em todos os lugares."

Ao ouvir a mensagem filial, Clara e eu choramos em silêncio. Ela se levantou do banco sob o pé do jatobá que segue seus ciclos de vida. Deu uns passos até a escultura branca de Nossa Senhora das Graças. Sorria ao curvar-se para beijar-Lhe a mãozinha.

Passados meses, no escritório do abrigo para refugiados venezuelanos Nova Canaã, em Boa Vista, Clara fez a reflexão: De onde veio o sim que dei para me tornar missionária? Não veio do meu nível consciente, não veio. Como personalidade, como pessoa, eu não tinha a menor condição de dar esse sim. Esse sim veio de um mundo muito distante. Ser parte disso é um enorme mistério. Quando morrer, vou querer saber.

IMER

Viver para o outro

O coração não é um lugar. Olhe para dentro. O coração não é físico. É o ponto central de onde surgem todas as coisas. Ramana Maharshi

Da rocha marinha, o jovem estendeu os olhos pelo caminho reto de chispas dourando o mar até o horizonte. O sol semi-oculto despontava das massas de água celestes. Aqueles primeiros raios rompiam cascas que abafavam seu âmago, liberando velhas dores acumuladas. Ele chorou. Lágrimas salgadas lavavam o não coerente com a luz de ouro. Pranteou até sentir-se abraçado por um desconhecido estado de paz vindo de além do horizonte. Demorou, mas um dia soube que fora envolvido pela radiante pureza original do Centro de Lyz.

Vinte anos depois, enquanto Imer confidenciava o episódio sucedido na ilha mediterrânea, sussurrei: O que é Centro de Lyz? Ele sintetizou: É um centro energético que se estende principalmente pela Península Ibérica. A energia de Lyz nos guia desde o início do despertar da nossa consciência até nos consagrarmos ao Divino.

Para conversar com ele, rodei cinquenta quilômetros pela rodovia interestadual inundada por um sol nascente branco. Na curva de entrada da cidade, ainda velada por suave bruma de inverno, eu o vi dando largas passadas. Alto, com o uniforme cinza da Ajuda Humanitária, levava um pequeno buquê amarelo de flores do campo recém colhidas para o chá grupal da noite. Ele vinha da fazenda e andara colhendo as flores medicinais na beira da estrada de terra.

Parei o automóvel. Imer se adiantou. Baixei o vidro, curvou-se, segurou na janela com as florezinhas silvestres de macela na mão, os olhos verdes brilhando: *Um encontro sincronizado!* Sim, sinal de que estávamos sendo impelidos por um comando silencioso.

A labuta diária foi sua mestra. Nascido para ajudar, exercitou-se no serviço ao outro desde os cinco anos. Com a separação dos pais, a mãe saía para sustentar a família, encarregando-o e aos dois irmãos de arrumarem a cama, a casa, lavarem pratos, fazerem as compras. Ele conta: Nascia a atitude de colaborar e resolver questões cotidianas. Vivíamos em uma cidade tranquila à beira-mar, e logo tive contato com a rua, fui ficando independente.

Descendente de emigrantes bascos franceses, espanhóis e italianos de influência árabe, Gastón - nome de Imer na época - nasceu na Argentina e leva em si a labuta dos antepassados. Nada era fácil, nada estava resolvido para aquela família em que todos tinham de buscar sustento. Com treze anos, tomava o trem com amigos para vender rifas na cidade vizinha, passando a ganhar dinheiro para os próprios gastos.

A situação piorou. Doente há anos, a mãe ora estava em casa, ora internada. Para que ela pudesse receber melhores tratamentos, a família mudou-se para a capital do estado. Enquanto se adaptava à cidade grande e à nova escola, Gastón prosseguia com os irmãos nos cuidados da casa. Ao completar a maioridade, tornou-se funcionário de um videoclube para ajudar no pagamento do aluguel. Perseverava. Para pagar o dispendioso curso universitário de Odontologia, tinha dois empregos, um durante a semana e como garçom nos fins de semana.

Em dado momento comparou sua vida com a de amigos. Por que sua experiência era mais dura? Só no futuro entendeu quão instrutivos foram os anos iniciais, quando treinou a determinação, a coragem, a disciplina, o trabalho contínuo.

O espírito missionário do jovem despertou durante trabalhos de extensão universitária em regiões carentes do país. Ia a campo com colegas para oferecer atendimento odontológico e orientações sobre saúde infantil e prevenção através da higiene bucal. Ele preferia ajudar ali do que ficar restrito à luz artificial, à dor de pacientes em um consultório. Diz: A intenção era dar um impulso para erguer a condição humana por meio da Odontologia. Naqueles locais passávamos a ser uma referência, o doutor, mesmo sem ter formação completa.

Depois participou do programa de ajuda humanitária Capacetes Brancos, da ONU, em missão com os colegas na fronteira seca entre Brasil e Argentina, coberta de densas florestas de araucária e marcada por missões



O missionário matriz Imer. Adis Abeba, Etiópia, 2012

jesuítas junto à cultura guarani, entre os séculos XVII e XIX. Em veículos equipados com consultórios, eles atendiam habitantes da região que falavam português e espanhol e se norteavam bem através da selva, no entra e sai de divisas oficialmente estabelecidas.

Finalizada a faculdade, Gastón cruzou o Atlântico para a Espanha. Buscaria êxito profissional no país que ainda não tinha faculdade de Odontologia, mas foi malsucedido. Em verdade, na Europa, foi ampliar a consciência e a maneira de pensar o mundo. Aprendeu com a limpeza e a ordem ali instaladas. E sobre o valor de aceitar a diversidade humana sem julgar. Mais que tudo, reconectou-se com o fio dourado da vida. Na ilha mediterrânea, vislumbrou a Existência invisível, suprafísica. Cruzara anos vertiginosos até subir o rochedo. Reviu o sofrimento pela separação dos pais, a doença da mãe, o esforço para sustentar a casa materna.

Por um lado, a vida em aventura o estimulava, mas algo retornava como um sofrimento, um carma. Diz: Sempre experimentei tudo com ânsia para obter meu próprio conhecimento das coisas. Lançara-se a fundo na vida material, tanto no trabalho como em sensações provocadas por adicções. Provava uma, outra vez, para aprender: É só isso? E o que mais? Os prazeres se esgotam, não se sustentam e se apagam por si só. A Vida precisa de alimento superior!

Enfim, o vazio latejou nele, um bom ponto para recomeçar. Perguntou e soube: Tudo é energia. A Vida Única mostrará novos caminhos. Não se encaixava na trilha normal da maioria jovem/adulta/idosa: formar, trabalhar, comprar, constituir família, sair de férias, envelhecer, aposentar. Sabia, seu futuro seria outro, um amanhã escavado passo a passo.

Retornou para a pátria a fim de esgotar ilusões na roda-viva da clínica do irmão. Por dois anos formou-se na prática, aprendeu sobre a profissão, ganhou dinheiro, fez plantões nos fins de semana atendendo emergências odontológicas chamadas por celular.

Em dado momento surgiram os primeiros sinais de rejeição àquele estilo de vida. Recapitula: Comecei a adoecer, a ter dores de cabeça, alergia. Evocava o que eu havia sentido no amanhecer da Espanha... e me perguntava se a vida era aquele trivial. Crescia a inquietude pela falta de respostas. Trabalhar para ganhar dinheiro não me preenchia.

Por causa da dor de cabeça, foi procurar um médico alopático, que logo lhe indicou uma ressonância computadorizada. Quis saber: Como assim? Só me dói a cabeça. Dentro do tubo que tirava fotos digitais, percebi que algo não estava certo. Enfim, o resultado. Nada. O médico só transcreveu uns comprimidos.

Tinha também alergia: Esperei duas horas para ser atendido por outro médico. Entrei no consultório. O alergista perguntou o que eu tinha e passou uma medicação. Dois minutos, a consulta durou dois minutos. Pronto, saí. Pela primeira vez, Gastón refletiu. Fazia o mesmo com os pacientes da emergência: receitava antibiótico, corticoide, analgésico, anti-inflamatório. Percebeu que recebera o que estava dando: Comecei a enxergar, a passar pelo despertar da consciência.

Para tratar os sintomas físicos, passaram a chegar-lhe informações sobre a medicina alternativa. Quando o ser está pronto, aparece um anjo para guiar o passo seguinte que, em seu caso, foi um colega que avançara um pouco mais no caminho. Ele conta: A primeira descoberta é que estamos sendo manipulados pelo sistema. Víamos isso como algo negativo e queríamos fugir. O colega me recomendou um médico antroposófico. "Antropo

o quê?" Não tinha ideia do que era aquilo mas, assustado com a alopatia, fui consultar. O doutor estudou a íris de meus olhos e diagnosticou... Olhou meus olhos e disse o que se passava comigo! Achei maravilhoso! Conversamos uma hora e meia. Fui sendo introduzido em uma nova alimentação e nos esportes.

Com novas aspirações circulando nas veias, encontrou um alquimista ancião que dava cursos: Com ele passei a desvendar o mundo de preparados medicinais de plantas, a Medicina real, e não a que vem encapsulada. Fiz cursos de destilação para obter princípios ativos. Cheguei a montar um pequeno laboratório em casa. Dava passinhos. Porém, não seria bem-visto sugerir tratamentos alternativos na clínica...

O colega-anjo voltou entusiasmado de uma visita a Figueira, no Brasil. Encontrara respostas e alternativas à pressão feita pelo sistema. Um tempo depois, ambos aceitaram o convite para um Curso de Odontologia e Cura Interior em três módulos, na Comunidade. Imer recorda: *Havia sessenta odontólogos; três argentinos, os outros, brasileiros.* O que menos se falou foi de dentes. Estudamos medicinas alternativas, medicina chinesa, energias, cosmos, o Sol. Soubemos que almas insatisfeitas com a vida comum estão começando a revelar-se e a reunir-se.

Naquela altura, Gastón já levava uma vida mais afim com anseios internos. Trabalhava menos dias por semana, morava em frente ao mar. Desde a ida para a Europa, levava uma vida conjugal com uma colega de profissão, e juntos se afinavam com a vastidão do cosmos até que optaram por excluir o sexo da relação. Assim, como companheiros, seguiram para cursar o terceiro módulo do curso.

Mal retornaram para casa, travou-se uma luta interna: *Vamos ou não morar em Figueira, deixar casa, trabalho, família, carro, tudo?* A decisão veio do oceano. Do infinito. Em meio à crise, uma tarde sentaram sem tempo, olhando o mar. Nisso, duas baleias gigantes saltaram. Oh! Outra vez, mais outra! Estiveram em festa nas águas por três horas. Era o sinal para saltar as barreiras mundanas que se opunham à nova meta.

Tocado por asas sutis, o casal encerrou os compromissos, pôs mochilas nas costas, passou uns dias no Centro de Cura da Comunidade-Luz Aurora, e chegou a Figueira. Ele lembra: Cinco dias depois explodiu o caos na Argentina. O governo tirou todo o dinheiro das pessoas, o povo nas

ruas... Nosso dinheiro acabara de sair do país e pudemos viver por cinco anos sem trabalho formal. Tudo foi perfeitamente conduzido pela Irmandade, as Hierarquias Maiores. É um júbilo para o Universo quando duas almas decidem percorrer o Caminho!

Perguntei-lhe: O que é Hierarquia Maior? Sorriu: Hierarquia é a Irmandade que nos guia, os Irmãos Maiores que nos aguardam para trabalharmos junto a Eles. Como têm mais experiência e sabedoria, podemos tê-los como referência para dar passos. São invisíveis aos olhos humanos, mas podemos sentir Seu amor no coração.

Para renovar vistos dos passaportes, o casal ia e vinha entre o Brasil e a Argentina, visitando pontos sagrados dos dois países. Enfim, decidiu montar, com mais médicos e dentistas, um consultório próximo à Comunidade-Luz Irmandade, no norte da Argentina. Punham em prática o recém-aprendido sobre Odontologia e Medicina. Saíam em um jipe antigo por cidadezinhas esquecidas nas montanhas para oferecer serviços de cura a carentes.

Na época, vieram a participar de um trabalho espiritual no altiplano da Bolívia, na Puerta del Sol do Lago Titicaca. De lá, o casal foi encontrar-se com os Médicos sem Fronteiras, para ajudar por um mês o povo peruano indígena e não indígena. Saíram atendendo das altas montanhas até chegar à selva.

Levavam o livro Miz Tli Tlan, de Trigueirinho. Certa noite, no fundo da floresta, odontólogos perguntaram a Gastón: Você fala de centros intraterrenos... O que é isso?

Ele passou a compartilhar algum conhecimento recebido na Figueira sobre a rede lumínica que envolve o planeta, sobre a localização dos Centros de Amor Miz Tli Tlan, ERKS, Mirna Jad, Aurora, Iberah, Lyz Fátima, Anu Tea: Essas são bases, sedes da Irmandade Cósmica que vive em outras dimensões e onde ficam visitantes extraterrestres. Dali, esses seres evoluídos irradiam instruções e luz para a superfície do nosso planeta. Eles podem contatar-nos de forma sutil e silenciosa, por vezes extremamente luminosa. De diversas maneiras nos convidam a despertar. Ele discorria com fervor: Descobri que não existe casualidade, somos conduzidos por Algo Maior, ou Deus, ou Universo, ou Vida Única. Ao fundo, o rumor de um rio caudaloso e murmúrios de animais noturnos.

Nisso, esplêndidas cúpulas gigantes de luz surgiram no céu estrelado. Cintilavam, desapareciam, espocavam aqui e mais adiante. Todos viram. Estavam sendo contatados pela energia de Miz Tli Tlan. O aclaramento mental de dados abstratos resultou em uma revelação concreta. Aquele grupo dos Médicos sem Fronteiras recebeu essa graça.

Terminada a viagem, o ciclo com a companheira finalizou. Restava uma questão a ser resolvida, a da energia sexual. Nas Comunidades-Luz, a proposta de castidade sexual como caminho para ajudar a evolução das almas é clara: Mas como eu não conseguia transcender o desejo sexual, o que estava me atrapalhando, resolvi ter uma experiência de casado, um filho. Foi maravilhoso. A nova parceira era justamente da cidade onde nasci. Os caminhos surpreendem! Voltei para onde nasci.

O casal resolveu ter um filho em casa. Isso nunca acontecia ali, foram os primeiros. Sem encontrar quem os auxiliasse no parto, contataram uma jovem mãe da cidade vizinha, que teve três filhos em casa, o terceiro de madrugada, na lavanderia, sozinha e sem sequer acordar o marido. Então decidiram e, justo no dia seguinte, a parteira e a médica de sua cidade, que anteriormente haviam recusado ajudá-los, abriram-se para assisti-los. A decisão interna, quando é real, atrai colaboração externa, Imer completa. O menino nasceu com tranquilidade, e os pais produziram um vídeo caseiro que ajudou outros casais a fazer o mesmo.

Contudo, os laços conjugais começaram a se desfiar aos poucos, e as fantasias foram trocadas por uma agitação crescente. *Estou sufocado!* Gastón enfim exclamou. O que o atava ao desejo sexual desvencilhou-se dele, e a crise com a esposa arrastou-se, gerando conflitos, tristezas, mágoas mútuas. O casal entrou na mesma guerra alastrada por tantos lares do mundo e, assim como se dera com seus pais, a relação se encerrou.

Agora ficara convicto. Tinha uma missão distinta, não a de se dedicar à vida familiar: Não que um caminho seja melhor ou pior que outro. Ainda tentei organizar um lugar para levar os dois. Fui sozinho por três meses para Sierra de la Ventana e, exatamente no quarteirão atrás de onde me hospedei, ficava um grupo de Trigueirinho, do qual não participei.

Terminavam as experiências com o livre-arbítrio. Sua alma aspirava a seguir outras pegadas. Durante esse processo de transição, o ideal filosófico pousado no altar do coração reacendia. Relembrava mantras, cantava.

Todavia, teve de treinar a humildade. Para sobreviver, trabalhou de ajudante de pedreiro e cozinhou carnes em um bar, apesar de ser vegetariano. Diz: Eu me purificava do período em que vivi por conta própria.

Almejou tanto recontatar a Instrução que atraiu um impensado encontro ao cruzar uma esquina. Ganhou um livro, Aurora, sobre o centro intraterreno no Uruguai. Ainda soube que, naquela nação, em Paysandu, estavam iniciando a construção de uma nova Comunidade-Luz. E que, em breve, lá haveria um mutirão para colheita de laranjas.

Decidiu ir. Decidiu mesmo residir em Aurora e fez a solicitação via internet para a secretaria. Mas nada de resposta. A velha história voltava a acontecer. Quando alguém quer dar um passo espiritual, tudo trava, as provas se apresentam. Aguardou quarenta dias! Nada.

A aspiração crescia, e o peregrino resolveu participar da colheita de laranjas. Levou roupa para dois dias. Ficou dois anos. Ao chegar, soube que o e-mail em resposta a seu pedido de residência se desviara: A resposta é sim, fique conosco. Em vista disso, uniu-se a pioneiros para manifestar a comunidade espiritual.

Sentia-se abraçado pelo amor e pela alegria dos irmãos de caminho. A Irmandade que habita outros planos de consciência também comemorava. O filho pródigo estava de volta ao lar.

Desde então, Imer reside entre Comunidades-Luz. Morava em Córdoba, Argentina, quando soube da Missão África. Seu coração se coligou ao coração do continente, mas calou-se. O sentimento foi confirmado ao receber o convite para se somar à equipe da Missão Etiópia. A partir daí, segue de uma missão para outra.

Ele afirma: Meu espírito é missionário, aventureiro, empreendedor. Sempre gostei de ajudar as pessoas: "Deixa comigo". Já na universidade, fundei e fui presidente de um Grêmio Estudantil, que representa interesses dos estudantes até os dias de hoje.

Rendeu-se à vida da alma, à vida do espírito, à sua missão pessoal. Ele se interioriza, estuda o lado oculto do planeta, aos poucos revelados a quem atinge certo grau evolutivo: Senti o Chamado e decidi entregar-me a Deus, seguir o que Ele indicasse. E assumir as consequências que a decisão traria para mim e para os outros. Passados três anos da separação,

tentei ainda falar com a mãe de meu filho, que desligou o telefone ao me ouvir. "Não é para insistir mais..." pensei. Ali, dentro da cabine telefônica, o telefone na mão, livrei-me do sofrimento, da culpa. Senti paz. "Cristo, eu os entrego a Ti." Entendi que o Sagrado está em todos, unifica todos, que a dor é só deste nível, que as almas têm de viver o que tiverem de viver e que minha entrega ajudaria outros seres, não só meu filho e sua mãe. Ele deu um largo sorriso: Agora fico servindo pelo mundo, na maior alegria, a crianças, a idosos, a tudo, a todos.

No meio tempo, percebeu ser hora de trocar o nome de nascença por um espiritual. Ganhou o do jovem sacerdote e terapeuta essênio Imer, um fiel seguidor de Jesus. Explica: Quando Jesus morre e ascende, os apóstolos ficam com a tarefa de divulgar a palavra. Muito perseguidos, refugiavam-se no túmulo de Absalão, próximo à muralha de Jerusalém. Lá vivia Imer que, além de ser encarregado do sepulcro, atendia, curava e resguardava os que entregavam a vida para Cristo.

Batizado pela vibração do novo som, a transformação de Imer se acelerou. Ele reflete sobre a cura interna e a liberação de velhos padrões de conduta, sentimentos, pensamentos: Não é fácil desatar laços que nós mesmos criamos e recomeçar nova forma de vida. As famílias resistem a mudanças. É preciso determinação para nos liberar, para ultrapassar as provas. Cruzamos desafios fortes, bem fortes. Mas as bênçãos recebidas são imensas.

O mundo tridimensional não nos deixa trilhar facilmente o caminho de faíscas dourando o mar. Mas Imer avança sem fadiga, os pés guiados pelo rastro da luz de ouro sobre massas de água do oceano infindo. Vai em direção ao Sol.

SHEN

Doar a vida

Tende sempre em mente que Deus e os homens necessitam uns dos outros. Eles são necessários para a realização plena e final da experiência eterna. O Livro de Urântia

A alma de Shen veio à Terra com uma meta: construir uma alegre servidora. De personalidade mansa, mas decidida, desde a adolescência ela experimentou incontáveis serviços abnegados até tornar-se missionária. Conforme se doa aos demais, raios ígneos emanados da Alma do Mundo vão treinando-a para que atinja esferas de consciência cada vez mais profundas. Um dia, plena de aprendizagens recebidas na vida concreta, a alma de Shen enfim penetrará esferas imateriais.

Filha única de pais que viviam para ela, guarda luminosas memórias da infância brincar e estudar, brincar e estudar ano após ano. Nenhum problema familiar a alcançou, e só mais tarde soube de conflitos vividos pelos pais.

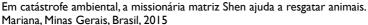
Todavia, a pré-adolescência chegou: Encarnei o personagem teenager rebelde. Queria virar o mundo de cabeça para baixo, mesmo sendo uma boa aluna. Com dezesseis anos, meu espírito falou: "Chega disso!" Ia atravessar a rua, quando foi atropelada por uma moça cursando autoescola. O veículo teve de ser levantado para retirarem a perna sob a roda. Sem andar por um ano, ficou em casa em absoluto recolhimento. Lia, fazia lições levadas por colegas, só saía para fazer provas escolares.

Passada a primeira reviravolta da vida, tudo mudara. As amizades eram outras. Ela, outra pessoa. Assustou demais os pais: *Quero ser pilota de avião*. A mãe, amorosa e amiga, a princípio estremeceu. No entanto, a filha inabalável tirou o brevê. Autorizada a pilotar pequenos aviões, certo fim de tarde subiu aos ares sozinha para um voo panorâmico além da metrópole. Sobrevoava as matas e as ondas de montanhas tingidas pelo

crepúsculo, quando viu o sol transluzir nas águas de uma lagoa dourada lá embaixo. A jovem pilota mergulhou todo o seu ser na luz. E, nas alturas, as centelhas luminosas abriram seus olhos. Uniu-se ao céu, aos vales e cumes, à beleza, ao Magnífico. Aliou-se aos raios solares para deles tornar-se portadora. Conta: Senti uma paz maravilhosa e um amor que desconhecia. Pela primeira vez, senti Deus arder no coração. Na hora comecei a questionar o sentido da existência. Por que vim para este mundo? Para fazer o quê? Voltei para o aeroclube, pousei o avião e me disse: "Preciso buscar algumas respostas".

Inquieta, indagava algo aqui, algo acolá, até ganhar coragem e questionar um amigo: *Você acredita em reencarnação?* O amigo: *Você está ficando doida?* Mas o tormento da dúvida precisava ser aliviado, o que começou a acontecer durante uma peça de teatro, os atores a representar no palco. Estava com a turma de Engenharia Mecânica, curso em que entrara por ter a ver com aviação e para acalmar a mãe, que insistia: *Tudo bem ser pilota, mas precisa fazer uma faculdade*.

Com inadiável ânsia, interpelou o professor ao lado: *Você acredita em reencarnação?* Nisso, uma gota magnífica foi pingada na curva do tempo. O professor deu-lhe a indicação salvadora: *Ah, vou apresentar-lhe um*





autor chamado Trigueirinho. Emprestou-lhe o livro ERKS, que ela não conseguia parar de ler.

Queria mais. Leu todos os livros dele até o último publicado na época, A busca da síntese. As leituras repercutiam em seu ser e o iluminavam intensamente. Ela conta: Dei o primeiro passo, parei de comer carne, e uma revolução começou a se dar em casa. Meus pais são católicos fervorosos, e assim fui formada até abandonar a religião nos anos de rebeldia. Agora, tudo que queria era conhecer o autor.

Soube que o filósofo faria uma palestra pública na cidade. Sonhava com aquele dia, mas a cancelaram. Trigueirinho encerrara o ciclo de palestras públicas e daí em diante só as daria em Figueira. Ela se disse: Tenho de ir lá imediatamente! Fui. Entrei em um salão com cadeiras perfeitamente ordenadas. Os sapatos ficavam de fora. Todos pisavam de leve para manter a atmosfera de reverência e o ambiente em absoluto silêncio. Sentado atrás de uma mesinha, Trigueirinho passou a descortinar outros universos com a voz pausada. Aí, pronto, minha vida mudou!

Era 1990, quando a sede de conhecimento e de respostas foi sendo suavizada. De imediato começou a participar dinamicamente da vida comunitária, retornando a Figueira a cada quinze dias. Durante uma greve da Universidade Federal, hospedou-se por um período mais longo nas fazendas, rezando para a paralisação jamais terminar. Mas terminou.

Com a volta às aulas, teve de enfrentar a delicada situação com os pais. Achavam que ela enlouquecia. Ingênua, despreparada, relatara-lhes com entusiasmo o novo mundo aberto diante dela: Eu era muito nova. Tinha descoberto o cosmos! Queria que descobrissem!

Para desfazer a doída desarmonia, foi orientada por uma sábia moradora de Figueira: Você não pode fazer isso com seus pais... Diga sempre a verdade, mas sem entrar em detalhes. Por exemplo, diga ter vindo participar do reflorestamento de uma área. Você estuda Geologia, isso eles vão entender. Como detestara o curso de Engenharia, trocara-o por Geologia. O fato de ela cursar a universidade com sucesso era um alento para os pais.

Intensificava sua participação em uma extensão de Figueira em Belo Horizonte, no Céu Azul, hoje Núcleo-Luz Sagrado Céu. Nessa etapa da vida, descobriu o serviço ao próximo. Junto a colaboradores, fazia captação de alimentos em restaurantes, passava várias horas da madrugada processando-os para, de manhãzinha, distribuir sopas nutritivas, além de roupas

e objetos, em comunidades carentes. Acabou responsabilizando-se por uma delas. Relembra: Foi ótimo! Conhecia moradores e fazia visitas domiciliares com mais dois jovens. Chegou ao ponto de nos ligarem caso passassem mal. Até de noite íamos atendê-los com compressas de ervas, pedilúvios.

Em Figueira, ela participou por anos da Equipe de Ação Imediata – EAI, hoje chamada Grupo Solar. Coordenava também seus encontros no Céu Azul: Havia treinamentos práticos na Cruz Vermelha e no Corpo de Bombeiros para prestarmos primeiros socorros urbanos e rurais, onde se usam técnicas totalmente diferentes. Assistíamos a aulas, filmes e vídeos sobre resgates. Exercitávamos sobrevivência em situações extremas, como calor máximo, falta de água. Aprendemos sobre ações em acidentes naturais, enchentes, incêndios, deslizamento de terra, terremotos. Os membros passavam por um poderoso trabalho interno a fim de preparar a consciência para manter o equilíbrio ao lidar com cenários adversos.

Então uma nova orientação de Figueira chegou ao Céu Azul: deveria ser mantida ali a presença ininterrupta de um integrante da EAI. Feita a escala de revezamentos, ela sentiu que deveria estar mais presente e mudou-se para o Núcleo, enquanto finalizava o último ano de faculdade.

Formada, optou por ir morar nas fazendas de Figueira por cinco anos, onde prosseguiu a formação interna e ampliou o conhecimento e a reverência pelos Reinos da Natureza e pela Vida Sagrada. Ficou dois anos como residente sem dali sair uma única vez. Na época, ninguém usava celular e só havia telefones na secretaria da cidade. Relembra: *A imaterialidade era palpável, era como se estivéssemos em outra dimensão*. Um dia foi tirar um documento na cidade vizinha. Permeada de vibração sutil, surpreendeu-se pelo número de automóveis e teve de reaprender a atravessar a rua... vivia mesmo em outro mundo.

Seu nome era Ana Maria. Todavia, durante a pureza da tarefa em que se responsabilizou por retiros espirituais da comunidade, recebeu uma carta do instrutor sugerindo-lhe trocar o nome para Shen, em chinês: a força do espírito no coração. Ela o aceitou, e pássaros cantaram em glória ao Altíssimo.

A certa altura, o vento do sonho humano arrebatou-a das serras mineiras para a região serrana fluminense. Precisava conhecer o amor do mundo, a vida pessoal. Diz: *Uma maravilha estar casadinha, com minha casa, o*

empregão. Ia a Figueira às vezes, e participava com o marido da vida comunitária do Núcleo de Serviço Crer-Sendo, em Teresópolis. Tudo perfeito.

Com certeza a essência sabia, mas a mente sequer pressentiu nova reviravolta à vista. Um vendaval levou-a até seu legítimo destino.

Em setembro de 2011, estava no Encontro Geral de Figueira, quando foi anunciada a primeira aparição pública de Maria, a Mãe de Jesus, para videntes da Ordem Ecumênica Graça Misericórdia. Achando a notícia estranhíssima, subiu com centenas de silenciosos participantes até o topo do Morro do Cristal. Uma brisa terna amenizava o calor do meio-dia. Sentada em blocos de rocha e no solo de areia, a multidão aguardava, os olhos flutuando entre nuvens e o mar de serras e matas, quando a solenidade teve início.

Embalada por orações e cânticos, em certo momento Shen sentiu um bálsamo de pureza abrir-se na atmosfera. Inesperadamente, religou-se a um fio perdido na infância. Ficou perplexa: Quase caí de joelhos na hora em que Ela se manifestou para o vidente, que a via no alto de uma arvorezinha a cinco metros de mim. Indescritível o que eu percebi... Fui envolta pela mesma energia doce que me protegia quando criança. Voltou tão forte! Revi cenas de menina, eu brincando nos recreios da escolinha e sentindo-me abraçada pela mesma presença materna.

Em outra manifestação da época, a Mãe Divina fez um pedido: Quero uma missão para o Nepal. A jovem passou a se indagar insistentemente: Como não ir? Como não posso ir por estar fazendo outras coisas? Gostava demais da vida que levava, do emprego, mas, apesar disso, o chamado para tornar-se missionária fez-se inadiável. E agora?

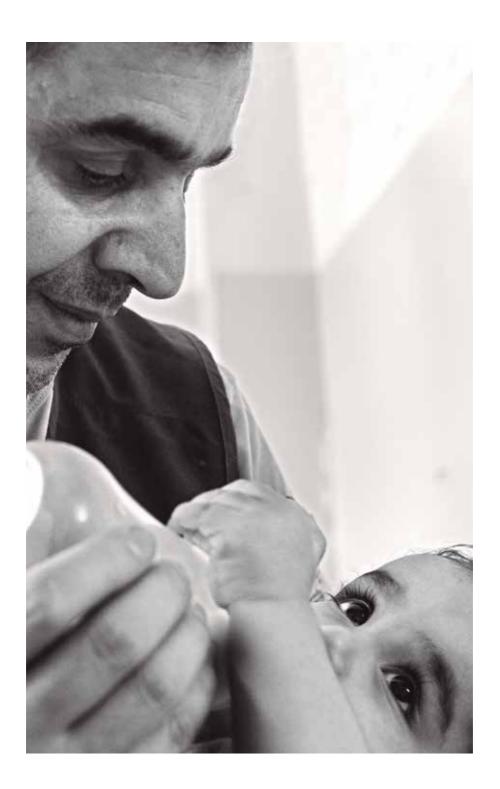
Na época, foi convidada a trabalhar na secretaria das Missões da Fraternidade, e a dúvida logo se dissolveu. Encerrou rapidamente cada detalhe da etapa passada e partiu para Figueira sem olhar para trás, sem lar, sem esposo, sem rendimentos, sem temor.

Quando se entregou ao mistério da nova etapa, Shen foi contemplada pelo conhecimento de uma das tarefas de sua alma. A perpétua chama brilhou mais alta e, em vista da quietude alcançada, pôde cruzar o estreito portal. Serenamente inaugurou a vida dedicada ao intenso ciclo de missões. Convicta e em paz, a guerreira penetrou nos campos de batalha.

Epílogo

A Fraternidade responde às crescentes crises humanitárias, que tendem a se intensificar neste tempo de contradições de valores que todos estamos experimentando.

Entre junho e dezembro de 2018, ocorreu a Missão Humanitária Egito, a Missão Permanente Roraima se ampliou e a Missão Permanente Colômbia teve início. Mais portas ao serviço estão para ser abertas.



Missão Egito

...pois o Egito é a imagem das coisas dos céus e... um templo do mundo inteiro. Quando o Egito confirmar isso, então o Senhor e Pai, Deus Supremo, Primeiro em Poder e Governador do Mundo, escrutará os corações e os atos dos homens e... poderá devolver-lhes sua antiga magnificência, a fim de o mundo aparecer como a obra adorável de Suas mãos. O Egito Secreto, de Paul Brunton

Maravilhosos! Exclamou a missionária sobre os dias em que cinco brasileiros e dois portugueses prestaram assistência humanitária a idosos recolhidos das ruas do Cairo e a bebês e criancinhas filhos de recicladores de lixo. Demorei a compreender tamanho entusiasmo.

Ela acabara de descrever a localização do lar de idosos e da creche em prédios escuros do bairro imenso construído dentro de lixões escondidos na periferia do Cairo, a capital árida. As ruas, tomadas de moscas, recendiam odores nauseantes exalados pelas montanhas de papelão, plástico, roupa, material orgânico apodrecido. Dissera mais: *Um vento quente so-prava sem parar e literalmente tudo é encoberto de areia cinza do deserto, as ruas, as construções, os móveis.*

Minha imaginação sobre o Egito, formada por leituras e filmes históricos, divergia daquela imagem, à qual faltavam vestígios da extraordinária gênese da nação, do deus Rá, dos papiros, das cerimônias sagradas, dos arquitetos divinos que construíram a Grande Pirâmide guardada pelo silêncio e pelos segredos da Esfinge, o maior templo de iniciação do mundo antigo, onde a Verdade e a Sabedoria eram reveladas a Faraós. Na fuga do Egito levando os hebreus, Moisés deu uma única ordem, que abriu o Mar Vermelho. No Egito, a Sagrada Família refugiou-se para escapar de Herodes deixando marcas nas areias e na história da humanidade com passos e milagres celestiais.

Pensei rejeitar o comentário da servidora. O termo *maravilhoso* contradizia excessivamente com a descrição da cidade do lixo. Mas resolvi concentrar-me no universo interno, e a resposta começou a ser dada na

citação do escritor egípcio Naguib Mahfouz, ganhador do prêmio Nobel: É claramente mais importante tratar bem o nosso próximo, do que estar a rezar, a jejuar, e a tocar com a cabeça num tapete de oração.

Era noite quando, saindo do aeroporto para o hotel no bairro As Shoubra, os sete cruzaram a gigantesca cidade cor de areia encravada no deserto às margens férteis do rio Nilo. Cairo é conhecida como a mãe de todas as cidades e como a cidade dos mil minaretes. Das torres finas com balcões, soam cinco chamadas diárias à oração no país 90% muçulmano. A van trafegava entre buzinas e o lamento gutural melancólico da música tocada na rádio. Saiu de avenidas congestionadas e ingressou por ruas e becos lotados de veículos e carroças tracionadas por animais, os quais sofriam pela carga altíssima de lixo compactado. Desviava-se de passantes e de montes de entulhos: A dimensão do lixo é assustadora, as ruas sujas e cheias de gente, elevadores externos transportando lixo para cima e para baixo, varandas e garagens lotadas de sacos cheios. E bem próximo dali, passamos por um bairro chiquérrimo, continua a missionária.

Entraram no hotel, assombrados pelo bairro insólito. Funcionários os recepcionaram e um garçom logo surgiu trazendo uma bandeja colorida com sucos verdes, amarelos, brancos e vermelhos, como sinal de boasvindas. Que surpresa para o grupo exausto! Beberam trocando sorrisos. Como precisavam de *chips* para celulares e de trocar dinheiro na mesma noite, o gerente do hotel fez questão de acompanhá-los. Quis saber para onde iriam no dia seguinte: *Trabalhar na casa das Irmãs da Madre Tereza de Calcutá*. Pegou o endereço e, após deixá-los de volta no hotel, foi até lá. Na manhã seguinte, ainda os escoltou, tocou a campainha, aguardou a Irmã chegar para recebê-los, avisou-a de que se hospedavam no hotel dele e que, por favor, pedisse a alguém para levá-los de volta ao terminar a atividade. Mesmo sendo apenas três minutos de caminhada, a hospitalidade árabe prosseguiu nos outros dias.

Novamente uniam-se às Missionárias da Caridade que, em contatos prévios por telefone, mostram-se reservadas, mas os recebem como velhos conhecidos: *No primeiro dia, já adquirem confiança no grupo e, a partir*











Lar de idosos em As Shubra. Cairo, Egito, 2018

daí, trabalhamos de forma integrada. Elas têm duas casas no Cairo, cidade mais populosa da África e do Oriente Médio.

No lar de idosos em As Shubra, amparado por doze Missionárias da Caridade, pediram que o grupo se dividisse entre o andar feminino e o masculino, e que desse bastante atenção a cada ancião, em geral com problemas físicos. Começaram a interagir: brincadeiras, pentear cabelos, cortar unhas, ajudar a dar banho, servir refeições, cuidados de enfermagem, pintura de sete camas.

Em certo momento, uma missionária-enfermeira foi tocada pelo poder da oração. Uniu sua alma à dor de um senhor que em horas teria a perna amputada. Acompanhou a visita do médico antes da internação e admirou-se pela inquebrantável serenidade do paciente. Logo após, enquanto lhe fazia um curativo, ele começou a orar. Ela fechou os olhos em comunhão e mergulhou em uma planície de paz.

Houve época no Egito em que se conhecia a força criativa do som sagrado. O Livro Egípcio dos Mortos ensina que, primeiro, Deus visualiza na mente o que vai criar, e aquilo passa a existir quando Ele pronuncia o nome da coisa a ser manifestada.

Cientes do poder oculto da música e de quanto sua vibração harmoniza e transforma, os missionários chegaram com o violão e com canções, inundando os internos de alegria. Batiam palmas balançando os ombrinhos, os braços, as pernas. Dançaram. E, no outro dia, os idosos retribuíram apresentando-lhes suas músicas preferidas.

Passados quatro dias, os representantes da paz rodaram cerca de 15 km até Mokattam, para dar atenção maternal a quarenta e três bebês, de dois meses a três anos de idade. Eram buscados pelas mães no fim do dia. Seus pais catam lixo de porta em porta, enquanto as mães e irmãos a partir de sete anos fazem a triagem antes de vender o material para indústrias recicladoras, o que sustenta a comunidade. São considerados os melhores recicladores do mundo, os que mais conseguem reaproveitar o material descartado. Em poucos anos, nenês a quem missionários deram mamadeira, trocaram fralda e acalentaram no colo com ternura quente prosseguirão com o mesmo trabalho.

Na área chamada cidade do lixo vivem 30 mil coptas, parte da minoria cristã do país. Sempre perseguidos e mortos por sua opção religiosa, ali sobrevivem e se protegem. Enquanto no Cairo 99% da população é muçulmana e 1% cristã, em Mokattam é 10% islâmica e 90% cristã. Por isso tantas imagens de Nossa Senhora, de Jesus e de santos decoram fachadas de lojas e varandas de apartamentos.

Encontraram os bebês da creche super agitados. Havia música alta no quartinho onde ficam. Para suavizar a energia, no dia seguinte lhes entoaram canções suaves, assistindo-os relaxar sob o efeito do som harmonioso: Fizemos de tudo: trocar fralda, dar mamadeira e sopinha e, no outro andar, brincamos com crianças de até três anos.

O amor fraterno jorrava dos sete desconhecidos vindos de terras longínquas. Olhando seus semelhantes nos olhos, uniram-se a idosos, a crianças e a seus pais, a Irmãs, a funcionários da casa e aos voluntários que eventualmente apareciam para ajudar. Shen, coordenadora da Missão, guarda na memória: Sentimos tanta ingenuidade, hospitalidade e pureza nos egípcios! Apesar das privações materiais, das limitações, são extremamente amorosos. O afeto entre seres humanos transcende culturas e crenças, está bem acima de barreiras culturais e de idioma.

Na mesma época em que a Missão Egito oferecia serviço humanitário, outro setor da Fraternidade dedicava-se à Peregrinação pela Paz. Organizou encontros orantes durante dois meses na Alemanha, na Polônia, em Portugal e na Suíça. Vindos da América do Sul, dois braços da obra que aspira ao Bem Maior trabalhavam paralelamente.

O serviço de coração para coração tem resultados invisíveis aos olhos. Fundidos ao labor grupal diário, os missionários doam-se de forma humilde e coesa, sem buscar resultados. Lançam sementes vivas de amor sem vislumbrar onde brotarão. Clamaram ao Anjo do Cairo para juntos fazerem uma acupuntura de paz na *mãe de todas as cidades*, que internamente sentiu um pouco de alívio.

Na despedida, era só gratidão. Percorreram as casas sorrindo e abraçando cada um. As Missionárias da Caridade lhes ofereceram um cântico e presentearam cada membro da missão com uma medalha de Madre Teresa de Calcutá e um chaveiro com uma bíblia em miniatura. No último dia, o gerente do hotel pediu para tirar um retrato do grupo, a ser dependurado no saguão do hotel.

No ar, quando estavam chegando de avião, alguém dera o alerta: *As Pirâmides!* Correram para as janelinhas. Lá estavam, majestosas, envoltas em mistérios antigos perdidos nas brumas dos tempos. Não foram visitar monumentos cercados de turistas. Patrimônios materiais são frágeis, sujeitos a estragar, desaparecer, ser dessacralizados. Já degraus escalados no mundo interno, esses são infinitos.

O contraste entre a antiga Terra do Nilo e o Egito atual é contundente. No passado, nas Pirâmides se davam iniciações, ou seja, diferentes expansões de consciência que sinalizam patamares ascensionais do longo trajeto de retorno à Origem. Todavia, no presente, iniciações não mais acontecem em templos físicos, mas no íntimo dos seres humanos, no Templo Interior daqueles que pautam a vida em leis evolutivas. Entre elas, a Lei do Serviço, que busca descobrir o melhor de si no outro.

Finalmente, compreendi. Durante as atividades materiais vividas no Cairo, o Fogo que nunca se apaga iluminou ainda mais as essências dos sete pacificadores. Tocada pela química oculta, a missionária havia exclamado sobre os dias passados entre crianças e idosos egípcios: *Maravilhosos!*

Missão Permanente Roraima

Hoje, a tensão mundial consiste no fato de que a força física e a energia etérica estão se enfrentando. ...a força etérica está intimamente relacionada com o alto mais alto aspecto espiritual. ...este conflito produzirá a reorientação da humanidade e do indivíduo aos valores mais verdadeiros.

Miragem: um Problema Mundial, de Alice A. Bailey

Na Casa do Acolhimento, cujo endereço não é divulgado, são resguardados os migrantes mais vulneráveis. A Fraternidade zela por cerca de quarenta venezuelanos sem condições de estar em abrigos. Passaram por abusos em praças, ruas. Sem esperança e com raiva por diversos motivos, chegam frustrados e irrequietos. Mulheres sofreram violências. Mesmo com filhos, são ameaçadas por esposos. A casa também alivia o desespero de LGBTI – lésbicas, *gays*, bissexuais, transexuais e intersexuais.

Uma após outra, coordenadoras – uma por vez – da quinta unidade de atendimento da Fraternidade em Roraima, explicam aos moradores, todos temporários, que estão ali para derramar amor e, com simplicidade, impulsioná-los a sanar feridas íntimas durante a permanência no cotidiano seguro, no qual três refeições diárias afastam a tortura da fome. As servidoras desenvolvem o poder da constante observação para buscar compreender as necessidades de cada um. Almejam doar-se sem limites e, nelas, o coração de Deus sorri.

Moradores recordando as famílias consanguíneas podem ouvir: *Cada ser humano é singular e faz parte da grande família universal*. No novo lar, aprendem a prestar ajuda fraterna: *Devemos dar atenção uns aos outros*. *Se uma criancinha chorar porque a mãe está em trabalho de parto no hospital, quem vai cuidar dela? Nós. Temos de abraçar o menininho de três anos que pede: "No me dejes solito"*. O respeito mútuo, a diversidade humana e o melhor de cada um são valorizados. Gradualmente, moradores trocam delicadezas, penteiam os cabelos da jovem epilética, contam a própria história, ouvem a do travesti de saia curta e esmalte verde.

Comemoram festas de aniversários com bolos e balões, criam corais adultos e infantis, recebem grupos altruístas para atividades conjuntas. Nas horas turvas, surge a clareza para lidar com obstáculos imprevistos. Sabendo que palavras são insuficientes, as coordenadoras convidam todos a dar as mãos em círculo, ressaltando a fortaleza grupal: *Não tenham medo, não corram. Unidos, temos mais poder que qualquer força contrária. Vamos orar!* De imediato, o grupo se volta para o Céu em silêncio e, sem pensamentos, abre-se a energias superiores.

Ensinam mais: *Precisamos aprender a perdoar. Não é fácil, mas aos pou- cos conseguimos.* Perdoar com amor misericordioso, que dom difícil! Havia a senhora de sessenta e cinco anos que fora abusada. Uma missionária
compreendeu sua dor e a encorajou, confiando-lhe trabalhos domésticos.
Em dois meses, a senhora se animara, vestia-se melhor, passava um batonzinho. E ouvia: ¡Oh, como estás preciosa! Junto ao ACNUR, conseguiram-lhe carteira de trabalho, e ela, revigorando. Saía do ponto obscuro
em que mergulhara e começou a perdoar quem lhe fizera tanto mal. Na
hora da despedida, antes de a missionária voltar para Minas, a senhora
buscou palavras da verdade oculta nela: *Que Deus abençoe sua generosi- dade e, através de nós, outras pessoas recebam o que você nos passou.*

Na casa, os mais frágeis podem descansar, mas sabem que logo nenhum estará ali. Muitos nunca mais se verão, mas levam a preciosa aprendizagem: Todas as manhãs devemos começar de novo. Com esperança, levar bondade a cada pequenina ação, a cada novo encontro. Sempre construindo uma ponte para os céus, prossigamos!



Projeto educacional O Bem Comum

Em abril de 2018, um jovem missionário esboçou um projeto para duzentas crianças do Abrigo Pintolândia. A proposta seguia a trancos e barrancos na sala de aula dentro de um contêiner, que acomodava vinte crianças, e em outras duas salas improvisadas no ex-ginásio esportivo.

Então a UNICEF resolveu apoiar a iniciativa. Com recursos, o projeto se ampliou para os abrigos de Pacaraima e para o Nova Canaã, cada um com sua especificidade e número de salas de aula. Surgiam horários, mais disciplina. E como o trabalho estava sendo muito bem-sucedido, a UNICEF estendeu-o a dez abrigos. No momento, cerca de mil crianças



Aula do Projeto O Bem Comum. Boa Vista, Roraima, Brasil, 2018

são atendidas por cem educadores brasileiros e venezuelanos - indígenas e não indígenas. Os principais objetivos do O Bem Comum são dois. Conduzir crianças confusas, perguntando sobre suas casas, para a atual realidade. De forma lúdica, saudável, sem traumas, levá-las a entender o que está acontecendo. O projeto visa a prepará-las para serem introduzidas de forma satisfatória na rede pública de ensino, seja a de Roraima, seja a do estado de destino dos pais em trânsito de interiorização. No decorrer dos encontros, as crianças começam a aprender português e lhes é ensinado o local geográfico, o tamanho, o número de habitantes da cidade onde, em breve, irão morar.

O processo de interiorização implementado pelas Forças Armadas e pelo ACNUR cresceu de forma organizada e consciente. As Forças Armadas montaram uma incrível estrutura em Pacaraima e Boa Vista; se saíssem seria um caos, enfatiza a coordenadora da Fraternidade em Boa Vista. No Centro de Triagem da fronteira, venezuelanos tomam vacinas e recebem documentos. Das cerca de mil pessoas que entram diariamente por ali, duzentas retornam para a Venezuela. Outras se encaminham para locais no Brasil onde já estão sendo aguardadas. No entanto, trezentas a quatrocentas delas precisam ser direcionadas a algum abrigo ou interiorizadas para uma região brasileira. Toda semana, um ou dois voos da FAB transportam, no mínimo, duzentos venezuelanos. Notícias esporádicas relatam estarem bem, empregados e com moradia.









Coral Canarinhos da Amazônia

Eles vivem da música que agradece a vida. A cada dia, sessenta crianças e adolescentes caminham pelas ruas de Pacaraima para cantar. São pobres, paupérrimas. Saem de esconderijos onde moram com famílias que sobrevivem de pequenos biscates. E têm fome.

Míriam Blos os vê chegar com os olhos do coração. Aguarda-os com a longa mesa posta com esmero, toalha colorida, flores no centro. Enquanto mães cozinham em panelões, sentam-se, a maestrina na cabeceira. No alto do morro, o pátio cobre-se de risinhos, ternura, leituras em português. Os coralistas mirins somente participam do ensaio depois de alimentados. O maestro e os instrumentistas venezuelanos instruem e afinam as vozes infanto-juvenis, que entoam como anjos o repertório de clássicos, ritmos populares, hinos brasileiros e venezuelanos, a canção Canarinhos Embaixadores da Paz, de autoria da própria maestrina.

Há sete anos, a Casa da Música sobrevive de milagres constantes. Ganha instrumentos musicais; se falta gás ou se os aluguéis de moradias dos músicos atrasam por meses, surgem depósitos em conta; se falta alimento, chegam sacos de arroz.

Visitantes saem enlevados pela música e encantados pela árdua entrega da especialista em sons amazônicos, formada em Música, Pedagogia e Teologia. Organizam-se para colaborar com o trabalho que *forma*, *com dignidade*, *sementes do amanhã*, ela aponta.

Assim foi que, desde setembro de 2018, a Associação Cultural Canarinhos da Amazônia conseguiu três parcerias. O ACNUR financia o projeto. A Fraternidade lhe dá apoio operacional na prestação de contas e em compras. O Exército auxilia com boa parte de alimentos e complementos alimentares.

O objetivo não é apenas formar cantores, mas *seres humanos mais huma*nos. Na travessia de graves desafios, emoções e pensamentos de adultos e crianças migrantes vão sendo ordenados. A solidariedade harmoniza espaços da consciência venezuelana.

Coral Canarinhos da Amazônia na Universidade Federal; logo e projeto *O Bem Comum*, parceria entre a Fraternidade e a UNICEF. Boa Vista, Roraima, Brasil, 2018.

Missão Colômbia Humanitária

As coisas têm vida própria, tudo é questão de despertar sua alma... A verdade é que as primeiras mudanças são tão lentas que mal se notam, e a gente continua se vendo por dentro como sempre foi mas, de fora, os outros reparam. Gabriel Garcia Marquez

Dois anos após estar levando amor a venezuelanos no norte do Brasil, a Fraternidade foi chamada a se instalar de forma permanente na fronteira internacional Colômbia-Venezuela. Passou a atender carências materiais ou imateriais da grave crise migratória. Venezuelanos escapando do colapso social da pátria somam-se a cinco milhões de colombianos, o maior contingente de migrantes internos do mundo. Há meio século fogem de casa por causa da violência coletiva.

Vibrantes de respeito por cada ser humano e gratos pela chance de servir, sete missionários encontraram-se por cinco dias no nordeste do país, em Cúcuta, capital do departamento Norte de Santander, com oitocentos mil habitantes. Iniciavam o primeiro reconhecimento sobre a complexa migração em massa na nação. Nos últimos tempos, o êxodo rural é acrescido por deslocados entre cidades devido a ameaças de grupos de extermínio ou de tráfico.

Diante da gigantesca onda humana, ações missionárias parecem mínimas, mas são tesouros. Gestos de cooperação têm valor simbólico, como diz um instrutor: O Amor de Deus que flui através de corações humanos permeia nações inteiras em silêncio; abraça almas e mais corações com Sua Graça, ainda que isso seja invisível aos olhos.

A Missão Colômbia Humanitária é composta por integrantes da Rede-Luz colombiana, voluntários da Campanha Juventude pela Paz, missionários matrizes e membros de monastérios. Aspiram a ter encontros que gerem unidade e paz entre os homens e as nações. Com leveza, servidos e servidores saem aquecidos pelo fogo de gestos beneficentes.



Migrantes venezuelanos recebem apoio durante a caminhada de mais de 500 km. Andes, Colômbia, 2018

Em Cúcuta, há três pontes internacionais. Desde bem cedo, mais de trinta mil venezuelanos começam a lotar sobretudo a velha ponte Simão Bolívar. A maioria supre a escassez alimentar e retorna para casa. Cerca de três mil se autoexilam diariamente. Segundo dados oficiais, a Colômbia já recebeu quase um milhão de vizinhos. Uma parte permanece nela; outra vai tentar a vida em outras nações. Ademais, desde o início da crise, levas de colombianos que, no passado, escaparam para a Venezuela sob o terror de serem obrigados a se alistar a um dos bandos de fora-da-lei, estão a retornar com esposas e filhos venezuelanos.

Um dia, venezuelanos e colombianos residentes na Venezuela resolvem partir. Acordam tendo perdido a esperança na terra que tanto amam. Colocam mochilas ou malas nas costas e se vão. Se não têm mochilas nem malas, carregam nos ombros caixas de papelão ou sacos plásticos lotados. Por falta de dinheiro para comprar passagens de ônibus, saem de casa para caminhar centenas e centenas de quilômetros. Um sonho os conduz: instalar-se onde conseguirem trabalho, com vistas a economizar e enviar remessas para livrar da fome parentes que ficam para trás. No geral, a maioria dos que emigram dedicam-se a trabalhar duro para prosperar, o que beneficia as sociedades que os acolhem.

O êxodo para a Colômbia avança também por cerca de duzentos e cinquenta *trochas*, passagens clandestinas em toda a extensão da fronteira. Homens, mulheres e crianças pobres, escapando da fome, do desemprego, da violência policial e política seguem por matas difíceis de cruzar, atravessam o rio, sobem montanhas. Por aí andam traficantes, prostitutas e paramilitares recrutando venezuelanos para as *bacrim*, quadrilhas

colombianas dedicadas ao tráfico, ao contrabando e à extorsão, que agem em periferias de cerca de duzentos municípios. À vista disso, não é possível calcular exatamente tanta mobilidade humana, indubitavelmente bem maior e mais complexa que a da fronteira brasileira.

Missionários estudam a história dos países onde irão atuar. Banhada pelo mar do Caribe e o Oceano Pacífico, a República da Colômbia, com cinquenta milhões de habitantes, terceira maior população da América Latina, é andina, caribenha. Metade do território está envolto pela Floresta Amazônica, habitada por pássaros multicoloridos. Com um histórico de desigualdade social, a elite é branca, mas a população majoritariamente *criolla*, formada por descendentes espanhóis nascidos na América, miscigenados com nativos e africanos, assim como na Venezuela.

No início do século XVI, colonizadores espanhóis chegaram à costa do Caribe. Não se interessaram em trocar conhecimentos com a presença humana que habitava o imenso território há mais de 10 mil anos. Desconsideraram a desenvolvida civilização tairona, cuja capital andina, a Cidade Perdida, foi encontrada nos anos setenta.

Um numeroso agrupamento de indígenas muíscas vivia a três mil metros de altitude, próximo a onde hoje fica Bogotá. Plantava milho e batata e explorava minas de sal, carvão, cobre e ouro. Reverenciava a lagoa Guatavita, coração da Colômbia e símbolo da Grande Mãe. Ali se realizavam cerimônias espirituais que deram origem ao lendário El Dorado. O *zipa*, cacique muísca, representava o princípio masculino, o Deus Sol. Untava o corpo com mel e resina vegetal e o polvilhava com ouro em pó. Com quatro sacerdotes, navegava suavemente em uma balsa de junco até o centro da lagoa circular, representante do Princípio Feminino. Sob a luz da lua cheia, o corpo dourado espelhado nas águas cor de prata resplandecia. Tambores e cânticos os acompanhavam da beira d'água. Silenciavam ao ser iniciada a oferenda. Adereços de ouro criados pela comunidade eram atirados às águas. O ritual sagrado celebrava a comunhão cósmica entre o Deus Sol e a Grande Deusa.

Os sacerdotes sabiam da existência de passagens interdimensionais que, em lagos límpidos, interligam tempos e planos de consciência. A superfície de Guatavita reflete os céus. É um espelho. Capta comunicações sutis

supraterrestres. Lagos podem captar arquétipos de alimentos que, enviados de outros planetas, devam ser introduzidos na Terra. Essas informações são condensadas e depois materializadas. Como o milho, vindo de Vênus, que muíscas cultivavam. Profanada por séculos, a lagoa Guatavita hoje está rodeada de exuberante vegetação. Recentemente, nesse parque, o Conselho do povo muísca ganhou uma grande casa circular e, no lago, voltou a praticar rituais sagrados, que devolvem às águas o silêncio e a pureza da Grande Mãe.

Mas os conquistadores não estavam interessados em nada disso; cobiçavam saquear metais e pedras preciosas, enviando o apreendido para a Espanha. Atraídos pela mão de obra indígena, submeteram taironas e muíscas com facilidade. Uns poucos conseguiram isolar-se no fundo da floresta amazônica preservando seu modo de vida. Os outros foram rapidamente escravizados ou dizimados pelas armas e por doenças trazidas da Europa – sarampo e varíola –, para as quais nativos não possuíam anticorpos. Aos sobreviventes, impuseram o catolicismo e o idioma espanhol, proibindo-os de se comunicarem no idioma chibcha, ainda falado por descendentes na Colômbia, Nicarágua, Honduras e Costa Rica.

Após exaurirem os indígenas, forçados a trabalhar nas minas, recorreram à escravidão africana. A história colombiana pouco se difere da latino-americana na exploração do homem e da Natureza, no processo de crescimento demográfico e econômico, na independência da colônia, na formação política, na influência da Igreja Católica. Todavia, na Colômbia, repetições de guerras civis e gangs brutais geram espanto e terror. Décadas de assassinatos em massa, preconceitos contra minorias, inenarráveis atrocidades, corrupção e exploração da mão de obra marcam o inconsciente coletivo da nação.

À multidão venezuelana que ingressa país adentro após 2015, somam--se los desplazados colombianos, um milhão de famílias ao longo de meio século devido a conflitos armados que deixaram cerca de 260 mil mortos. Camponeses e pequenos proprietários rurais foram os mais atacados. Ora narcotraficantes ou traficantes de armas, ora paramilitares ou ainda guerrilheiros os expulsam de locais considerados estratégicos pelas guerrilhas e por grupos de extermínio. São forçados a trabalhar transportando ou vendendo drogas e, caso recusem, acabam mortos sem piedade. Além disso, visando a expandir sua monocultura de café ou a criação de gado, grandes proprietários queimaram casas de camponeses e os expropriaram de suas terras cultivadas.

Comunidades rurais inteiras migram, assentando-se em periferias ilegais de centros urbanos. A maioria constrói barracos precários nas encostas de morros, formando *comunas*, tipo favelas. Em torno de Cúcuta há territórios ocupados por guerrilhas, aos quais o governo não tem acesso, e onde facções do narcotráfico perpetuam lutas pelo controle de terras para plantio de coca.

Passo a passo, trezentos a quatrocentos venezuelanos por dia sobem a pé os Andes colombianos. Partem de Cúcuta, a 300 metros de altitude, e alcançam 4 300 metros antes de iniciar a descida das montanhas até a capital, Bogotá, a mais de 600 quilômetros. Em madrugadas gélidas, dormem exaustos na beira da estrada. Abatidos, mal enxergam os esplendorosos cumes verdes e vales silenciosos a perder de vista.

Comem o que pessoas caridosas lhes dão. Entre os que enxergam a dor do outro, estão os missionários da Fraternidade. Para aliviar caminhantes, rodaram setenta e cinco quilômetros de caminhonete, observando grupos subirem em fila. Não sabiam ainda a quem ajudar até avistarem sessenta migrantes sentados na beira da estrada. Padeciam. Estacionaram. Aproximaram-se sorrindo. Traziam sopa quente e harmonia para os irmãos latino-americanos, cuja peregrinação mal começara. Sapatos impróprios lhes provocavam bolhas. Os missionários abriram kits de primeiros socorros e se ajoelharam humildemente diante dos pés inchados para fazer curativos nas feridas. Diz Frei José de Arimateia: *Por seus relatos, nós nos inteiramos de casos de hipotermia e de mal de altura. Alguns sofriam descompensações e fadiga físico-muscular.*

Estenderam as mãos e abriram ouvidos misericordiosos para escutar a história de cada um. Obviamente estão afetados demais pela condição em que tiveram de deixar a pátria. Vão sem destino certo, sem dinheiro, sem comida. Tentamos animá-los a prosseguirem renovados na coragem, afirma Imer. O encontro caloroso reconfortou-os além das palavras.

A Fraternidade oferece sopa quente, conforto e curativos em pés de venezuelanos a caminho da capital ou de outros países. Colômbia, 2018









Distanciaram-se trocando adeus. Os venezuelanos ganharam um sopro de paz. Respondiam dando o que tinham, sorrisos luminosos e adeuses, o que preencheu os missionários de alegria. Interconexões fraternas assim tão simples são chamadas heroicas no mundo espiritual, pois o efeito da bondade espalha ondas de matizes sutis a longas distâncias.

Para acolher e incluir migrantes na sociedade, em Cúcuta instalaram-se ajudas humanitárias: o ACNUR, braço da ONU para refugiados e o Comitê Internacional da Cruz Vermelha. Igrejas e cidadãos generosos abrem albergues. Ao aproximar-se, a Fraternidade recebeu uma indicação preciosa: procurar o padre Francesco Bortignon. Maior referência em cuidados a deslocados, a imigrantes sem documento, a refugiados, a deportados adultos e crianças, atua desde a década de setenta. O padre tem livre trânsito entre todos, inclusive entre membros de facções. Amado e respeitado, entra aonde ninguém mais chega para socorrer qualquer necessitado, sem distinção. Pertence aos missionários Scalabrinianos, seguidores do lema: Se o migrante não é teu irmão, Deus não é teu Pai.

Logo, quinze missionários integraram-se à instituição de ensino Centro Piloto Scalabriniano, no bairro Camilo Daza, que atende quatro mil e quinhentos estudantes de famílias de baixa renda. Entre eles, trezentos filhos de migrantes venezuelanos ou colombianos retornando da Venezuela, além de oitocentos deslocados internos. De segunda a sexta, os missionários lhes oferecem seu conhecimento e experiência, apoio emocional e reforço em matérias como matemática, idiomas, ciências. Coordenam atividades físicas, manuais, recreativas e educativas. O importante é estimular cada estudante a perceber impulsos evolutivos que estão dentro dele próprio. Um missionário salienta: Conversamos com as crianças, tentando entendê-las e inspirá-las a procurar algo mais, por mínimo que seja. Percebem que estamos ali com o coração, para compartilhar, para ajudar. Tomam confiança rapidamente, e nisso vai sendo construído um trabalho misterioso baseado no amor.

Ancoradas em uma base filosófica, espiritual e ética, as missões humanitárias da Fraternidade não atendem apenas o nível material, oferecer







alimento, educação e atividades. Trabalham pelo resgate do estado de dignidade que cada ser humano deve minimamente ter. Além de ações assistenciais, os missionários expressam exemplos positivos de padrões de conduta – harmonia, respeito, confraternidade, humildade, silêncio, obediência, gratidão.

A vida não para, e a evolução é uma lei da Natureza. Passos importantes ao encontro da paz vêm sendo dados pela nação exausta do conflito histórico. Isso abre portas para cidadãos saírem em busca do amor que cura toda dor. Grupos guerrilheiros entregam armas e se comprometem a abandonar a luta armada. O governo indeniza vítimas.

Esposa de um colombiano, uma brasileira os descreve: São amáveis, alegres, acolhedores, preocupados em economizar, pacíficos, machistas, unidos à família e muito devotos. Apesar do mar de migrantes venezuelanos ter instigado a xenofobia, são considerados hospitaleiros. Desenvolvem a característica echado para adelante, expressão para os que olham para a frente sem ficar lamuriando-se pelo que passou.

Novas gerações deverão aprender a reconciliar-se, a perdoar o vizinho, o diferente, o inimigo e o passado que feriu a alma da nação. A Colômbia está sendo chamada a ampliar a consciência de cooperação, a buscar a paz. Cada cidadão pode trazer à tona a centelha oculta em seu profundo. Os primeiros a resplandecer irradiarão valores do novo homem aos que prosseguem na sombra.

O povo devoto escolheu ser acompanhado pela Senhora de Chiquinquirá, padroeira e rainha da Colômbia. Sente-se amparado por Ela e pela Mãe de Guatavita, que guarda a chave da cura e da comunhão entre a criação e o Criador. Muíscas descendentes do El Dorado revelam em uma placa escrita na entrada da lagoa: O quartzo é um médico. Quando nosso coração está tranquilo, sem julgamentos nem nada de negativo, não existe maldade que nos possa fazer mal, pois nos tornamos médicos de nós mesmos. Se nossa mente está tranquila como os montes onde cada forma de vida é sagrada e respeitada como é, nosso pensamento será como a esmeralda. O ouro é o suor do sol. Nosso corpo deve refletir o bom que temos dentro, e isso nos dará o brilho do ouro, pois nossas ações serão de coração-quartzo, de pensamento-esmeralda, e assim seremos o conhecimento dourado.

Livro sem ponto final

Servi! Servi a vossos irmãos, e a luz irá acender-se. O serviço o vereis não só entre vós, na ajuda mútua e fraterna, mas até na Criação do Pai. O serviço implica total desapego ao eu egoísta e mesquinho, significa entrega total e desinteressada, unida ao amor manifestado em cada ato e trabalho. Padrões de Conduta para a Nova Humanidade, de Trigueirinho

O livro prossegue. Sem ponto final.

Caro leitor, e para o futuro? Que missões potenciais urgem existir nos próximos tempos? Você participaria?

Em continentes e nos oceanos, situações gravíssimas apresentam cenários de fim dos tempos, como o das micropartículas plásticas não visíveis a olho nu que afetam não apenas a vida marinha que delas se alimenta. Ao parar na mesa de alguém, as partículas passam a degenerar o código genético. Alteram a testosterona do esperma, reduzindo a fertilidade masculina. Cientistas projetam uma perda drástica da fecundidade para daqui a quarenta a sessenta anos, ou seja, para nossos netos ou bisnetos. O que uma missão pode fazer para minimizar tamanha transgressão?

Hoje, duas missões permanentes estão ativas no Brasil: a de Carmo da Cachoeira, em Minas Gerais, e a complexa Missão Roraima, que engloba missões menores. Já no exterior, foi recém-implantada a Missão Colômbia Humanitária. Em Portugal, uma casa aguarda a chegada de missionários matrizes para ser aberta. Já os trabalhos da Base Missionária na Grécia encontram-se temporariamente suspensos.

Ante as crescentes emergências humanitárias, sociais e naturais e a diversidade de pautas de trabalho recebidas pela Fraternidade, tornou-se essencial multiplicar o número de missionários matrizes, aqueles que coordenam as atividades. Até agora, aprenderam a arte de amar e de doar amor ao longo da batalha, tentando fazer melhor no momento seguinte, no dia seguinte, na missão seguinte. Sobretudo, fortaleceram-se no decorrer da Missão Roraima, com alto grau de complexidade.

Para responder às demandas, surgiu o projeto Academia Missionária. No intuito de se expandir o serviço abnegado gratuito, almeja-se que, em dois anos de formação, mais missionários matrizes estejam aptos a coordenar missões internacionais.

A Academia Missionária formará gestores capazes de gerenciar catástrofes e campos de refugiados. Deverão se expressar em dois ou mais idiomas, administrar pessoas e finanças, ter conhecimentos de Relações Internacionais e de Direito Internacional.

Ricardo, coordenador dos missionários, explica: A formação abrangerá oito módulos: introdutórios, básicos e intermediários, além dos de especialização. Missionários na ativa deverão participar do curso, para aprimorar e reciclar conhecimentos. A Academia Missionária substituirá o atual trabalho das Vivências Missionárias, pelas quais passaram seis mil pessoas, em cinco anos. As Vivências são modelos de informação que propicia uma pequena experiência, mas não a aprofunda.

Em linhas gerais, após construir a base, cada estudante faz opção para se desenvolver na área em que for mais talentoso. Um módulo treinará os que preferem colaborar com ações emergenciais – resgate em altura, na água, primeiros socorros. Outro, preparará os que têm aptidão para articular e conversar com instituições sobre trabalhos em parceria e incluirá formação em geopolítica, relações internacionais, relacionamento interagências. Ainda outro tratará de aspectos administrativos e financeiros. Haverá a linha da saúde, da qual participarão médicos, terapeutas, psicólogos, enfermeiros. Um módulo preparará o grupo da imagem e do som, para que crie belos documentários das missões. Serão formados especialistas no uso de ferramentas da legislação infantil para proteger crianças de agressões. Um módulo pedagógico orientará sobre educação, trabalhos manuais, artesanato.

Aprendizagens práticas, materiais, caminham junto ao preparo da vida interna dos que se dedicam incondicionalmente aos demais. A meta do serviço é ser uma expressão da alma, levar o servidor além de prisões a defeitos humanos. O esforço para amadurecer é enorme. Face a face com a dor, os voluntários exercitam estar tranquilos e neutros, atitudes saudáveis perante cada situação. Aos poucos, desenvolvem a valiosa qualidade de não se envolver emocionalmente com os necessitados. Descobrem como tratar com o coração o que se apresenta ante si, confiando em que o

Universo manifesta o essencial, segundo o carma do indivíduo ou da nação, e que nem tudo depende do empenho missionário. Percebem quanto sentir pena de uma família maltratada pelo destino bloqueia a energia espiritual e desgasta o servidor, sem resolver a questão.

Por outro lado, servidores na ativa vivenciam o impulso ao estar na guerra: Vamos, e vamos até morrer. Envolvidos pela animação do dia a dia, muitas vezes não percebem quando precisam ser ajudados, nem sequer dão sinais aos companheiros de que uma luz vermelha se acendeu neles. Os estudantes precisam aprofundar o auto-olhar, estar atentos para pedir socorro antes de chegarem a um ponto de debilidade que abre portas e os leva a adoecer.

A Fraternidade conserva-se em sua tarefa profunda. Fortalece o lado interno de seus membros com orações e instruções constantes, que erguem a consciência. Lembra-lhes a origem cósmica do ser humano, a responsabilidade e o papel de cada um na cadeia evolutiva: sem esperar nada em troca, amar, servir ao semelhante e ser o transmissor da energia espiritual para os Reinos da Natureza.

Os membros enfrentam desafios e procuram perceber as forças involutivas que tentam desestabilizá-los. Aprendem a resistir a elas. Idealistas são atraídos para experiências missionárias por sentirem falta de algo além do nível ecológico, cultural, filosófico, ideológico, vegetariano. Por isso, aproximam-se da obra que os leva a despertar para a insondável busca do ainda desconhecido ser humano.

Uma visão relâmpago foi desenhada na mente de uma jovem missionária em formação. Ela ia, os passos lentos, iluminada pelo esplendor de um porvir profético: Estive no futuro; estive lá, e voltei. Vi o pôr do sol seguido de uma noite negra. Quando o sol nasceu, era como se tivesse passado um furação de coisas muito ruins. Eu andava devagar por caminhos bem-feitos, de pedras polidas, brilhantes. A aurora era fresca e dourada, e eu sentia uma paz poderosa.

Tudo passa. As missões e os tempos de convulsão atuais enfrentarão um desfecho. E, por fim, no tempo em que a paz finalmente reger a vida, o homem andará por belos caminhos fraternos.



Lista das Missões da Fraternidade

1ª Missão: Nepal

20 de outubro a 4 de novembro de 2011: 18 voluntários

2ª Missão: Nicarágua

27 a 30 de julho de 2012: 10 voluntários

3ª Missão: Etiópia

2 a 18 de novembro de 2012: 15 voluntários

4ª Missão: Etiópia

4 a 22 de fevereiro de 2013: 16 voluntários

5ª Missão: Etiópia e Quênia

23 de abril a 28 de maio de 2013: 10 voluntários

6ª Missão: Permanente Carmo da Cachoeira, Minas Gerais, Brasil desde janeiro de 2014: ciclo permanente de revezamento

7ª Missão: Sertão, Alagoas, Brasil

2 a 13 de novembro de 2014: 15 voluntários

8ª Missão: Ruanda

10 a 17 de abril de 2015: 14 voluntários

9ª Missão Uganda

17 a 25 de abril de 2015: 14 voluntários

10ª Missão: República Democrática do Congo

25 de abril a 3 de maio de 2015: 14 voluntários

11ª Missão: Mariana, Minas Gerais, Brasil

25 a 28 de novembro de 2015: 17 voluntários

Grupos de missionários no Nepal, no Chaco da Argentina, em Ruanda, na Etiópia, na Turquia e na primeira Missão Roraima, no Brasil

12ª Missão: Turquia

19 de janeiro a 27 de fevereiro de 2016: 14 voluntários

13ª Missão: Chaco, Argentina

26 de janeiro a 10 de fevereiro de 2016: 21 voluntários

14ª Missão: Dolores, Uruguai

2 de maio a 8 de junho de 2016: 8 voluntários

15ª Missão: Cidade do Leste, Paraguai

20 de junho a 7 de julho de 2016: 17 participantes

16ª Missão: Permanente Grécia

setembro de 2016 a junho de 2018: ciclo permanente de revezamento

17ª Missão: Permanente Roraima, Brasil

desde 3 de novembro de 2016: ciclo permanente de revezamento

18ª Missão: Emergência Chile

7 a 24 de fevereiro de 2017: 14 voluntários

19ª Missão: Zona da Mata, Minas Gerais, Brasil

30 de dezembro de 2017 a 8 de janeiro de 2018: 10 voluntários

20ª Missão: Confraternizar, Salta, Argentina

12 a 26 de fevereiro de 2018: 17 voluntários

21ª Missão: Egito, África

14 a 23 de junho de 2018: 7 voluntários

22ª Missão: Líbano/Angola

24 de maio a 23 de junho de 2019: 10 voluntários

23ª Missão: Permanente Colômbia Humanitária

desde agosto de 2018: ciclo permanente de revezamento

Missões da Rede-Luz

Missão Regional Recorrente Sertão, Alagoas, Brasil

Cinco comunidades de Palmeiras dos Índios e arredores: duas missões ao ano desde dezembro de 2014. Cerca de 20 a 25 voluntários do Nordeste por vez.

Missão Regional Recorrente Chaco, Argentina

Seis comunidade indígenas em Resistência e arredores: quatro missões ao ano, desde maio de 2016. Cerca de 120 voluntários ao todo, com 30 a 40 por vez.

Missão Regional Recorrente Paraguai

Sete comunidade indígenas em Cidade do Leste e Presidente Franco, Alto Paraná: três missões ao ano, desde junho de 2016, com 20 a 25 voluntários por vez.

Missionários em trânsito, aguardam em aeroportos internacionais.











Olhos, espelho da alma. Que história há por detrás dos olhos de Eriannys, a menina de sete anos da capa?

Nasceu em um hospital de Tucupita e se alimentou com leite materno. Aos quatro anos, passou a se mover com a família. Na Venezuela, esteve em Santa Elena de Uairén. antes de seguir viagem para Pacaraima, Brasil, e daí para o abrigo indígena de Boa Vista. Leva um lápis até a mãe e lhe pergunta como escrever, mas a mãe não sabe. Fica alegre na escolinha do abrigo, onde encontra a esperança. Os pais nunca a levaram para ter contato com as árvores, as flores, o rio da cidade. Ela gosta de brincar e jogar com outras crianças e, quando surge uma briga, aprende com a mãe a não revidar. Tem hoje quatro irmãos, mas perdeu outros quatro, um de sarampo. O pai, com 36 anos, a mãe, 33, o irmão mais velho, 12, fazem parte da família atual, de sete membros. Boa menina, ajuda a cuidar do bebezinho.

Eriannys e centenas de milhões de crianças do mundo em situação semelhante são pura graça e energia. Que persistam. Para além de toda dor, que mantenham o amor aceso. Um dia verão triunfar a fraternidade e a paz.

Esta obra foi impressa no Brasil pela Meta Brasil Gráfica, em papel ofsete 90 g/m², para a Irdin Editora.

Eles amam sem doutrinar ou impor. Ao contrário, estimulam a manifestação cultural dos povos, a fé e o talento de cada indivíduo.

Hoje se dedicam a migrantes venezuelanos indígenas e não indígenas, no norte do Brasil e na Colômbia, e a ocasionais missões internacionais. Em catástrofes ambientais, apoiaram chilenos no maior incêndio florestal do país, nativos argentinos atingidos por enchentes, uma cidade uruguaia devastada por um tornado, brasileiros após o rompimento de barragens de rejeitos de minério.

O relato desvenda mistérios do trabalho gratuito, com sede em Minas Gerais, Brasil. Em um cotidiano terno, milagroso ou dramático, servidores praticam ser fraternos ao atenderem o bebê egípcio, o idoso no Nepal, o indigente africano, refugiados sírios, afegãos e iranianos na Turquia e na Grécia, quilombolas no Sertão, etnias no Cone Sul.

Mãos à obra, mãos à obra, caro leitor! Estão PEPAL • NICARÁOU acabando com o planeta, e você pode ajudar-nos.



Associação Irdin Editora www.irdin.org.br